

GERALDA DE OLIVEIRA SANTOS LIMA

**O REI DO CANGAÇO, O GOVERNADOR DO SERTÃO; O BANDIDO OUSADO
DO SERTÃO, O CANGACEIRO MALVADO: PROCESSOS REFERENCIAIS NA
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA SOBRE LAMPIÃO.**

Campinas, São Paulo

2008

Geralda de Oliveira Santos Lima

**O REI DO CANGAÇO, O GOVERNADOR DO SERTÃO; O BANDIDO OUSADO
DO SERTÃO, O CANGACEIRO MALVADO: PROCESSOS REFERENCIAIS NA
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA SOBRE LAMPIÃO.**

Tese apresentada ao Doutorado em Lingüística do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Lingüística, área de Lingüística Textual, sob a orientação da Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva

Campinas, São Paulo

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

L628r	<p>Lima, Geralda.</p> <p>O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião / Geralda de Oliveira Santos Lima. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Orientador : Anna Christina Bentes da Silva. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Lampião, 1898-1938. 2. Referenciação. 3. Objetos de discurso. 4. Memória discursiva. 5. Sergipe, Sertão de. I. Bentes, Anna. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">oe/iel</p>
--------------	--

Título em inglês: Cangaço's king, hinterland's chief, hinterland's daring bandit, the bad bandoleer: processes benchmarks in the construction of social memory on Lampião.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Lampião, 1898-1938; Referentiation; Objects of discourse; Discursive memory; Sergipe, Hinterland of.

Área de concentração: Lingüística.

Titulação: Doutor em Lingüística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Anna Christina Bentes da Silva (orientadora), Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Profa. Dra. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran, Profa. Dra. Vanda Maria da Silva Elias e Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

Data da defesa: 26/02/2008.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Lingüística.

Geralda de Oliveira Santos Lima

REI DO CANGAÇO, O GOVERNADOR DO SERTÃO; O BANDIDO OUSADO DO SERTÃO, O CANGACEIRO MALVADO: PROCESSOS REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA SOBRE LAMPIÃO.

BANCA EXAMINADORA:

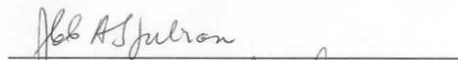
Anna Christina Bentes da Silva



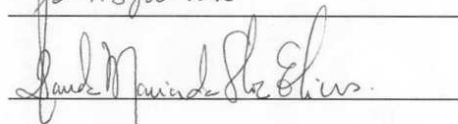
Ingedore Grunfeld Villaça Koch



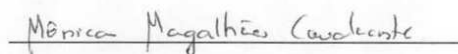
Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran



Vanda Maria da Silva Elias



Mônica Magalhães Cavalcante



Edwiges Maria Morato



João Wanderley Geraldi



Antonio Ponciano Bezerra



Campinas, SP, 26 de fevereiro de 2008.

à Anna Bentes, minha orientadora,
a Justino, meu marido,
a Flávio e Fúlvio, meus filhos.

AGRADECIMENTOS

À Anna Christina Bentes, pelas orientações dadas que possibilitaram a realização desta pesquisa; fazendo sugestões valiosas ao longo do processo de elaboração desta investigação; estimulando-me constantemente. Só tenho a agradecer-lhe pela amizade, pelo apoio e, acima de tudo, pela gentileza, firmeza e boa vontade, características que lhe são tão naturais. Anna, mais que uma orientadora, foi uma grande incentivadora. Enfim, sabe exercer com competência a difícil arte da orientação.

A todos os cidadãos de Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória pelo acolhimento que tiveram comigo em seus lares, e pelas valiosas informações, para esta pesquisa, dadas nos seus depoimentos: ABM, AAA, ES, EC, ES, JFO, JPS, JAS, JAO, MGG, MVA, MA e REC.

A duas pessoas que, mais que depoentes, fizeram-se amigas. Colocaram-se a minha disposição, sempre que eu ia a Poço Redondo: o escritor Alcindo Costa e o professor Beto. Este me acompanhou durante a pesquisa, apresentando-me a depoentes, abrindo caminhos para a confecção deste trabalho.

Às professoras que constituíram a banca de qualificação: Ingedore Grünfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias, pelas suas críticas e sugestões enriquecedoras.

À Vilma e Luana, minhas parceiras, pela contribuição que deram à pesquisa, nas idas e vindas aos recantos de Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória, na busca de informações.

A Justino, especialmente pelo carinho, dedicação, paciência e apoio em todos os momentos que me ajudaram a trilhar o caminho de pesquisadora, por isso e muito mais, somente tenho a agradecer-lhe.

A meus dois queridos e amados filhos, Flávio e Fúlvio, que souberam sempre se fazer presentes através do carinho e incentivo, dando-me forças para continuar a caminhada.

A meus queridos pais, Gerino e Maria José pelo carinho.

A meus irmãos, de modo muito especial, a Wellington que sempre se preocupou em saber como andava esta pesquisa; que sempre soube ser um grande amigo e incentivador durante todo este percurso.

À Universidade Federal de Sergipe, pela oportunidade concedida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO CANGAÇO.....	28
1.1 Coronelismo.....	32
1.2 Outros personagens desse contexto sócio-político: os cangaceirosd e as volantes.....	38
1.3 Banditismo e Cangaço.....	42
CAPÍTULO 2 - LAMPIÃO SOB OS OLHARES DOS ESPECIALISTAS	57
2.1 Virgulino Ferreira da Silva.....	57
2.2 Virgulino entra no cangaço, nasce Lampião.....	64
2.3 Trajetória de Lampião.....	83
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA MEMÓRIA SOCIAL: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS E SOCIOCOGNITIVAS	95
3.1 Memória na visão de Halbwachs.....	99
3.2 Modelos de memória: a perspectiva sociocognitiva.....	108
3.3 Uma breve apresentação dos embates da memória social sobre o cangaço na região do semi-árido do sertão sergipano.....	120
CAPÍTULO 4 - A QUESTÃO DA REFERENCIAÇÃO	137
CAPÍTULO 5 – BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMBIENTE DE PESQUISA E A COLETA DE DADOS.....	160
5.1 O ambiente da pesquisa.....	160
5.1 A coleta de dados.....	163
CAPÍTULO 6 - LAMPIÃO SOB OS OLHARES DO POVO.....	172

6.1 A construção discursiva da figura de Lampião: os olhares positivos.	172
6.2 A construção discursiva da figura de Lampião: os olhares negativos.....	209
6.3 A construção discursiva de Lampião: olhares opostos e olhares híbridos..	224
6.4 Outros personagens do cangaço: as volantes.....	227
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	232
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	240
APÊNDICE – Transcrições das fitas.....	250

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão da referenciação na construção e reconstrução da memória discursiva (e social) sobre Lampião, personagem da história do nordeste brasileiro. A escolha do tema foi baseada na riqueza de fatos contados e recontados sobre o cangaço. Esta investigação diz respeito ao uso de processos referenciais no interior de fontes orais. Propõe-se, pois, a analisar como se constrói e se reconstrói a memória discursiva do rei do cangaço via cadeias referenciais produzidas pelos sujeitos investigados acerca da figura desse herói do sertão nordestino e, também, de outros personagens que orbitam em torno de tal referente. Como hipótese, apresenta-se o fato de que as atividades de referenciação desenvolvidas pelos sujeitos do discurso, nas suas práticas sociais, não só possibilitam a (re)construção dos acontecimentos passados, mas também condensam uma multiplicidade de informações e de pontos de vista sobre tal mito. O *corpus* do trabalho que se constitui de 15 entrevistas realizadas com moradores dos municípios de Poço Redondo e de Nossa Senhora da Glória, na região do semi-árido de Sergipe, consolida um conjunto de testemunhos que revela a autovisão do homem sertanejo. Na fundamentação teórica considera-se a articulação entre concepções de linguagem, de memória e de história, enfocando, sobretudo, o fenômeno do cangaço: Lampião. Analisam-se algumas cadeias de expressões nominais (definidas e indefinidas), mostrando como esquemas coerentes de produção e de interpretação dos fatos ocorrem no interior dos depoimentos dos sujeitos. Verifica-se, portanto, que a rememoração de acontecimentos passados constrói e reconstrói a imagem mítica desse personagem da nossa história, a partir do uso de um conjunto de estratégias de referenciação, que constitui uma cadeia coesiva que retoma outras cadeias referenciais enunciadas por outros sujeitos, em outros lugares e tempos.

Palavras-Chave: Lampião (1898-1938); referenciação; objetos-de-discurso; memória discursiva; sertão de Sergipe.

ABSTRACT

This article discusses the procedures for referral to (re) construction of social memory (and discursive) on Lampião, character from Northeastern Brazil. The choice of theme was based on the wealth of facts and to tell again counted on the bandoleer. This research concerning procedures for referral within the oral sources. The research aims to identify and analyse chains benchmarks produced by subjects investigated on the figure of Lampião and events occurring that time, and also the other characters that orbit around it. As hypothesis is the fact that the activities of reference developed by subjects in their social practices, not only enable the (re) construction of past events, but also the condensation of a large amount of information and views, by the expressions benchmarks, related to that myth. The corpus of work is constituted of 15 open interviews, conducted with residents of municipalities Well Redondo and Our Lady of Glory, in the semi-arid region of Sergipe, consolidating a number of testimonies that reveal the man's self vision inlander. In the theoretical foundation is considered a link between concepts of language and memory mainly the phenomenon of cangaço. It examines the expressions benchmarks as diagrams showing consistent production and interpretation of facts about Lampião occur within the depositions. It follows that the remembrance of past events builds and reconstructs the image of that mythical character of our history from a set of strategies for referral mobilised, which is a cohesive chain which incorporates other chains benchmarks set out by other subjects in other places and time.

Keywords: Lampião, 1898-1938; Referentiation; Objects of discourse; Discursive memory; Sergipe, Hinterland of.

INTRODUÇÃO

A rememoração de alguns fatos que retratam a saga de Lampião, a construção e veiculação de memórias a seu respeito, entendida à luz de uma articulação entre teorias sociais, históricas e lingüísticas, é o material desta pesquisa. O interesse por esta temática deriva de uma motivação pessoal: demonstração de reconhecimento de nossas origens. Crescemos ouvindo muitas histórias impressionantes sobre “o bandido mais ousado do sertão”, o que se constituiu em fator decisivo para a nossa tomada de decisão quanto ao trabalho com fontes orais, com falantes que nos proporcionaram preciosas informações.

Sobrepondo-se ao interesse pelo estudo da memória, justifica-se a escolha do tema à oportunidade que tivemos de cursar, no primeiro ano de Doutorado a disciplina Tópicos de Lingüística Textual, com a professora Ingedore Koch. A partir das discussões semanais, descobrimos a importância e o valor dos estudos sobre as atividades referenciais. É, sem dúvida, a questão da referência um dos temas mais instigantes, palpantes e apaixonantes quando se trata de analisar atividades discursivas, como nos têm mostrado lingüistas, filósofos, sociólogos, psicólogos. Tais estudiosos, preocupados com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem, passam a adotar em suas investigações abordagens sociocognitivas e interacionistas no entendimento da relação entre linguagem e mundo.

À luz dessas pesquisas, desenvolvemos este trabalho que pretende dar uma pequena contribuição para o campo dos estudos da referenciação no Brasil, levando-se em consideração justamente a relação entre a conservação da memória social e a construção de processos referenciais. Ao Examinar estudos de

pesquisadores brasileiros sobre a referenciação, verifica-se que pouco se tem explorado este viés teórico que se situa na interface entre a Sociologia e a Lingüística, sobretudo, no que diz respeito às atividades referenciais de sujeitos em relação aos processos de construção e reconstrução da memória social. Assim, a consulta a fontes especializadas sobre o fenômeno do cangaço e a articulação entre concepções de linguagem e de memória constituem o alicerce teórico desta investigação. Quanto ao *corpus* do trabalho, trata-se de um conjunto de testemunhos que revelam a autovisão do homem sertanejo.

Ao longo do século XIX, mais precisamente na sua segunda metade, o que se vê na vida social do sertanejo do Nordeste do Brasil é a criminalização do viver pelas armas, nos planos jurídico, histórico, sociológico e econômico. Data daí o uso das expressões “cangaço” e “cangaceiro”, tempo em que a lei e as autoridades não eram respeitadas nas terras do sertão do Brasil; tempos em que a guerra e a vingança privadas eram práticas importantes de uma ordem um tanto bárbara, mas real, tendo o cangaço se tornado uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada. Dessa forma, a criminalidade (Mello, 2005) deve ser vista, antes de tudo, como geradora de uma subcultura dentro da cultura sertaneja. A quantidade de informações sobre o universo do cangaço permite aos estudiosos do fenômeno elucidar e reconstruir histórias bastante preciosas sobre atitudes e ações, entre tantos outros aspectos, da vida dos cangaceiros, e, especialmente, da vida de Lampião.

Pode-se dizer que uma parcela da população sertaneja abonava o cangaço e que muitos torciam pela vitória dos cangaceiros com quem simpatizavam. Os mais

famosos do cangaço, como Lampião, eram exaltados através dos versos dos cantadores de feira, embaladores e cegos rabequistas, todos dispostos a cantar a última façanha de guerra do grupo de sua preferência, particularmente, do de Lampião. Também, a literatura de cordel se encarregou dessa celebração.

O nosso interesse em investigar esta temática surgiu ao ministrar a disciplina Morfossintaxe da Língua Portuguesa no Projeto de Qualificação de Professores (PQD), desenvolvido pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), no município de Nossa Senhora da Glória, em Sergipe, em 2001. Durante o curso desenvolvemos uma pesquisa que resultou na construção de um *corpus* do português rural falado com informantes desse município. Nas entrevistas, vários temas foram abordados, como educação, cultura, política, religião. Os temas eram escolhidos pelos próprios informantes que falavam daquilo que mais lhes interessasse. Ao analisar tal *corpus*, o tema que mais nos chamou a atenção dentre aqueles abordados pelos sujeitos pesquisados sobre o português rural falado foi a ligação da história dos municípios de Nossa Senhora da Glória e, especificamente, a do município de Poço Redondo, Sergipe, de onde eram oriundos alguns alunos, com o fenômeno do cangaço no nordeste.

Outro fato instigante foi que naquela pesquisa revelou-se o “*social nas lembranças individuais*” (cf, Halbwachs, 1990), ou seja, o fato de que quase todos os sujeitos da pesquisa (do português rural falado), ao elegerem o tema sobre o qual iriam falar, escolheram justamente o tema do cangaço, e, conseqüentemente, as histórias sobre Lampião. Durante as entrevistas, as pessoas faziam relatos interessantes de suas vidas, glórias e decepções, mas, em particular, falavam muito

sobre o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva – Lampião, que teria freqüentado a região do sertão de Sergipe, durante mais ou menos dez anos, no período que se estende do ano de 1928 ao de 1938, ao ser morto na Grota do Angico, no município de Poço Redondo.

Nos seus discursos, afirmavam que ali ainda havia pessoas que conviveram com o “rei do cangaço, o soberano dos sertões” e com seu bando. Tudo isso nos trazia lembranças de muitas histórias que ouvimos contar sobre esse personagem da nossa história sertaneja. E agora, como aluna do curso de doutorado em Lingüística na Universidade de Campinas (Unicamp), essas recordações ou lembranças se avivaram, tendo em vista a pertinência de um estudo lingüístico sobre o tema. A partir daí, houve a decisão de trabalhar com depoimentos de sujeitos sobre a saga de Lampião e, com esse objetivo em mente, construímos o *corpus* que possibilita a investigação de como se constrói e se reconstrói a memória social do mito do cangaço.

Dessa forma, o presente trabalho propõe-se a investigar o emprego dos processos de referenciação no interior dos depoimentos, histórias contadas e recontadas sobre Lampião, de informantes da comunidade do sertão de Sergipe. Em particular, de cidadãos dos municípios de Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória, os quais se empenharam em participar de uma rememoração sobre o fenômeno do cangaço, relatando e dando suas opiniões e interpretações.

Assim, ficou definido o objetivo deste trabalho: analisar a construção e reconstrução da memória social e discursiva sobre Lampião, no interior dos depoimentos dos sujeitos, via uso de processos de referenciação que articulam

diferentes pontos de vista sobre esse famoso personagem da história do sertão brasileiro. E, para comprovação desta pesquisa, foi levantada a hipótese de que é por meio da cadeia de referências que os sujeitos investigados produzem pontos de cristalização necessários para a conservação de lembranças comuns na sociedade.

O nosso estudo parte, portanto, do pressuposto de que a referenciação é uma atividade discursiva (Koch, 2003, 1999; Koch; Marcuschi, 1998; Mondada; Dubois, 1995) e de que a memória coletiva é uma realidade social transmitida pelas práticas discursivas dos grupos sociais. Assim, para Nora (1998), a memória coletiva recompõe o passado de um determinado grupo social por meio de “pontos de cristalização” ou através da construção de modelos de relação entre a história e a memória. No que diz respeito aos processos de referenciação, Koch (2004), postula que são escolhas do próprio sujeito do discurso em função de um querer dizer, e os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas a constroem e reconstroem interativamente.

A nossa proposta de investigar como se processa a construção e a reconstrução da memória discursiva sobre Lampião, por meio das expressões referenciais que aparecem nos depoimentos das histórias contadas e recontadas pelos sujeitos entrevistados, é apresentada em seis capítulos. Pode-se dizer, inicialmente, que os depoimentos que compõem o *corpus* foram construídos em lugares de memória das duas comunidades investigadas.

No capítulo 1, intitulado “Contextualização do cangaço” são levantados alguns aspectos históricos e sociais para o entendimento da temática pesquisada, contextualizando-se o ambiente em que Lampião, enquanto bandido-cangaceiro, foi

produzido. Este capítulo encontra-se fundamentado nas teorizações e análises mais gerais sobre o tema do banditismo (Hobsbawn, 1975, 1978; Chiavenato, 1990) e em análises específicas do ponto de vista histórico e social sobre a questão do cangaço no nordeste: Chandler (1980), Maciel (1992), Mello (2005), Queiroz (1987), Dantas (1987), Janotti (1981), Leal (1975), Martins (1981), Cintra (1974), Ferreira e Amaury (1997), Sousa (1994), Costa (1994), Lira (1990). De modo geral, enfatiza-se o fato de que o cangaço é um fenômeno derivado dos interesses dos poderes locais e regionais e que sempre esteve harmonizado com a dominação local. Mas há também a concepção de que o cangaço foi um movimento popular do sertanejo contra o sistema, sendo um produto da conjuntura social nos sertões do Nordeste, provocado pela injustiça da natureza.

Destaca-se nessa estrutura social não apenas a figura do coronel, proprietário de grandes extensões de terra, que persistia como principal fator da sociedade dos sertões, mas também a figura do coiteiro, indivíduo que prestava diversos tipos de serviços a Lampião. Havia, também, em oposição aos coiteiros, as volantes, forças do governo que, em diligência, saiam à procura dos cangaceiros, principalmente, de Lampião. Em termos de padrão de vida, essa sociedade continuava a ser dominada pelos poucos que possuíam grandes propriedades. Um sistema que preservou desigualdades sociais e práticas de exploração, em um meio social sujeito à inclemência do clima árido e, conseqüentemente, apresentando um contexto econômico difícil, que possibilitava com maior força a manutenção das estruturas de dominação. Ainda neste capítulo mostramos que os bandidos cangaceiros apareceram devido à grande seca que flagelou o Nordeste na segunda metade do

século XIX, precisamente na década de 1870, quando houve vários tumultos populares com invasões e saques a vilas e fazendas. Os líderes cangaceiros sempre buscaram estabelecer relações em bases sólidas com quantos fosse possível: políticos, policiais, comerciantes, fazendeiros, já que disto precisavam para manutenção do estilo de vida do cangaço.

O capítulo 2, intitulado “Lampião sob os olhares de especialistas”, fundamenta-se em estudiosos como Ferreira e Amaury (1997), Maciel (1992, 1988), Carvalho (1974), Barros (2000), Queiroz (1987), Gueiros (1953), Chandler (1980), Mello (2005), Fontes (1998, 2001), Conrado (1983), Costa (1994), Souza (1994) e Souza (1997), que investigaram os fatos e acontecimentos ocorridos durante o período da saga lampiônica. Ao longo deste capítulo, procuramos entender, por meio das reflexões desses estudiosos, como e por que Lampião se tornou o mais importante e o mais famoso de todos os cangaceiros, tornando-se conhecido não apenas no Brasil, como também no exterior, como é o caso da matéria publicada (Chandler, 1980) a seu respeito no jornal norte-americano *The New York Times*. Lampião era de uma família humilde, proprietária de pequeno sítio, situado entre os latifundiários e a massa de lavradores sem terra. Como almocreve, desempenhou papel importante na sociedade, pois transportava não apenas bens materiais, mas também idéias, notícias do mundo para o povo do sertão nordestino. Sempre acompanhava o pai nesse trabalho fascinante e de grande responsabilidade (Souza, 1994). De “rapaz extraordinário”, que fora antes do cangaço, passou a ser um dos mais respeitados cangaceiros da época. Sua entrada para o crime ocorreu ainda na

adolescência, quando juntamente com alguns irmãos, entrou em disputa com um vizinho e sua família, supostamente, devido a pequenos furtos e insultos.

Já a vida de cangaceiro começa, mas, oficialmente, só ao ingressar no grupo do Sinhô Pereira, um dos mais respeitados cangaceiros da época. Este, ao decidir deixar a atividade de cangaceiro, em 1922, não hesitou em nomear Lampião como o seu sucessor, pois para o Sinhô Pereira, Lampião, era o mais inteligente, o mais hábil e o mais esperto de todos os cangaceiros. Sempre foi um homem diferente dos outros; “já nasceu aprendido”; atirava bem e como que adivinhava ou pressentia o perigo iminente e, àquela época, ele contava com apenas 25 anos de idade. Esse acontecimento representava mais um dos instantes capitais na vida de Lampião. A atividade de almocreve lhe permitiu conhecer as futuras ‘estradas do cangaço’, ao mesmo tempo em que estabelecia relações de conhecimento e amizade, ia construindo o cenário no qual posteriormente viria a atuar, não mais como o cidadão Virgulino, mas como, o bandido-cangaceiro, Lampião. Criou fama de inteligente, astuto, corajoso, cauteloso, planejador, metuculoso, atributos que garantiram sua sobrevivência a um cerco permanente que começou em 1916 e se estendeu até 1938. Passou ao comando do cangaço no ano de 1922 e ficou neste posto até 1938, ano da sua morte, emboscado na Grota do Angico, em Poço Redondo, Sergipe.

O período em que Lampião esteve no comando do cangaço é considerado como “o ciclo mítico do cangaço nordestino”, revelado em diversos tipos de manifestação artística que mantêm vivo o mito lampiônico na mente da população, como foi possível observar. Como se vê, o cangaço é um terreno “privilegiado do imaginário social”, na medida em que há um leque de representações, a partir do

desdobramento de um mesmo símbolo. Dentro dessa perspectiva, o cangaceiro Lampião é visto como uma figura complexa, contraditória, associada a “múltiplas representações que vão do bandido sanguinário ao bandido social, do justiceiro ao mau-caráter sem escrúpulos, do herói ao bandido”. Diante dessa visão, criam-se pontos de vista que o constrói como um mito de muitas faces, entre as quais a de político-militar. Lampião foi antes de qualquer coisa um sujeito político, soube construir sua imagem de forma mitológica. O imaginário de herói e bandido se confunde nas suas aparições diante a população.

No capítulo 3, intitulado “Considerações sobre o problema da memória social: perspectivas historiográficas e sociocognitivas”, abordamos, na primeira parte, a questão da memória de acordo com a visão de sociólogos e historiadores, como Halbwachs (1990), dentre outros. Para ele, um dos aspectos mais instigantes dos níveis sociais é o da construção social da memória. Essa reconstrução de acontecimentos passados que ainda estão vivos na memória coletiva do grupo opera-se na memória do indivíduo através de pensamentos contínuos que fizeram e continuam fazendo parte da vida social desse mesmo grupo em cuja memória as lembranças são cristalizadas. A reconstituição dessa memória social depende do relacionamento do indivíduo com outros grupos sociais com os quais convive. Essas lembranças são reconstruções das experiências vividas no passado pelo grupo, que se manifestam no presente através de conversas, relatos e depoimentos. A memória é, portanto, entendida, aqui, como um dos pólos de fixação mais significativos no interior do qual são reconstruídos os acontecimentos experimentados pela sociedade. Neste sentido, a memória surge da união de um grupo social e sua

natureza é múltipla, além de ser pluralizada e, ao mesmo tempo, individualizada. A de esse respeito, a obra de Halbwachs (1990) tem sido tomada como o principal ponto de partida, de muitos estudiosos, para refletir sobre a questão da memória coletiva no discurso histórico, na atualidade.

Na segunda parte desse capítulo, apresentamos teorias de base sociocognitiva que procuram dar conta do problema da memória discursiva. Fundamentam-se em estudiosos como Koch (2003), Van Dijk, (2004), Koch; Cunha-Lima, (2005), Marcuschi; Koch (1998), Mondada; Dubois ([1995] 2003), Berrendonner (1994), Mondada (1994). Nessa abordagem, a linguagem não se realiza fora dos sujeitos sociais e dos eventos discursivos, visto que a construção e entendimento do discurso dependem sempre do conhecimento partilhado pelos sujeitos. Por isso, os modelos de discurso são estruturas complexas (Koch, 2003) que representam as experiências que o indivíduo vivencia na comunidade e que servem de base a “processos conceituais”. Esses modelos são, portanto, representações dinâmicas dessas experiências pessoais, construídos na/pela memória social do grupo. Tais modelos desempenham papel importante na construção não só de modelos pessoais novos, mas também na atualização dos velhos (Van Dijk, 2004), construídos por ocasião de episódios também anteriores. À luz do exposto, prioriza-se a perspectiva que postula a linguagem como atividade sociocognitiva em que a cultura e a experiência interagem na reconstrução de objetos-de-discurso. Para esses autores, a noção de memória “publicamente” partilhada pode ter várias formulações em diferentes perspectivas teóricas.

Ainda no capítulo 3, mostramos uma breve apresentação dos embates da memória social sobre o cangaço na região do semi-árido do sertão de Sergipe, onde as lembranças do tempo do cangaço estão depositadas, por conta da presença do bando de Lampião nessa localidade. A (re)construção discursiva dos acontecimentos passados, relativos a este cangaceiro, mostra que os fatos históricos continuam presentes na memória social do grupo ou na memória vivida em torno da história do lugar, em que a figura de Lampião é vista como um símbolo contraditório. Isso se constata a partir dessa (re)construção de sua imagem positiva e/ou negativa por meio do emprego das expressões referenciais, (um homem bom, um homem de palavra e/ou um homem mau, um criminoso, respectivamente), extraídas de fragmentos dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa. São essas múltiplas e diversificadas interpretações sobre Lampião que o transformam em uma figura mítica. Halbwachs (1990) enfatiza a importância da conservação dessas lembranças comuns a todo o grupo social e a sua influência sobre a vida da sociedade. Portanto, essa memória discursiva é construída, mantida, e modificada (Koch, 2003) no curso das práticas interativas dos sujeitos e os diferentes grupos sociais, práticas estas que contribuem para a cristalização da memória local.

No capítulo 4, intitulado “A questão da referenciação”, apresenta-se a concepção de língua como uma atividade sociocognitiva, o que significa dizer que os sentidos produzidos nas/pelas práticas de linguagem não estão nos textos, nos enunciados produzidos, mas são gerados a partir deles por meio da interação entre os interlocutores. Por isso, é relevante dizer que, segundo Koch e Marcuschi (1998), a referência a entidades do mundo fenomênico não está pronta, mas é construída no

processo de designação, na relação co(n)textual. Neste sentido, a referenciação, na concepção de Mondada e Dubois ([1995] 2003), é uma atividade discursiva de tal modo que os referentes do discurso não são dados apriorísticos do mundo ontológico, mas objetos-de-discurso.

Baseando-nos em orientações de ordem sócio-interacionista que compreendem a produção discursiva como uma atividade para a qual convergem substancialmente fatores de ordem lingüística, sócio-interacional e cognitiva, analisam-se expressões referenciais definidas e indefinidas. Para isso, consideram-se os trabalhos de Apothéloz (2003), Dubois e Mondada (2003), Mondada (2005), Conte (2003), Francis (2003), Apothéloz e Chanet (2003), Koch e Marcuschi (1998), Koch (1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006), Marcuschi (2002, 2005, 2007). As expressões referenciais, formas lingüísticas, permitem constatar a grande complexidade na produção de um texto, interativamente, construído ou reconstruído pelo sujeito do discurso, nas práticas sociais (Koch, 2002). O uso dessas formas nominais implica sempre uma multiplicidade de escolhas, dentre as propriedades capazes de caracterizar o referente. Escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto de dizer do sujeito do discurso. Aqui, neste capítulo, observa-se também a questão do encapsulamento anafórico, que tem sido investigado por Conte (2003), Koch (2002, 2006), Cavalcante (2003).

No capítulo 5 intitulado “Breves considerações sobre o ambiente de pesquisa e a coleta de dados”, apresentam-se os passos metodológicos seguidos para a constituição do *corpus* da pesquisa. Para isso foram realizadas entrevistas abertas, com moradores da região do semi-árido de Sergipe, mais especificamente, dos

municípios de Poço Redondo e de Nossa Senhora da Glória, levando-se em consideração a convivência do cangaceiro Lampião com o povo desses lugares por um bom tempo. Esses dados reúnem depoimentos importantes de cidadãos dessas duas comunidades, as quais constituem o ambiente da pesquisa, onde a memória do fenômeno do cangaço é permanentemente reconstruída por esses sujeitos. O trabalho de campo foi desenvolvido no período de março de 2006 a janeiro de 2007

No capítulo 6, intitulado “Lampião sob os olhares do povo”, apresenta-se, em um primeiro momento, a construção discursiva da figura de Lampião: 1) os olhares positivos e 2) os olhares negativos 3) os olhares contraditórios e híbridos. Além disso, fazemos uma breve análise das “volantes”, a força policial que era encarregada de caçar Lampião. Para tanto, analisamos vários fragmentos dos depoimentos dos sujeitos procurando observar como esses sujeitos constroem os seus pontos de vista a respeito do cangaceiro, através dos processos referenciais. Pontos de vista estes que constroem um mito multifacetado. É possível observar esta construção, a partir da análise das expressões referenciais presentes no *corpus*.

Na primeira parte, os olhares positivos, mostram-se pontos de vista por meio de descrições nominais definidas (“o rei do cangaço”, “a figura máxima”), que se caracterizam por operar uma seleção, dentre as propriedades atribuídas interativamente pelo sujeito do discurso ao referente; e, também, através das expressões indefinidas (“um homem muito”, “capaz, um sujeito sério”) que evidenciam como a imagem do cangaceiro Lampião vai sendo construída discursivamente pelos sujeitos. Verifica-se, pois, que há um número variável de

expressões referenciais definidas e indefinidas que corroboram a formulação de que há uma memória sobre Lampião, e, conseqüentemente, que a memória coletiva é uma realidade social transmitida e mantida nas/pelas práticas interativas e discursivas dos sujeitos e dos grupos sociais. A análise das expressões nominais mobilizadas pelos sujeitos da pesquisa mostra que a grande maioria delas vincula-se a um ponto de vista positivo sobre o cangaceiro, o que mostra a força do universo referencial socialmente construído que se formou, ao longo do tempo, ao redor da figura do rei do cangaço.

Quanto à segunda parte, os olhares negativos, mostra-se o outro lado de Lampião: o de um homem bandido, possuidor de uma violência excessiva contra os que lhe negassem pedidos ou que o contrariassem. O bandido que invadia casas, fazendas, cidades; que se acoitava nos barrancos; que se escondia nas grotas, nas trevas para de lá espalhar a destruição e a morte (Fontes, 1998). Por essas suas façanhas aterrorizantes, alguns dos sujeitos da pesquisa consideram-no o mais audacioso tipo de cangaceiro do nordeste do Brasil.

A construção desse ponto de vista pode ser observada por meio do uso das descrições referenciais (o malfeitor, o cangaceiro malvado; um homem perverso, um bicho), que caracterizam a outra face do mito, sua imagem de bandido, identificada através de um conjunto de formas referenciais que ressaltam discursivamente, em uma dada situação, determinados atributos e/ou predicções de um homem “sanguinário”. É, portanto, via essa rede de referências que os sujeitos, através das suas práticas de linguagem, produzem os pontos de cristalização necessários para a conservação de lembranças comuns na sociedade.

As descrições nominais que aparecem no interior dos depoimentos dos entrevistados sobre o mito Lampião resultam, portanto, de atividades sociocognitivas realizadas durante o processo de “organização das informações que são acionadas pelos interlocutores na ação verbal” (Jubran, 1996, 2003), servindo, assim, de base para o desenvolvimento discursivo no momento da reconstrução da memória social do grupo.

Verifica-se ainda, no curso da análise, um dos processos da referenciação que se destaca como um recurso discursivo importante: a condensação de porções discursivas, uma vez que se está lidando não só com a (re)categorização de informações contextualmente dada, mas também com o que já está presente na memória discursiva do sujeito durante as atividades de linguagem. Nestas sobressaem o emprego de determinadas expressões lingüísticas que atribuem certas características ou predicções ao referente. Por exemplo, a expressão “a síntese de todo um período do sertão nordestino”, extraída de um dos depoimentos do *corpus*, não só remete ao referente Lampião, mas também sumariza conteúdos, precedentes e subseqüentes, sedimentados na memória discursiva do pesquisado e do grupo do qual faz parte. À medida que o discurso se desenvolve não apenas as informações-suporte, contidas em segmentos anteriores do texto, são condensadas, mas toda uma memória social em torno de um acontecimento, sumarizando-as sob a forma de um substantivo-predicativo e assim transformadas em objeto-de-discurso (Koch, 1999). Assim, a partir das informações contextuais expressas nas práticas discursivas, a nosso ver, as expressões referenciais mobilizadas pelo sujeito formam

uma cadeia referencial que remete e retoma outras cadeias coesivas e outros discursos expressos por outros enunciadores, em outros lugares e tempos.

CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO CANGAÇO

Existem versões variadas no que diz respeito a Lampião e suas aventuras. Dessa forma, alguns aspectos são indispensáveis para um melhor entendimento desta temática. Assim, é importante o estudo no que diz respeito ao contexto sócio-político do cangaço, pois como diz o jornalista Júlio José Chiavenato, em sua obra *Cangaço: a força do coronel*, “para entender o homem, primeiro é preciso desvendar o ambiente onde ele é produzido – mais as suas circunstâncias” (Chiavenato, 1990, p. 62).

Segundo Billy Jaynes Chandler (1980), em seu livro *Lampião, o rei dos cangaceiros*, a área, geograficamente, não é muito propícia à habitação humana, embora alguns nativos e, às vezes, até mesmo alguns forasteiros, fossem atraídos pelo seu fascínio terrível. Na verdade,

o sertão nordestino com suas longas estações sem chuva, com suas secas freqüentes, com sua vegetação grotesca e com seu solo geralmente árduo, não estende uma mão acolhedora ao homem. Como os bandidos que surgem de seus confins, o sertão é ameaçador (Chandler, 1980, p.19).

Terra de tantos paradoxos não se cansa de oferecer surpresas mesmo a estudiosos que já tenham boa noção dos diferentes perfis científicos que integram os conceitos do semi-árido quente e o das áreas sujeitas ao seu regime hostil (Mello, 2005).

O Nordeste, aqui considerado, é o que se estende do Piauí à Bahia, escreve Frederico Pernambucano de Mello (2005), no seu livro *Guerreiro do sol: violência e*

banditismo no Nordeste do Brasil, onde se apertam continuamente as realidades físicas e culturais bem marcantes de uma faixa costeira úmida e quente e de um miolo geográfico de terras quentes e secas, onde predominam, no plano climático, o chamado semi-árido quente, e no da produção, a indústria pastoril. Esse tipo de clima que aqui se desfruta apresenta as temperaturas mais elevadas do país. Estação seca prolongada, exacerbada por ventos fortes e igualmente secos, aliada à insolação de incidência direta sobre o solo pouco espesso, por conta da cobertura vegetal rala, e a proximidade do Equador, eis a fórmula de obtenção dessas temperaturas infernais (Mello, 2005, p. 52).

Para o historiador Frederico Bezerra Maciel (1992), na sua obra *Lampião, seu tempo e seu reinado*, o agente físico que mais define e caracteriza o sertão são as chuvas. O sertanejo nunca amaldiçoa a água mesmo quando em cheias destruidoras, embebendo a terra ou carregando as plantações. “A água é uma bênção divina que molha os corações de esperança e enche as terras de verde e de fartura. Maldição são as prolongadas estiagens, as secas sem fim, aniquilando tudo o que significa vida” (Maciel, 1992, p. 31).

Na aridez da paisagem sertaneja, conforme Mello (2005), a chuva é o fiel da balança da sorte. Quando chove, tem-se a fartura; escasseia-se por um ano ou mais, tem-se um quadro trágico das lavouras perdidas, do gado morrendo à míngua, das procissões profanas, dos retirantes desesperados, dos barreiros esturricados, do salve-se quem puder.

Além dessas características físicas da terra onde nasceu, viveu e morreu Lampião, deve-se acrescentar que a sociedade da qual ele não era um

representante atípico, foi influenciada pelos mesmos fatores. Contudo, essa sociedade sofreu também outras influências, e, embora tivesse acobertado várias espécies de crimes, as condições, no tempo de Lampião, eram tais que favoreciam ainda mais esse comportamento. Para o jornalista Chandler, “o estudo de alguns aspectos da história social, política e econômica do sertão provará este ponto de vista” (Chandler, 1980, p. 20).

Os primeiros colonizadores que vieram para o Nordeste do Brasil durante o século XVI não se estabeleceram no sertão, mas, sim, nas regiões litorâneas, onde surgiu uma sociedade agrícola, baseada no cultivo da cana de açúcar. Esse local era tão importante para o cultivo da cana, que a produção de gêneros alimentícios ficou relegada a segundo plano. Daí o surgimento do interesse pelas terras do interior para a criação do gado e para a agricultura em geral; foi, então, que o interior do sertão nordestino começou a ser desbravado, embora, muitas vezes, só esporadicamente. Só nas primeiras décadas do século XVIII, é que as regiões mais distantes foram reivindicadas, e a estrutura da sociedade sertaneja foi constituída (Chandler, 1980).

Para isso, grandes extensões de terra foram entregues por oficiais da colônia aos mais influentes para conquistá-las e cultivá-las. Foi assim que surgiu a base de um sistema de latifúndios. E o fazendeiro que possuía muitas terras era igual, em seu mundo, aos senhores de engenho do litoral. Para impor mais lei e mais disciplina, governava com mão de ferro seus subordinados. Dessa forma, conforme Câmara Cascudo ([197-?]), no seu trabalho, vaqueiros e cantadores, era preciso que

o fazendeiro tivesse “tropa pessoal, fiel e paga, para a defesa de propriedades visadas pelos adversários políticos” (Cascudo, ([197-?]), p. 122).

Portugal, na verdade, quase nunca chegou a exercer muito domínio sobre a região sertaneja. Desse modo, desde sua origem, a sociedade dos sertões ficou à mercê da prepotência dos que tinham a sorte de possuir grandes extensões de terra. Por outro lado, a maioria dos sertanejos vivia numa penúria extrema, e foi dessa classe que saíram muitos dos seguidores de Lampião (Chandler, 1980).

Inicialmente, a classe pobre do sertão nordestino compreendia a mão de obra trazida pelos potentados para o desbravamento da região. Era composta de uma mistura de índios, escravos, mulatos e seus descendentes, e também de pessoas livres que formavam o séqüito dos senhores que vinham da costa (Mello, 2005). Mas, com o passar dos anos, essa classe se estendeu, também, a muitos daqueles cujos ancestrais tinham sido os próprios donos de terra, visto que, no sertão do nordeste brasileiro, os costumes e as condições de vida do nordestino impunham, inexoravelmente, um processo de nivelamento.

Esse nivelamento de classe pode ser explicado da seguinte forma: as grandes propriedades eventualmente se fragmentavam, pois eram divididas entre os herdeiros quando morria o dono. Essa fragmentação, cada vez maior, causou o empobrecimento de seus proprietários. E as adversidades, sobretudo as secas periódicas, dizimavam também os rebanhos e os outros recursos dos fazendeiros. Conseqüentemente, viam-se forçados a vender suas propriedades, passando, portanto, para a classe dos menos favorecidos (Mello, 2005).

Através de uma série de circunstâncias, mas, principalmente, através de esforços pessoais e casamentos de conveniência, muitos fazendeiros conseguiram não só deter esse processo de desintegração, mas até reconstruir suas fortunas que seus antepassados tinham perdido. Embora o domínio da terra tivesse cessado de ser tão monolítico, como na época das conquistas, o latifúndio ainda persistia como principal fator da sociedade dos sertões. Em termos de padrão de vida, essa sociedade continuava a ser dominada pelos poucos que possuíam ainda grandes propriedades (Chandler, 1980).

Ainda, segundo esse mesmo autor, “a característica principal do potentado colonial dos sertões, e de seu sucessor, o ‘coronel’, ou melhor, do ‘chefe político’ dos tempos mais recentes, era o prestígio e o poder que suas propriedades lhe conferiam” (Chandler, 1980, p. 23). Portanto, aliado ao fator das secas, outro, talvez, tão forte quanto foi o da herança colonial dos latifúndios, que se traduzia, por sua vez, no poder dos grandes patriarcas, mais tarde conhecidos na figura dos coronéis.

1.1 O coronelismo

A algumas rixas ou lutas entre famílias tradicionalmente sertanejas do Nordeste brasileiro, extremadas em rivalidades criminosas e favoráveis ao uso dos chamados cabras em lutas, associou-se “um cangaço vingador ou vingativo de desentendimentos endogâmicos e, até, incestuosos. Lutas, algumas, em torno de terras, de bois, de cavalos preferidos por motivos ligados a brios de família” (Mello, 2005 p. 16), sendo que esses animais foram associados especialmente à angústia de dias mais terríveis da seca. Para a escritora Maria Isaura de Queiroz (1987), em

seu trabalho *História do cangaço*, eram comuns, ainda no período imperial, esses tipos de conflitos entre famílias mais abastadas.

Dentro de uma visão estrutural da sociedade, Ibarê Dantas (1987), no seu livro *Coronelismo e Dominação*, argumenta que o fenômeno do coronel no Brasil se constitui a partir de uma tripla fundamentação: econômico-social, ideológica e política. No primeiro caso, destaca-se o grande proprietário de terra que exerce sobre os trabalhadores um tipo de dominação pessoal, que serve para camuflar desigualdades e práticas de exploração. Correlacionada com a dimensão econômico-social, atua a fundamentação ideológica que se apresenta como um conjunto mais ou menos coerente de idéias e representações, muitas vezes, veiculadas através de normas que reforçam laços de lealdade e práticas de submissão. O controle de informações pelo senhor torna-se elemento vital para a preservação dos padrões de dominação e manutenção das relações de dependência pessoal. A terceira dimensão que participa da constituição do coronelismo é a política que fundamenta-se no papel de intermediação que o proprietário de terra exerce entre a sociedade política estadual e as massas rurais do município, ou melhor, de um lado ele controla o povo e do outro legitima a sociedade política.

Para Chiavenato (1990), o coronel tinha o poder real. Era o dono da terra que aumentava seu latifúndio por meio de guerras de família e expulsando posseiros. Mandava políticos representá-lo na capital e a sua força excedia a das autoridades constituídas. Prefeitos, delegados e juízes raramente se opunham ao coronel. Na verdade, as autoridades eram escolhidas por ele. Apesar desse poder excessivo, “o

coronel era um homem rude, pouco polido pela riqueza, semi-analfabeto, ostentando um código de honra que não o distinguia do mais pobre sertanejo” (Chiavenato, 1990, p. 41).

Ainda na concepção desse mesmo autor, ”o coronel é como um senhor feudal – em algumas regiões chegou até a ter direito da ‘primeira noite’ – mas só a riqueza o separa dos ‘servos’, que são seus agregados. Cultural e psicologicamente ele é igual a todos” (Chiavenato, 1990, p. 41). Para ele, a sociedade em que vivia o coronel, ou melhor, em que reinava, era um aglomerado de homens brutalizados pelo meio social, sujeitos à inclemência do clima árido e perdidos num conjunto econômico difícil de ser definido com rigor. Na verdade, todos eram vaqueiros. Os que conquistaram a posse da terra mandavam. Os outros, embora oprimidos, obedeciam, porque as ordens não agridem o conceito que eles tinham de justiça que se baseia na força. Quando aplicada, prestigiava aquele que mandava, uma vez que ressaltava a “macheza” do mandante.

Maria de Lourdes Janotti (1981), no seu livro *O coronelismo: uma política de compromisso*, ao se posicionar a respeito desse assunto, reafirma que é comum, nos meios de comunicação, apresentar o coronel *como* “um fazendeiro rústico, autoritário, brutal, ignorante, dispendo da vida dos demais habitantes do lugarejo em que reside. Este é um estereótipo que vem sendo consagrado e, comumente ridicularizado” (Janotti, 1981, p. 8). Posição que vem também explicitada nas palavras de Maciel:

mundo em que só imperava o absolutismo do grande fazendeiro mandão e político, promovido naturalmente a 'Coronel', teúdo e manteúdo pela força dos cabras – os cangaceiros mansos e pelo reforço da fiadora de seu prestígio político – a polícia. Essa última, aliás, o único sinal do Governo naquelas brenhas (Maciel, 1992, p.35).

Com o fim de destacar elementos importantes do coronelismo, o historiador Dantas (1987) conceitua-o como uma forma de representação política exercida por determinados proprietários sobre os trabalhadores rurais, ao tempo em que se impõem como intermediários entre as massas do campo e as oligarquias estaduais, tendo como objetivo a manutenção da estrutura de dominação. Para esse autor, o coronelismo é um fenômeno eminentemente republicano, e embora comece a se formar no Império, nas relações do patronato rural com os libertos, alimentando-se nas formas de dominação pessoal, é na República que se realiza com todas suas características. Como bem assinala a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1975), no seu trabalho *O coronelismo numa interpretação sociológica*, ao afirmar que “embora aparecendo à apelação do coronel desde a segunda metade do Império, é na Primeira República que o coronelismo atinge sua plena expansão e a plenitude de suas características” (Queiroz, 1975, p. 160).

Muitos autores que tratam dessa temática associam o crescimento do poder dos coronéis à força eleitoral que eles desempenharam na Primeira República (1900-1930). Queiroz, ao analisar a estrutura coronelística, afirma que “o poder político é medido através da quantidade de votos de que dispõe um chefe local ou regional, no momento das eleições” (Queiroz, 1975, p. 157). Ainda considerando esse tipo de estrutura, argumenta que “o segundo aspecto essencial existente é o da

possibilidade de barganha e a consideração do voto como uma posse, que marca os eleitores diante dos respectivos chefes” (Queiroz, 1975, p. 160).

Victor Nunes Leal (1975), considerado um expoente desse assunto, conceitua o coronelismo como sendo, sobretudo, “um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, e notadamente dos senhores de terra” (Leal, 1975, p. 20). Ainda se referindo a essa temática, acrescenta, que “a força eleitoral empresta-lhe prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terra” (Leal, 1975, p. 20).

Para José de Souza Martins (1981), em sua obra, *Os camponeses e a política no Brasil*, esse fenômeno se concretizou pelo rígido “controle dos chefes políticos sobre os votos do eleitorado, constituindo currais eleitorais e produzindo o chamado voto de cabresto” (Martins, 1981, p. 46).

Ao retratar, também, a figura do coronel, Antônio Octávio Cintra (1974) o vê como um “pacto de poder público através das elites que o manipulam com os chefes do interior, controladores e fornecedores dos votos de seus redutos locais” (Cintra, 1974, p. 38).

De acordo com Ibarê Dantas (1987), as práticas eleitorais de voto a bico de pena, atas falsas e comissões eleitorais controladas pelos coronéis tornaram o sistema representativo extremamente viciado. Essa representação, em última instância, dependia dos coronéis que se impunham não apenas através dos votos que controlavam no meio rural, mas, sobretudo, pelo domínio da coerção. O controle dos votantes podia ser em decorrência da supremacia adquirida pelos coronéis

através das milícias particulares. A importância dessas milícias, como fonte de poder do coronel, tem sido notada por vários estudiosos. O escritor Otávio Cintra (1974), por exemplo, depois de considerar que a terra tinha sido distribuída de maneira desigual, como primeira fonte de poder, afirma que “uma segunda e crucial fonte de poder, controlada pelos grandes proprietários de terra, eram as milícias particulares” (Cintra, 1974, p. 42).

Também na opinião dos autores Vera Ferreira e Antônio Amaury (1997), na obra, *O espinho do quipá: Lampião, a história, acima de todos, na escala do poder*, estava o coronel. Àquela época, era a grande força do sertão, uma vez que podia tudo, pois detinha a posse de grandes extensões de terra e era a lei em suas propriedades e nas regiões de sua influência. Tinha poder de vida e de morte. As autoridades constituídas não se atreviam a interferir, ou melhor, a enfrentá-lo. Mesmo assim, muitos coronéis dos Estados nordestinos mantiveram um bom relacionamento com os cangaceiros, chegando a protegê-los e acolhê-los em suas fazendas. Não porque tinham um bom coração, mas porque visavam suas próprias vantagens e não hesitavam em mudar de opinião e de lado sempre que lhes fosse conveniente. Abrigar um cangaceiro e depois o trair não lhes era incomum. Alguns tiveram com Lampião amizade e inimizade profunda, variando de acordo com os interesses momentâneos de cada um.

1.2 Outros personagens desse contexto sócio-político: os coiteiros e as volantes

Não eram apenas os coronéis que forneciam proteção aos cangaceiros. Havia os chamados coiteiros, indivíduos que lhes prestavam diversos tipos de serviços, dando-lhes informações, alimentação, abrigo, e até fazendo suas compras (Ferreira; Amaury, 1997). Os abrigos eram geralmente chamados de coitos, daí a palavra coiteiro.

Para que alguém fosse considerado um coiteiro não eram necessárias muitas atribuições. Um indivíduo podia passar, às vezes, a ser conhecido como coiteiro apenas por ter dado uma caneca de água a um cangaceiro. Segundo Prata, ser coiteiro para a polícia

é servir-lhe um copo d'água numa rápida parada de sua marcha incessante; é vê-lo passar ao longe, e não ir, presunçoso, delatá-lo; é topá-lo na estrada e responder às perguntas que lhes forem feitas; é, enfim, todo aquele que voluntária ou involuntariamente tenha com ele o mais leve contato (Prata, 1933, p. 102).

Ser coiteiro, para Ferreira e Amaury (1997), era motivo suficiente para ser perseguido pelas forças do governo. Quanto menor fosse o seu poder político e econômico, mais sofria perseguições. Estava sempre sujeito a terríveis castigos físicos e até podia ser morto pelos homens das volantes. Por outro lado, por onde Lampião passava, também havia coiteiros de grande prestígio político e econômico. Em Sergipe, por exemplo, o coiteiro mais conhecido era “Antônio Caixeiro, pai do

Interventor (Governador) do Estado, o Capitão do Exército Dr. Eronildes de Carvalho” (Ferreira; Amaury, 1997, p.19).

Para a polícia, havia dois tipos de coiteiros. O primeiro era constituído pelos fazendeiros, negociantes ou chefes políticos, que ajudavam Lampião por precaução. Enviavam-lhe o dinheiro que pedia, ou lhe forneciam mantimentos, para proteger suas propriedades. O segundo tipo era formado de vaqueiros, moradores e outras pessoas que tinham pouca influência. Entre estes, estavam os donos de pequenas e médias propriedades, assim também como lojistas e comerciantes dos povoados (Chandler, 1980). Este grupo

não contava com a compreensão da polícia, principalmente se esta suspeitava de que estavam dando informações falsas na área em que estavam os cangaceiros. Se procediam assim porque gostavam de Lampião, ou porque o temiam, era um dilema que fazia pouca diferença para a polícia (Chandler, 1980, p. 190).

Em oposição aos coiteiros, que ajudavam os cangaceiros, havia as forças oficiais, as volantes, que os perseguiram dispostos a encontrá-los e acabar com eles. Essas forças eram heterogêneas, já que eram constituídas tanto de policiais ou de “indivíduos que procuravam obter lucro pessoal, matando cangaceiros e ficando com os seus pertences, como ouro, dinheiro, etc.” (Ferreira; Amaury, 1997, p. 19).

Alguns policiais permaneciam em seus quartéis à espera de informações para sair à caça dos cangaceiros, enquanto outros grupos de policiais viviam em constante movimento, seguindo a pista dos homens do cangaço e, por isso, eram chamados de volantes. Volante é, pois, “o agrupamento de vários soldados, que, em diligências, saem à procura de criminosos e foragidos” (Costa, 1994, p. 103). E ainda

afirma que a existência das volantes vem desde “o aparecimento dos primeiros bandoleiros e foragidos da justiça. Sempre foi um bando de arrogantes e ameaçadores policiais que se tornaram conhecidos como volante ou força do governo” (Costa, 1994, p. 113).

Com o passar dos anos, esses representantes da ordem e da justiça passaram a ser odiados e temidos pelos sertanejos. A população via nas forças oficiais, policiais despreparados, violentos e corruptos, pois, nas perseguições aos cangaceiros, o povo do sertão nordestino sofreu muito com as ações das volantes.

Ao se fazer a revisão de literatura sobre o fenômeno do cangaço, percebe-se que uma grande parte dos sertanejos apoiou o cangaço devido à falta de justiça e a violência da própria polícia. As volantes, ao chegarem às casas dos sertanejos pobres, invadiam-nas e praticavam muitas arbitrariedades. Tal procedimento contribuiu para o fortalecimento do fenômeno do cangaço junto ao sertanejo. Havia muitas queixas, como por exemplo, a de que uma tropa do governo passara por um povoado quebrando pontes, roubando casas e implantando o terror. O medo que a população do sertão sentia das volantes era grande, tanto que muitos sertanejos preferiam ver Lampião em sua porta a ver os homens da volante.

Tal medo pode ser aquilatado quando Chandler relata que “um fazendeiro de Sergipe, referindo-se à polícia da Bahia, declarou: Pode acreditar que hoje, no sertão, já se tem mais alegria quando Lampião chega à porta do que a simples notícia de que as forças se aproximam” (Chandler, 1980, p. 121).

Para este autor, dentre todas as volantes, os Nazarenos, sob o comando de Manuel Neto, eram os mais temidos pelo povo, pois na perseguição a Lampião,

empregavam qualquer método para obter informações. “A brutalidade das tropas era atribuída, sem dúvida, às frustrações e raiva, mas é evidente que a violência, em muitos casos, era empregada deliberadamente” (Chandler, 1980, p. 192). Um outro fator que contribuiu para essa brutalidade foi, segundo o autor, a própria natureza dos soldados, uma vez que, na sua maioria, eram analfabetos e ignorantes. A brutalidade, para esses indivíduos, era corriqueira, já que “pertenciam a uma sociedade rústica, que usava da violência para resolver suas disputas” (Chandler, 1980, p. 196).

O tratamento dado pelas volantes também era diferente quando alguém precisava de ajuda. Para os grandes proprietários de terra, essa ajuda era imediata, por isso tinham uma visão diferente da polícia, já que não sofriam e, sempre que necessitavam, podiam contar com sua ajuda. Mas os pobres, quando precisavam, não eram atendidos quando não tinham a proteção de algum chefe político. De qualquer forma, deve-se levar em consideração as dificuldades que as volantes passavam

ao imergirem naqueles brutos e desconhecidos sertões: o rigor da campanha cangaceira, sempre dura e cheia de provocações, a desvantagem absurda no confronto direto com os cangaceiros, senhores absolutos daquelas caatingas, conhecedores profundos da mataria (Costa, 1994, p. 113).

Enquanto, nas palavras do autor, o conhecimento profundo da caatinga era um forte aliado dos cangaceiros, as volantes sofriam o impacto do desconhecido e do mistério, com obstáculos quase intransponíveis e inglórios que terminavam por derrotar os desacostumados homens do governo. Enquanto tudo ali era contrário às

volantes, com os cangaceiros se dava justamente o inverso, já que aquele espaço era o seu verdadeiro mundo: a gruta, a tocaia, a serra, a vereda, a chuva, o sol, a noite, tudo lhes era familiar. A luta era desigual e o resultado era real: o extermínio do cangaço estava longe de acontecer e o desespero e a angústia das volantes aumentavam a cada ano:

os responsáveis pela repressão enviaram comandantes competentes para chefiar os mateiros, e aí a luta se igualou. Os cuidados da cangaceirada redobram. Já não enfrentavam os outrora cordeirinhos; agora era fera contra fera, monstro contra monstro, valentão contra valentão. E aí o sertão pegou fogo (Costa, 1994, p. 116).

1.3 Banditismo e cangaço

Segundo Eric Hobsbawm (1978), em seu livro, *Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*, “o bandido é um fenômeno pré-político e sua força está na proporção inversa da força dos movimentos revolucionários agrários organizados, do socialismo ou comunismo” (Hobsbawm, 1978, p. 31). E acrescenta que a função prática do bandido é, no máximo, impor certos limites de opressão, numa sociedade tradicional, ao preço da desordem, do assassinato e da extorsão.

Para ele, os bandidos e salteadores de estradas preocupam a polícia, mas devem também preocupar o historiador social, pois, num certo sentido, o banditismo é “uma forma bastante primitiva de protesto social organizado, talvez a mais primitiva que conhecemos. De qualquer modo, em muitas sociedades é assim que os pobres

o vêem” (Hobsbawm, 1978, p.22), e em conseqüência protegem o bandido, consideram-no como seu defensor, idealizam-no e o transformam num mito.

É interessante salientar que o bandido social incipiente, na concepção desse autor, é considerado como não-culpado pela população, pois se fosse tido como criminoso em relação às convenções da sociedade, esse bandido não poderia desfrutar da proteção local, que lhe é rigorosamente necessária. Quase todos os que enfrentam os opressores e o Estado são considerados como vítimas, como heróis, ou ambas as coisas, e quando passa a ser perseguido, é protegido naturalmente pelos camponeses e “pelo peso das convenções locais, que defendem a ‘nossa’ lei-costumes, inimizadas de sangue, ou qualquer outra – contra a lei ‘deles’, e a ‘nossa’ justiça contra a justiça dos ricos” (Hobsbawm, 1978, p. 25). Para ele,

a ‘carreira’ do bandido começa, quase sempre, com um incidente que em si não é grave, mas que o coloca fora da lei: uma acusação policial que visa mais a ele, pessoalmente, do que a punição de um crime: falso testemunho, erro judiciário ou intriga, uma condenação injusta a domicílio (confinio), ou uma condenação considerada como injusta (Hobsbawm, 1978, p. 25).

No sertão do Nordeste, como bem ressalta o historiógrafo Frederico Pernambuco de Mello, “o banditismo não vem a conhecer apenas o estímulo de uma cultura violenta, em que o épico se fazia sentir à flor da pele. É ali que recebe o próprio nome com que se perpetuaria na memória escrita e na poesia cantada pelo povo” (Mello, 2005, p.26).

É interessante observar que, dentro das análises historiográficas sobre esse fenômeno, o pesquisador Chiavenato (1990) afirma que o colonizador fundou o

latifúndio usando bandidos, visto que os bandeirantes invadiram os sertões do Brasil derrubando matas e fincando grandes marcos. Oficialmente, eles foram “alargadores de fronteiras” e, por isso, tornaram-se heróis nacionais, não sendo difícil, segundo o autor, criar-se o mito, uma vez que faziam parte do banditismo oficial; eram de origem nobre e financiados pela corte. Para explorar grandes domínios, escravizaram índios e negros, e para policiá-los e perseguir os fugitivos, surgiram as figuras dos capitães-do-mato que juntamente com os bandeirantes defendiam a posse da terra e vigiavam o trabalho escravo. Aqueles, criminosos das classes baixas, mercenários sem terra ou sem perspectiva de enobrecimento, nunca contaram com a simpatia dos conservadores que, ao conquistar o poder econômico e político, passaram a financiar o crime. Para garantir suas terras, ou roubar as alheias e reprimir as populações rurais, pagavam a jagunços, bandoleiros e marginais.

Com o passar do tempo, os “alargadores de fronteira” foram transformados em heróis, os matadores em barões e os ladrões de terra em coronéis, como assinala este pesquisador: “limparam convenientemente a imagem dos bandeirantes, dos barões e dos coronéis do sertão. Os crimes desapareceram e os criminosos passaram a homens ilustres”. (Chiavenato, 1990, p. 9). E ainda acrescenta na sua análise que a grande diferença, é que “os bandidos oficiais ganharam uma linhagem que os absolve, e, mais que isso, os premia como heróis. Os bandidos comuns, pelo contrário, são até mais estigmatizados, para realçar as falsas virtudes dos primeiros” (Chiavenato, 1990, p. 10).

Os bandidos que se tornaram nobres, para garantir suas terras ou roubar as alheias, contratavam marginais que a miséria tinha empurrado ao crime. Entre os primeiros grupos a inaugurar essa genealogia popular do mal foi o dos bandidos cacheados que agiam no Nordeste, desde o século XVIII, impondo a lei no sertão: expulsando posseiros; disciplinando agregados e matando inimigos políticos. Eles eram assim chamados por usarem, como sinal de valentia, os cabelos cacheados escondidos no chapéu; ao tirá-lo, aparecia a cabeleira cacheada, o que significava sentença de morte (Chiavenato, 1990).

Outro grupo de bandoleiros que também agiu no sertão do São Francisco foi o dos vira-saias que invadiam vilas, fazendas e cometiam assaltos e estupros. Esses bandidos eram usados pelos proprietários de terra com o objetivo apenas de humilhar seus agregados. Para isso, amarravam os homens, obrigando-os a manter os olhos abertos para que vissem suas mulheres e filhas sendo estupradas: “viravam as saias delas” e executavam o estupro. “Nada desgraçava mais o caboclo do que estuprarem sua mulher e filhas diante dele” (Chiavenato, 1990, p.11). Daí o nome de vira-saias. Mas, com o tempo, os latifundiários perdem o controle sobre eles e passam a persegui-los. Ao se dispersarem, muitos desses homens se transformam em capitães-de-estrada e voltam a servir, novamente, aos donos de terra para capturar e escravizar o caboclo que vivia livre no sertão. Todos eles possuíam a mesma missão: o controle da mão-de-obra e a manutenção da posse da terra. Aos poucos, começam a surgir outros grupos que também se destinavam a servir a esses grandes proprietários não só para policiar os pobres, mas também para vingar afrontes e eliminar inimigos políticos.

Por outro lado, Frederico de Mello (2005) chama atenção para o fato de que no século XIX, o sertão, que já se achava razoavelmente povoado, começa a se converter no cenário, por excelência, do banditismo, até porque, no litoral, a colonização florescia em todos os sentidos, permitindo uma repressão mais eficaz como fruto da estruturação social que crescentemente se aperfeiçoava. Mesmo com o deslocamento do foco central do banditismo para o sertão, onde, mais tarde viria a receber o batismo de cangaço ou cangaceirismo, o banditismo do litoral evidentemente não iria desaparecer. A partir da primeira metade desse século, as evidências históricas demonstram que essa forma de criminalidade passa a se desenvolver no sertão nordestino em ritmo idêntico ao do litoral. No sertão viria o cangaço a se requintar notavelmente, pois

fornece ao banditismo um nome próprio de valor regional, um tipo de homem vocacionado à aventura, um meio físico de relevo adequado à ocultação, coberto por malha vegetal quase impenetrável, e uma cultura francamente receptiva à violência, o sertão não poderia deixar de se converter no palco principal do cangaço. Principal mas não exclusivo (Mello, 2005, p. 95).

Frederico de Mello (2005) afirma, de forma incisiva, ter havido certo exagero nas palavras de Graciliano Ramos quando diz do cangaço ser “fenômeno próprio da zona de indústria pastoril, no Nordeste”. Mello acha mais conveniente a concepção de Gustavo Barroso, para o qual “não somente nessas zonas sertanejas existem cangaceiros [...] os bandidos não são produtos exclusivos das terras brasileiras do Nordeste, [...] em todos os povos têm existido com denominações diversas” (Mello, 2005, p. 95).

Também para Câmara Cascudo ([197-?]), esta uniformidade universal do banditismo não passou despercebida, entendendo que “o cangaceiro não é um elemento do sertão” e sim uma figura que “existe em todos os países e regiões mais diversas” (Cascudo, [197-?], p. 42). O italiano Garofalo (1908), autor da obra *Criminologia* que também tratou do banditismo rural, considera-o um fenômeno universal.

Aos estudos de Barroso, Cascudo e Garofalo, veio juntar-se o de Hobsbawm (1975) que, em seu livro “Bandidos”, reafirma a tese de universalidade: “geograficamente, o banditismo social se encontra em todas as Américas, na Europa, no mundo islâmico, na Ásia meridional e oriental, e até na Austrália” (Hobsbawm, 1975, p. 11-12).

Apesar do que há de exato na fixação desse caráter universal do cangaceirismo e do processo de mitificação que sobre este vai se formando, invariavelmente, em decorrência da luta que envolve o nome dos mais bem sucedidos capitães, convém não esquecer o enorme papel do nosso sertão, com todas as contradições e peculiaridades da cultura pastoril, na formação da imagem que temos hoje do fenômeno cangaço.

A imagem que ficou é cronologicamente a última. É a da década de 20 do século passado, com seu auge no ano de 1926. Esta é a imagem de um cangaço gigante, cangaço do mosquetão, tipicamente sertanejo e talvez a este tenha se referido Graciliano Ramos quando disse ser fenômeno próprio da nossa zona pastoril (Mello, 2005, p. 96-97).

No começo dos anos 90 do século passado, aparece no sertão nordestino o bandido peito-largo, contratado para fazer arruaças: invadia casas e roças; dava

tiros para o ar; distribuía tapas; espancava pessoas; assustava e matava líderes camponeses, já que tinha a proteção dos homens poderosos da região. Como se vê, o crime foi o modo de se 'construir' o Brasil das classes dominantes. "Bandeirantes, barões e coronéis transformaram-se em heróis exemplares. Com a sedimentação do poder, seus herdeiros, para impor sua força, apelaram para o banditismo feito pelos deserdados sociais" (Chiavenato, 1990, p. 14).

Para este autor, o banditismo de controle social é uma tática oficial, ou melhor, é uma prática do poder, outrora encoberta, de repressão popular. Esse pesquisador, dentro das próprias análises historiográficas sobre esse assunto, enfatiza o conceito de que o cangaço é um fenômeno derivado dos interesses do poder. E acrescenta que, do mesmo modo que a historiografia conservadora consagra seus heróis, mitificando-os, há os que, idealisticamente, contribuem para a construção de certos mitos populares. Um deles, pouco contestado e nunca sepultado, é de que o cangaço foi um movimento popular do sertanejo contra o sistema. Ao contrário, conforme se esboça na história dos bandidos populares, os cangaceiros foram estimulados e mantidos por grupo de latifundiários, para assegurar o domínio no campo e controlar a população sertaneja (Chiavenato, 1990).

Ainda postula que uma das causas do aparecimento dos bandidos cangaceiros foi a grande seca que flagelou o Nordeste na segunda metade do século XIX, década de 1870, quando "os pastos secaram, o gado morreu, a água acabou. Sede e fome. Até o final desse século, as conseqüências dessa seca foram terríveis" (Chiavenato, 1990, p.15-16). Houve vários tumultos: invasões a vilas e fazendas, além de saques freqüentes a armazéns. Tudo isso favorece o surgimento de um

novo tipo de cangaço - o cangaço independente - no sentido de que já não estava mais atrelado a um único local e patrão, tinha a livre iniciativa de formar uma rede de relações e de influências em diferentes localidades. Os indivíduos que participavam desse novo tipo de cangaço possuíam uma vida errante: realizavam saques, pilhagens, seqüestros e puniam, até com a morte, a quem os considerasse inimigos. No entanto, não romperam com certas relações, consideradas essenciais para a manutenção do cangaço, como, por exemplo, os vínculos de aliança com poderosos chefes de parentelas, governantes locais e até mesmo com coronéis. Essas relações carregavam um forte código de confiança e fidelidade, podendo chegar a extremos, como bem ressalta a socióloga Maria Isaura Ferreira de Queiroz (1987), “pressupunham contratos tácitos de auxílio mútuo, nas mais diversas circunstâncias contratos que se estabeleciam entre iguais. Qualquer deslize no relacionamento ‘traição abominável’ e os aliados da véspera passavam a inimigos mortais” (Queiroz, 1987, p. 33). Sendo assim, por um simples mal entendido, uma amizade de anos poderia converter-se em conflitos que provavelmente custariam vidas.

A revolta dos sertanejos também induz ao crime os menos conformados com a situação de injustiça. Tratava-se de uma revolta espontânea, sem consciência social, os grupos rebeldes não tinham nenhum projeto político e partiam para o crime de maneira desenfreada: assaltando e matando, sobretudo, os mais fracos. Os cangaceiros eram perigosos, não só para as suas vítimas, mas também para a estrutura falida do sertão nordestino. Precisavam usar de toda a astúcia para sobreviver, já que lutavam pela mera sobrevivência. Sem produzir, vivendo do roubo numa sociedade muito pobre, precisavam aliar-se ao mais forte. Para isso,

dependiam do coiteiro que os escondia e os abastecia de alimento e armas e que era preposto dos coronéis. Com essa aliança, o cangaço transformou-se de revolta espontânea em banditismo de controle social. Para Chiavenato

[...] essa aliança não só foi possível como fatal. O cangaço não representava uma verdadeira ameaça ao latifúndio: os cangaceiros não pretendiam a terra, não lutavam pela igualdade social. Eram rebeldes que buscavam no crime uma sobrevivência mais fácil, impossível pelo trabalho. Não tinham reivindicações políticas nem sociais. Disputavam um espaço para cometer seus atropelos. Eram a opção racional, se é que se pode usar essa palavra para o latifúndio ameaçado pela miséria do povo (Chiavenato, 1990, p. 17).

Este pesquisador fundamenta sua obra, apontando, de maneira incisiva, o estreito vínculo de aliança que permeava as relações entre cangaço e coronéis, utilizando o caso do grupo de Lampião. Procura denunciar o fato de o grupo de bandidos ser uma espécie de mecanismo de manutenção do controle social no sertão nordestino. O próprio título com que seu livro foi batizado (Cangaço: a força do coronel) deixa bastante às claras sua opinião de que sem o apoio dos coronéis e seus subordinados, os coiteiros, o cangaço não teria razão de ser, da mesma forma que sua aniquilação foi conseqüências de sua não-utilidade para a nova ordem política e social que se consolidou entre as décadas de 30 e 40 do século passado. Procura, ao longo de seu trabalho, mostrar que o cangaço, de maneira geral, sempre esteve harmonizado com a dominação local. O coronelismo, na verdade, “teve um importante papel para a origem e manutenção do fenômeno cangaço, não podemos negar, o problema é termos o devido cuidado para não cair no reducionismo” (Queiroz, 1987, p 14).

Os cangaceiros, em sua origem, estavam a serviço das famílias, empregados de contrato, encarregados pela segurança da propriedade e para cuidar de seus bens. Normalmente ficavam sediados nas fazendas e estavam subordinados a um chefe local ou a um poderoso patriarca. Por outro lado, não há como absolutizar tal afirmativa, já que Antônio Silvino, que é considerado o primeiro grande líder do cangaço, não admitia subordinação aos chefes locais, entrando algumas vezes em conflitos direto com eles. Por tal comportamento, pagou um preço alto, visto que, por ocasião de sua prisão, faltou alguém que intercedesse a seu favor.

Mas, em se tratando de Lampião, de acordo com Alcino Costa (1994), na sua obra, *Lampião além da versão: mentiras e mistérios de Angico*, é coerente afirmar a existência desse estreito vínculo, porém sem reduzi-lo a uma pessoa sem autonomia de atitudes, pois, na opinião deste memorialista, estar ao lado dos poderosos não seria um defeito, mas uma estratégia sagaz de sobrevivência, e longa, haja vista a duração de seu bando ter sido, mais ou menos, de dezesseis anos. Para ele, cangaço e cangaceiros, na verdade, são frutos de uma época, a do “mandão”, das grotescas injustiças, onde a grande e respeitada lei era a do coronel. Ainda, na opinião desse autor, “foram gerados pelo esperma da força e do poder incontrolável do coronel, fecundados no óvulo altamente fértil da pobreza, carência e injustiça social daqueles atrasados tempos, foram as fêmeas que pariram esses deserdados da sorte” (Costa, 1994, p. 22).

Os autores que estudam o cangaço, mais especificamente o grupo de Lampião, convergem no aspecto de que suas redes de alianças estendiam-se também aos poderes políticos legitimamente oficiais e não somente aos coronéis. No entanto, é

bom lembrar-se de que várias vezes tais figuras fundiam-se e confundiam-se nesta cultura política regida pelo cabresto e pelo curral eleitoral.

Em algumas localidades do Nordeste, Lampião era muito bem acolhido. Em Sergipe, merece destaque sua fiel amizade com o governador e interventor federal Eronildes de Carvalho. “Estado e cangaço são as relações que Lampião estabelece com o então governo de Sergipe” (Chiavenato, 1990, p. 46). Lampião conheceu Eronildes de Carvalho na fazenda de seu pai, o coronel Antônio Brito, seu antigo coiteiro. Segundo Chiavenato, admiradores de Lampião dizem que, no primeiro encontro, nasceu, entre os dois, uma sincera simpatia por parte de Eronildes, capitão-médico do exército, que o tratou como amigo e o presenteou com munição, além de cuidar de sua saúde. E, quando governador do Estado, “fez de Sergipe um coito onde Lampião nunca foi perseguido” (Chiavenato, 1990, p. 46). Assim que se sentia em perigo nas andanças aos estados vizinhos, voltava ao território sergipano onde encontrava apoio, tornando o Estado, de forma generalizante, um local de plena proteção ao bandoleiro e seus cabras. Costa (1994) relata que a cidade de Poço Redondo, no semi-árido sergipano, também é conhecida como “capital mundial do cangaço” devido ao fato de ter fornecido a maior quantidade de pessoas para o bando de Lampião, o que não anula a existência de inimigos, opositores e até perseguidores.

Outra faceta nas relações de aliança política era a concepção de paz que traziam consigo. Em Triunfo, no estado de Pernambuco, “a amizade com cangaceiros custou a morte do prefeito por parte dos adversários da ‘causa’ que estavam muito incomodados com a passividade da autoridade com o cangaceiro”

(Queiroz, 1987, p. 37). Os períodos pacíficos tornavam-se realidade quando Lampião e sua cabroeira eram bem recebidos por aqueles que não eram inimigos, porque os cabras passavam temporadas com fartura e divertimentos. Para Maria Isaura de Queiroz,

os chefes locais achavam, muitas vezes, que era vantajoso sua permanência numa localidade, pois com suas exigências de vida faustosa, de despesas ostentatórias, de freqüentes festas, de reuniões para jogatina com os poderosos municipais, animava o comércio, multiplicava as feiras, revitalizava a produção (Queiroz, 1987, p. 37).

Pode-se, então, ver que a manifestação de força do líder cangaceiro alicerçava-se, dentre outros fatores, nas bases de sólidas relações com quantos fosse possível, podendo ser políticos, policiais, comerciantes, fazendeiros, enfim, encontrando em todos aquilo que precisava para manutenção de seu estilo de vida. Por isso verificase o quanto é reducionista afirmar que foi somente o coronelismo o sustentáculo do cangaço que com Lampião “deixou de ser apenas um bando de revoltados foragidos, sem eira nem beira, para ser uma respeitável força organizada de homens de guerra, de guerrilheiros-cangaceiros” (Maciel, 1988, p.121).

Quando da passagem da Coluna Prestes pelos sertões nordestinos, em 1926, alguns episódios, como o ataque a Piancó, na Paraíba e o de Umburanas, em Pernambuco, envolvendo os revoltosos, as tropas oficiais, os cangaceiros e a população nordestina marcam profundamente a história da região. A presença da Coluna no Nordeste causa algumas agitações que serviram para dar um novo alento aos cangaceiros que, segundo Mello (2005), não deixaram passar a grande

oportunidade proporcionada pela total instabilidade social, ou melhor, pela desorganização em que mergulhara o sertão, convertendo-se este momento no apogeu absoluto de toda história do cangaço. Para que se tenha a idéia da atuação dos cangaceiros neste ano, citam-se algumas ocorrências audaciosas, como as do grupo de Lampião, no combate de Serra Grande, Vila Bela, Pernambuco.

Esse combate, contra quase trezentos soldados, representou a maior vitória de Lampião e do cangaço durante quase duas décadas de lutas. O Cangaceiro, com pouco menos de cem homens, divididos em três subgrupos, derrotou de forma cabal as três volantes da Polícia Militar de Pernambuco. Mesmo sendo comandadas por oficiais experientes, não tiveram como impedir a “vitória estrondosa de Lampião” (Sousa, 1994, p.71). À custa de muito esforço, conseguiram evitar que Lampião e seus comandados tivessem “acabado com duzentos e noventa e sete homens, de sede e na bala, dentro da Serra” (Lira, 1990, p. 353). A derrota dos oficiais diante de Lampião foi atribuída a alguns equívocos táticos. Enquanto Lampião escolhia o local e a hora para dar início ao combate, esses oficiais incorriam no erro capital de subestimar o adversário, além de renunciarem a toda prudência e sensatez.

João Gomes de Lira, ex-soldado de volante, que participou desse combate, diz o que significou tal acontecimento, ao escrever:

o tiroteio de Serra Grande foi o maior travado na campanha contra Lampião em Pernambuco. Teve duração de oito e quarenta e cinco da manhã até cinco e quarenta e cinco da tarde. Foi uma peleja com muita dificuldade. Soldados desorientados sacudiam seu armamento, com todo equipamento fora, e, de serra abaixo, descia o mesmo como um relâmpago. Muitos foram cair em Vila Bela, Triunfo, Custódia, Flores, Afogados de Ingazeira, Lagoa de Baixo, Salgueiro e muitos outros lugares (Lira, 1990, p. 365).

A tropa oficial, ao final do tiroteio, tivera uma perda de vinte e quatro soldados, sendo treze feridos e onze mortos; por outro lado, os cangaceiros nada perderam (Sousa, 1994).

Maciel (1988, p. 154) relata que Lampião, respaldado em sua vitória total no campo de batalha, decidiu enviar ao Governador de Pernambuco uma carta, fazendo-lhe algumas propostas. Pediu para o cangaceiro Moreno escrever o seguinte:

Senhor Governador de Pernambuco

Suas saudações com os seus.

Faço-lhe esta devido a uma proposta que desejo fazer ao senhor para evitar guerra no sertão e acabar de vez com as brigas... Se o senhor estiver no acordo, devemos dividir os nossos territórios. Eu que sou Capitão Virgulino Ferreira Lampião, Governador do sertão, fico governando esta zona de cá, por inteiro, até As pontas dos trilhos em Rio Branco. E o senhor, do seu lado, governa do Rio Branco até a pancada do mar no Recife. Isso mesmo. Fica cada um no que é seu. Pois então é o que convém, Assim ficamos os dois em paz, nem o senhor manda os seus macacos me emboscar, nem eu com os meninos atravessamos a extrema, cada um governando o que é seu sem haver questão. Faço esta por amor à Paz que eu tenho e para que não se diga que sou bandido, que não mereço. Aguardo a sua resposta e confio sempre.

Capitão Virgulino Ferreira Lampião, Governador do Sertão.

Para o jornalista Juarez Conrado (1983), no livro, *A última semana de Lampião*, este cangaceiro, que era um produto da conjuntura social nos sertões do Nordeste pela injustiça da natureza, marcou época no banditismo nestas terras, onde, vez por

outra, a lei que vigora é a do mais forte. Dotado de uma invulgar capacidade de aliciamento, constituiu um bando de facínoras sob seu comando, intitulou-se capitão e se tornou, com seus bandoleiros, o terror de populações desprotegidas, de quem foi, não poucas vezes, o seu protetor contra os abusos, a violência e até o crime de forças policiais que o perseguiram. E, ainda se referindo a Lampião, Conrado escreve:

menino ainda [...] já me empolgava com os fatos narrados sobre essa legendária figura, pintada não com as cores de um bandido desumano, porém como as de um justiceiro o que, desacreditado na lei dos homens, porque ele próprio fora por ela injustiçado, infiltrou-se pelos sertões brasileiros, impondo a justiça ao seu modo (Conrado, 1983, p.17).

Na história universal do banditismo dos tempos modernos não há quem possa oferecer contraste ao reinado de Lampião, quer pelo valor combativo, quer pela abrangência de espaço e de tempo dentro da qual esse reinado se arrastou. “É figura ímpar nesse domínio, mitificado pela gesta sertaneja desde a madrugada de sua longa carreira, Lampião contaminaria com os passos das suas alpercatas de sete léguas toda uma época” (Mello, 2005, p.303) que escorre lenta do início dos anos 20 ao término dos anos 30, quando são mortos, presos ou enxotados os remanescentes derradeiros da sua sorte decaída.

Sabe-se, no entanto, que o fenômeno do banditismo, não foi apenas um produto interno do Brasil, proveniente da ignorância e dos primitivos costumes brasileiros, e em especial dos seus sertões. Em outros países também surgiram homens cujas façanhas o passar dos anos não apagou, cujos feitos continuam vivos na mente do povo (Costa, 1993).

CAPÍTULO 2 - LAMPIÃO SOB OS OLHARES DOS ESPECIALISTAS

Estudiosos desta temática, como Antônio Amaury, Luitgarde Barros, Frederico Pernambucano de Mello, Billy James Chandler, Oleone Coelho Fontes, Júlio José Chiavenato, Frederico Bezerra Maciel, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Alcino Alves Costa, legaram à posteridade os reais fatos e acontecimentos da história do sertão nordestino e, sem dúvida, não poderia deixar de assim ser a saga lampeônica e cangaceira.

Lampião não foi o primeiro cangaceiro, mas foi praticamente o último; sem nenhuma dúvida foi o mais importante e o mais famoso de todos eles. Seu nome e seus feitos chegaram a todos os recantos do Brasil e também ao exterior. A sua presença, ousadia e destemor tornaram-no figura de destaque nos noticiários diários do país inteiro, exigindo atenção cada vez maior por parte das autoridades e da elite social e econômica, desafiadas pública e nacionalmente a liquidá-lo. Para elas, era uma questão de honra acabar com Lampião e, conseqüentemente, com o cangaço (Ferreira; Amaury, 1997).

2.1 Virgulino Ferreira da Silva

A família de Virgulino pertencia à classe dos humildes proprietários rurais, situados entre os latifundiários e a massa de lavradores sem terra. Seus pais viviam em uma pequena propriedade de pouco mais de 80 metros de fundo e 40 de frente a 50 quilômetros do município pernambucano de Vila Bela onde trabalhavam com o auxílio dos filhos mais velhos. Ser pequeno proprietário de terra no Nordeste pouco

significava. A pobreza atingia tanto os que não a possuíam como os donos de pequenos sítios. Nivelavam-se culturalmente e seu padrão de vida pouco diferia. Uns e outros sofriam o domínio do coronelismo. Às vezes, possuir uma faixa de terra cobiçada representava um desconforto maior do que nada ter (Sousa, 1994). Mesmo diante dessas dificuldades de quase todos os seus contemporâneos da caatinga, os frutos do trabalho incansável de seus familiares foram conquistados duramente ao longo de muitos anos.

Virgulino Ferreira da Silva, nome de batismo, era o terceiro dos muitos filhos de José Ferreira da Silva e de Maria Lopes. É frequentemente assumido e mencionado em diversas obras que ele nasceu em 1897, quando o correto é 1898, conforme consta de sua certidão de batismo. Todos os filhos do casal nasceram no sítio Passagem das Pedras, também conhecido como Ingazeira, às margens do riacho São Domingos, no Município de Vila Bela, atualmente Serra Talhada, no Estado de Pernambuco (Ferreira; Amaury, 1997).

Virgulino, aos três meses de nascido, foi batizado por seus avós maternos. O vigário, encantado com os olhos vivos daquela criança irrequieta, apertando-lhe carinhosamente as bochechas, perguntou:

- Sabem o que quer dizer o nome Virgulino?
 - O nome, seu vigário, foi tirado do Lunário Perpétuo. Respondeu a madrinha.
 - Virgulino - explicou o padre – vem de vírgula, quer dizer, pausa, parada. E arregalando os olhos: - Quem sabe, o sertão inteiro e talvez o mundo vão parar de admiração por ele!
- (Maciel, 1992, p. 80).

Sua infância transcorreu normalmente, em nada diferente das outras crianças que com ele conviviam. Naquelas terras desamparadas não existiam escolas públicas. Havia os mestres-escola que ensinavam, mediante contrato e hospedagem, durante períodos de três a quatro meses, nas fazendas. Eram escolas improvisadas geralmente nas próprias casas dos fazendeiros. Foi alfabetizado pelo professor Justino de Nenéu, que fora ensinar na casa da fazenda Serra Vermelha, de Manuel Ferreira - tio dos meninos Ferreiras - bem perto da fazenda deles, a Ingazeira. Virgulino freqüentou as aulas por três meses tempo suficiente para que aprendesse as primeiras letras e pudesse pelo menos escrever e responder cartas. O professor Nenéu, certo dia, disse a Manuel Lopes: “este seu sobrinho – e aponta para Virgulino – até hoje foi o mais inteligente e o mais aplicado aluno que tive em toda minha vida de professor” (Maciel, 1992, p.90-91).

Todas as informações disponíveis nos levam a crer que as brincadeiras de Virgulino eram as mesmas de seus colegas, ou seja, nadar no riacho, próximo à propriedade dos pais, e brincar de badoque, um arco para atrair bolas de barro (Ferreira; Amaury, 1997).

Além dessas brincadeiras de criança, também, brincavam de cangaceiros e de volantes, imitando, na fantasia, a realidade do que viam à sua volta, “enfrentando-se” na caatinga. Todas essas brincadeiras de guerra eram comuns aos meninos sertanejos. O que singularizava Virgulino era o seu dom inato de liderança. O velho Terto, parente da família Ferreira, e participante desses divertimentos, sempre dizia:

Virgulino nasceu para comandar. Nas brincadeiras de menino, apesar de ser ele o menor, era ele o que tinha iniciativa. Se tivesse no Exército, botava Caxias para trás [...] Era assim Virgulino - um menino diferente. Diferente sob três aspectos: inteligência, distinção e liderança (Maciel, 1992, p. 85, grifo do autor).

O sustento da família vinha da criação de animais, da roça, onde trabalhavam incansavelmente seu pai e seus irmãos mais velhos, e da almocrevaria, que constituíam as principais atividades da família. Como almocreves, os Ferreiras, através da distribuição de produtos, abasteciam muitas áreas do sertão nordestino, criando laços comerciais e de amizade em várias camadas da população.

Durante a viagem pelo sertão afora, perto do meio-dia, num dos pousos certos e costumeiros, paravam à sombra refrescante de um juazeiro frondoso para comer e descansar. Arriavam as pesadas cargas, como fardos de charque, barricas de bacalhau ou de bolachas sertanejas, caixas de gás e de sabão, caixas de bebidas, sacas de sal em pedra, de café em caroço, de açúcar, de arroz, entre tantos outros produtos. Arriadas as cargas, davam ração e água aos animais.

Enquanto isso, os almocreves livravam-se de seus chapéus e bruacas de couro, abriam os alforjes para tirar a carne de boi ou bode que cozinhavam ali mesmo em panela de barro sobre trempe de pedra e comiam com farinha de mandioca e rapadura ou com “farofa de comboieiro”: farinha de mandioca, cebola, carne picada e torrada com tocinho. Para o “de-comer” desentalar e descer para o estômago, bebiam água fria trazida nas cabaças. Findavam o almoço tomando café ferrado: o pó de café, misturado com açúcar ou raspa de rapadura. Depois “preparavam seus paisanos migando, na palma da mão, o fumo de corda, preto e

picado e depois encarcando e enrolando, com auxílio da lambedeira, nas mortalhas de papel de seda ou nas palhinhas de milho" (Maciel, 1992, p.95). Recostados ou deitados no chão forrado de pano de saco ou de esteira de junco, naquele silêncio do sertão, tiravam a madorna completando o doce ócio. Em seguida a viagem continuava, "alastrada sem fim... Por tempo que não se contava ao certo, até mais de mês. Por espaço que se espichava até cinqüenta e setenta léguas" (Sousa, 1994, p. 79).

O almocreve, sem ter um conhecimento cabal e completo do papel que desempenhava na sociedade, era homem que transportava não só bens materiais, mas também idéias, notícias do mundo para o povo do sertão nordestino. Com a chegada deles nas vilas, as pessoas surgiam às portas, curiosas e ansiosas pelos produtos que traziam, sobretudo, gêneros alimentícios, tais como: manteiga, charque, açúcar refinado, bolachas, velas, vinhos, entre tantos outros produtos. Durante quase uma década, Virgulino e seus irmãos mais velhos acompanhavam o pai nesse trabalho fascinante e de grande responsabilidade. Compravam, vendiam e distribuía mercadorias numa vasta região do Nordeste do Brasil (Sousa, 1994).

Através dessas viagens, ficava também Virgulino conhecendo, palmo a palmo, as futuras 'estradas do cangaço', com suas veredas e atalhos, os acidentes da região, os esconderijos e coitos, os olhos d'água e as bebidas, os botequins e pousos nos pernoites para o descanso sem risco, ao mesmo tempo em que tratava relações de conhecimento e amizade (Maciel, 1992, p.106).

Segundo Frederico Pernambucano de Mello (2005), Virgulino Ferreira teve, nesses anos de formação de sua personalidade, a oportunidade de conhecer

algumas das principais cidades dos Estados de Alagoas, Sergipe, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco que constituem o grande cenário onde, mais tarde, Virgulino reencontraria os velhos amigos e inimigos.

Apesar da origem humilde da família Ferreira e de serem pequenos proprietários de terra no semi-árido sertanejo, a sua relativa prosperidade não tardou a provocar sentimentos de inveja e de ira por parte dos poderosos vizinhos. E entre estes, encontrava-se José Saturnino, o mais insolente de todos. Diante de suas provocações, o pai de Virgulino Ferreira resolveu abandonar a sua pequena propriedade, vendendo-a a um preço aviltado. Sua retirada foi interpretada, por José Saturnino, como sinal de fraqueza e covardia e um incentivo para o recrudescimento das ofensas. Instalada na fazenda Poço Negro, a sua família não teve sossego por parte de seus adversários, até que foi esgotada a última gota de humilhação. O ódio dominou o bom senso, chegando a um ponto insustentável. Segundo uma das muitas versões, tudo teve início com as desavenças motivadas pelas divergências de divisas de terra e ainda pelo episódio envolvendo os chocalhos comprados por Virgulino na feira de Piranhas, em Alagoas (Costa, 1994). Sobre este instante supremo na vida de um homem em que se define a sua personalidade para o bem ou para o mal, Rodrigues de Carvalho na sua obra *Serrote preto: Lampião e seus sequazes* descreve que

o adágio, segundo o qual, 'quando um não quer, dois não brigam', tem limites. Elementos há tão perniciosos que ninguém pode safar-se das suas provocações sem que se veja reduzido à triste condição de pusilânime. Zé Saturnino, no caso em tela, foi um desses. Esse nefasto homem, com a sua imensa baixeza (sic) de caráter, fez a infelicidade não apenas daquela, mas, de centenas de outras famílias sertanejas. Indiretamente é ele tão responsável quanto

Lampião pelos assassinatos, latrocínios, incêndios e de desonras por este perpetrado (Carvalho, 1974, p. 128).

Mesmo diante desse cenário de guerra no sertão de Pajeú, o pai de Virgulino, mantendo sua coerência de homem pacato até o fim, resolveu, mais uma vez, deixar “ao léu a propriedadezinha que adquirira à custa de seu sangue, suor e lágrimas” (Carvalho, 1974, p. 148). E é nessa viagem rumo ao exílio que a família Ferreira atinge o limite máximo do desespero: a mãe, não resistindo às atribulações, vem a falecer, e o pai é assassinado, friamente, um mês depois da morte de sua esposa, por José Lucena da polícia alagoana, no terreiro da fazenda onde morava, no momento em que debulhava algumas espigas de milho.

Após o funeral do seu pai, Virgulino assumiu o comando da família, não por sua idade, mas por seu carisma e autoridade. Determinou que um dos seus irmãos, João Ferreira, se encarregasse da educação de suas irmãs e de seu irmão mais jovem, Ezequiel Ferreira. A cidade de Juazeiro do Padre Cícero foi um dos inúmeros locais onde seus irmãos encontraram abrigo, nos anos seguintes.

A partir daí, Virgulino e os irmãos, Antônio e Levino, não tiveram outro objetivo na vida senão a vingança contra os seus inimigos. Juraram vingar-se e lutar contra a polícia até a morte. Era, para ele e seus dois irmãos, chegado o momento de enterrar os mortos e cuidar dos vivos. O ponto sem retorno havia, afinal, sido alcançado. Mediante o triste acontecimento, buscaram desesperados e sedentos de vingança apoio em diversos grupos de cangaceiros que atuavam nos sertões nordestinos para levar adiante os seus planos de vingança. E foi num desses

grupos, chefiado por Sinhô Pereira, que Virgulino Ferreira fez sua aprendizagem em ações de guerra de guerrilha (Sousa, 1994).

Desencadeado esse processo de violência não houve como impedir que se alastrasse em círculos crescentes e cada vez mais violentos, englobando outros personagens, outros dramas e tragédias. Linhas até então paralelas, passaram a cruzar-se aumentando o páreo de lutas: os Nogueiras, os Jurubebas, Sinhô Pereira, jagunços e cangaceiros. E, como estrela ascendente, Virgulino Ferreira da Silva – Lampião.

2.2 Virgulino entra no cangaço, nasce Lampião

Este mundo do cangaço é amplo e incrível. Geralmente o termo cangaço lembra o sertão e em especial a figura de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião. “O cangaço é comparado a uma colcha de retalhos com pedaços de várias cores e estampas, tendo a mais colorida e trabalhada na figura de Lampião, ora perverso, ora bondoso, ‘santo’ e ‘demônio” (Souza, 2007, p.28).

O alagoano Ruben Wanderley Filho, citado por Fernando Sá (2005), ressalta que “as intrincadas árvores genealógicas sertanejas foram, sem sombra de dúvida, um dos motivos maiores do acesso de Lampião ao cangaço, a partir de sua vivência dentro do meio em que acontecia a luta fratricida entre Pereiras e Carvalhos” (Wanderley apud Sá, 2005, p.10)., e que, apesar de seus crimes, Lampião serviu para dizer ao Brasil que “o sertão existe e que ali vivem pessoas que constroem a

história do país através do enfrentamento de seus conflitos sociais básicos – terra, poder, religião e classes antagônicas” (Wanderley apud Sá, 2005, p.10).

Sua entrada para o crime ocorreu ainda na adolescência quando, juntamente com alguns irmãos, entrou em disputa com um vizinho e sua família, supostamente devido a pequenos furtos e insultos. A partir dessas rixas ocorreram sucessivas rivalidades entre as famílias, chegando a chamar a atenção da força pública de Pernambuco (Sousa, 1996). Porém, o senso comum tende a definir a entrada de Virgulino no mundo da violência como uma manifestação da vingança pela morte dos pais. Essa versão construída espontaneamente pelo próprio líder do cangaço perdurou não só no senso comum, mas também na literatura dos cordéis. Alguns autores mostram que certas verdades tidas como absolutas se tornam relativas mediante confrontos entre diversas fontes documentais ou orais.

Autores como Barros (2000) e Queiroz (1987) narram em suas obras, com detalhes, alguns fatos que permeiam a vida de Virgulino antes de 1921, ano da morte de seu pai, José Ferreira. Conforme as reflexões de Queiroz no que concerne a essa discussão, o jovem Virgulino aderiu ao grupo do Sinhô Pereira, por volta de 1917. À época, os Pereiras eram a família que vivia em combate contra a dos Carvalhos. Estas famílias eram algumas das tantas que se confrontavam frequentemente, com constantes casos de morte que ocasionavam a perpetuação do sentimento vingativo. A historiadora Luitgarde Barros (2000), nos seus estudos sobre o cangaço, enquadra os Ferreiras como cabras dos Porcinhos que já lutavam contra os Nazarenos, os Nogueiras e o poderoso Zé Saturnino. Relata também que

esse bando denominado “os Porcinhos” já era perseguido pela polícia desde o ano de 1918.

O pai de Virgulino, pelo contrário, não era simpatizante dos conflitos que permeavam a cultura da época. O senhor José Ferreira procurou afastar-se ao máximo dessa mácula familiar que tanto lhe era desagradável, mas, infelizmente seu desejo de vida pacata foi frustrado pelas atitudes de alguns de seus filhos, envolvidos em conflitos entre parentelas. Mesmo procurando a paz em outros lugares, a vida de José Ferreira teve um triste fim. A partir daí, Virgulino decide que o sentimento de vingança pela violação da vida de seus pais seria o principal motivo para a legitimação da sua entrada “oficial” na vida de cangaceiro, como ressalta Barros:

e seqüências de fatos, e acima de tudo recorrendo ao código sertanejo da confundindo datas vingança de sangue, Lampião justificou para si próprio e para o mundo sua entrada no cangaço, para matar Zé Saturnino e Zé Lucena, como decisão tomada diante do pai e da mãe mortos. Esta legitimação dos próprios atos, utilizando elementos da cultura sertaneja como valentia e obrigação de vingança para limpar manchas desonrosas ou corrigir injustiças, foi completamente utilizada por todos os cangaceiros, principalmente Lampião (Barros, 2000, p. 127).

Ao ingressar oficialmente no grupo do Sinhô Pereira, Virgulino, sob o comando daquele, destacou-se rapidamente como um bom atirador e um excepcional líder. Sebastião Pereira, um dos maiores cangaceiros antes dele, teve a oportunidade de observá-lo em várias situações de combate. Uma das mais difíceis foi a de Serra da Forquilha, Pernambuco, onde o líder foi cercado numa casa por 126 soldados. Contava Sinhô Pereira, naquele momento, com apenas 11 cangaceiros, entre os quais, os irmãos Ferreira, mesmo assim, o cerco foi rompido sem nenhuma baixa

por parte dos cangaceiros. Foi nesse combate que Virgulino Ferreira ganhou o nome com que passaria a ser conhecido na história do cangaço. Durante o tiroteio entre cangaceiros e policiais, observaram o fato de que o rifle de Virgulino Ferreira, de tanto atirar “para dar saída aos homens de Sebastião [Sinhô Pereira] de dentro da casa em que se encontravam, mais parecia um candeeiro ou lampião aceso, resolveram, então, dar-lhe o apelido de Lampião” (Souza, 1994, p. 45).

Foi então que em 1922, quando Sinhô Pereira resolveu encerrar a sua atividade no cangaço, não hesitou em nomeá-lo como o seu sucessor. Conforme sua análise de guerreiro veterano e corajoso argumenta que Lampião, “além de ser o mais inteligente e muito hábil, era também o inimigo de seus inimigos” (Carvalho, 1974, p. 108).

Ao assumir o comando do cangaço, Virgulino Ferreira contava com apenas 25 anos de idade. Esse episódio representava mais um dos instantes capitais na sua vida. Ainda segundo o Sinhô Pereira, Lampião “sempre foi um homem diferente dos outros, ‘já nasceu aprendido’, atirava bem e como que adivinhava ou pressentia o perigo iminente e não aprendeu nada com ele” (Wilson, 1974, p. 345).

O major Optado Gueiros (1953), em sua obra *Lampião: memória de um oficial ex-comandante de forças volantes*, testemunhando como militar, não hesita mesmo em afirmar que

no começo da vida, revelou-se Virgulino Ferreira um gênio em tudo que pretendeu realizar. Foi ótimo seleiro, currieiro, agricultor, comerciante, tocador de sanfona, poeta e o mais afamado vaqueiro e domador de cavalos e burros bravos de Vila Bela, por último, bom parteiro, enfermeiro (Gueiros, 1953, p.11).

Esse major mais adiante, em seu trabalho, acrescenta que “Lampião não encontrou outro que o igualasse nos anais do crime, não somente no Brasil e na América do Sul, mas também nas outras Américas” (Gueiros, 1953, p. 13). Esse mesmo major que, “por mais de dez anos combateu Lampião como comandante de volante” (Maciel, 1988, p.73), ainda se referindo ao ‘Rei do Cangaço’, diz: “era Lampião um mundo de contrastes, um complexo enigmático e um gênio ao repontar da vida” (Gueiros, 1953, p.17).

De “rapaz extraordinário” que havia sido elogiado por amigos e inimigos, passou a ser o maior de todos os cangaceiros, em qualquer época. A sua fama logo ultrapassou as fronteiras de Pernambuco, percorrendo todo o Nordeste, chegando ao Rio de Janeiro e a outras partes do mundo. Em meados da década de 1920, ele já fazia parte da lista dos bandidos mais ferozes e mais temidos da região nordestina. Pouco tempo depois foi matéria de capa de revista, saiu em inúmeras manchetes de jornais regionais, nacionais e chegou a ser alvo de notícia do jornal “*New York Times*” em 1930 como o bandido mais notório da América do Sul. “Poucas vezes um bandido conseguiu captar o interesse da nação por tão longo período” (Chandler, 1980, p. 33).

Para esse historiador norte-americano, Lampião é considerado o bandido que teve maior sucesso no século XX no Brasil. Pode-se até dizer que foi o maior expoente no ramo da bandidagem neste país. No entanto, como já comentado acima, a sua infância foi igual à de outros meninos de sua época e de sua região. E

é bem provável que “nenhum daqueles que o conheceram em criança pudessem prever a fama que haveria de adquirir” (Chandler, 1980, p. 33).

Ainda conhecido como Virgulino Ferreira, exercendo a profissão de almocreve, teve a oportunidade de estabelecer vínculos muito fortes com a sociedade e o povo sertanejo. O seu detalhado conhecimento da região, aliado à perfeita integração com a cultura e os hábitos da sociedade em que vivia, permitiu-lhe montar sua rede de apoio numa vasta região de sete Estados do Nordeste. Isto se constituiu em precioso trunfo que ele soube, muito bem, utilizar ao longo dos anos pontilhados por combates com efetivos militares.

Na opinião de Frederico Maciel (1988), o “Rei do Cangaço” era um líder carismático. Além de possuidor de extraordinários e múltiplos dotes pessoais, conhecia profundamente, palmo a palmo, a região, graças à sua longa vida na almocrevaria, sabendo todos os melhores esconderijos. Esse aprendizado só foi possível graças aos anos em que se ocupou não só de conduzir bestas de carga, mas também de distribuir mercadorias entre várias cidades sertanejas, separadas, entre si, por centenas de quilômetros (Maciel, 1988). Dadas as suas habilidades, é na verdade, lamentável para ele e para a sociedade em que viveu que tivesse dedicado tantos anos de sua vida ao crime (Mello, 2005).

O historiador Billy Chandler (1980), ao tratar dessa temática, questiona que é difícil explicar porque alguns homens se tornam criminosos, enquanto outros não, embora vivendo dentro das mesmas condições sociais e sujeitos as mesmas tribulações. Para esse autor,

talvez tenha sido a força, a coagem, a ousadia de Virgulino, e, possivelmente também, uma pitada de perversidade, combinadas com sua crescente frustração, que o impeliram a seguir o caminho que iria pôr em perigo a vida de sua família, e que no final, quando outros poderiam ter recuado, o levaram a cruzar o limite e entrar no cangaço. Talvez tenha sido uma mistura de caráter e circunstâncias que transformou o destemido e impetuoso Virgulino no terrível Lampião (Chandler, 1980, p.46).

Rodrigues de Carvalho, também, procura dar sua opinião a respeito da complexa personalidade de Lampião ao dizer que

o seu mau-caráter, o comportamento condenável, o caminho nefasto e pernicioso que trilhou na vida é um capítulo à parte. O seu valor pessoal, a sua extraordinária inteligência, as suas invejáveis qualidades de estrategista nato, de sã consciência, ninguém lhe poderá negar (Carvalho, 1974, p. 376).

Não só sua inteligência, crueldade, astúcia e coragem, mas também sua tendência à cautela e a um planejamento meticuloso aparecem, bem claramente, em versos, livros, jornais, filmes que revelam uma boa parte do que o povo em geral imaginava que ele fosse, e também um pouco do que ele era na realidade. Tais características constituíam “o epítome da carreira pública do famoso cangaceiro, e há ampla evidência de sua existência” (Chandler, 1980, p. 228).

Para este autor, além dessas características, há também outros traços de sua personalidade e outros aspectos de sua vida que merecem ser vistos. Sua firmeza e lealdade, por exemplo, muito impressionavam os sertanejos. “Lampião era um homem de palavra. Se lhe pediam alguma coisa emprestada, podia-se ter certeza de que a devolveria” (Chandler, 1980, p. 227). Embora algumas de suas ações tivessem como objetivo, ainda de acordo com a sua análise, preparar a cena para

futuros favores, a maioria era motivada pelo seu desejo de ser conhecido como um homem honesto.

O Capitão João Bezerra (1997), oficial comandante da força policial que matou Lampião, no seu livro *Como dei cabo de Lampião*, presta valioso depoimento sobre ele ao afirmar que

Lampião era um homem de palavra. O que ele dizia valia como documento. Se ele fosse vivo hoje eu não permitiria que ninguém encostasse um dedo nele. Hoje eu não acho que ele era bandido. Tem muito bandido engravatado por aí, em liberdade (Bezerra, citado por Souza, 1997, p. 13).

A lealdade de Lampião para aqueles com quem tinha alguma dívida de amizade ou de gratidão era muito louvada, como prova o incidente que ocorre na Serra Vermelha quando ele voltou para matar José Saturnino, seu velho inimigo.

Quando ele atacou a casa, atiraram também de dentro, mas ele suspendeu o fogo quando a mãe de Saturnino apareceu no limiar da porta. Respeitada desde os tempos em que as duas famílias eram amigas, ela disse-lhe que seu filho não estava e pediu para não matar os dois homens que estavam lá dentro. O favor que ela estava pedindo não era fácil para Lampião atender, pois os homens eram seus inimigos. Mas, mesmo assim, ele entrou na casa, falou com eles, e, diante da promessa de nunca mais o perseguirem, salvou-lhes a vida (Chandler, 1980).

Para Oleone Coelho Fontes (2001), em sua obra *Lampião na Bahia*, Lampião era, antes de tudo, um homem violento. A violência era a chama interior que o sustentava. Mas, ao mesmo tempo em que era possuidor dessa violência excessiva contra seus inimigos, contra os que lhe negassem pedidos ou que de alguma forma

o contrariassem, era generoso e capaz de “comprar a briga” dos amigos. Como se sabe, era o terror do nordeste brasileiro porque encarnava o mais audacioso tipo de cangaceiro e, pelo teor dos seus crimes, era o pavor dos sertanejos. O bandido que invadia os lares, levando a toda parte o sofrimento e a morte, não atacava de frente, jogando a sua vida na luta leal, escondia-se nas trevas, acoitava-se nos barrancos, escondia-se nas grotas para de lá espalhar a destruição e a morte.

Havia naturalmente exceções a esse tipo de medo, principalmente, entre coiteiros e amigos dos cangaceiros, e entre pessoas residentes em algumas vilas ou cidadezinhas que Lampião visitava pacificamente. Também é verdade, de acordo com os estudos de Billy Chandler (1980), que era suficiente o povo saber que vinha em paz, para que, cheios de curiosidade, o cercassem e a seus homens. No entanto, fora dessas ocasiões específicas, ficou bem patente que o medo que dele tinham era profundo.

Mário Souto Maior (1993), no prefácio do livro *Quem foi Lampião* de Frederico Pernambucano de Mello, ao se referir a esse cangaceiro, escreve:

Lampião marcou muito a minha infância. Acredito até que as conversas que ouvi de adultos, relatando as suas proezas, atacando cidades e fazendas, desrespeitando as donzelas [...], tocando fogo nas casas, roubando, degolando criancinhas inocentes, tais conversas foram responsáveis pela presença do temido bandoleiro nos meus dias de menino. Pintavam Lampião com as cores mais terríveis (Maior, 1993, p.16-17).

Lampião revelava o máximo de sua espantosa criatividade em tudo que fazia. A intuição guerreira o levou ao ponto de ser proclamado “Rei do Cangaço’ ou ‘Rei da guerra’ de guerrilha da caatinga” (Maciel, 1988, p. 118). Para o autor, Lampião

possuía uma instintiva percepção para conduzir uma luta adaptada ao meio ambiente e sua luta era ampla, uma vez que ele (Lampião) acreditava que representava a coletividade contra o sistema de domínio escravocrata, tirano; por isso, sua luta não se limitava a de um grupo de cangaceiros como tantos outros. Mas, era preciso, antes de tudo, organizar o cangaço para uma luta que talvez nem imaginasse que fosse de tamanha envergadura e que durasse quase vinte anos. Conforme o autor, a mudança da estrutura social a que Lampião se propunha só seria possível pelo poder da força e pela sedimentação do tempo (Maciel, 1988). Para este autor, o estudo da história demonstra isso, senão a história de Lampião não teria sentido. E acrescenta:

o historiador consciencioso e capaz deduz dos fatos e interpreta com inteligência, senso crítico e honestamente. A história nunca foi um alinhavado de fatos mal-apurados. Muito menos uma baboseira de palavrões, preconceitos e mentiras” (Maciel, 1988, 119).

Para esse pesquisador, Lampião era um líder guerrilheiro, sobretudo, por seu exemplo de coragem e determinação. Seus inimigos temiam-no, já que enfrentava destemidamente “as refregas”, tendo sido ferido algumas vezes. Ele guardava sempre vivas na sua memória aquelas palavras, várias vezes repetidas por sua mãe: “- Não tenho filho para guardar no baú. Filho meu tem de enfrentar tudo como homem: o trabalho, o amor, a vida, a provocação, a luta e até a morte” (Maciel, 1988, p. 99).

Conrado (1983) também apresenta Lampião como um verdadeiro gênio na arte de atrair, iludir, atacar ou fugir dos adversários, virtude essa que lhe assegurou,

durante mais ou menos duas décadas, o domínio absoluto dos sertões de sete Estados nordestinos, furando sempre o bloqueio das volantes, às vezes, em condições incrivelmente adversas.

O escritor Souto Maior (1993) afirma que, apesar dos pesares, homens, mulheres e crianças do seu tempo admiravam Lampião. Muitos não acreditavam nessas estórias, explicando que ele era um injustiçado que lutava contra os poderosos. Salientavam sua coragem ao fato de, muitas vezes, soldados bem armados cercarem o grupo do famoso bandoleiro e ficarem lutando uns contra os outros, enquanto isso, na escuridão da noite, os cangaceiros comandados pelo chefe-herói já tinham furado o “cerco” e já se achavam a muitas léguas de distância. O historiador e jornalista Oleone Fontes (2001) chama a atenção para

o fato de que é difícil encontrar na história da humanidade guerrilheiro com a destreza, habilidade, capacidade tática, faro, astúcia e percepção de Virgulino Lampião. A percepção dele se ampliaria de tal modo durante sua existência de cangaceiro que inúmeras vezes enxergava o assédio de macacos onde nenhum dos seus companheiros era capaz de perceber o mínimo (Fontes, 2001,p.181).

Ao se analisar as táticas de guerra dos cangaceiros, segundo o historiador, não se pode omitir o fato de Lampião ter contado, no imenso e aparentemente interminável universo do cangaço, com a “sorte”, ou melhor, com a “estrela”. Ainda, de acordo com o pensamento do autor, tinha-se a leve impressão de que sua estrela brilhava mais quando se envolvia numa luta. “Lampião sabia, como nenhum vivente outro, tirar partido das ocasiões e escapar por brechas que somente o seu olho sadio, que parecia ter ampliado em visão com a cegueira do outro, enxergava”

(Fontes, 2001, p. 183). No que se refere à questão “sorte”, esse historiador cita, em seu trabalho, o depoimento de um policial que foi ferido na batalha da fazenda Mandacaru no interior do Estado da Bahia, em 1930, concedido a um repórter do jornal Diário de Notícias de Salvador: - “Os bandidos têm uma sorte incrível, pois do jeito como estavam não era para ter escapado nenhum” (Fontes, 2001, p. 184).

O escritor e memorialista sertanejo Alcino Costa (1994) não hesita em dizer que usa, em seu livro, de forma enfadonha as palavras: famoso, afamado, titã, portentoso, famanado, genial e outros exuberantes atributos, glorificando o “rei cego” e sua malta. Na opinião desse memorialista, Lampião e seus comandados, ao longo de sua trajetória, foram, sem sombra de dúvida, talentosos:

sumidades na arte de sobrevivência, sumidades na arte de guerrear, sumidades na arte de sustentar durante anos uma inglória guerra que só terminaria com a derrota. Todos reconhecem que essa genialidade era voltada para algo abominável e tirano. Não é brincadeira pertencer ao grupo de ceifadores de vidas. Mas que nesse império de violência e crime despontaram personagens verdadeiramente geniais, não se pode negar (Costa, 1994, p. 21-22).

Costa (1994) ainda afirma que não se pode desconhecer ou fugir da realidade dos fatos: jagunço, cabra, capanga e cangaceiro eram feras medonhas e esfaimadas que não sabiam distinguir e medir os limites do bem e do mal. No entanto, há que se fazer justiça. Antes de abraçarem essa desventura, desgraçada má sorte, antes de chegarem a esse dantesco extremo de suas vidas, em sua grandiosa maioria, eram caboclos ordeiros e pacatos que viviam à mercê dos donos do sertão, por eles explorados e jogados na senda funesta da criminalidade.

“Perceptivo, cauteloso, observador, inteligentíssimo, detalhista, estrategista de gênio, artificioso, enérgico, líder incontestável, improvisador singular, carismático [...] todas essas qualidades Virgulino possuía profundamente” (Fontes, 1998, p. 183). Foram esses atributos que, de acordo com o historiador, asseguraram-lhe sobreviver a um cerco permanente que começou em 1916 e se estendeu até 1938. Para despistar perseguidores, Lampião, em seus 22 anos de cangaço, conforme o autor, recorreu a várias estratégias de ação. Muitos estudiosos têm escrito exaustivamente sobre essas táticas que lhe davam vantagens e sucesso.

Para Fontes (2001), a maneira mais comum de encobrir o rastro, nas suas andanças, era viajar por veredas, pisando em pedras ou lajes onde a evidência de sua passagem, mesmo para os rastejadores mais habilidosos, era mínima. Antes de retornarem às entradas, os cangaceiros, por orientação do chefe, o faziam um a um. Saíam pulando de uma margem à outra da vereda procurando não deixar vestígios, indo reagrupar-se em local prefixado. Muitas vezes usavam ramos de árvores para despistar suas pisadas, ou calçavam alpercatas com sola de couro de carneiro para varrer o rastro. No entanto, o que mais intrigava as tropas que os perseguiam era quando os cangaceiros paravam em certo lugar e voltavam em marcha-ré, procurando caminhar pela mesma trilha e pisando cuidadosamente onde já haviam pisado antes e, ao parar, davam um salto para uma superfície dura onde as marcas não ficassem impressas. As tropas que os seguiam ficavam com a impressão de que os cangaceiros, a partir dali, haviam evaporado no ar como bolha de sabão. A esse respeito, Ilda Ribeiro de Souza (1997), em seu livro *Angicos – eu sobrevivi:*

confissões de uma guerreira do cangaço, a qual participou ativamente do bando de Lampião, assim se expressa

embora estivéssemos à pequena distância do acampamento, retornamos por caminho diverso daquele percorrido anteriormente. Seguimos uma trilha à esquerda da montanha, divididos em pequenos grupos. Sem dúvida tratava-se de hábito imposto por Lampião, de modo a despistar o adversário, ou a evitar surpresas desagradáveis. Ao longo do tempo percebi que ele utilizava estratégias os mais variados, pois ele era profundamente astuto, despistando seus perseguidores de todas as formas: apagando rastros, voltando sobre os mesmos ou usando o despistamento verbal. Assim, por exemplo, se alguém perguntava ao capitão para onde ia, ele costumava indicar local diverso do verdadeiro, dizendo: - Home, cangaceiro lá tem rumo? Nós vamos indo pra onde Deus é servido! (Souza, 1997, p. 51).

Com esse procedimento, de acordo com Souza (1997), Lampião achava que dificultava a ação dos delatores, e, mesmo os coiteiros amigos, quando apertados pela polícia, não saberiam esclarecer coisa alguma de seu paradeiro. Em resumo, só informava o que lhe interessava e fosse do conhecimento geral. “No cangaço é necessário muita reserva, discrição, poucas palavras, de preferência apenas o essencial. Para a própria segurança do bando” (Fontes, 2001, p. 264).

Mesmo com toda essa cautela, muitas vezes, segundo o historiador, Lampião deixou evidências bem acentuadas de sua passagem por certas veredas com o intuito de atrair as volantes para o seu campo de ação, quando tinha um palpite de que sairia vitorioso. Chegava a avisar o local para aonde estava se dirigindo. Por outro lado, quando os soldados caíam numa emboscada, os cangaceiros, dados os primeiros tiros, demonstravam fugir para todas as direções e, a polícia, por falta de tarimba na luta de guerrilha, ficava com a impressão de ter desorganizado o grupo e

não tomava certas medidas estratégicas. Terminava caindo numa segunda emboscada, algumas vezes, fatal para muitos.

Tal foi o ocorrido na batalha de Maranduba, em princípios de janeiro de 1932, no alto sertão do Estado de Sergipe, quando Lampião preparou uma emboscada com o objetivo de liquidar, de uma só vez, toda a força militar. Mais uma vez, as volantes subestimaram a competência de Lampião e acreditaram que a superioridade que detinham em homens e armas seria um fator de desequilíbrio na batalha (Sousa, 1994).

Referindo-se a essa batalha, o historiador Rodrigues de Carvalho (1974) não hesita em afirmar que, apesar da superioridade em homens e armas, por parte das forças militares, Lampião demonstrou, mais uma vez, uma superioridade tática sobre seus adversários. E escreve:

a verdade deve ser dita: quem primeiro abandonou o campo de luta foi a força [...] o fato é que durante a extensão da tremenda refrega, que foi por toda a tarde, pode dizer-se, sem medo de cometer injustiça, que o domínio da situação pertenceu ao ardiloso facínora. Estava todo o tempo, como se diz vulgarmente, serrando de cima (Carvalho, 1974, p. 104).

Por outro lado, Lampião era considerado generoso. Há uma tradição, divulgada mesmo no tempo em que ele vivia que ele era “uma espécie de Robin Hood, que roubava dos ricos para dar aos pobres. Depois de sua morte, esta lenda continuou a circular, e, recentemente, tornou-se mais comum. Mas, até hoje, não se sabe se há fundamento para esta suposição” (Chandler, 1980. p. 230-31). Numa interpretação

mais objetiva dessa estória, este autor relata que Lampião era capaz de praticar atos de generosidade.

Em 1926, no Ceará, correu o boato de que dera uma boa soma em dinheiro para ajudar a consertar uma capela, e uma outra quantia a uma velha. Também obrigou um de seus homens a devolver o dinheiro que roubara de um pobre fazendeiro. Volta-Seca contou que Lampião metia a mão em seu bernal, e tirava uma porção de notas para dar a um pobre com quem simpatizasse. Fazia isto com muita ostentação, disse Volta-Seca. Também costumava atirar moedas na rua para que os meninos as pegassem, como fez em Juazeiro e em Limoeiro do Norte. Uma pobre mulher, fugindo da seca, disse a um jornalista na Bahia, em 1933 que “o home não é tão ruim como se diz... Seu Lampião não faz mal aos pobres moço”. A última vez que se encontrara com ele, ela disse, dera dinheiro a seus filhinhos pequenos. Também correu a notícia, dois anos antes, que, durante um período de seca, ele estava dando esmolas aos retirantes que encontrava no caminho. (*Chandler, 1980, p. 231*).

Embora Lampião fosse capaz de atos de bondade, eles não constituem o fator predominante de sua carreira. Contudo, se “o célebre cangaceiro não era um Robin Hood, era, pelo menos, um homem em quem o sentimento de bondade humana nunca secou completamente” (*Chandler, 1980, p. 232*).

Na opinião de Costa (1994), Lampião, de índole absolutamente honesta, jamais pensou em trair qualquer pessoa, inclusive os poderosos, os potentados do sertão. Pelo contrário, na concepção do autor, mantinha, amiúde, sigilosos encontros com essas elites nordestinas, formadoras de um círculo completamente fechado, onde pouquíssimas pessoas tinham acesso e participação. “Seus encontros se davam, quase sempre, na calada da noite. Históricas reuniões que por diversas vezes ditavam e selavam os destinos do sertão e da vida sertaneja” (*Costa, 1994, p. 77*).

Por ter convivido com essa realidade, na introdução de seu livro, ele procura chamar a atenção do leitor para o que está dito no seu texto, ao escrever que se

o leitor ficar atento nos fatos e narrativas irá perceber que procuro mostrar com isenção e imparcialidade todos os acontecimentos, [...] ocorridos, naquela quadra da vida sertaneja, nos confins que perduraram décadas, no meio da família nordestina (Costa, 1994, p. 22-23).

Segundo Mello (2005), a cultura sertaneja abonava o cangaço, apesar do caráter criminal declarado pelo oficialismo, com as populações indo ao extremo de torcer pela vitória dos grupos com que simpatizavam. Para esse autor, o rótulo dos capitães de cangaço mais famosos vai sendo esculpido de forma sedimentar pelos versos dos cantadores de feira, emboladores e cegos rabequeiros, todos dispostos a cantar a última façanha de guerra do grupo de sua preferência. Também a literatura de cordel se encarregava dessa celebração (Mello, 2005, p.23). E, acrescenta que, por tudo isso, não é de se estranhar que o cangaço tenha sido uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada.

Mas a vida bandoleira, errante, não impediu que Lampião viesse a ter uma companheira que marcou a sua trajetória no cangaço. Ele conheceu Maria Bonita em 1930. Nessa ocasião, “uma jovem de dezoito anos, morena, de cabelos pretos e olhos azuis, de estrutura mediana, casada, mas momentaneamente de relações cortadas com o marido” (Ferreira; Amaury, 1997, p. 148). Maria Bonita tomou, segundo esses autores, a mais importante decisão de sua vida, resolvendo acompanhá-lo e ir embora com ele definitivamente, com quem viveu durante oito anos. Tiveram uma filha, Expedita Ferreira, a única sobrevivente das quatro

gestações do casal, e morreram juntos emboscados na Grotta de Angico, em Sergipe.

Maria Bonita, que quebrou as regras até então vigentes para o cangaço, viveu um grande amor com o mais famoso bandoleiro do Brasil. Apesar de ser uma figura muito importante na vida de Lampião, esta é a primeira vez, como afirma Araújo, na introdução do livro de João de Souza Lima (2005), *A trajetória guerreira de Maria Bonita, a rainha do cangaço*, que um pesquisador se propõe a fazer um trabalho, enfocando a “Rainha do Cangaço”. Para aquele autor, o pouco que se conhece sobre cangaceiras está concentrado nas “figuras maiores daquele drama sertanejo, praticamente em Maria Bonita, Dada e Sila” (Araújo, 2005, p. 11). Estas duas últimas sobreviveram ao final do cangaço e tiveram muito espaço nos meios de comunicação. Por sua vez, Maria Bonita, por ser a companheira do “Rei do Cangaço”, ganhou as manchetes só após a sua morte.

Maria Bonita abriu as portas para a presença feminina junto a um grupo de guerreiros, que até então só era composto por homens. Com a sua entrada, o cangaço sofreu uma mudança inimaginável, visto que, antes, nenhuma mulher teve acesso a esse mundo de cangaceiros.

Maria Gomes de Oliveira, conhecida como Maria de Déa, posteriormente Maria Bonita, nasceu em março de 1911, no sítio Malhada da Caiçara, Paulo Afonso, Bahia, filha do casal José Gomes de Oliveira e Maria Joaquina Conceição Oliveira (Dona Déa), casou-se ainda muito jovem, com aproximadamente 15 anos de idade, com um de seus primos. O casal não chegou a ter filhos. Seu casamento foi marcado por constantes discussões, confusões e separações.

Em uma dessas separações, Maria de Déa conhece o homem que mudaria profundamente a sua vida: o famoso cangaceiro de Pajeú, Lampião, que, segundo Lima (2005), ia aquele lugarejo, freqüentemente, já que conseguira o apoio de quase toda a população e conquistara, sobretudo, a amizade de um dos maiores criadores de animais da região, o coiteiro Odilon Café. A Malhada da Caiçara passou a ser um dos pontos de passagem de Lampião, sendo que em um desses aparecimentos, o cangaceiro viu, pela primeira vez, a mulher que iria acompanhá-lo até a morte.

Odilon Café apresentou Maria de Déa ao cangaceiro que lhe perguntou se sabia bordar, a quem ela respondeu afirmativamente. Então, deixou-lhe uns lenços para bordar, dizendo que voltaria dali a duas semanas para buscá-los. Segundo o autor, esse foi o primeiro diálogo realizado entre Lampião e “aquela que seria a sua grande companheira e eterna paixão, até o fim da vida” (Lima, 2005, p. 29). Os lenços, talvez, tenham sido o pretexto para aproximá-los mais. Quando o cangaceiro apareceu para buscar as encomendas, Lampião e Maria de Déa iniciaram um relacionamento amoroso e, a partir daí, as visitas se tornaram freqüentes. Por causa das intermináveis visitas de Lampião, vieram em seus rastros as perseguições das Volantes, que passaram a visitar, também, a casa do pai de Maria (Zé Felipe). A solução encontrada por ela, para livrar seus pais dos interrogatórios da polícia, foi deixar a família e seguir a vida errante do cangaço.

Durante oito anos, Maria Bonita perambulou na companhia de “seu amado guerreiro, pelas caatingas nordestinas, vivendo sob um sol causticante e sobre as estradas poeirentas do nosso áspero sertão. O matagal selvagem foi testemunha natural de suas dores, tristezas, sorrisos e alegrias” (Lima, 2005, p.81). Para este

autor, Maria Bonita foi uma mulher de fibra, guerreira, cuja coragem e rebeldia mudaram o seu viver, tendo que suportar os espinhos e o martírio de uma irreal coroa que a transformou na “Rainha do Cangaço”.

2.3 Trajetória de Lampião

O cangaço já existia antes do fenômeno Lampião, no entanto, este se torna o mais importante cangaceiro e passa a ser sinônimo desse movimento social. Assim, referir-se ao nome de Lampião é adentrar no assunto do cangaço. Lampião foi investido no comando do cangaço em 04 de junho de 1922, em ato simbólico perpetrado pelo maior cangaceiro de então, Sinhô Pereira. Isto aconteceu quando Sinhô Pereira deixou o cangaço, a pedido do Padre Cícero, abandonando o Nordeste e fixando residência no Centro-Oeste, em Goiás.

Já investido no comando do cangaço no Nordeste do Brasil, ataca a cidade de Água Branca em Alagoas, reduto do tenente Zé Lucena, assassino do seu pai Zé Ferreira. Com o ataque ao palacete da baronesa D. Joana Vieira Sandes Siqueira Torres, amealhou recursos (dinheiro e jóias) para iniciar seu projeto de cangaço.

Em 1924, Lampião é seriamente ferido em combate na Serra do Catolé, em Pernambuco, e com o apoio do Coronel Zé Pereira, de Princesa, na Paraíba, é operado pelo Dr. Severino Dinis, o que confirma a simpatia e a rede de proteção que tinha na região. Em 1926, recebe a patente de Capitão do Exército Brasileiro com o compromisso de perseguir a Coluna Prestes. Não cumpre o trato e se apossa de farto material bélico.

A partir do ano de 1928, Lampião passa a viver entre Alagoas e Sergipe. Em 1930, conhece Maria Bonita, que entra no bando. A partir desse fato, libera a presença de mulheres no bando para a companhia dos cangaceiros. Em 1932, acontece a batalha de Maranduba em Poço Redondo, em Sergipe, que envolveu as volantes de Piranhas, em Alagoas, de Jatobá, em Pernambuco, de Glória e Paripiranga, na Bahia, com esta última cidade enviando 120 soldados. Ainda neste ano, nasce Expedita, filha de Lampião e Maria Bonita.

Em 1933, os cangaceiros Zabelé, Azulão, Canjica e Dora (companheira de Arvoredo) são emboscados e mortos, e têm as cabeças decepadas.

Em 1934, é apresentado na Câmara Federal, por iniciativa da bancada de Pernambuco, um plano de combate e extermínio do cangaço. Em 1936, Lampião hospeda-se na Fazenda Borda da Mata, em Canhoba, Sergipe, pertencente a Antônio Caixeiro, pai de Eronildes de Carvalho, interventor em Sergipe.

A partir de 1936, Lampião tem sua trajetória fotografada e filmada por Benjamim Abrão, a seu pedido. 1938 é o ano de sua morte. Emboscado na Grota do Angico, em Poço Redondo, Sergipe, é notícia dos folhetos de cordel, nas feiras nordestinas, nos jornais do mundo. Em 1940, morre Corisco, o último dos cangaceiros em atividade.

Inaugura-se o ciclo mítico do cangaço nordestino, envolto em manifestações pró e contra, como qualquer evento que envolve opiniões apaixonadas e odiosas. Para os sertanejos, Lampião foi uma “potência”. Os livros descrevem suas vitórias contra a polícia e o satanás. Dos ingênuos poetas populares aos expoentes da cultura e da ciência, cresce o mito da valentia, aumenta o mito do cangaço, da

revolta social, do justiceiro, do bom ladrão, das maldades cometidas. Cantadores alimentam, através da literatura de cordel, o mito lampiônico na mente do povo. As façanhas, ou ações heróicas, de Lampião afetam também os intelectuais, que criam uma espécie de super-homem nordestino. Nertan Macedo (1972), por exemplo, diz que ele se movia “como uma aranha, voava como um morcego e pulava como um cabrito”. Já Ranulfo Prata, citado por Chiavenato, via-o demoníaco: “mãos ferozes, convulsivas, astuciosas, brutais e ávidas. Parecem sempre febris, frementes, animadas de estranha excitação de uma agulha elétrica. Mãos que possuem hábitos horrendos, paixões furiosas” (Chiavenato, 1990, p. 51-52).

Para Chiavenato (1990), esses cangaceiros transformados em super-homens eram conseqüentemente invencíveis. O mito exalta a força, como induz e justifica a submissão ao cangaço. Mas, segundo as reflexões desse autor, coragem e violência não bastam para sustentar o mito: o medo é o componente mais forte nessa crença no caráter diabólico ou heróico dos bandidos. Analisando sob esse aspecto, de conformidade com o autor, Lampião é o símbolo por excelência do povo nordestino. Um símbolo, que tem na sua gênese um alto grau de alienação, pois, sendo nordestino, expressa, naquele momento, a incompreensão do povo diante de sua realidade. Herói ou bandido dependendo da ocasião, mas super-homem sempre.

Por ser

um símbolo tão marcante, alimentando fartamente o mito é natural que seja verdade. Para a gente simples, ele é verdade: morto há mais de cinquenta anos, Lampião vive como símbolo e é amado, pois já não representa perigo algum. Lampião está no Nordeste. A literatura de cordel traduz esse sentimento e divulga a imagem do justiceiro, amigo do pobre, que condena a injustiça (Chiavenato, 1990, p. 52).

Hobsbawn (1978, p. 33), postula que para se entender melhor “os mitos que se formam sobre os grandes bandidos” é indispensável a sensibilidade de que um mito não é necessariamente uma história falsa ou ilusória da imaginação humana: antes de tudo, é uma história que possui um sentido que parte de um acontecimento individual para o coletivo, dotado de formalização simbólica e partilhado pela própria comunidade. Pode, portanto, possuir vários significados, uma vez que, um mito não é “uma narrativa unívoca, mas uma matriz de significados, uma trama de oposições: depende, em última análise, de o individual ser ou não percebido como representativo do todo, ou como uma alternativa para o todo” (Portelli, 2005, p. 123).

Autores, como Barros (2000) e Queiroz (1987), vão ao encontro dessa visão histórica e antropológica de abordar o imaginário de um determinado povo, no caso aqui, do povo sertanejo, dispensando-lhe todo o respeito que lhe é devido.

De acordo com Sá (2005), isso explica por que o bandido é, com freqüência, muito mais destruidor e selvagem do que supõe seu mito, que insiste principalmente em sua justiça e na moderação com que mata. A vingança torna-se uma questão de classe, exige sangue, e os homens podem embriagar-se com a visão da iniquidade destruída. Diabolização e idealização foram as formas construídas pelas diferentes histórias sobre o cangaço, produtos de um mesmo universo simbólico que se abre a vários desdobramentos.

No que se refere à religiosidade, como sendo um ambiente de completa efervescência, há, quando se faz referência à crença sertaneja, “um sincretismo religioso que resulta na mistura de *animismo indígena + fetichismo africano + superstição portuguesa*” (Souza, 2004, p. 23, grifo do autor). No final do século XIX e

meados do século XX, quando o cangaceirismo se fez presente no sertão nordestino, a religião desempenhava papel fundamental no cotidiano da população rural, visto se constituir praticamente na única forma de consciência do mundo e da sociedade das populações interioranas.

Para Souza (2004), o espírito religioso do sertanejo é acentuado no temor de Deus. Para essas pessoas, todo mal é castigo do pecado. E o pior de todos os castigos é a seca. A família Ferreira que trouxe à tona Virgulino e seus irmãos não foi exceção à regra. Os seus genitores, como todos os pais sertanejos, mais especificamente,

os sertanejos caatingueiros, fizeram enveredar seus filhos e filhas pela religiosidade. A inculcação da fé se fazia ainda na tenra idade, quando havia a obrigatoriedade de rezar em família, diariamente (geralmente ao amanhecer e ao anoitecer), do terço e do ofício, etc. (Souza, 2004 p.24).

Sila, sobrevivente da chacina de Angico, diz que Lampião e os cangaceiros rezavam todas as noites. Só dormiam e se levantavam depois que rezassem o terço.

Ao entrar no mundo do cangaço, segundo Sila, Lampião leva consigo a prática religiosa que do berço trouxera. No bando, a regra era rígida, o testemunho é dado por ex-cangaceiros, alguns ainda vivos, o rezar do dia-a-dia acontecia, principalmente, antes do amanhecer. Sila, ex-cangaceira, ao se referir a Lampião, enfatiza que o que a história oficial apresenta não é o mesmo que ela conheceu: “vi um homem preocupado com a moral dentro do seu bando, exigindo sempre o cultivo e o respeito aos valores do sertanejo; o religioso que, duas vezes ao dia, se a ocasião o permitisse, rezava o ofício de Nossa Senhora” (Souza, 1997, p. 13).

Segundo essa guerreira do cangaço, a história pinta os fatos com a cor que convém aos detentores do poder. Isso acontece não só agora, como em todos os tempos.

Suas palavras são confirmadas pelas de Fontes (2001) ao afirmar que Lampião, ao meio dia em ponto, como era de seu costume, convocava a cabroeira para rezar o terço de Nossa Senhora. Todos se ajoelhavam e, Lampião puxava a reza que ia sendo respondida em coro pelos cabras. Ao término dessa oração, todos se sentiam fortalecidos por uma grande fé.

Eu sinto hoje o meu coração leve, que é feito uma pena. Para mim, o mundo é meu. A coisa estando viva em cima da terra, se a minha palavra não alcançar, a bala do meu fuzil alcança. Acima de mim, só os poderes de meu Padrinho, de Nossa Senhora e dos santos. E Meu Padrinho é meu amigo, e os poderes do céu nunca vão me fazer mal (*Queiroz, 2003, p. 51*).

Billy Chandler (1980), no que concerne à forma e ao sentimento de religiosidade de Lampião, revela que sua crença era primitiva, mas era um espelho quase perfeito do catolicismo dos sertões. Sua premissa principal era o apaziguamento ou a manipulação de forças sobrenaturais para sua própria proteção e melhoria. Procurava rezar sempre ao meio dia, e é bem provável que o elemento central da religião de Lampião fosse a fé “no corpo fechado”. Era esta entre todas as suas crenças a que oferecia a maior medida de proteção. Como atesta Queiroz: “com a proteção de Meu Padrinho, tenho o corpo fechado para moléstia, para o chumbo e para o ferro, para praga e mal-olhado. É como se tivesse uma capa de aço me protegendo” (*Queiroz, 2005, p. 50*).

Dentro do contexto de uma sociedade em que crenças, como a do “corpo fechado”, conforme Prata (1934), eram comuns, Lampião se tornou quase um “beato”, uma espécie de homem santo no nordeste brasileiro. Seus poderes eram fortes ou não teriam resistido tanto tempo contra tantas dificuldades. É interessante notar, como atesta o autor, que o mesmo também se fazia passar por protegido, afirmando ter o corpo fechado. Ele tentava criar, em torno de si mesmo, uma atmosfera de mistério e sobrenatural. Trazia, sempre consigo, saquinhos encardidos contendo rezas salvadoras, bentinhos milagrosos, medalhas protetoras e um grande Cristo em ouro maciço roubado de uma senhora no estado de Pernambuco. Ele nunca esquecia da oração do meio dia, hora má, como à da meia noite, horas em que o diabo estava à solta (Prata, 1934)

À medida que os anos passavam e, conseqüentemente, suas façanhas aumentavam, o povo começou a considerá-lo invencível, pelo menos, quando comparado com a polícia que era pouco respeitada. O jornalista Chandler (1980) mostra também a relutância e o medo que os soldados sentiam na hora de enfrentá-lo em combate, visto que vinham da mesma camada social e partilhavam das mesmas crenças. O povo acreditava que a influência de Lampião junto aos Poderes que governavam a vida era superior a dos soldados.

Ele levava sempre consigo seus livrinhos de orações, guardava santinhos em sua carteira de dinheiro e pregava retratos do padre Cícero em sua roupa. Usava também escapulários pendurados no pescoço, como marcos de sua religião. Procurava santificar-se às sextas-feiras, jejuando e se afastando dos outros. [...] não é de admirar que tivesse se tornado assim tão devoto, pois, em vista da vida perigosa que levava, necessitava de toda a proteção possível (Chandler, 1980, p.233).

Para Anildomá Souza (2004), ao longo das rezas de terços, muitos pedidos eram feitos. No entanto, havia um pedido que era comum a cada um deles: o fechamento de corpo e a pontaria certa. Além dessa prática coletiva, havia todo um misticismo particularizado, por exemplo, o uso de rosários no pescoço, ou melhor, trazia consigo patuás contendo rezas consideradas fortes que, na concepção do seu possuidor, dar-lhe-ia o poder de permanecer vivo. Para os sertanejos, o corpo de uma pessoa pode ser protegido contra qualquer mal através de orações.

As orações, quase sempre copiadas à mão, passavam de pessoa para pessoa, mas poderiam ser também compradas em folhetos, como os da literatura de cordel. Lampião tinha diversas destas orações, quando morreu em Angicos, uma delas era a *“Oração da Pedra Christalina”*:

minha pedra christalina que no mar foste achada entre o calix i a hostia consagrada. Treme a terra mais não treme Nosso Senhor Jesus Christo no altar assim treme os coração de meus inimigos quando olharem para mim... Com o manto da Virgem Maria sou cuberto e com o sangue de meu senhor Jesus Christo sou valido, tens vontade de atirar porem não atira si mi atirar água pello cano da espingarda correrá. Si estiver vontade de mi furá a faca da mão cahirá... e se mi trancar as portas abrirão (Chandler, 1980, p.223).

Além das orações escritas à mão, havia certas regras a serem seguidas para que o feitiço agisse. Entre elas, estava a abstinência do sexo. Muita gente acredita que o fato de Lampião não ter observado esse requisito, foi-lhe fatal em Angico.

No entanto, a população que tinha sofrido na prática suas ações divulga que o grupo realmente, segundo Prata (1934), tinha parte com o diabo, pois andava com

breves livradores de bomba no pescoço e com caborges contra facadas, conforme atesta o autor ao dizer que

parte do povo não acreditava que Lampião, por si só, usando suas manhas e artes, pudesse se livrar das perseguições, das emboscadas e dos sangrentos combates corpo a corpo. Por isso, usava o sobrenatural para explicar os seus sucessos” (Prata, 1934, 42).

Os horários mais identificados com o perigo da tentação, de acordo com Macedo (1972), eram à meia noite e ao meio dia. Acreditavam que nessas horas, em alguma parte da redondeza, o demônio sempre estaria tentando alguém. Diz-se que o demônio sempre necessita de mais almas para seu império instalado no inferno. Para esse autor, todas as pessoas que conseguem impressionar pelas suas ações extraordinárias que ferem os padrões tradicionais do povo passam a pertencer ao domínio do “demônio”. Dessa forma, era natural considerar um forasteiro como tendo parte com o “diabo” (Macedo, 1972, p. 29).

Para Antônio Vilela de Souza (2007), é quase impossível conciliar religião e cangaço. Este é sinônimo de guerra, enquanto que aquela é de paz. Lampião podia ser muito religioso, mas jamais um cristão porque para o Novo Testamento Deus é um Deus de paz, de amor. Ao contrário do mundo do cangaço, onde as aberrações, as atrocidades aconteciam. Efetivamente, é difícil conciliar vida de bandido com vida cristã.

Alguns se referiam a Lampião como duende das estradas e homem de corpo fechado. Para outros, ele era uma assombração das matas e caatingas, uma víspora a atacar no negrume da noite ou inesperadamente ao amanhecer do dia. Seu punhal

e seu rifle eram considerados benzidos pelo demônio. Para Santos (1958), a crença na existência de feras que ameaçavam a população indefesa sempre fez parte do imaginário do povo do interior que, com seu modo particular de contar suas histórias, acabava reforçando essas crendices e, também, associava a imagem dos bandidos à de feras, ou melhor, de pessoas possuídas pelo demônio.

Tal imaginário pode ser mostrado nos dois textos a seguir, retirados das obras desses especialistas. Esses textos exploram a complexidade da figura de Lampião, quando realçam as qualidades de “brabo”, malvado, e, ao mesmo tempo, as de um homem bem devoto, inteligente, “o Santo Lampião”. Nossa tarefa, no capítulo 6 desta tese, será precisamente a de buscar analisar esta complexidade construída discursivamente por meio da mobilização de expressões referenciais por parte dos sujeitos entrevistados ao longo de seus depoimentos.

Era brabo, era malvado,
Virgulino, o Lampião,
Mas era, pra que negar,
Nas fibras do coração
O mais perfeito retrato
Das caatingas do sertão.
(Wanderley Filho apud Sá, 2005, p.210)

No texto acima, vê-se que as predicções “era brabo”, “era malvado” e a expressão referencial “o mais perfeito retrato das caatingas do sertão” mostram o quanto a figura de Lampião era complexa, se compararmos com a visão expressa no texto abaixo:

O Santo Lampião,
Era um homem bem devoto
Só andava pelo voto
Do Padre Cirço Romão
- O Santo Lampião
Era um homem bem querido
Ele era protegido
Do Padre Cirço Romão.
- Quando o pai dele foi morto
Depois é que não sabia;
O Santo desse dia
Precisamos nos vingá.
- Lampião é inteligente
Que o povo bem já se vê
O Santo adivinhou
Até o dia de morrê
(Maciel, 1992, p. 203-204).

Essas informações são referências contraditórias (“malvado” & “santo”), mas facilmente aplicadas ao lendário cangaceiro nordestino. Sua vida foi repleta de contradições: um indivíduo perseguido pela polícia que despertava a curiosidade e o interesse da população sertaneja. Nas palavras de Wanderley Filho, citado por Sá (2005), apesar de seus crimes, Lampião serviu para dizer ao Brasil que o sertão existe e que ali vivem pessoas que constroem a história do país através do enfrentamento de seus conflitos sociais básicos – terra, poder, religião, classes sociais. Segundo o ponto de vista do autor, em Lampião se depositavam as esperanças do povo sofrido “das caatingas do sertão”. Por isso ele é, para muitos, “o mais perfeito retrato das caatingas do sertão” (Wanderley Filho apud Sá, 2005, p.210).

No segundo texto, ao fazer-se referência ao fato de que Lampião “era um homem bem querido” pode ter relação com a postulação de Maciel (1992), de que Lampião compadecia-se da pobreza. Segundo testemunhos, conforme o autor, durante o tempo em que foi almocreve, Virgulino Ferreira da Silva, que viria posteriormente a ser cangaceiro, fazia questão de não deixar um pobre sem sua ajuda quando necessário. Já como Lampião, quando saqueava lojas, distribuía roupa para toda aquela gente pobre que encontrava pela frente. Por toda parte, por onde passava, favorecia os pobres, quer com produtos dos saques, quer dando dinheiro do próprio bolso.

É por isso que os cantadores populares reconhecem e cantam tanto a maldade, a “brabeza” de Lampião (o saqueador), como a sua “generosidade”, (o benfeitor, o “homem bem querido”). Compreender, do ponto de vista de uma análise textual-discursiva, a complexa construção dos esquemas discursivos que estão na base da complexa construção dessa personagem é um de nossos objetivos nos capítulos que se seguem.

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA MEMÓRIA SOCIAL: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS E SOCIOCOGNITIVAS

A relação entre memória e história remonta à Grécia clássica e era vista numa perspectiva em que ao historiador cabia ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos. As discussões sobre história e memória, embora estejam vinculadas, revelam que suas relações sempre foram complexas, mutáveis e conflitantes. Para Heródoto, a memória articulava-se positivamente à tradição oral e o critério de veracidade não se distanciava de seus domínios. Seu método consistia em estabelecer a verdade pelo cruzamento de testemunhas. Já Tucídides se distancia de Heródoto, ao considerar que o passado leva ao presente por simples progressão e a única maneira de conhecê-lo é partindo do presente. Ao concentrar sua obra em um determinado período, local, ou atividade, acaba por oferecer uma análise mais refletida e experiente dos destinos humanos (Sá, 2005).

A consolidação da disciplina da história e a profissionalização do historiador, ao longo do século XIX, impuseram o domínio dos documentos escritos como fonte, em detrimento da tradição oral, excluindo, assim, do discurso histórico a memória em favor do fato. Nessa época, os historiadores identificavam as memórias como uma fonte dúbia para a verificação dos fatos históricos. No quadro da história tradicional, o historiador se apoderava da memória da nação com o objetivo de estruturá-la e de criar raízes de forma continuada. Assim sendo, a história aclarava o presente, visto que o passado estava misturado ao presente (Sá, 2005). No entanto, segundo o autor, em meados do século XX, a relação entre os estudos historiográficos e os memorialísticos se inverte. Desde então, a história é posta a serviço da memória,

como se deduz na presença do “dever” de memória dirigida aos historiadores e que define sua função social no presente.

Nas discussões historiográficas contemporâneas, a memória vincula-se, então, às questões levantadas tanto pela história oral, em sua proposta de registro e análise dos testemunhos orais acerca do passado, quanto à questões da história do presente, obrigando a rever o pressuposto da ruptura com o passado como garantia de um conhecimento objetivo. Com isso “se estabeleceu uma nova relação entre história e memória, ao se questionar o papel da memória coletiva, na história e na construção das identidades coletivas, a memória e o esquecimento como fenômenos políticos etc.” (Sá, 2006, p.32). Desde então, a memória torna-se objeto da história, passando a existir uma história da memória.

Dentro desse quadro, Nora (1998) afirma que a novidade da história da memória reside no fato de que é uma história crítica como um todo e não somente por seus próprios instrumentos de trabalho. Segundo o autor, a história entrou em sua idade epistemológica, já que “não se interessa pela memória como recordação, mas como economia geral do passado no presente” (Nora, 1998, p.26). Trata-se, pois, de compreender a administração geral dessa economia, mediante a construção e desconstrução de seus pólos de fixação mais significativos, isto é, “uma história crítica da memória através de seus principais pontos de cristalização, ou melhor, da construção de um modelo de relação entre a história e a memória” (Nora, 1998, p. 32-33). Neste seu trabalho, em que busca reconstruir a história coletiva francesa, mostra que esse seu estudo pode ser considerado como representativo desta nova historiografia da memória, pois, para ele,

a memória emerge de um grupo que ela une [...] que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (Nora, 1993, p. 9).

Conforme este autor, os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, escrever atas, porque estas operações não são naturais. Tudo o que é chamado hoje de memória, não é, portanto, memória, mas já história. De acordo com sua concepção, a necessidade de memória é uma necessidade de história (Nora, 1993, p.13).

Desenvolvida no âmbito de um campo fragmentado, a história da memória tem sido mais praticada do que teorizada é o que postula Henry Rousso (2005), ao defini-la como “uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (Rousso, 2005, p. 94). Tais representações entendidas como fatos políticos, culturais ou sociais, incluem tanto a análise histórica do acontecimento propriamente dito, como a análise de sua posterioridade. Propõe, então, a análise de como se manifesta a sobrevivência ativa e passiva dessas representações do passado no imaginário social e, portanto, nas práticas sociais das gerações posteriores. Assim sendo, a história da memória tem sido:

uma história das feridas abertas pela memória, não sendo no fundo senão uma manifestação, entre outras das interrogações atuais e palpitantes sobre certos períodos que ‘não passam’, se admitirmos que a história dos historiadores é apenas uma das formas de expressão da memória coletiva, apenas um dos valores pelos quais se transmite e se reconstrói o passado (Rouso, 2005, p.95).

Para William Stern, citado por Bosi (1995, p. 68), a memória “poderá ser conservação ou elaboração do passado”, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar. Para ele, “a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada”. E, ainda, acrescenta que

a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, vivo sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (Stern apud Bosi, 1995, p. 68).

Jean Duvignaud (1990), prefaciando a obra, “*A memória coletiva*”, de Maurice Halbwachs (1990), diz que este autor distingue, extraordinariamente, a “memória coletiva”, que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, e a “memória coletiva”, a que recompõe magicamente o passado. Entre essas duas direções da “consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam” (Duvignaud, 1990, p.15).

3.1 Memória social na visão de Halbwachs

A obra de Maurice Halbwachs (1990) pode ser tomada como ponto de partida para toda e qualquer reflexão sobre a questão da memória no discurso histórico contemporâneo, uma vez que os estudiosos têm retornado à sua obra para refletir sobre a dinâmica atual da memória coletiva, na contemporaneidade. Ele parte das reflexões sobre a psicologia coletiva para afirmar, de um lado, o que há de social nas lembranças individuais e, de outro, a importância da conservação das lembranças comuns a todo o grupo humano e sua influência sobre a vida social.

Halbwachs (1990) questiona que não subsistem, no pensamento do indivíduo, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstrução de fatos passados, já que o acaso nos coloca na presença daqueles que participaram dos mesmos acontecimentos como atores ou testemunhos. Para esse sociólogo, a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. O autor realça que se lembramos é porque os outros, a situação presente nos fazem lembrar: “o maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam” (Halbwachs, 1990, p. 54). Para ele,

a lembrança é em larga medida, uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. [...] ajudada pelos

relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma idéia do que foi nosso passado (Halbwachs, 1990, p. 71).

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs (1990), excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, pensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no consciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída por aquilo que está, agora, à disposição do indivíduo no conjunto de representações que povoa a consciência atual desse indivíduo. Por mais nítida que lhe pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem experimentada na infância, porque o sujeito não é o mesmo de então e porque sua percepção alterou-se e, com ela, suas idéias, seu juízo de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. Por essa via, Halbwachs (1990) amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. O autor compara as imagens oníricas às reminiscências da primeira infância: umas e outras parecem subir, inexplicavelmente, à superfície da consciência sem guardar relações com o presente; umas e outras parecem ter-se mantido intactas no fundo da alma.

Assim sendo, pode-se entender que é possível conceber a história como uma seqüência de acontecimentos que substancia a vivência do indivíduo, a perspectiva

que ele tem de si mesmo, das pessoas e das coisas que o cercam, do mundo. Reúne, portanto, as referências pontuais para o seu existir, em outras palavras, é o tempo que ele constrói para si. Não é por outras razões que a expressão “no meu tempo” tem conotação avaliativa. Tem-se, por conseguinte que a memória pode ser entendida como a ordem dos elementos significantes que se estabelecem segundo os níveis de intensidade dos acontecimentos experimentados, fundamentando-se em valores, necessidades e aspirações. É, pois, a vida em coletividade que permite aos indivíduos horizontes comuns, o que permite falar em memória ou história comum a vários indivíduos, em cultura.

Ao se referir ao discurso sobre a memória, seus usos e práticas, Halbwachs (1990) afirma que o discurso ocupa lugar proeminente nas diferentes teorias contemporâneas, assumindo, inclusive, uma dimensão política muito forte para as chamadas minorias étnicas, mulheres, ambientalistas, homossexuais no mundo atual, pois o passado revela não somente o que ocorreu, mas é construído e reconstruído em grande parte pelos atores sociais em luta no presente, sendo modelado através de formas de erosão, de esquecimento e de invenções seletivas. Nessa perspectiva, o sociólogo postula que a linguagem é o instrumento socializador da memória. Esta, segundo sua análise, reduz, unifica e aproxima, no mesmo espaço histórico e cultural, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual.

Ao ressaltar a importância da linguagem como constitutiva da realidade social, Halbwachs (1990) reitera que a linguagem configura o grupo e o grupo configura a linguagem. Ao analisar as modalidades da memória coletiva, o autor constata que, nas sociedades modernas, há grupos, linguagens e espaço-tempo socialmente

diferenciados, o que conduz a postular uma memória coletiva que é, na verdade, resultado de diferentes memórias coletivas.

A certa altura do seu estudo, Halbwachs (1990) detém-se para examinar mais minuciosamente o modo pelo qual se vai formando a reconstrução do passado no tempo presente. Isso leva a entender, conforme o autor, que no interior das lembranças, no cerne das imagens evocadas, trabalham noções gerais, veiculadas pela linguagem e, é graças ao caráter objetivo e subjetivo de tais noções que as imagens resistem e se transformam nas lembranças. É, portanto, no interior dessas noções, que se destacam as relações de espaço, de tempo, de causa e de conseqüência. As convenções verbais produzidas em sociedade constituem um quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva. Para ele, os fatos lembrados tendem a conservar o significado que tinham para os sujeitos no momento em que os vivenciaram.

Como estudioso dos níveis sociais da memória, Halbwachs (1990) postula que um dos aspectos mais instigantes dessa temática é o da construção social da memória. Para ele, quando um grupo trabalha conjuntamente, há uma tendência de criar esquemas coerentes de reconstrução e de interpretação dos fatos, verdadeiros “universos de discurso” que dão ao material de base uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Por outro lado, os fatos que não foram testemunhados são omitidos porque não costumam ser objeto de conversação nas práticas sociais, a não ser em momentos excepcionais. Assim, segundo o sociólogo, quando o sujeito os evoca, não tem o apoio contínuo dos outros, é como se ele estivesse sonhando ou

imaginando. É como se essa espécie de lembranças houvesse marcado mais profundamente sua compreensão na memória de um grupo em que se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam quer de sua própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos, mais freqüentemente em contato com ele.

Para Halbwachs (1990), a reconstrução dos fatos passados se opera no espírito do indivíduo como no dos outros através de noções que fizeram e continuam “a fazer parte de uma mesma sociedade” em cuja memória as lembranças se cristalizaram. Para isso, não basta que outros indivíduos do grupo tragam-lhe seus depoimentos, é preciso, também que sua memória não tenha cessado de concordar com as memórias dos outros e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que as lembranças recordadas possam ser reconstituídas discursivamente sobre um fundamento comum. Como se verifica nas suas palavras:

para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também, dizíamos, que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado (Halbwachs, 1990, p. 78).

Dessa massa de lembranças comuns que se apóiam uma sobre a outra não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Cada memória individual “é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali se ocupa, e que este lugar mesmo muda de acordo com as relações que se mantêm com outros meios” (Halbwachs, 1990, 51).

Por isso, o autor postula que é preciso confiar nos meios sociais em que o indivíduo se desloca fisicamente ou no pensamento. A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre “pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, pelas transformações desses meios, cada um tomando à parte, e em seu conjunto” (Halbwachs, 1990, p. 57).

Segundo sua postulação, há dois tipos de memórias: uma interior e outra exterior, ou então, uma pessoal (autobiográfica) e outra social (histórica). A memória pessoal se apoiaria na memória social, pois toda história da vida do homem faz parte da história em geral, embora a memória histórica, mesmo sendo bem mais ampla que a pessoal, não representaria o passado do indivíduo senão sob forma resumida e esquemática, enquanto a memória de vida do indivíduo apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Freqüentemente, consideramos a memória como uma faculdade propriamente individual, isto é, que aparece numa consciência reduzida a seus próprios recursos, isolada dos outros, e capaz de evocar, quer por vontade, quer por oportunidade, os estados pelos quais ela passou antes. Como não é possível todavia contestar que reintegramos freqüentemente nossas lembranças em um espaço e em um tempo (sobre cujas divisões nos entendemos com os outros), que nós as situamos também entre as datas que não têm sentido senão em relação aos grupos de que fazemos parte, admitimos que seja assim. [...] não poderia atingir, no espírito daqueles que a consentem, a especificidade da memória individual (Halbwachs, 1990, p. 57).

Segundo o autor, não é na história apreendida, é na história vivida que se apóia a memória do indivíduo. Por história é preciso entender então

não uma sucessão cronológica de acontecimentos e datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral senão um quadro bem esquemático e incompleto (Halbwachs, 1990, p. 60).

Ainda, de acordo com ele, para que se atinja a realidade histórica, é preciso que o indivíduo saia de si mesmo, que se coloque do ponto de vista do grupo, que possa ver como tal fato marca uma data, porque penetrou num círculo das preocupações e dos interesses coletivos. “A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado” (Halbwachs, 1990, p. 67). Para ele, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência.

A vida do indivíduo mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entra em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como que um quadro dentro do qual são guardadas as suas lembranças mais pessoais. “É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória” (Halbwachs, 1990, p. 71). É, nesse sentido, de acordo com as palavras do autor, que a história vivida se distingue da história escrita. Aquela tem tudo o que é preciso para construir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode apoiar-se, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado. Para ele, cada indivíduo está mergulhado,

ao mesmo tempo ou sucessivamente, em vários grupos, e cada grupo se divide e se restringe, no tempo e no espaço.

Nas suas reflexões sobre a questão da memória, Halbwachs postula que a memória coletiva não se confunde com a história. Segundo sua concepção, a história é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando esses fatos já estão muito distantes do passado, a fim de se ter a oportunidade de encontrar por muito tempo, ainda, em torno de si muitas testemunhas que dela guardaram por muito tempo lembranças vivas. Quando a memória de uma seqüência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo em que esteve engajado, então “o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa, uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, porém os escritos permanecem” (Halbwachs, 1990, p. 80). Para ele, a memória coletiva é

uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo (Halbwachs, 1990, 81-82).

Por outro lado, a história que se coloca fora dos grupos e acima deles, “não vacila em introduzir na corrente dos fatos divisões simples e cujo lugar está fixado de uma vez por todas” (Halbwachs, 1990, p. 82). Ela, que divide a seqüência dos séculos em períodos, parece considerar cada período como um todo, separado em grande parte daquele que o precede ou que o segue por um intervalo.

Aparentemente, a seqüência dos acontecimentos históricos é descontínua. Sendo assim, esse autor expõe, com precisão, seu ponto de vista:

a história é um quadro de mudanças, e é natural que ela se convença de que as sociedades mudam sem cessar, porque ela fixa seu olhar sobre o conjunto, e não passam muitos anos sem que dentro de uma região desse conjunto, alguma transformação se produza [...] A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros (Halbwachs, 1990, p.88).

A distinção entre história e memória coletiva elaborada por Halbwachs possibilitou aos historiadores uma nova abordagem historiográfica, pois colocou em evidência a noção de cultura como uma dimensão simbólica constitutiva de todos os processos sociais.

Dentro desse quadro, segundo o autor, a memória coletiva de uma dada comunidade, de um período de sua história, ou de um acontecimento concreto, consiste em um conjunto de representações em que os seus membros compartilham, dando-lhes sentido, por pertencerem a essa mesma comunidade. Assim sendo, na maioria das vezes, para ele, lembrar não é reviver, mas reconstruir com as imagens do presente, as experiências do passado, amarrando a memória da pessoa à memória do grupo e esta à memória coletiva. E acrescenta que “toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no tempo e no espaço” (Halbwachs, 1990, p. 86).

Na tradição oral, em que o jogo da memória se realiza com maior intensidade, esses objetos culturais se manifestam e se agravam de maneira mais forte e direta

do que na escrita, impregnando a consciência do grupo e nela se reordenando, reelaborando-se no imaginário, nos conjuntos de discursos em que cada elemento atribui sentido aos demais. A história oral aparece como uma possibilidade de inserir a memória como fonte do trabalho de investigação do lingüista, na medida em que expõe o acesso às experiências de grupos que haviam sido, talvez, ocultados pela história.

No tópico a seguir, depois de ter visto algumas reflexões sobre a questão da memória coletiva ou social, dentro de uma perspectiva historiográfica e/ou sociológica, conforme postula Halbwachs, continuaremos tratando desse estudo referente à memória, porém, sob uma outra abordagem: a sociocognitiva.

3.2 Memória social vista sob a perspectiva sociocognitiva

Conforme a lingüista Ingedore Grunfeld Villaça Koch, a língua “não existe fora dos sujeitos sociais que a falam, e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam seus saberes quer de ordem lingüística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo” (Koch, 2002a, p. 44).

No que concerne aos estudos da cognição, há muito tempo, os pesquisadores dessa temática têm se preocupado em distinguir o que é provisório e o que é permanente no funcionamento da memória. Nas primeiras teorias do processamento cognitivo do discurso, por exemplo, era simplesmente assumido que os falantes da língua construíam uma representação mental do texto na memória episódica. Contudo, “a representação textual, que explica muito sobre a compreensão do

discurso, não permitia tratar de uma dimensão tão fundamental da coerência como a correferência, nem mais genericamente das relações condicionais entre fatos” (Van Dijk, 2004, p.160).

Em razão disso, e com o intuito de resolver não só essa questão, mas também uma série de outros problemas, a teoria cognitiva da linguagem e da compreensão ou produção do discurso introduz a noção de “modelo” (mental), ou seja, “assume-se que adicionalmente à representação mental do texto, os usuários da língua constroem um modelo de situação sobre a qual o discurso versa” (Van Dijk, 2004, p. 161). Isso significa dizer que “alguns estudiosos cognitivos [...] deflagraram a necessidade de a cognição ser abordada também em uma perspectiva social, bem como apresentar alguns dos fenômenos que têm ocupado o centro dos estudos nessa perspectiva” (Koch; Cunha-Lima, 2005, p.251).

No final da década de 1980, surgiu um grupo de cognitivistas, que reúne sociolingüistas, etnolingüistas, analistas do discurso, pragmaticistas, entre outros estudiosos, preocupado com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem. O diálogo a respeito destas perspectivas tem se tornado possível, uma vez que têm surgido espaços de compreensão do fenômeno cognitivo, em geral, e a linguagem em particular, como fenômenos capazes de oferecer modelos de interação e de construção de sentidos cognitivamente motivados e, ao mesmo tempo, como fenômenos que acontecem na vida social. Os articuladores desse diálogo propõem que “a linguagem seja vista como uma forma de ação no mundo, integrada com as outras capacidades cognitivas” (Koch; Cunha-Lima, 2005, p. 255).

Assim como pesquisadores vindos do cognitivismo clássico, (re)avaliaram seus posicionamentos, outros estudiosos, das ciências sociais, passaram também a se preocupar com a dimensão sociocognitiva nas suas construções teóricas, levando em conta também o processamento lingüístico, a situacionalidade e a sua suscetibilidade ao contexto sócio-histórico. Essa visão conjunta permite compreender a linguagem como “forma de ação no mundo”, que resulta de uma série de outras ações mais simples, conjuntas, e organizadas hierarquicamente, formando etapas de uma ação central. Para isso, os usuários da língua se organizam para atuarem conjuntamente, utilizando-se, para tal, tanto de recursos lingüísticos quanto de recursos extralingüístico-sociais, e, ainda, individuais, subjetivos, cognitivos.

Dessa forma, a linguagem tem tanto uma dimensão individual, subjetiva, quanto uma dimensão coletiva e histórica. Nesta perspectiva, o sujeito é visto não só como um ser possuidor de inteligência, de estruturas cognitivas, mas também um sujeito social que juntamente com outros do grupo, em conjunto, constroem os referentes textuais que são tomados como objetos-de-discurso, isto é, como elementos que se constituem no discurso.

Estudos mais recentes postulam os processos cognitivos como fenômenos dinâmicos que surgem e se organizam interativamente. Isso levou vários autores como Koch; Marcuschi (1998), Mondada; Dubois ([1995] 2003), entre outros, a focalizar as estratégias através das quais os falantes constroem e estabelecem o processo referencial. Para esses estudiosos, não se deve falar de referência como um produto, mas em referenciação, como um processo. Em outras palavras, o foco

das investigações não são os objetos do mundo, mas os objetos-de-discurso, ou seja, a forma como qualquer ser do mundo pode ser elaborado e apresentado no discurso (Koch; Marcuschi, 1998).

Koch e Cunha-Lima dizem que a demanda de explicação do nível textual “tornou indispensável uma visão social da cognição, já que logo se tornou patente que o processamento de textos envolvia diversos aspectos interacionais e conhecimentos sociais” (Koch; Cunha-Lima, 2005, p.291). Para as autoras, esse interesse pelo nível textual possibilitou uma estreita relação entre a Lingüística Textual e as ciências cognitivas. Postulam também que estudos relacionados com o campo da Psicologia Cognitiva contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento da Lingüística Textual, permitindo que esta deixasse de lado uma análise comprometida com uma espécie de gramática do texto e passasse a investigar a construção dos sentidos de forma mais ampla, como, por exemplo, fatores interacionais, lingüísticos e conhecimentos sociais que são mobilizados pelo texto. Assim essas lingüistas afirmam que

a natureza, a estrutura, o armazenamento e o processamento desses conhecimentos são questões fundamentais para a Lingüística Textual desde, pelo menos, a década de 1980. Isso fez com que a Lingüística Textual passasse a ter a necessidade de refletir sobre fenômenos como memória, atenção, representação mental e processamento cognitivo em geral [...] a flexibilidade encontrada no processamento textual representa um desafio para qualquer modelo cognitivo do processamento lingüístico, além de levantar diversas evidências sobre o funcionamento de vários aspectos da cognição, como memória e representação (Koch; Cunha-Lima, 2005, p.291).

A construção e compreensão de textos, conforme postulam as autoras acima, dependem sempre de uma grande parcela do conhecimento partilhado, que é muito importante para que os sujeitos do discurso possam decidir: o tipo de informação que pode ser explicitado e o que deve permanecer implícito; sobre quais fatos se deve chamar a atenção; a respeito das posturas adequadas do falante em relação ao outro e sobre os gêneros que podem ser utilizados (Koch; Cunha-Lima, 2005). Para elas, qualquer texto inclui essa dimensão partilhada. Tudo o que um falante disser ao seu interlocutor e todos os elementos do contexto podem ser tomados como conhecimento partilhado.

Dessa forma, a base comum entre dois sujeitos quaisquer está sempre em contínuo movimento, incluindo cada experiência compartilhada e cada troca lingüística como novo conhecimento partilhado. É, portanto, na base desse conhecimento que está o reconhecimento do outro como ente interacional de uma mesma comunidade. Assim sendo, “os eventos lingüísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente” (Koch e Cunha-Lima, 2005). Para isso, ativam-se modelos de situação, expectativas sobre estados de coisas que podem guiar o indivíduo nesse processo de construção e de compreensão.

Tais modelos têm despertado muita atenção na Lingüística Textual e nas ciências cognitivas, recebendo nomes diversos, como, por exemplo, esquemas (Bartlett, 1933; Rumelhart, 1980); frames (Minsky, 1975); cenários (Sanford; Garrod, 1985); scripts (Schank; Abelson, 1977); modelos mentais (Johnson-Laird, 1987); modelos experienciais, episódicos ou de situação (Van Dijk, 1989, 1997). Esses

modelos permitem aos sujeitos fazer uma série de inferências no curso de processamento textual, assim como em várias situações nas práticas sociais (Koch, 2002a).

Para Van Dijk (2004), os modelos são parcialmente fabricados a partir do conhecimento pessoal existente e são também o registro episódico de nossas experiências pessoais, partilhadas com outros membros da sociedade. Essas experiências podem ser diretas ou imediatas, como na participação de eventos ou ações ou como na interpretação do discurso em que são adquiridos conhecimentos sobre uma dada situação a partir de prévios eventos sociais. Isso se confirma quando Koch afirma que “os modelos são, pois, estruturas complexas de conhecimento que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e que servem de base aos processos conceituais” (Koch 2002a, p. 44).

De acordo com Van Dijk (2004), grande parte de um modelo pode ser recuperado a partir de modelos já construídos ou reconstruídos em outras ocasiões sobre situações “similares”. Isto é, o processo de “recordação” envolve a recuperação de modelos anteriores da mesma espécie, construídos por ocasião de episódios também anteriores. Esses modelos podem desempenhar papel importante na construção não só de modelos pessoais novos, mas também na atualização dos velhos.

Atualizar e recordar, conforme postula esse autor, são operações cognitivas que sugerem que os sujeitos sociais não apenas constroem um grande número de modelos de cada situação mutuamente independentes. Mas que, ao lado desses modelos de situação, esses sujeitos também têm modelos generalizados na

memória episódica, dos quais foram abstraídos tempo, lugar ou circunstâncias específicas. Mesmo assim, eles são ainda representações de experiências pessoais e, portanto, modelos pessoais, estocados na memória episódica, e não o conhecimento prototípico, socialmente partilhado, armazenado na memória semântica (ou social). Contudo, são esses conhecimentos generalizados na memória episódica que estão entre os modelos particulares e os modelos sociais ou culturais. Para o autor, esses modelos de memória desempenham uma série de tarefas importantes na compreensão ou entendimento do discurso. Eles fornecem a base do conhecimento referencial de que se necessita para dar conta dos fenômenos da co-referência e da coerência, anteriormente mencionados. Isso mostra que os modelos são relevantes tanto na compreensão como na produção ou reprodução do discurso (Van Dijk, 2004).

Em relação ao conhecimento prototípico, é interessante salientar que as noções de protótipo e de estereótipo têm se aproximado cada vez mais da concepção de modelos sociocognitivos, ou seja, das formas de representação do conhecimento partilhado na memória pelos membros dos grupos sociais, conforme “suas práticas culturais, suas atitudes com relação a essas práticas e aos atores sociais, variáveis espaço-temporais, ‘props’ e outros elementos que as constituem enquanto tais (frames, scripts, cenários, etc)” (Koch, 1999, p. 04).

Sendo assim, o estereótipo constitui parte integrante da cognição social, definida por Van Dijk (1994, 1997) como o sistema de estratégias e estruturas mentais partilhadas pela comunidade, em particular, as envolvidas na compreensão, produção ou representação de “objetos” sociais, tais como situações, interações,

grupos ou instituições. Para Koch (1999), a nomeação do protótipo torna possível seu compartilhamento por vários indivíduos através da comunicação lingüística e faz dele um objeto socialmente distribuído, estabilizado no interior de um grupo de indivíduos. É, portanto, esse protótipo partilhado, que evoluiu para uma representação coletiva, que vai construir o estereótipo.

Os modelos de memória não são somente derivados de experiências pessoais vivenciadas socialmente, mas também podem ser subjetivamente construídos, ou melhor, permitem aos falantes construir interpretações específicas de um discurso qualquer, podendo, assim, haver posicionamentos, isto é, opiniões diferentes, pois o que, para um, é importante em um discurso, pode não ser para outro. Na verdade, as pessoas não só recordam o modelo e reproduzem informações derivadas dele, mas constroem também modelos dinâmicos em contínua mutação do contexto sociocognitivo. Isso se pode ver nas palavras de Koch, “com o passar do tempo, passaram a ser considerados altamente flexíveis e dinâmicos, constantemente atualizáveis, isto é, possíveis de complementação e/ou reformulação” (Koch, 2002a, p. 46). Ao abordar essa temática, a lingüista enfoca que os modelos do mundo não são

estáticos, (re) constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa de língua ao discurso, torna-se necessário invocar conhecimentos – socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos -, situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos (Koch, 2002a, p. 44).

Esses conhecimentos, ao serem estocados na memória de longo prazo, são distribuídos, entre outras possibilidades, em dois grupos: no primeiro, encontra-se o conhecimento procedural que corresponde a acontecimentos relacionados a “como fazer”, ou seja, ao processo pelo qual as ações são levadas a cabo. Já no segundo grupo, encontra-se o conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo que diz respeito a acontecimentos relacionados a “estados de coisas”, isto é, são aqueles armazenados na memória de cada indivíduo, quer se trate de conhecimento do tipo declarativo que se refere a proposições concernentes aos fatos do mundo, quer do tipo episódico, o que pode ser arquivado em modelos ao longo da vida social. São os modelos cognitivos socioculturalmente determinados e adquiridos através de experiências. Mas, na prática, segundo Koch e Cunha-Lima (2005), torna-se difícil traçar limites precisos entre o conhecimento procedural e o conhecimento enciclopédico, de um lado, ou entre o conhecimento individual e o conhecimento socialmente partilhado, de outro.

Os textos, além de se basearem nesses conhecimentos expostos, são fontes de conhecimento para a construção das representações mentais na memória dos indivíduos, participando ativamente das categorizações sociais, além de serem fundamentais para a circulação e construção de conhecimentos partilhados entre tais indivíduos. Ainda, no campo dos estudos do texto, um dos temas mais importantes abordados por teóricos do quadro sociocognitivista é a questão da construção da referência, isto é, de como a linguagem pode falar do mundo (Koch; Cunha-Lima, 2005).

Segundo Lorenza Mondada ([2003] 2005), o problema da referência tem atravessado a filosofia da linguagem e a Lingüística, já que tem assumido formas teóricas bem diferenciadas. De um lado, tem-se a noção clássica em que a referência é concebida no interior de um modelo de correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do mundo. A língua, nesta perspectiva tradicional, serve como meio de transmitir o conteúdo, conceitos, idéias de uma mente para outra. As palavras são “etiquetas” para os conceitos, e estes são representações. De outro lado, estão teóricos sociocognitivistas que postulam a referência como sendo o resultado de um processo dinâmico, intersubjetivo, que se estabelece em situações reais de interação social, e é suscetível de se transformar no curso do desenvolvimento discursivo. Dentro desta visão, sustenta-se a tese de língua como interação ou “como trabalho cognitivo e atividade social que supõe negociação” (Koch; Marcuschi, 1998). Estes teóricos preferem falar de referenciação, como uma atividade, um processo, em que os falantes se engajam para construir a referência.

A referência, vista dessa forma, não é mais considerada uma questão estritamente lingüística, mas um fenômeno que diz respeito “simultaneamente à cognição e aos usos da linguagem em contexto e em sociedade” (Mondada, [2003] 2005, p. 12). Pelo dito acima, torna-se evidente que a idéia básica do modelo cognitivo é que a referência é uma espécie de representação mental e a referenciação é determinada por processos cognitivos, e a escolha de uma dada expressão referencial depende do estado da memória discursiva em curso.

Neste trabalho, à luz do exposto, prioriza-se a perspectiva cognitiva que postula a linguagem como atividade sociocognitiva em que a interação, a cultura, a

experiência, além dos aspectos situacionais, interagem na determinação referencial, isto é, na construção e reconstrução de objetos-de-discurso. Sendo assim, não se entende aqui a referência no sentido que lhe é mais tradicionalmente atribuído,

como simples representação extensional de referentes do mundo extramental: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nosso mundo através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando criamos uma situação discursiva referencial com tal finalidade: as entidades designadas são vistas como objetos-de-discurso e não como objetos-do-mundo (Koch, 2002a, p. 79).

Isso não significa, conforme a autora, negar a existência da realidade extramente, nem estabelecer a subjetividade como parâmetro do real, mas apenas afirmar que “nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real” (Koch, 1999, p.5). E, ainda, acrescenta que o que há é uma reelaboração do real que se dá, sobretudo, no discurso. Esta reelaboração deve obedecer “a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua” (Koch, 1999, p.5). Sendo assim, deduz-se que:

o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Isto é, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, ‘publicamente’ alimentada pelo próprio discurso (Apothéloz; Reichler-Béguelin, 1999, p. 368), sendo os sucessivos estágios dessa representação responsáveis, ao menos em parte, pelas seleções feitas pelos interlocutores, particularmente em se tratando de expressões referenciais (Koch, 1999, p. 5).

Para a autora, a noção de memória “publicamente” partilhada pode ter várias formulações em diferentes perspectivas teóricas, como, por exemplo, memória discursiva (Berrendonner; Reichler-Béguelin, 1989), esquematização (Grize, 1982), modelo de contexto (Bosh, 1983; Van Dijk, 1994, 1997), modelo de discurso (Cornish, 1987), fio ou corrente do discurso (Givón, 1983), modelo mental (Johnson-Laird, 1980; Garnham; Oakhiel, 1990), representação do discurso (Brown; Yule, 1983), entre outros.

Apothéloz e Reichler-Béguelin postulam que as expressões referenciais, vistas como multifuncionais têm, além de funções semânticas, pragmáticas e interativas, “uma dimensão simultaneamente construtiva e intersubjetiva” (Apothéloz; Reichler-Béguelin, *apud* Koch, 2001, p.83) Como multifuncionais, as expressões referenciais contribuem para elaborar o sentido do enunciado: indicando pontos de vista; assinalando direções argumentativas; sinalizando dificuldades de acesso ao referente; e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva. Ainda na concepção dessa autora, o discurso, à medida que alimenta a memória discursiva, fornece uma representação de seus estágios sucessivos, particularmente “formatando’ as expressões referenciais que, nesse sentido, operam como ‘chaves’ (clues). Tal representação, no entanto, pode ser ela mesma manipulada e as expressões referenciais são precisamente um dos lugares onde a manipulação é não só possível, como visível” (Koch, 2001, p. 87, grifo da autora). Sendo assim, a interpretação de uma expressão referencial consiste não em localizar um segmento lingüístico ou um objeto específico no mundo, mas sim estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva (Koch, 2002^a).

Depois de se ter atentado, de alguma forma, para a questão da memória social vista sob perspectivas historiográficas e sociocognitivas, achamos que seria pertinente, a partir das abordagens vistas, mostrar alguns fragmentos de depoimentos dos sujeitos, constituintes do *corpus* desta pesquisa, que veiculam certo saber sócio-histórico-cognitivo sobre os acontecimentos vivenciados e/ou experimentados àquela época do cangaço, e, que ainda estão presentes na memória discursiva (e social) das duas comunidades pesquisadas. Fatos estes que retratam a saga de Lampião. Esta rememoração mostra a capacidade que os sujeitos atuantes têm na (re)elaboração de tais acontecimentos. Reelaboração esta que deve levar em consideração certas restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua(gem).

3.3 Uma breve apresentação dos embates da memória social sobre o cangaço na região do semi-árido do sertão

Na região do Baixo São Francisco, encontram-se duas cidades fortemente marcadas pela presença do cangaço: Piranhas, no Estado de Alagoas, e Poço Redondo, no Estado de Sergipe. Na primeira, as lembranças do tempo de cangaço estão depositadas no Museu do Sertão, na antiga ferroviária de Piranhas. Instituído pelo governo do Estado em 1986. O Museu possui, em sua coleção, além de objetos do cotidiano sertanejo, um conjunto de fotografias e recortes de jornais da época do cangaço proveniente do acervo do escritor Frederico Pernambuco de Mello, da Fundação Joaquim Nabuco. Quanto à segunda, situada na região do semi-árido

sergipano, tem sua trajetória histórica marcada por conta da intensa presença do bando de Lampião nessa região (Sá, 2005). Vejamos como Costa (1994) relata a entrada do cangaceiro, pela primeira vez, no município de Poço Redondo:

o lugarzinho está adormecido. No primeiro raiar do dia, as mulheres estão despertas, vão para o jacaré apanhar água. Não sabe aquela gente que o dia 19 será um dia histórico na vida de Poço Redondo e, por que não dizer de Sergipe? Pois foi nesse dia que o chão sergipano viu pela primeira vez as alpercatas do cangaço ferir a sua terra. [...] Com efeito, naquele dia 19 de abril de 1928, a velha e pequena igreja, assentada no lado esquerdo das poucas casas da pracinha, recebe o famigerado pernambucano, tornando aquela data e aquele dia um acontecimento histórico da era cangaceira no Estado de Sergipe (Costa, 1994, p.39).

Esses sertanejos de vida tranqüila, segundo Costa (1994), escondidos nas distâncias do sertão sergipano, jamais poderiam imaginar que o rei do cangaço estava a caminho de Sergipe e vindo, justamente, para as caatingas e cerrados do município de Poço Redondo.

Da mesma forma procede AAP, um dos entrevistados desta pesquisa, no depoimento a seguir, ao se referir à chegada de Lampião nessa cidade onde o povo, conforme seu relato, reporta-se, nos mínimos detalhes, aos acontecimentos vividos àquela época. Para ele, tudo está guardado na memória dessa gente como se fosse ontem:

Fragmento 1

Aqui no Poço [cidade de Poço Redondo-SE], Lampião entrou em 1928 quando tinha uma festinha de Nossa Senhora da Conceição. Ali bem no centro da pracinha da Igreja Matriz. É o que conta ainda hoje o pessoal mais velho. Essas pessoas não esquecem daqueles acontecimentos vividos aqui naquele dia que marcou a história do Poço. Bem

ali na pracinha tinha uma venda de Teotônio de China e foi bem ali aonde ele chegou. O pessoal se assustou, aí, Lampião desce do cavalo numa calma e diz: “eu vim na paz, eu vim só dormi na casa de Teotônio de China”. Os mais velhos contam que aquela paz e aquele sossego que existia aqui no Poço, nesse dia, desapareceram. (AAP, Entrevista 3,p. 260)

De acordo com Halbwachs (1990), é, sobretudo, nas lembranças das pessoas mais idosas que se pode verificar uma história social bem definida, visto que elas já vivenciaram determinados tipos de acontecimentos, com características bem marcadas e conhecidas, enfim, a memória atual dessas pessoas pode ser desenvolvida sobre um pano de fundo definido. Sendo assim, não é difícil identificar, no comentário do pesquisado, a referência a uma memória coletiva que se estabelece em torno dos acontecimentos vivenciados com a chegada de Lampião à cidade, conforme se pode ver neste fragmento: “essas pessoas não esquecem daqueles acontecimentos vividos aqui naquele dia que marcou a história do Poço”. Mais que uma lembrança, esse acontecimento torna Poço Redondo um local de memória. Além disso, a reconstrução do fato histórico da primeira vez em que Lampião entrou na cidade de Poço Redondo inclui não apenas a descrição do local (uma praça), mas detalha que, exatamente naquele dia, estava acontecendo a festa da padroeira da cidade. A rememoração de AAP inclui também uma fala atribuída a Lampião: “eu vim na paz, eu vim só dormi na casa de Teotônio de China”. O uso do discurso direto para formatar a fala de Lampião, a avaliação feita no meio do depoimento (“Essas pessoas não esquecem daqueles acontecimentos vividos aqui naquele dia que marcou a história do Poço”) e o uso do discurso indireto para produzir um fechamento para este episódio (“Os mais velhos contam que aquela paz

e aquele sossego que existia aqui no Poço, nesse dia, desapareceram”) mostram que o sujeito é um mediador de várias memórias ao articular discursos de outrem que rememoram o passado para construir o seu próprio discurso de rememoração do personagem e dos fatos.

Uma das imagens mais fortes da passagem de Lampião nessa região ainda marca a memória do povo do sertão de Sergipe: a batalha de Maranduba em 1932. Essa marca materializada na memória pode ser confirmada através deste recorte extraído do texto reconstruído na entrevista concedida por AC:

Fragmento 2

A hora da verdade chegou. Para a volante tinha chegado a hora de vingar a derrota de Serra Grande. Aí ficaram frente a frente os inimigos mortais: Nazarenos e Lampião. É Lampião quem dá o grito de guerra: “cuidado meninos, os macacos cercaram a gente”! Para os homens da volante a vitória parecia certa, mas a situação era inversa. Do outro lado, estava o herói, o titã, o guerreiro dos sertões. Numa manobra inteligente e envolvente o rei do cangaço deixa os atacantes sem saber como e por onde dirigir o combate [...] o domínio da situação pertencia a Lampião. Nesse momento, não tinha nada comparado à violência e aos estrondos do tiroteio. Os tiros ecoavam longe, muito longe, parecia que o inferno tinha desabado e se transportado para aquela esturricada terra. [...] a Batalha de Maranduba foi e continua sendo um dos maiores pesadelos da história do povo do sertão sergipano. [...] Esse combate nunca vai ser esquecido porque está gravado na história do cangaço nordestino. (AC, Entrevista 1, p. 253-4).

O informante, nesse trecho de seu depoimento, nomeia diretamente os dois lados do conflito, “Nazarenos” e “Lampião” e, em seguida, traz uma fala de Lampião por meio do discurso direto: “cuidado meninos, os macacos cercaram a gente!”. É

interessante pensar que as falas atribuídas a Lampião podem ser consideradas como pontos de cristalização que contribuem para a estabilização das várias lembranças de um mesmo acontecimento. O próprio episódio da Batalha de Maranduba é, de fato, rememorado em várias entrevistas de nosso *corpus*. Isso mostra que o pesquisado retém na sua memória lembranças que ainda continuam vivas na consciência de vários grupos, ou seja, são lembranças vivas tanto para o falante como para a comunidade (Halbwachs, 1990). Tanto, em (1), como em (2), seus produtores procuram produzir uma formulação detalhada do contexto quando falam “ali bem no centro da pracinha” ou “nesse momento não tinha nada comparado à violência e aos estrondos do tiroteio. Os tiros ecoavam longe, muito longe, parecia que o inferno tinha se transportado para aquela esturricada terra”. Esse processo de contextualização ou de discursivização também contribui para a estabilização dos acontecimentos tanto na memória dos sujeitos que produzem as formulações, como na memória social daqueles que formam o grupo. A maneira como se deram as (re)construções discursivas dessas lembranças mostra, por meio da interpretação do sujeito pesquisado, que os fatos históricos continuam presentes na sua memória e na memória social, na vida das pessoas comuns, ou na memória vivida em torno da história do lugar. Por outro lado, também mostra que a memória é (re)construída, mantida, e modificada (Koch, 2003) sociocognitivamente. Por exemplo, um dos sujeitos da pesquisa relata e interpreta os fatos da Batalha de Maranduba, ao (re) criar a situação discursiva: as entidades Nazarenos e Lampião, os objetos-de-discurso, são introduzidos, reativados, recategorizados e modificados continuamente por meio de expressões nominais como “os macacos”, “os homens da volante”, “os atacantes”, de um lado; e, de outro, “o herói”, “o titã”, “o guerreiro

dos sertões”, “ o rei do cangaço”. Os sujeitos do discurso constroem e reconstroem, portanto, a partir de sintagmas nominais, coerentes, toda uma memória em torno da figura de Lampião.

É, pois, na memória coletiva que se encontra essa riqueza cultural, em que a história aparece intimamente ligada à memória social, na medida em que há uma continuidade entre as recordações, os acontecimentos do passado e o presente da vida da comunidade em relação esse universo discursivo. Os trechos acima mostram como o passado continua ativo no presente, através dos usos da memória, em suas múltiplas funções culturais, políticas, sociais e discursivas.

Uma outra imagem que ainda está viva na consciência do povo do lugar é a da morte de Lampião. Esse fato encontra-se enraizado na memória da comunidade, o que pode ser evidenciado pelos relatos, abaixo, retirados de depoimentos materializados no discurso de alguns dos sujeitos entrevistados:

Fragmento 3

No tempo de Lampião, eu era mocinha muito nova e não tinha medo deles, porque Lampião chegava lá em casa e eles não judiavam ninguém. Mais o povo... sabe como é! Conta muitos causos por aí de Lampião e sua gente. Um dos causos é o da morte desse cangaceiro ali no Poço Redondo na Grota do Angico onde ele morreu, não, onde a volante acabou com a vida dele. Esse acontecimento foi triste porque mataram o homem bem aqui no Estado de Sergipe. Isso não dar pra esquecer não, e todo ano no dia da morte dele sempre tem alguma coisa lá no lugar e muita gente vai até daqui de Glória porque o povo tem muito respeito por Lampião. Um cara muito valente, muito corajoso... eu era menina naquele tempo mais eu me recordo. Mas uma coisa é certa,

só mataram ele porque ele foi traído num emboscada... porque ele não pode se defender dos macacos, era assim como ele chamava a polícia. E dessa vez a volante foi mais esperta. (MGG, Entrevista 12, p. 274)

Fragmento 4

Lampião não se entregava a ninguém, o futuro dele era morrer. Ainda se conta que teve policiais que botaram veneno na bebida dele. Esse mesmo coronel mandou dizer a ele que não estava com raiva dele não e que ia mandar um vinho pra ele, só que a garrafa não ficou bem tampada e que o vinho era pra ele tomar e o bandido tomou não lhe deu dor de barriga, mas deu pra dormir, então a volante pegou o chefe dos bandidos surpresa lá na Gruta do Angico, ali no município do Poço, aí, então, acabou com ele e seu bando. Foi uma desgraça, uma tragédia aquilo. Sabe moça, eu nem gosto de lembrar da maneira que ele morreu. Lampião era malvado, né? Mais não precisava acabar com aqueles cangaceiros daquele jeito, não. (ES, Entrevista 5, p. 269-70)

Fragmento 5

Da morte de Lampião na Grotta do Angico pelo capitão Luiz Bezerra que comandava a volante que acabou com Lampião mais os outros que estavam com ele lá, o povo do sertão ainda se lembra bem e eu acho que vai ser difícil de se esquecer, sabe? Quem é que nunca ouviu falar de Lampião? Do modo como acabaram com ele? Sempre tem gente interessado em saber dos acontecimentos passados na Gruta de Angico naquela madrugada que marcou muito essa região, ainda vem muita gente de fora, de outros lugares conhecer o lugar onde acabaram com o homem mais famoso do sertão, porque ele foi famoso mesmo. Muita gente sabe contar muitas histórias de sua passagem por aqui, de alguns fatos verdadeiros que aconteceram. (JAO, Entrevista 11, p. 290)

Ao se referir à tragédia de Angico, Costa (1994), por ter convivido com a realidade de cangaceiros e coiteiros, afirma que é “um privilégio ter nascido e vivido ao lado de Angico; ter convivido com os que participaram da hora final de Lampião”. E ainda acrescenta: “posso uma privilegiada felicidade de conhecer todas as versões dos fatos que se relacionam com o trágico dia” (Costa, 1994, p. 413). Nesse comentário, o autor deixa claro seu sentimento de nordestino, de ser sertanejo. Tangido por uma preocupação de fidedignidade aos fatos relatados, faz uma descrição pormenorizada, dentro do contexto local, dos acontecimentos ali enraizados na memória coletiva dessa comunidade. Percebe-se a sua preocupação em transmitir uma cultura que possui uma riqueza peculiar. Faz também referências a madrugada de 28 de julho, uma quinta-feira, na fazenda Angico, onde o grupo de Lampião foi atacado pela volante comandada pelo então Tenente João Bezerra da Silva.

Dentro do quadro teórico desta investigação, verifica-se, com base nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, que para a maioria dos habitantes das comunidades mais distantes, àquela época, sem acesso às informações escritas, como as de jornais, por exemplo, as notícias concernentes a Lampião e seu bando chegavam de outra forma. Isto é, sabia-se das investidas desse cangaceiro através de conversas nas feiras de finais de semana, nas festas, com vizinhos e desconhecidos, e no contato com soldados que tinham participado de diligências contra ele. Assim sendo, as informações corriam de boca em boca, tanto na cidade, como nos povoados e nas casas mais longínquas, escondidas nas regiões mais distantes, nas matas. Isso pode ser confirmado no fragmento a seguir:

Fragmento 6

Quando acabaram com a vida de Lampião, eu ainda não tinha nem nascido. Mas eu conheço muita estória de sua vida [...] Até essas estórias ainda se conta hoje, os homens quando ficam ali na pracinha conversando lorota, aí se lembram e falam daquele tempo de Lampião e de suas estórias. A história do *rei do cangaço* o povo nunca esquece. Eles ainda se lembram porque essa história é contada por muita gente daqui ainda. O assunto pelas aventuras da *majestade do cangaço* anda por aí afora. Eu era ainda menina quando eu ouvia muita conversa de vizinhos com outras pessoas nas feiras dos sábados em Glória, pois a gente ia sempre pra feira aí ouvia o povo falando das diabruras de Lampião [...]. Meu pai contava que na casa de minha avó, aonde muita gente que vinha da roça se hospedava no sábado da feira lá na cidade, era um local aonde o povo se reunia e aí conversava muito sobre as estórias das estripulias de Lampião e se reunia para dar notícias do paradeiro dele. Então as notícias chegavam por intermédio das pessoas. Eu me lembro que meu pai e minha mãe sempre falavam daqueles sábados na cidade, daquelas lembranças! (ES, Entrevista 7, p. 274).

No período do fenômeno cangaço, conforme Campos (1965), era comum, após a refeição noturna, na frente da casa da fazenda, todos se sentarem para contar e recontar estórias consideradas "verdadeiras" sobre as quais geralmente o mais velho tinha ouvido falar, ou até mesmo, participado de algumas das façanhas narradas. Para Halbwachs (1990), mesmo que o indivíduo não tenha assistido certos acontecimentos, a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente, ele se lembra, pois esses acontecimentos ocupam um lugar na memória discursiva do grupo social a que pertence. Como é o caso da

informante Enedina de Souza que fala no seu depoimento: “quando acabaram com a vida de Lampião, eu ainda não tinha nem nascido. Mas eu conheço muita estória de sua vida”. Isso mostra que a informante mesmo não tendo vivenciado ativamente a época de Lampião, sabe “das estórias, das estripulias de Lampião”. Para Koch e Cunha-Lima (2005), os conhecimentos, representados na memória de longo prazo da vida social, podem ser socialmente partilhados pelos membros de uma determinada cultura, como conhecimentos individuais, oriundos de experiências ou vivências pessoais. Na opinião da entrevistada MVA

Fragmento 7

Lampião era mesmo um homem esperto e ousado e também um homem valente assim dizia o velho meu pai. Ele sempre contava a gente tudo aquilo que acontecia... Ele conservava aquelas lembranças, né? Guardava aqueles causos de Lampião em sua memória nos mínimos detalhes, né? Sabe, meu pai gostava muito de falar das histórias do cangaço e da vida de Lampião e de como os acontecimentos se sucediam aqui na redondeza de Glória e em outros lugares. Meu pai falava sempre que Lampião é uma figura que marcou muito a vida do sertanejo, o povo do sertão diz ainda que Lampião foi um gênio militar e ele tinha o apoio da população, a vida de Lampião era contada e cantada pelos violeiros nas feiras isso, eu me lembro ainda muito bem, eu ainda mocinha ia pra feira e ouvia aqueles homens cantando e contando as histórias de Lampião, do bando e de sua companheira Maria Bonita [...] (MVA, Entrevista 13, p. 297)

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva recompõe magicamente o passado. Assim ao recordar os acontecimentos históricos, o sujeito está reconstruindo a memória coletiva do povo do sertão. A partir dos acontecimentos

fornechos pelo presente da vida social projetada no passado reinventado, pode-se compreender que uma lembrança do passado pode, ao mesmo tempo, ser reconhecida e reconstruída na memória do sujeito do discurso e na memória de outros indivíduos do grupo social de que faz parte.

O sujeito, muitas vezes, procura estabelecer uma relação constante entre a matéria e a memória (Bergson, 1999) que atuam dialeticamente na produção das lembranças. O trecho abaixo, transcrito do depoimento da entrevistado ES, mostra a evocação das lembranças desencadeadas, que evidenciam a materialização da memória.

Fragmento 8

“Ah”! - “Então é você o terror daqui né”? - “Você sabe o que vai acontecer com você”?
- “Não”! - “Você sabe como é que se capa porco pra engorda”? O cara nem respondeu!
- “Pois você vai sair do mesmo jeito daqui”. Aí pegaram o homem e caparam. [...] Depois do ocorrido ele passou a ser o Pedro Capadinho. Essa é uma história que todo mundo do Aleixo e da redondeza conheceu e a geração de hoje ainda conta a história de Pedro Capadinho. É por isso que a notícia da aproximação de Lampião causava um grande fuzuê no local. Quase todo mundo corria para se esconder nos matos. (ES, Entrevista 7, p. 276)

O interessante aqui é a valorização da matéria e sua interação com o ambiente vivido. Quando evocadas, as lembranças trazem à tona não só os acontecimentos isoladamente, mas acionam também o conjunto de sensações vividas durante as práticas sociais na ocasião do resgate desses conhecimentos armazenados na memória discursiva do falante e dos outros componentes da sociedade. Barros

(2000), na sua pesquisa a respeito do cangaço, destaca o “discurso dos inimigos” do cangaço, identificando-o como uma memória coletiva, na medida em que converge para uma mesma opinião, mas que ao mesmo tempo traz dentro de si disputas internas de lembranças, na intenção de se saber quem é mais valente e destemido. Como se pode ver nesta passagem: “os ferrados, castrados e mutilados pelo cangaço fazem esforços para viver um presente marcado indelevelmente pela memória física da violência” (Barros, 2000, p. 43).

Nos depoimentos a seguir, denuncia-se a marca da violência retida na memória discursiva de falantes:

Fragmento 9

Da derradeira vez que ele veio, ele atravessou o rio... O rio de São Francisco e veio para Sergipe. [...] Eu me lembro que ele ficou aqui em Sergipe bastante tempo e eu me lembro porque eu levava de-comer pra ele e mantimento. Eu tinha só 17 anos [...] Eu lembro de tudinho. Nesse tempo o governo do Estado era Eronildes de Carvalho que mandava munição pra ele, [...] Eu ainda acompanhei Lampião durante sete meses [...] Lampião era uma pessoa amigüeira e quem gostasse dele era amigo dele de verdade. Agora fez qualquer richa ele matava como fez com muita gente ou castigava [...] “Não, não mata esse sujeito não, castra para ele engordar”, disse Lampião [...] “Agora você vai engordar, agora se você gemer o canivete entra na goela”. [...] Aí, quando acabou a castração, Lampião, o justiceiro, então disse: “trate desse bacurin, quando eu passar aqui de novo, eu quero encontrar ele gordo”. (ABM, Entrevista 2, p. 257-58)

Fragmento 10

[...] quando os cangaceiros de Lampião perguntavam por notícias da força, se a gente não viu alguma por aí, e que a gente não enganasse eles, porque se eles pedissem

qualquer coisa e não desse, aí, ficava meio complicado [...] Tem muitos comentários ainda hoje dizendo que aqueles homens do cangaço eram pessoas malvadas! É... Mas eles eram assim, agora se a pessoa agradasse a eles ou se pudesse dar lá quanto fosse, ou mandar matar uma galinha pra eles comerem, eles não faziam nada a ninguém não [...]. Agora contam que esse bando de Lampião algumas vezes pegava famílias e maltratava, eles chegavam até matar, porque tinham raiva porque pedia dinheiro ao fazendeiro e ele não dava, aí, os cangaceiros ficavam se escondendo [...] quando fosse um dia, eles voltavam lá pra se vingar da desfeita... (JFO, Entrevista 8, p. 278)

Fragmento 11

Lampião era um criminoso sem igual. Não existia em tempo algum atrás alguém pior do que Lampião. [...] A gente sabe que quem tem parte com o capeta pode aparecer de uma hora pra outra. Lampião era um capeta em vida fez muita gente sofrer. [...] Se precisava ver que o comportamento daquele homem não era de gente não, ele agia como um bicho, ele era um verdadeiro demônio, aí, o povo vivia assustado com ele. Quando se sabia que ele estava por perto todo mundo se escondia no mato, fugia, às vezes, pra bem longe com medo dele e de seus cabras que eram tão perversos quanto Lampião. [...] O homem era malvado... Bandido mesmo! (ES, Entrevista 5, p. 268-9)

Mas, apesar do medo em função das ações do bando, todos tinham o desejo de conhecer aqueles homens valentes, cujas histórias espalhavam-se por todo o território brasileiro. Na verdade, era uma ousadia a ação daqueles desbravadores das caatingas, ao mesmo tempo, desafiadores das autoridades constituídas. Embora amedrontados, todos queriam ver um cangaceiro, ou conversar com alguém que

tivesse visto algum deles no mato, ou topado com o bando ou simplesmente levado comida ao coito, refúgio ou esconderijo no mato (Souza, 1997).

Preocupado em resgatar e manter a memória do cangaço na região, em 1988, um grupo de pessoas, liderado por REC, fez um abaixo-assinado em prol da construção de uma praça na cidade de Poço Redondo em homenagem a Lampião, quando do cinquentenário de sua morte. A esse respeito assim se expressa REC:

Fragmento 12

[...] eu e Dionísio, dentro das comemorações dos 50 anos da morte de Lampião, fizemos um abaixo-assinado que teve a assinatura de 300 pessoas para que se fizesse uma praça na cidade com o nome de Lampião. Aí, teve algumas resistências por parte de algumas pessoas, né? Alegando que Lampião era um bandido e que não era digno de ser lembrado pela população. (REC, Entrevista 15, p. 303)

Mesmo assim, o documento foi encaminhado à Câmara Municipal para ser legalizado, e, após a aprovação, a praça foi construída e inaugurada, com a presença do então prefeito, Alcino Alves Costa, em julho de 1988. Sendo, posteriormente, batizada pela população da cidade como “murinho de Lampião”. Como se pode confirmar através da fala de REC:

Fragmento 13

[...] a gente conseguiu que o projeto fosse aprovado e a praça feita, então, recebeu o nome de Praça Lampião que foi batizada pelo povo de murinho de Lampião, um lugarzinho muito importante pros habitantes do lugar, né? Então, a gente conseguiu que a população se posicionasse firmemente em favor da memória de Lampião e do espaço que é do povo. (REC, Entrevista 15, p. 303)

No entanto, em 1993, o então prefeito da cidade, alegando que essa praça lembrava a figura de um bandido e que não era digna da cidade, decide derrubá-la. Contrapondo-se a iniciativa do Governo municipal, REC organizou, com o apoio de estudantes, de professores e da comunidade, uma exposição de documentos locais e nacionais, com o objetivo de mostrar a importância do cangaço para a cidade. Manoel Dionízio [sindicalista], num debate que participou com o juiz de Direito e o líder político local, argumenta que a praça só será derrubada se houver um plebiscito na cidade. Vencidos pelos argumentos da importância do cangaço para a cidade, o monumento permanece, no entanto, os opositores o depredaram. Apesar de tudo, ficou mantida a homenagem da cidade a Lampião (Sá, 2003). Sobre esses acontecimentos assim se expressa REC:

Fragmento 14

E, então, no dia 28 de julho do ano de 1993, teve aqui na cidade do Poço [Poço Redondo] uma disputa bem acirrada em favor da manutenção do monumento, né? Em torno do símbolo Lampião, em favor da manutenção do murinho de Lampião, né? Porque esse espaço cultural, além de ser muito importante para a população local, serve de ponto turístico pro município. Serve também como testemunho da história do sertão nordestino. (REC, Entrevista 15, p. 303)

Quando das comemorações do centenário de nascimento de Lampião e dos 60 anos de sua morte, em julho de 1998, houve uma reestruturação na praça que leva seu nome. Nessa reforma foram inseridas informações históricas de Lampião desde os acontecimentos de Maranduba até os fatos ocorridos na Grotta de Angico na madrugada do dia 28 de julho de 1938. Tudo isso assume um papel de vida no

discurso. É importante salientar que esses espaços foram demarcados como lugares de memória, por intermédio da veiculação de um mapa, a fim de tornar essas localidades pontos históricos e políticos, não só da cidade, mas também da região do semi-árido sergipano. Nesse mesmo ano, institui-se (Sá, 2005), ao lado do I Seminário sobre a História do Cangaço com debates e exposições, a celebração da Missa para Lampião na Grota do Angico, no dia 28 de julho, na data e local onde Lampião morreu.

A essa celebração compareceram familiares de Lampião, ex-cangaceiros, ex-volantes, ex-coiteiros e o povo em geral. Para Wanessa Campos, repórter do Jornal do Comércio de Recife/Pe, a missa, para Lampião, emociona o público na Grota de Angico. Na reportagem, a jornalista expressa as palavras do celebrante:

os covardes não ficam na história. Aqui, em Angico, terminou um movimento social que abalou o país por muitos anos. O Cangaço não existia (sic), se houvesse justiça no país. E agora, nesse lugar onde Lampião foi morto há 60 anos, vamos pedir a Deus, que ilumine os homens poderosos do Brasil de hoje, para haver bom senso nas decisões políticas, pois em cada nordestino, pulsa um Virgulino sentindo falta de luz. [...] o Nordeste continua sofrido, discriminado, esperando dias melhores, tal qual nos tempos do Cangaço (*Campos, citada por Sá, 2005, p.303*).

Essa missa, diante das palavras do padre Eraldo Cordeiro, teve um claro tom político (Sá 2005). Emerge aqui “uma memória anti-volante, por meio de um discurso legitimador do cangaço, baseado no conceito de ‘escudo ético’” (Sá 2005, p. 303), proposto por Frederico de Mello, uma vez que os cangaceiros enfrentavam a injustiça social dos tempos do coronelismo e buscavam vingar alguma afronta a sua honra.

Em uma análise sobre a historiografia do cangaço, a pesquisadora Patrícia Sampaio Silva afirma que o cangaço é um terreno “privilegiado do imaginário social”, na medida em que há um leque de representações a partir do desdobramento de um mesmo símbolo. Dentro dessa perspectiva, o cangaceiro é visto como um símbolo contraditório, associado a “múltiplas representações que vão do bandido sanguinário ao bandido social, do justiceiro ao mau-caráter sem escrúpulos” (Silva *apud* Sá 2003, p. 25-26), tornando-se, portanto, conforme a autora, aberto a suas múltiplas e possíveis interpretações. A destruição de certas memórias e a construção e reconstrução de outras, discursivamente, nas práticas sociais, atestam que há diferenças associadas aos grupos sociais, com seus projetos de dizer, fantasias e possibilidades.

No capítulo a seguir, trataremos de uma das noções mais importantes dentro dos estudos mais recentes da Lingüística Textual: o processo de referenciação. Temos como propósito tratar de questões referenciais em que predomina, atualmente, uma visão processual da linguagem, de acordo com a qual se concebe o referente, não como objeto da realidade objetiva, mas como um objeto construído nas práticas discursivas. Na concepção de Mondada e Dubois ([1995] 2003), o estudo da referenciação será, portanto, analisar como se desenvolve o processo de construção e/ou reconstrução dos referentes.

CAPÍTULO 4 – A QUESTÃO DA REFERENCIAÇÃO

O estudo da referenciação textual tem sido desenvolvido principalmente por pesquisadores franco-suíços como Denis Apothéloz ([1995] 2003), Alain Berrendonner (1989), Danièle Dubois e Lorenza Mondada ([1995] 2003), Lorenza Mondada (2005), Marie José Reichler-Beguélin (1989), entre outros, que defendem o enfoque discursivo do fenômeno da referenciação, visto como uma atividade de construção de objetos-do-discurso, objetos que, de conformidade com esses teóricos, não se confundem com a realidade extralingüística, mas a constroem ou reconstroem no processo de interação, de tal modo que a expressão referencial passa a ter uso completamente diverso do que se atribui, no geral, à literatura semântica. Assim, referir, tal como tratam tais estudiosos, é, sobretudo, elaborar uma discursivização ou textualização do mundo, em que se fundamentam as escolhas do sujeito em função de um querer-dizer. Compartilham também, aqui no Brasil, dessa concepção Ingedore Villaça Koch (1999, 2002, 2003, 2005), Luís Antônio Marcuschi (2002, 2005, 2007), Koch e Marcuschi (1998), Koch e Elias (2006) Cavalcante (2005, 2003), Bentes (2001), Bentes e Rio (2005), Koch, Bentes e Cavalcante (2007), Jubran (2005), que são tomados como base para esta pesquisa.

Assim, partindo de uma concepção sociocognitiva e interacional de linguagem, a visão defendida neste trabalho, segundo as postulações desses teóricos, é a de que o estudo da referenciação é concebido como “um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes” (Koch; Marcuschi, 1998, p.173). Isso significa dizer que a referenciação é “uma atividade discursiva, de tal modo que os referentes passam a ser objetos-de-discurso e não

realidades independentes” (Koch; Marcuschi, 1998, p.173). É, pois, no interior desse quadro teórico que vamos concentrar esta pesquisa ao adotar a posição postulada por Apothelóz e Reichler-Béguelin (1995), defendida também por Koch (2002b), de que a referência é, sobretudo, “uma questão que diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, e que o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo, que é tributário dessa construção” (Koch, 2002b, p. 31).

Assim sendo, os processos de referenciação possibilitam a construção e reconstrução discursiva de referentes, ou seja, não se toma como base os objetos do mundo, mas os objetos-de-discurso construídos interativamente, posição que vem explicitada em Apothelóz e Reichler-Beguélin:

de maneira geral, argumentaremos [...] em favor de uma concepção construtivista da referência [...]; assumiremos plenamente o postulado segundo o qual os chamados “objetos-de-discurso” não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade (Apothelóz; Reichler-Beguélin, 1995, apud Koch, 2005, p.33).

Dentro dessa perspectiva, concebe-se que a questão não é mais, então, a de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e lingüísticas estruturam e dão sentido ao mundo. Mondada e Dubois (2003) falam de referenciação, tratando-a como “advindo de práticas simbólicas mais que de uma antologia dada” (Mondada e Dubois, 2003, p. 20). Ainda enfatizam que, conforme Rastier (1994 apud Mondada e Dubois, 2003), a referenciação não diz

respeito a “uma relação de representações das coisas ou dos estados de coisas, mas a uma relação entre o texto e a parte não lingüística da prática em que ele é produzido e interpretado” (Mondada e Dubois, [1995] 2003, p. 20). Nessa perspectiva, substitui-se a noção de referência pela de referenciação tal como postulam as autoras. A visão de representação do mundo passa a ser não apenas questionada, mas também a ser defendida a idéia de discursivação deste mundo em que se realizam a construção e reconstrução de objetos de discurso. Para elas, essas práticas não são

imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo (Mondada; Dubois, [1995] 2003, p. 20).

Baseando-se no exposto, fica patente que o foco das atenções, no que diz respeito a esse fenômeno de estudo, não está mais assentado na referência propriamente, mas na referenciação que, nas palavras de Mondada

não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas as relações intersubjetiva e social no seio das quais as versões (do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos anunciadores (Mondada, 2001, apud Koch, 2002b, p. 31).

Para Mondada e Dubois ([1995] 2003), os objetos do mundo a que o discurso faz referência são objetos que se constituem no processo discursivo, isto é, eles são gerados na enunciação. O que significa dizer que se elaboram numa dinâmica

discursiva e que não fazem uma simples remissão lingüística. Devido a esse fato, não se usa a noção de referência e, sim, de referenciação, pois não se trata de um ato de designação do mundo, mas de uma construção dinâmica deste mundo por meio do discurso. As autoras postulam que:

[...] passando de referência à referenciação, vamos questionar os processos de discretização e de estabilização. Esta abordagem implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito “encarnado”, mas ainda um sujeito sóciocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo. Este sujeito constrói o mundo ao curso do cumprimento de suas atividades sociais e o torna estável graças às categorias – notadamente às categorias manifestadas no discurso (Mondada; Dubois, [1995] 2003, p. 20).

Assim sendo, os objetos-de-discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas a reconstróem no próprio processo de interação. Dentro dessa dinâmica discursiva, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como “nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos na interação com o entorno físico, social e cultural” (Koch, 2002b, p. 31).

Como apontam Mondada e Dubois ([1995] 2003), os objetos-de-discurso através dos quais os sujeitos procuram compreender o mundo não são preexistentes, nem dados, mas construídos no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Assim sendo, os objetos-de-discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro do processo de interação. Parte-se, pois, da concepção

segundo a qual os sujeitos elaboram, através de práticas discursivas e cognitivas, social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo.

Para Mondada (2005), a análise dos recursos mobilizados nas atividades referenciais depende das opções esboçadas: as escolhas formais podem ser concebidas como reflexos das propriedades do referente, ou como manifestações de estados mentais, ou, ainda, como a exploração de recursos para o estabelecimento de um acordo subjetivo ou de um alinhamento, tornando, assim, pertinente, visível e presente um referente que é tratado não como um objeto do mundo, mas como um objeto-de-discurso. Dessa forma, passam a ser objeto de análise as atividades de linguagem realizadas por sujeitos históricos e sociais nas interações. Sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o “mundo real”, mas são, interativamente e discursivamente, construídos, em meio às práticas sociais, ou seja, são objetos-de-discurso.

Cavalcante postula que “é da inter-relação entre a língua e as práticas sociais que emergem os referentes, ou ‘objetos-de-discurso’, por meio dos quais percebemos a realidade que, por sua vez, nos afeta” (Cavalcante, 2005, p. 125). Dentro dessa perspectiva, os referentes passam a ser, conforme a autora, não uma entidade “congelada”, mas uma instância de referencialidade constitutivamente indeterminada e efêmera. E ainda no seu artigo acrescenta que, citando Marcuschi (2004):

tudo indica que o melhor caminho não é analisar como representamos, o que representamos nem como é o mundo ou a língua e sim que processos estão envolvidos na atividade de referenciação em que a língua está envolvida. Não vamos analisar se o mundo está ou não discretizado nem se a língua é um conjunto de etiquetas ou não. Vamos partir da idéia de que o mundo e o nosso discurso são constantemente estabilizados num processo dinâmico levado a efeito por sujeitos sócio-cognitivos e não sujeitos individuais e isolados diante de um mundo pronto (Marcuschi, 2004 apud Cavalcante, 2005, p. 125-6)

Para Mondada e Dubois ([1995] 2003), a categorização de objetos-de-discurso é o resultado de situações práticas e históricas que compreendem discussões, controvérsias, desacordos. A categorização e recategorização são, portanto, dinâmicas e apresentam progressões lingüísticas e cognitivas. Essas categorias estão situadas nas práticas sociais que, para as autoras acima mencionadas, são

práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo (Mondada; Dubois, [1995] 2003, p.29).

Esta posição leva as autoras a postular uma instabilidade de relações entre as palavras e as coisas. Isso significa dizer que as instabilidades das categorias estão “ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas” (Mondada; Dubois, [1995] 2003, p.35). Desse modo, a existência de objetos-de-discurso é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas. É nessa direção que se pode também observar as postulações de Jubran (2005): “os objetos-de-discurso são elaborados pelos sujeitos, em um

processo dinâmico e intersubjetivo, ancorado em práticas discursivas e cognitivas situadas socialmente e culturalmente, bem como em negociações que se estabelecem no âmbito das relações interpessoais” (Jubran, 2005, p. 219).

Também, Mondada e Dubois (2003, p.19) afirmam que não há “uma estabilidade a priori das entidades no mundo e na língua”, dado que as categorias lingüísticas e cognitivas são instáveis e culturalmente sensíveis e flexíveis. Para elas, os processos de nomeação e de referenciação são complexos, por isso precisam ser analisados nas atividades sociocognitivas. E, ainda, dizem que a instabilidade e a mudança são “uma dimensão intrínseca do discurso e da cognição” (Mondada; Dubois, 2003, p.22).

Segundo Marcuschi (2005), as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros. “A maneira como nós dizemos aos outros as coisas é decorrência de nossa atuação intersubjetiva sobre o mundo e da inserção sociocognitiva no mundo em que vivemos” (Marcuschi, 2005, p. 52). Para esse autor, o mundo comunicativo é sempre fruto de um agir intersubjetivo diante da realidade do mundo. Segundo sua opinião, a produção de categorias seria uma atividade sociocognitiva situada em contextos culturais específicos na tentativa de construir o conhecimento, já que essas categorias estão ligadas à cultura que são, por sua vez, sistemas de cognição.

Dentro dessa visão, é possível observar-se que, no comum, os usuários de uma dada língua designam eventos, indivíduos, objetos físicos com nomes que no geral são compartilhados pela comunidade que os usa, pois todos aprenderam esses nomes dentro das mesmas experiências de vida. Dessa forma, as categorias

são muito mais modelos sócio-culturais do que modelos mentais, tendo em vista seu processo de constituição (Marcuschi, 2005). Nesse sentido, não se toma a língua em termos de um sistema, mas de uma ação social. Para Mondada, numa abordagem que

considera a primazia das práticas lingüísticas e interacionais conceitualmente postas em ação pelos atores sociais, a língua não pode mais ser definida como espaço lógico e abstrato de possibilidades, pré-existentes à ação e que a ação apenas atualizaria (Mondada, 1995, apud Marcuschi, 2005, p. 71).

Assim sendo, a língua, segundo esse lingüista, é uma fonte de possibilidades de trabalhar e retrabalhar as versões públicas do mundo. Trata-se, assim, de observar como os interlocutores fazem para construir um mundo público em sistema de co-produção discursiva, como, por exemplo, a maneira de lidar com objetos-de-discurso e construí-los. Vê-se, pois, que o sujeito não é apenas enunciativo, mas também social e, nesta ação social situada, ele instaura e diz o mundo. As ações verbais são, portanto, conjuntas, situadas, cognitivas e desenvolvidas na convivência humana que é social, cultural e histórica. Para Marcuschi (2005, p. 69-70), “o discurso é o lugar privilegiado da designação desse mundo [...]. Tudo que dizemos é mediado pelo conceito que se expressa discursivamente”. O mundo comunicado, segundo o teórico, é sempre fruto de um agir comunicativo ou de uma ação discursiva e não de uma identificação de realidades discretas, objetivas e estáveis.

Isso quer dizer que os processos de categorização “dependem muito mais da multiplicidade de pontos de vista que os sujeitos exercem sobre o mundo, do que de

restrições impostas pela materialidade deste” (Koch, 1999, p. 3). Dessa forma, no discurso, quer se trate de objetos sociais, quer de objetos ‘naturais’, aquilo que é habitualmente considerado como “um ponto estável de referência para que as categorias possam ser recategorizadas, tornando instável, evolui sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista” (Koch, 1999, p.4).

Um aspecto importante, também aqui a ser considerado, é o processamento textual que, dentro da concepção de linguagem como atividade interacional, deve ser entendido, segundo postula Koch (2000), como uma atividade que envolve tanto elementos lingüísticos como sociocognitivos. Para ela, o texto, no interior dessa abordagem, é também considerado como um conjunto de “pistas” que são formadas por elementos lingüísticos de diversos tipos. Estes são colocados à disposição dos usuários da língua, durante uma atividade discursiva, de modo a facilitar ao falante não só a construção e reconstrução de sentidos, mas também na interação como prática sócio-cultural. No curso dessa atividade textual, os sujeitos mobilizam conhecimentos lingüístico, enciclopédico e interacional, que os têm depositados na memória através de um conjunto de estratégias de processamento de caráter sociognitivo e textual.

O conhecimento lingüístico propriamente dito diz respeito ao conhecimento gramatical e lexical. É o que se destina à estruturação, organização, do material lingüístico na superfície do texto, por meio do uso de elementos de coesão, postos à disposição do falante para realizar a remissão ou a seqüenciação do texto, por meio de elementos lexicais adequados aos modelos cognitivos.

Quanto ao enciclopédico, ou conhecimento do mundo, é o que se encontra armazenado na memória de cada falante. Pode ser do tipo declarativo, os que correspondem às proposições a respeito de acontecimentos do mundo, e do tipo episódico, ou modelos cognitivos, os que são determinados e adquiridos por meio das experiências socioculturais. É com base nestes modelos que se podem: levantar hipóteses; criar expectativas sobre campos lexicais a ser explorados no texto; e produzir as inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual.

Já o conhecimento interacional, conforme postula a autora, é o conhecimento que o falante tem sobre as ações verbais, ou melhor, sobre as formas de interação através da linguagem. São os conhecimentos do tipo: ilocucional que diz respeito aos propósitos do falante; comunicacional, concernente a normas comunicativas; metacomunicativo que faz com que o produtor do texto evite possíveis perturbações na comunicação; e superestrutural que diz respeito aos modelos textuais no geral. Segundo Koch (2000), a mobilização desses conhecimentos, por ocasião do processamento textual, realiza-se através de estratégias cognitivas, sócio-interacionais e textuais representando o conhecimento procedural que se possui sobre a compreensão do discurso. Assim, as escolhas a serem feitas durante as ações discursivas dependem não só de características expressas no (co)texto e do contexto, mas também das do falante, por exemplo, de suas crenças, atitudes, opiniões e conhecimentos de mundo, depositados na sua memória, o que torna possível a reconstrução do sentido previsto pelo produtor do texto e de outros não previstos por ele. Conforme a lingüista, as estratégias cognitivas por meio de

inferências têm a função de facilitar o processamento do texto, quer se tratando de produção, quer da compreensão.

Em se tratando das estratégias sócio-interacionais, a autora as trata como estratégias sócio-culturalmente determinadas, cujo objetivo é estabelecer a interação verbal. Isso vai resultar numa construção social da realidade, visto que esta realidade se constrói no processo contínuo de interpretação e interação. Já as estratégias textualizadoras, que não deixam de ser também cognitivas e interacionais, consistem nas escolhas textuais realizadas pelos interlocutores, tendo em vista a produção de sentidos de determinado texto. Também, compreendem as seguintes estratégias: de organização da informação, concernentes à distribuição do material lingüístico na superfície textual; de formulação, cujas funções são de ordem cognitivo-interacional; e as de referenciação que dizem respeito à reativação de referentes no texto, realizadas por meio de estratégias anafóricas ou catafóricas, formando, assim, cadeias coesivas mais ou menos complexas. Às vezes, a ativação ou reativação de referentes pode ocorrer a partir de “pistas” expressas no texto via inferenciação; e, finalmente, a estratégia de balanceamento, entre elementos explícitos e implícitos, que se refere às relações entre informações expressas no texto e conhecimentos prévios, pressupostos como partilhados entre os interlocutores e as práticas sociais, postas em ação no momento da interação.

Esse conjunto de estratégias, no curso do processamento textual, permite, portanto, constatar a grande complexidade na produção de um texto interativamente construído ou reconstruído pelo sujeito do discurso nas práticas sociais. Para Koch

(2002), na construção da memória discursiva, envolvem-se, enquanto operações básicas, as seguintes estratégias de referência:

- a) construção: pela qual um “objeto” textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo (‘endereço’ cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual: a expressão lingüística que o representa é posta em foco na memória de trabalho, de tal forma que esse “objeto” fica saliente no modelo;
- b) reconstrução: um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional (ou memória ativa), por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto-de-discurso permanece saliente (o nóculo continua em foco);
- c) desfocagem: ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado do foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial (‘stand by’), podendo voltar à posição focal a qualquer momento; ou seja, ele continua disponível para utilização imediata na memória dos interlocutores (Koch, 2002, p. 32).

A construção de referentes textuais, isto é, de sua ativação na memória discursiva, sugerida por Prince (1981), pode realizar-se por meio da ativação “ancorada” e “não-ancorada”. Esta será não-ancorada quando um objeto-de-discurso totalmente novo é introduzido no texto, passando, dessa forma, a ter um “endereço cognitivo” na memória do falante. Se a construção vier representada por uma expressão nominal, esta vai operar uma categorização do referente. Por outro lado, tem-se uma ativação “ancorada” sempre que se introduz um novo objeto-de-discurso, sob o modo dado, “em virtude de algum tipo de associação com elementos presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo possível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação” (Koch, 2002, p. 33). Fazem parte das introduções ancoradas, conforme a autora, as anáforas associativas e as anáforas indiretas.

Koch (2002) propõe que se incluam, entre os casos de ativação ancorada de objetos-de-discurso, as nominalizações que, de acordo com a definição de Apothéloz e Chanet (2003), constituem-se numa operação discursiva que consiste em referir, por meio de uma forma nominal, um processo ou um estado previamente expresso por uma proposição. Assim entendida, a nominalização é, portanto, um processo discursivo. Francis (2003) a considera como rotulações, resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções precedentes ou subseqüentes.

O encapsulamento anafórico, um dos processos da referenciação, define-se como sendo “um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto” (Conte, 2003, p. 178), que pode ser extensa e de complexidade variada. É, pois, por meio desse fenômeno que um novo referente discursivo é criado sob a base de uma informação velha; torna-se, assim, o argumento de predicções posteriores, como também pode resultar na categorização de atos de fala e de funções argumentativas no discurso. É um fenômeno dependente do contexto cognitivo, pois, na base da informação velha, um novo referente discursivo é criado e se torna o argumento de predicções futuras. Dessa forma, torna-se um procedimento muito interessante de introdução de referentes criados no dinamismo do texto. Por meio desse processo a nova expressão referencial, motivada pelo discurso precedente, funciona retroativamente como um recurso de integração semântica de proposições, como um princípio organizador da estrutura discursiva. Este tipo de expressão lida não apenas com categorização de informação contextual dada, mas também com o que já está presente no modelo discursivo que se torna um referente.

Koch e Elias (2006) afirmam que o processo de encapsulamento é responsável pela ativação de objetos-de-discurso no modelo discursivo, a partir de conjuntos de informações expressas no contexto (informações-suporte) de forma a operar simultaneamente uma mudança de nível e/ou uma condensação (sumarização de informações). São, portanto, estratégias que permitem a construção e reconstrução de cadeias referenciais por meio das quais se processam a categorização ou recategorização discursiva dos referentes. A função de recategorização pode ser realizada (Koch, 2001) não só por meio do nome-núcleo ou pelo acréscimo de modificadores avaliativos (positivos ou negativos), mas também por meio de formas metalingüísticas ou metadiscursivas.

Essas estratégias de progressão referencial responsáveis pela introdução, preservação, continuidade, identificação e retomada de referentes textuais, formam o que se pode chamar cadeia referencial. Os autores acima questionam que tal progressão ocorre com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida no discurso. Isso permite que “os referentes não sejam tomados como entidades apriorísticas e estáveis, mas como objetos-de-discurso”, tal como postulam, entre outros, Reichler-Béguelin e Apothéloz (1995), apud Koch e Marcuschi (1998, p.170). Partindo desse quadro geral, o que se pretende explorar neste trabalho é a idéia segundo a qual os fenômenos referenciais, na qualidade de práticas discursivas, são testemunhos expressivos da relação constituída entre linguagem e realidade.

Koch postula que a interpretação de uma expressão referencial anafórica, nominal ou pronominal, “consiste não simplesmente em localizar um segmento

lingüístico no texto (um ‘antecedente’) ou um objeto específico, mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva” (Koch, 2005, p. 35). O emprego de uma dessas formas, com função de categorização ou de recategorização de referentes, implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em dado contexto, de acordo com a proposta de sentido daquele que produz o texto.

As expressões nominais são, pois, formas lingüísticas que apresentam em sua constituição um nome, geralmente acompanhado de um determinante e de possíveis modificadores. Koch (2003, p.87) destaca o uso das expressões nominais, definidas e indefinidas, como um dos recursos mais produtivos da textualização. Essas expressões se distinguem por meio de determinantes. As nominais indefinidas, por exemplo, são antecidas por artigos indefinidos, ao passo que as expressões definidas são introduzidas por artigos definidos e pronomes demonstrativos.

Conforme postula Cavalcante (2003), as expressões referenciais são todas as formas que designam referentes. Formas estas que “se diferenciam pelo modo como indicam ao ‘co-enunciador’ como o enunciador pretende que ele identifique e interprete o referente” (Cavalcante, 2003, p. 106). No interior desse quadro de atividades partilhadas, os sujeitos passam a dispor de pistas para reconhecer os diferentes espaços discursivos, nos quais se encontram os objetos para os quais se poderá construir uma representação mental de referentes.

O uso das expressões ou descrições nominais definidas implica sempre uma escolha dentre as diversas propriedades caracterizadoras de um referente, daquelas que, em dada situação discursiva, em função dos propósitos a serem atingidos, o

produtor tem interesse de tornar conhecidas de seu interlocutor (Koch; Elias, 2006; Koch, 2005, 2003, 2002, 1999).

Dessa forma, a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao interlocutor informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido. Por outro lado, o produtor pode também, através do uso de uma descrição definida, dar a conhecer os mais variados propósitos, característicos ou traços relativos ao referente que o produtor procura ressaltar, caracterizar ou enfatizar, segundo suas intenções numa dada situação de interação.

O processo de referenciação pode ocorrer, também, pelo “uso de expressões indefinidas, com função anafórica e não, como é seu traço mais característico, com função de introdução de novos referentes textuais” (Koch; Elias, 2006, p. 135), embora, conforme postula Koch (2003), trata-se de um ponto pouco discutido nos estudos sobre a referenciação.

Segundo Schwarz (2000), citada por Lima (2003), as principais razões do uso anafórico do indefinido são: a) quando a expressão tem valor partitivo, isto é, quando o elemento anafórico é membro de um grupo, ou parte de um referente já mencionado; b) quando a vagueza própria do indefinido é utilizada para criar um efeito de suspense; e, c) quando a informação nova normalmente presente numa anáfora com recategorização é mais fortemente focalizada que a seqüencialização da cadeia coesiva.

Para Lima (2003), é importante salientar que a proposta classificatória de Schwarz, por ser uma das primeiras disponíveis na literatura sobre o tema, vale mais

como um levantamento do que como um estudo profundo. Ainda postula que “abordagens tradicionais da semântica e mesmo análises da lingüística cognitiva que trabalham sem *corpus* simplesmente ignoram ou ativamente negam que o artigo indefinido possa servir para retomar um referente introduzido previamente” (Cunha Lima, 2005, p. 199). Por outro lado, autores como Koch e Marcuschi (1998) apontam ocorrências desse tipo de anáfora, em que expressões nominais indefinidas repetem-se, referindo-se ao mesmo referente.

No que se refere à concepção da anáfora ainda há na literatura divergências que constituem dois grupos distintos: um que diz respeito a uma concepção mais estreita do processo, partilhada, entre outros, por Kleiber (2001); e outro grupo que inclui teóricos que defendem uma concepção mais ampliada do fenômeno anafórico como Apothéloz (1994), Berrendonner (1995), Mondada e Dubois (1995), Marcuschi e Koch (1998).

Os que defendem a visão mais estreita da anáfora a tratam como um fenômeno ligado diretamente à coesão textual e caracterizado pela retomada de um segmento do texto por outro. Dentro desse quadro, o anafórico se refere ao antecedente explícito na superfície textual. Assim entendido, a expressão anafórica revela traços de co-referencialidade e co-significação e o antecedente deve vir explicitado, constituindo, pois, uma relação de co-referência que se estabelece entre o elemento antecedente e o elemento anafórico. De acordo com Koch (2000), é importante observar que a relação entre esses elementos lingüísticos se dá numa constante oscilação entre dois movimentos, um de retroação e outro de prospecção, isto é, a introdução de referentes no texto se realiza por meio dos processos anafórico ou

catafórico, responsáveis pela formação de cadeias coesivas mais ou menos longas e complexas.

Além desses elementos que fazem remissão a outros explícitos no texto, segundo a própria Koch (2000) frisa, incluem-se, na noção de anáfora, os elementos implícitos, os que remetem a elementos do universo cognitivo dos interlocutores, desde que ativados ou reativados a partir de pistas expressas no texto, isto é, dão-se via processos de inferenciação. Vê-se, portanto, que o fenômeno da anáfora não se reduz à relação “antecedente/anafórico”, visto que essa relação não dá conta da variedade de fenômenos referenciais atestados no discurso que operam sobre a informação memorizada (Zamponi, 2003).

É dentro desse quadro de uma concepção mais ampla da anáfora, focada, sobretudo, na dinâmica do texto e na construção de objetos-de-discurso, que os defensores dessa concepção postulam que as expressões anafóricas servem tanto à continuidade e manutenção referenciais quanto à construção dos sentidos no texto, sendo, pois, muito importantes para a construção dos processos de referenciação.

Nessa perspectiva, o termo anáfora designa expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais estruturando, assim, coesivamente o texto. A partir desse enfoque, a construção textual passa a ser entendida como uma ação dinâmica de natureza lingüística e social que demanda a participação de sujeitos inseridos num determinado contexto sócio-cultural.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1997) e Reichler-Béguelin (1995) postulam que a dependência interpretativa de uma anáfora não se vincula ao contexto verbal,

explícito, mas a informações já disponíveis na memória discursiva. Dentro dessa visão cognitivo-discursivo da anáfora, permite-se a existência de objetos-de-discurso ativados ou reativados indiretamente com base no significado lingüístico ou não-lingüístico, ou seja, o referente pode ser facilmente inferido com base no contexto prévio, ou no contexto de uso de forma que sua presença na memória discursiva pode ser considerada latente no momento em que a anáfora aponta para ele (Koch, 1999, p. 18).

Para Marcuschi, a anáfora é um fenômeno de semântica textual, pois constitui um sistema de “relações semânticas cognitivas e discursivas no universo textual e não um caso de relações entre duas entidades identificáveis pontualmente no texto” (Marcuschi, 2000, p.3). Dentro dessa visão mais ampla de anáfora, o autor enfatiza que os processos cognitivos e as estratégias inferenciais são decisivos na atividade de textualização.

Cavalcante (2003) subdivide, de maneira coerente, as anáforas em dois grandes grupos, designados como anáforas com retomada (total e parcial) e anáfora sem retomada. No primeiro, estão inseridas as anáforas correferenciais recategorizadoras; já o segundo grupo é constituído pelas chamadas anáforas indiretas, definidas pela autora como “continuidades referenciais sem retomada, apenas com remissão a uma âncora no co(n)texto (Cavalcante, 2003, p. 113). Para essa autora, em geral, as anáforas indiretas, “por introduzirem uma entidade nova no discurso, categorizam novos referentes, mas a recategoriização lexical também é possível quando ela se realiza implicitamente” (Cavalcante, 2003, p. 114)

Isso significa dizer, a partir do exposto a respeito do fenômeno anafórico, que se tem, por um lado, a anáfora direta, para os que a definem dentro de uma visão mais estreita que se dá com base na noção de que a anáfora é um processo de “reativação de referentes prévios” (Marcuschi, 2000, p.3); e, por outro, a anáfora indireta para aqueles teóricos que a vêem dentro de uma visão mais ampliada, em que os processos cognitivos e as estratégias inferenciais são decisivos na ativação e reativação de textualização. De acordo com o autor, as anáforas indiretas constituem casos de

relações referenciais produzidas por sintagmas nominais definidos, verbos, adjetivos, pronomes ou até mesmo orações que não retomam pontualmente ou explicitamente elementos anteriores (ou posteriores) presentes na superfície do texto, mas ancoram em elementos do discurso da situação cognitiva ou outros para ativar ou introduzir um referente novo como se fosse dado. Mesmo inexistindo um vínculo de retomada direta entre uma anáfora indireta e um contexto antecedente ou posterior, persiste um vínculo coerente na continuidade temática que não compromete a compreensão (Marcuschi, 2000, p.2).

Essa abordagem mostra que esse tipo de anáfora não necessita de reativar referentes já explicitados na superfície textual, isto é, não há, pois, relação de co-referencialidade, nem sequer continuidade do mesmo referente, como postula Schwartz, citada por Marcuschi (2000). A anáfora indireta redefine o papel dos processos referenciais e inferenciais, na qual não ocorre uma retomada de referentes, mas, sim, uma ativação de novos referentes; outro fato importante é que elas têm motivação ou ancoragem no universo textual.

As anáforas indiretas têm recebido na literatura diversas denominações, entre as quais de anáfora associativa que, por sua vez, explora relações meronímicas, isto é, todas aquelas em que entra a noção de “ingrediência” (Koch 2002). Incluem-se,

portanto, aqui não somente as associações metonímicas, mas também todas aquelas relações em que um dos elementos pode ser considerado “ingrediente” do outro. Trata-se também de uma configuração discursiva em que se tem um anafórico sem antecedente literal explícito que pode ser reconstruído, por inferência, a partir do co-texto precedente.

Anáforas deste tipo (Zamponi, 2003) apresentam, portanto, as seguintes propriedades: 1) refere-se a uma entidade que, embora apresentada como já conhecida, é nova no discurso; não há, pois, na anáfora associativa uma relação de co-referencialidade; 2) pode ser interpretada referencialmente somente em relação a dados introduzidos no universo do discurso. Como se vê, o quadro das anáforas indiretas é muito complexo, visto que “não só se podem constatar diferentes tipos, mas também tipos mistos e casos limítrofes” (Koch, 2003, p. 109). Ainda nas palavras da autora, a interpretação dessas anáforas baseia-se “em conhecimentos semânticos (verbal e/ou nominal), e/ou em conhecimento conceitual, e/ou na inferenciação” (Koch, 2003, p. 109). Para ela, nem sempre é possível uma delimitação estrita desses dois tipos de conhecimento substancialmente iguais e estritamente acoplados na memória discursiva do sujeito.

Com base nas concepções dos autores acima citados, Bentes e Rio afirmam que “a construção da referência encontra-se inextricavelmente ligada ao desenho de uma representação cognitiva socialmente partilhada da realidade e às comunidades de prática construídas e reconstruídas pelos sujeitos no curso das práticas sociais” (Bentes e Rio, 2005, p. 287). Nesse artigo as autoras também postulam a necessidade de se analisar as atividades de referenciação considerando

tanto “um olhar sobre recursos lingüísticos e discursivos” (Bentes e Rio, 2005, p. 287), como “um olhar atento para os recursos de natureza não-verbal (visibilidade do referente e materialidade do contexto)” (Bentes e Rio, 2005, p. 287).

No lastro dessa reflexão, consideramos que se faz necessário, para o tratamento adequado de determinadas atividades referenciais como também de determinadas expressões referenciais, a necessidade de se considerar que o funcionamento da anáfora tem como base âncoras de natureza não apenas textual (Koch, 2003, 2004, 2002; Marcuschi, 2005; Cavalcante: 2005) e/ou visual (Mondada, 2005; Bentes e Rio, 2005) e, portanto, não necessariamente verbal, mas também tem como base a remissão a universos discursivos, modelos cognitivos, conhecimentos de mundo.

Esse tipo de interpretação do funcionamento da anáfora encontra-se baseado na compreensão de que na noção de anáfora, conforme mencionado acima, inclui-se os elementos implícitos, os que remetem a elementos do universo cognitivo dos interlocutores, desde que ativados ou reativados a partir de pistas expressas no texto, isto é, dão-se via processos de inferenciação (*cf.* Koch, 2000). Para Zamponi (2003), o fenômeno da anáfora não se reduz à relação “antecedente/anafórico”, visto que essa relação não dá conta da variedade de fenômenos referenciais atestados no discurso que operam sobre a informação memorizada.

A nosso ver, determinadas expressões anafóricas condensam não apenas uma porção precedente do texto, logo, elementos explícitos, mas também porções de discurso, funcionando, portanto, como recursos de interpretação intertextual (Koch, Bentes e Cavalcante, 2007) que sumarizam proposições discursivas que podem ser

observadas tanto na enunciação de uma cadeia referencial presente na superfície textual, como na ativação da memória discursiva isto é, de noções e ações que são cristalizadas por meio de contínuas atividades referenciais realizadas pelos sujeitos de uma determinada comunidade, de forma a construir uma estabilização para os sentidos daquela expressão. No entanto, acreditamos que nem todas as descrições definidas e as expressões referenciais indefinidas apresentam esse função sumarizadora de porções discursivas. É necessário que a entidade que elas designem sejam suficientemente “encharcadas” de uma memória social produzida sobre e a partir daquele referente.

O capítulo 6 tem por objetivo analisar o funcionamento dos processos referenciais no interior dos depoimentos dos entrevistados nas cidades de Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória acerca da construção e reconstrução da memória discursiva e social do o rei do cangaço.

CAPÍTULO 5 – BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMBIENTE DE PESQUISA E A COLETA DE DADOS

5.1 O ambiente da pesquisa

Como já afirmado, é comum encontrar em Sergipe referências da passagem de Lampião e seu bando por vários municípios deste Estado. Assim, excluindo-se os municípios da região litorânea, nos demais, contam-se casos da passagem de Lampião.

O seu contato maior foi com o município de Poço Redondo, mas alguns municípios vizinhos viviam em alerta em função da constante presença do cangaceiro e de seus comandados. Nesse sentido, a pesquisa debruçou-se, particularmente, sobre dois municípios para a aquisição de informações sobre o objeto pesquisado, que foram Poço Redondo e Nossa Senhora da Glória.

Situada na microrregião sergipana do Sertão do São Francisco, integrante da mesorregião do Sertão Sergipano, o município de Poço Redondo foi criado pela Lei Estadual nº. 525 de 25 de novembro de 1953, desmembrado do município de Porto da Folha, com uma área de 1.220 km². Fica distante de Aracaju a 184 km, tendo seus limites com Porto da Folha e o município de Canindé do São Francisco, no território sergipano, com o Estado de Alagoas, na divisa interestadual do Rio São Francisco, e com a Bahia, no lado da Serra Negra.

Tem uma vegetação composta por capoeira e caatinga, o que caracteriza o imortalizado cenário de tantas histórias do cangaço, e em especial de Lampião e seu

bando. Segundo o senso agropecuário de Sergipe, tendo como referência o ano de 1980, o mais próximo da época do cangaço, dos 90.586 hectares de terra do município, 47.632 hectares eram matas e florestas, o que dá a exata noção do local em que Lampião e seu bando faziam suas trilhas.

Do ponto de vista cultural, destaca-se a região de Angico, que ficou famosa por ter protagonizado a última cena da vida de Lampião. A Grotta de Angico, lugar da emboscada em que morreu o mais famoso cangaceiro brasileiro, é considerada uma das principais atrações turísticas, sendo tida como uma “beleza cênica”. No mês de setembro comemora-se em Angico a missa do vaqueiro, conhecida em toda a região, onde os cangaceiros são cultuados.

Distante 59 km do município de Porto da Folha, a 58 km de Nossa Senhora da Glória, 29 km de Monte Alegre de Sergipe e 20 km de Canindé do São Francisco, o município de Poço Redondo tornou-se o ponto de referência das peregrinações de Lampião à Sergipe. Quando estive no sertão sergipano, os municípios acima citados como limites e próximos eram constantemente visitados e faziam parte da rota do bando de Lampião em direção à Grotta do Angico, em Poço Redondo, onde o capitão Virgulino Ferreira da Silva se sentia seguro, e onde, ironicamente, foi morto.

Em Nossa Senhora da Glória, considerada a capital do sertão em Sergipe, Lampião contou com a simpatia de alguns fazendeiros, que lhe davam guarida quando de suas passagens. Este município foi criado em 26 de setembro de 1928 pela Lei Estadual nº 1014, quando se deu sua emancipação política do município de Gararu. Referindo-se as suas raízes histórico-geográficas, observa-se que a saga de Boca da Mata, hoje Nossa Senhora da Glória, confunde-se com as dos municípios

vizinhos situados no semi-árido sergipano, inseridos no polígono das secas, de clima adverso, mas de povo perseverante, dotado de índole pacífica, conseqüência de sua herança genética e de cultura sedimentada nos costumes e tradições dos seus ancestrais (Souza, 2005). A região de Boca da Mata, de difícil acesso, teve sua colonização pelos proprietários de gado que se foram fixando na região ao longo dos anos. Vale registrar que, atualmente, o município é elevado à condição de maior bacia leiteira do Estado. Foram os ocupantes de fazendas e sítios os primeiros habitantes do povoado Boca da Mata que teve início no final do século XIX. A este respeito Souza diz que “as primeiras casas do lugarejo foram a da Fazenda Boca da Mata, de propriedade de Antônio de Souza Correia, atual Avenida 7 de Setembro” (2005, p.19), e que “no ano de 1890, foi celebrada a primeira missa da localidade pelo Pe. Dantas, vigário de Gararu, na casa de Antônio Souza Correia” (2005, p. 20).

A relação do Município com Lampião se deu no ano de 1929, quando este visitou Nossa Senhora da Glória pela primeira vez, menos de um ano depois de criado. A este respeito, Souza (2005) diz que:

em 20 de abril do mesmo ano [1929], dia de feira, o novo Município teve sua sede invadida pelo bando de Lampião, constituído de dez cangaceiros (bandidos, cabras, bandoleiros): o próprio Lampião, Luiz Pedro, Ângelo Roque, Corisco, Zé Baiano, Alvaredo, Moderno, Ponto Fino, Amoroso e Volta Seca, sendo este último de menor idade; tomaram as armas do Sargento Alfredo e dos Soldados Osório e José Rodrigues, deixando-os detidos no Quartel de Polícia; as exigências de cinco contos de réis e dez burros selados para deixarem a comunidade em paz, foram atendidas, em parte, pelo Intendente João Francisco de Souza e seu irmão Delegado, Antônio Francisco de Souza (meu pai), pois só conseguiram arrecadar da população três contos de réis (Souza, 2005, p. 23).

Essa relação que se estreita entre Lampião e Nossa Senhora da Glória, no tempo em que Lampião permanece em Sergipe, é confirmada no texto de Souza (2005) quando este enumera algumas datas e fatos que considera marcantes na evolução histórica do Município, entre eles o fato de que “em julho de 1938, o grupo de Lampião é dizimado em Angicos, encerrando-se a fase negra da história do banditismo nesta região” (2005, p. 24).

O objetivo deste trabalho, pois, analisar a construção e reconstrução da memória social e discursiva sobre Lampião, no interior dos depoimentos dos sujeitos, através do emprego de processos referenciais que articula diferentes pontos de vista sobre a figura desse cangaceiro famoso da história do sertão nordestino. E, para a confirmação desta investigação, foi levantada a hipótese de que é por meio de cadeias de referência que os sujeitos pesquisados produzem pontos de cristalização necessários para a conservação de lembranças comuns na sociedade.

5.2 A coleta de dados

Como este trabalho tem como enfoque a análise da construção e reconstrução da memória discursiva via uso de processos referenciais em depoimentos sobre Lampião, procedeu-se, na pesquisa, a algumas etapas como:

- o levantamento bibliográfico nos diferentes pontos de vistas, não se atendo apenas à literatura específica da área;

- o levantamento de depoimentos orais a respeito da figura de Lampião, a partir da vivência de observadores da época.

Para os levantamentos propostos, realizou-se, inicialmente, a investigação junto a bibliotecas e arquivos públicos e particulares e, depois, junto a cidadãos do sertão sergipano. Para este caso, que se refere à constituição do corpus da pesquisa, utilizou-se como técnica o uso da entrevista aberta.

Esse corpus reúne depoimentos de cidadãos dessas duas comunidades localizadas no sertão sergipano, as quais constituem o ambiente da pesquisa, onde a memória do fenômeno do cangaço é permanentemente reconstruída por esses sujeitos. O trabalho de campo foi desenvolvido no período de março de 2006 a janeiro de 2007.

Foram entrevistadas 30 pessoas, mas selecionadas apenas 15 entrevistas que foram transcritas e estão em anexo. A maior parte dos informantes é mais velha, com mais de 60 anos. Há apenas um informante de 32 anos. O principal critério para a seleção das entrevistas que compuseram o corpus foi o fato de que os depoimentos selecionados revelaram uma grande quantidade de informações sobre Lampião e sobre os episódios que envolveram sua vida como cangaceiro.

Ciente da impossibilidade de realização de uma investigação com falantes de todo o espaço nordestino onde ocorreu o fenômeno do cangaço, optamos por constituir um corpus com moradores da região do semi-árido de Sergipe, tendo em vista a convivência do cangaceiro Lampião com o povo deste lugar por um bom tempo e, em particular, com os habitantes do município de Poço Redondo, e também o fato de que na região há cidadãos (inclusive 06 dos 15 entrevistados) que

vivenciaram a época dos acontecimentos relatados nos testemunhos que constituem o corpus desta pesquisa.

Alguns desses cidadãos foram coiteiros, apoiaram as idas e vindas de Lampião. Além deles, foram identificadas outras pessoas desse município e do município de Nossa Senhora da Glória, as quais, ainda hoje, nas suas práticas enunciativas, constroem e reconstroem todo um discurso sobre as ações envolvendo Lampião, ocorridas no período de 1928 a 1938, no Estado de Sergipe. Por meio dessa contínua reconstrução discursiva produzida pelos moradores desses lugares, revela-se a memória histórica e cultural da região, do interior da qual emergem não apenas as matrizes discursivas desse tema, mas também uma variedade de interpretações apresentadas para os fatos históricos.

Iniciada a investigação, verifica-se, com base em observações preliminares, que há, na região pesquisada, admiradores da valentia, da inteligência e da estratégia guerreira de Lampião. Um deles é o senhor Alcino, que acompanhou, algumas vezes, esta pesquisadora à casa de pessoas que contam e recontam a história do cangaço e, particularmente, as estórias em torno de Lampião, cujas ações se cristalizaram na memória do homem do sertão.

Como exemplo, citamos um trecho retirado do depoimento de JAS que assim se posicionou:

Fragmento 15

Eu acredito que Lampião foi um homem de justiça. [...] Sujeito direito tava ali. Lampião toda vida foi um sujeito sério, [...] ele sempre foi um homem de compromisso, um homem de palavra. Eu acredito que Lampião é que fez justiça com as suas próprias

mãos. Ele foi um justiceiro, [...] odiava quem traía ele. Lampião não levava desaforo pra casa [...]. Homem de palavra, homem de opinião... Quando ele mandava recado, ele cumpria, e outra, ele era homem valente... Era um homem valente mesmo, muito valente! (JAS, Entrevista 10, p. 284-5)

Na primeira visita à cidade de Poço Redondo, conheci o senhor Alcino que me foi recomendado por sua irmã Vera, ex-aluna do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe. Além da entrevista concedida, colocou a minha disposição uma boa parte do seu material de pesquisa sobre o cangaço, considerado por ele mesmo muito significativo. Nessa visita, ficou o registro de que ali foi o lugar que forneceu o maior número de cangaceiros para o bando de Lampião.

Na primeira fase de coleta de dados, no município de Poço Redondo, estive, dois dias, com alguns moradores da cidade, participando de eventos do dia-a-dia deste lugar. Durante a fase da coleta, foram feitas entrevistas individuais com 30 informantes, sendo que destes, selecionamos 15 informantes para constituírem o corpus desta pesquisa. Nas gravações, pedíamos ao entrevistado para dar um depoimento a respeito de fatos ocorridos, ali, no passado e que tinham deixado marcas na sua memória.

Outra pessoa muito importante na construção deste corpus que se fez acompanhante e condutor para outros informantes foi o professor Antônio Patriota, também, da cidade de Poço Redondo. Na segunda visita, já estava traçado o roteiro para a entrevista com familiares de ex-cangaceiros e outras pessoas interessadas em falar sobre o passado, enfim, pessoas que se dispuseram não só a fazer alguns

relatos, mas também, ainda que de forma sucinta, a dar opiniões a respeito de Lampião e das principais figuras ligadas ao cangaço.

Por intermédio desse professor, outras pessoas foram ouvidas e seus depoimentos provocaram diálogos com a pesquisadora. Alguns desses informantes possuem uma larga visão do processo histórico da época e, por isso, podemos dizer que estes sujeitos acabam por revelar uma intrincada rede de relações sociais presente no universo discursivo apresentado. Assim, o discurso sobre o passado ocupa lugar de proeminência nos discursos dos diferentes sujeitos, assumindo, inclusive, uma dimensão política muito forte. Nessa perspectiva, tais sujeitos se tornam sujeitos da história porque no momento da (re) construção, eles atribuem sentidos peculiares à história social da região em função de suas próprias experiências culturais.

Durante alguns encontros com moradores do local da pesquisa, a princípio, alguns deles alegaram que não se lembravam mais, ou que não queriam recordar aqueles episódios ocorridos ali à época do cangaço. Isso pode ser constatado nas palavras de AAA na entrevista que nos concedeu:

Fragmento 16

Eu nem sei a que a senhora está se referindo. Eu prefiro não lembrar disso, não! Mais como a senhora está pedindo, eu vou contar alguma coisa que eu sei desse homem malvado. Ele fez muita gente daqui do interior sair de casa correndo com medo dele e se esconder no mato. Minha mulher não gosta dele não. Ela tem muita raiva dele, - né muier?... [A esposa estava presente à entrevista] (AAA, Entrevista 4, p. 264).

É provável que os fatos lembrados tendam a conservar o significado que tinham para os usuários da língua à época em que os vivenciaram. Mesmo sendo protagonistas dos acontecimentos da história do cangaço, alguns dos entrevistados, ao lembrar certos episódios, sentiam-se, de uma certa forma, inibidos durante a (re)produção dos relatos que atingiram o sertanejo àquela época, e que já se encontram registrados nos anais da história do país. Nossa interpretação para tal atitude dos entrevistados é a de que, para alguns, a rememoração dos fatos relativos a Lampião e à época do cangaço é dolorosa em função da avaliação negativa que esses sujeitos tinham e continuam tendo dos eventos ocorridos no passado, conforme podemos observar no exemplo anterior, quando AAA refere-se a Lampião como “esse homem malvado”.

Por outro lado, durante algumas conversas, outros entrevistados não conseguiam esconder seus próprios desejos de absolver ou condenar o cangaço, e em particular, a figura de Lampião.

Fragmento 17

Também foi um velhinho de Piranhas [Alagoas] que foi coiteiro de Lampião que contou toda a história desse cangaceiro. Para esse velhinho, Lampião nunca fez mal a ninguém de Piranhas. Ele chegava e saía sem fazer maldade alguma. Como também em Itabi [Sergipe], o povo mais velho conta que ele nunca fez maldade com ninguém. Ele passava por fora da cidade, não entrava lá, mas mandava pedir alguma coisa, mas não fazia maldade (JAS, Entrevista 10, p. 28)

Segue um quadro que fornece um perfil sócio-econômico dos sujeitos da pesquisa, e seus pontos de vista:

Sujeitos da Pesquisa	Sexo / Idade	Naturalidade	Instrução	Profissão	Residência
AC (01)	M/64	Sergipe	1º Grau Incompleto	Funcionário público	Poço Redondo
ABM (02)	M/87	Sergipe	Semi-analfabeto	Lavrador	N.Sra.da Glória
AAP (03)	M/32	Pernambu-co	Graduando pedagogia	Professor	Poço Redondo
AAA (04)	M/94	Sergipe	Analfabeto	Lavrador	N.Sra.da Glória
ES (05)	F/78	Sergipe	Semi-analfabeta	Doméstica	Poço Redondo
EC (06)	F/83	Sergipe	1º Grau Incompleto	Doméstica	Poço Redondo
ES (07)	F/65	Sergipe	1º Grau Incompleto	Doméstica	N.Sra.da Glória
JFS (08)	M/81	Sergipe	Semi-analfabeto	Coveiro	N.Sra.da Glória
JPS (09)	M/ 89	Sergipe	Analfabeto	Lavrador	Poço Redondo
JAS (10)	M/65	Sergipe	1º Grau Completo	Aposentado	Feira Nova
JAO (11)	M/67	Sergipe	1º Grau Incompleto	Lavrador	N.Sra.da Glória
MGG (12)	F/86	Sergipe	1º Grau Incompleto	Doméstica/ lavradora	Poço Redondo
MVA (13)	F/76	Sergipe	Semi-analfabeta	Doméstica/ lavradora	N.Sra.da Glória
MA (14)	M/45	Alagoas	1º Grau Completo	Artesão	Poço Redondo
REC (15)	M/61	Ceará	3º Grau Completo	Geógrafo	Poço Redondo

Esses sujeitos que constituem o corpus da pesquisa estão assim distribuídos: oito deles são do município de Poço Redondo (cinco homens e três mulheres); seis são de Nossa Senhora da Glória (quatro homens e duas mulheres); e um dos sujeitos é do município de Feira Nova. A faixa etária desses informantes situa-se entre 32 e 94 anos. Alguns desses cidadãos pesquisados (MGG, JPS, JAO, EC, AAA e ABM) viveram na mesma época do fenômeno do cangaço.

Em relação aos pontos de vista externados, através do emprego de processos referenciais, observa-se que vão do positivo ao negativo, e, por vezes, mesclam os dois. Alguns entrevistados revelam a admiração pelo cangaceiro, são as pessoas que o consideram um homem a serviço dos mais necessitados, ao mesmo tempo em que injustiçado pela vida, e pelo sistema, vêem-no de forma positiva. Alguns outros o vêem negativamente, e consideram-no um bandoleiro vingativo, violento e maldoso. Há pontos de vista que reúnem o positivo e o negativo, quando reconhecem que mesmo atuando em socorro dos pobres (positivo) tem o seu lado ruim, violento (negativo). Do mesmo modo que alguns o consideram negativo, mas reconhecem suas qualidades positivas. Expressões estas que evidenciam como a imagem de Lampião, ao longo do tempo, tem sido construída e reconstruída pela sociedade pesquisada.

Essas formas nominais referentes à figurado cangaceiro corroboram para a (re)construção, por um lado, a partir de suas façanhas aterrorizantes, de uma imagem bandidesca, e, por outro, a partir de suas ações cativantes, de uma imagem mítica, uma espécie de Robin Hood sertanejo, temido pelos governantes e respeitado pelo povo nordestino. Constitui-se, assim, uma figura de dupla face,

ambígua, complexa. Por seus feitos, sua imagem continua presente na memória discursiva e social do povo nordestino.

CAPÍTULO 6 – LAMPIÃO SOB OS OLHARES DO POVO

Ao longo dos dois primeiros capítulos, procuramos produzir uma contextualização sobre o fenômeno do cangaço, sendo Lampião o ponto para onde convergem, principalmente, as mais importantes memórias sobre esse aspecto da história do nordeste brasileiro. Também, procuramos fornecer informações de caráter histórico e memorialista, organizadas de forma a apresentar uma breve narrativa sobre o personagem que possibilita a escrita desta tese. Esses primeiros capítulos serão de fundamental importância para a compreensão da construção e reconstrução da memória discursiva desse referente e para as análises a serem desenvolvidas sobre o funcionamento do que se denomina de condensação (sumarização) discursiva.

Sendo assim, na seção seguinte, mostraremos como a figura de Lampião é construída e reconstruída discursivamente, via processos referenciais, como um mito de múltiplas faces. Faremos isto trabalhando não só com as formas nominais retiradas do *corpus* das entrevistas realizadas para esta tese, mas também mostraremos, de forma sucinta, algumas expressões referenciais, acerca desse bandido, que aparecem no interior dos livros de especialistas consultados para a contextualização e/ou discursivização desta temática.

6.1. A construção discursiva da figura de Lampião: os olhares positivos

A investigação mostra que as expressões referenciais além de desempenharem uma série de funções cognitivo-discursivas relevantes na (re)construção discursiva do cangaceiro, possibilitam uma função condensadora ao operarem uma recategorização ou refocalização desse mito. Expressões essas que não só sumarizam porções discursivas provenientes do próprio (co)texto, mas também conteúdos, predicções, ou atributos que lhe foram sendo atribuídos ao longo do discurso através de processos de inferências, que têm sido usados para descrever operações cognitivas, que vão desde a nomeação de fatos e eventos a atividades discursivas e cognitivas.

Entre as funções que se destacam, têm-se (cf. Koch; Elias, 2006) a ativação e reativação da memória. Como multifuncionais que são elas contribuem para a elaboração textual, ora indicando pontos de vista, ora (re)categorizando os objetos presentes na memória discursiva.

A remissão textual realizada por meio de expressões referenciais constitui uma atividade de linguagem através da qual se constrói e reconstrói objetos-de-discurso. O uso de uma dada expressão, com função de categorização ou de recategorização de referente, implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizá-lo ou de predicá-lo. Em geral, como já foi visto, as estratégias de referenciação possibilitam a (re)ativação ou condensação de uma dada entidade na memória discursiva do sujeito que, imerso nos meios sociais, entra em contato com as lembranças e os acontecimentos do passado para a recategorização de referentes que circulam no interior de um determinado universo discursivo. Tendo-se, dessa forma, expressões referenciais, mais ou menos “complexas”, que

nomeiam, por exemplo, acontecimentos do passado, presentes na memória discursiva do grupo social ao qual pertencem os sujeitos investigados.

Ao longo deste capítulo, procura-se mostrar que os sujeitos procedem à categorização e recategorização do referente (Lampião), por meio da mobilização de expressões nominais referenciais (definidas e indefinidas) que funcionam como pontos discursivos de cristalização. Além de fazerem remissão a toda uma memória publicamente partilhada (Koch, 2002a) e continuamente construída e reconstruída pelos depoentes. A fim de facilitar a nossa análise, decidimos distribuir, em blocos semânticos, as expressões referenciais nominais identificadas e retiradas dos depoimentos dos sujeitos acerca do cangaço e de outros personagens da história do cangaço.

Vejamos agora um primeiro conjunto de descrições nominais definidas sobre Lampião, que era também “um mundo de contrastes”, “um complexo enigmático”, “um líder carismático” (*cf.* Gueiros, 1953; Maciel, 1988). Formas estas que parecem construir e reconstruir a principal face desse mito, sua face política:

o rei do cangaço
o governador do sertão
a majestade do cangaço
o grande general do sertão
o capitão brasileiro do cangaço
o comandante do cangaço
o chefe dos cangaceiros
o rei dos cangaceiros
o chefe do bando

Construída discursivamente por meio de cadeias referenciais definidas, como o bloco acima, cujo núcleo é sempre um nome (“rei”, “majestade”, “governador”, “general”, “comandante”, “capitão”, “chefe”), esta face política remete ou ao exercício do poder político; seja em um nível mais geral – “o rei do cangaço”, “o governador do sertão”, “a majestade do cangaço”; seja em um nível mais local – “o rei dos cangaceiros”, “o chefe dos cangaceiros”; ou ao exercício do poder militar - “o grande general do nordeste”, “o comandante cangaceiro”. Através dessas descrições definidas, os sujeitos fazem remissão a elementos presentes na superfície do próprio texto por eles produzido, ou a elementos inferidos a partir de uma memória social sobre Lampião. Por exemplo, há, nos depoimentos dos sujeitos, um grande número de memórias que revelam, em detalhes, o exercício desse poder, via cadeias referenciais construídas e reconstruídas em torno de sua memória, como se pode ver nos fragmentos a seguir:

Fragmento 18

[...] eu conheço muita estória de sua vida, da vida de *Lampião*, da vida de seu bando e de outros cangaceiros. Até essas estórias ainda se conta hoje. Os homens quando ficam ali na pracinha conversando lorota, aí se lembram e falam daquele tempo de *Lampião* e de sua história. A história do *rei do cangaço* o povo nunca esquece. Eles ainda se lembram porque essa história é contada por muita gente daqui ainda. O assunto pelas aventuras da *majestade do cangaço* anda por aí fora. [...] Eu me lembro que meu pai e minha mãe sempre falavam daqueles sábados na cidade, daquelas lembranças! Durante muito tempo, eles faziam questão de contar pra gente estória que falava da valentia e da astúcia de *Lampião*. Tem muita gente que ainda hoje lembra do tempo do cangaço... Lembra do *rei do cangaceiros*, era assim que o

chefe dos cangaceiros era chamado por muita gente com certo orgulho, [...]. A casa da minha avó lá na cidade servia era de rancho e aí muita gente vindo de longe dos arrealdizinhos ia se hospedar lá na casa de minha avó né! Passava o dia da feira e todos ali contavam estórias e mais estórias *do comandante do cangaço, de Lampião*. (ES, Entrevista 7, p. 274).

Fragmento 19

Nesse combate [de Serra Grande, em Pernambuco, em 1926], *Lampião* contava com menos de cem cangaceiros, mais mesmo em desvantagem derrotou de maneira triunfal as três volantes. Foi uma vitória estrondosa, sem dúvida, a maior vitória do *homem mais famoso do cangaço* que depois dessa vitória escreveu uma carta ao governador de Pernambuco fazendo uma proposta para ser *o governador do sertão* (AC, Entrevista 01, p. 253).

Fragmento 20

[...] com minha família sempre eles tinham respeito... Ninguém andava com mentira! Ninguém acoitava bandido, não! *Lampião* também não gostava de mentira não. Pai dizia que *Lampião* [...] respeitava quem respeitasse ele. [...] a ponto de ser chamado pelo povo de *o grande general do sertão*. Mais... de vez em quando também se metia em enrascadas, surpreendido pelas volantes. (AC, entrevista 13, p. 297).

Verificamos que, em (18), o informante introduz o referente principal - “*Lampião*”, para ir gradativamente construindo e reconstruindo, por meio de uma cadeia de expressões definidas (“o rei do cangaço”, “a majestade do cangaço”, “o chefe dos cangaceiros”, “o comandante do cangaço”), a face desse seu poder político. Esse fragmento (18) apresenta uma série de designações para o mesmo referente (*Lampião*), na forma de correferencialidade, o que permite um tratamento

textual contínuo com manutenção e variação lexical fundada em dados contextualmente introduzidos. Essas escolhas significativas são feitas em função de um querer dizer do produtor do texto (Koch, 2002a) a partir de ações coletivas geradas intersubjetivamente no confronto de memórias.

A (re)categorização do referente (Lampião), que se opera na mente do sujeito através de noções gerais já cristalizadas na sociedade, e, cujas lembranças contadas e recontadas são reconstruídas discursivamente sobre um fundamento comum, é o resultado de situações sociocognitivas e históricas. Situações estas decorrentes de discussões, interpretações, continuamente situadas nas práticas sociais sobre esse grande personagem da história do cangaço. Como já foi mencionado anteriormente, o emprego de anáforas correferenciais expressas por formas nominais definidas (“o comandante do cangaço”, “o rei do cangaço”, por exemplo) implica sempre uma escolha dentre os atributos ou traços que o sujeito procura ressaltar ou enfatizar para caracterizar tal referente.

No fragmento (19), observa-se, por exemplo, que a escolha das descrições definidas “o homem mais famoso do cangaço” e “o governador do sertão”, para a (re)ativação por recategorização da entidade “Lampião” (previamente introduzida), traz informações importantes, opiniões, pontos de vista, a respeito do referente. Tudo isso vai auxiliar o produtor na progressão referencial do texto, atuando diretamente na organização de informações-suporte, coerentes e coesas, acionadas pelo depoente na interação verbal. Informações estas que vão servir de base para a reconstrução do objeto-de-discurso identificável por já ter menção no (con)texto, de tal modo, que o referente apresentado continua em foco, isto é, presente na

memória episódica dos falantes. Através desta memória é possível recuperar acontecimentos vivenciados e/ou experimentados sobre tal figura no tempo e no espaço, como se pode perceber no fragmento (em 19) a seguir: “[...] mesmo em desvantagem derrotou de maneira triunfal as três volantes. Foi uma vitória estrondosa, sem dúvida, a maior vitória do homem mais famoso do cangaço”. Lampião agia como “um verdadeiro líder”. Pelas suas ações, parecia não temer as autoridades. Desafiava-as, que ao invés de se esconder, procurava demonstrar satisfação em aparecer diante da população, já que não tinha medo de expor suas pretensões, ao declarar, certa vez, que gostaria de ser “o governador do sertão”.

Pelo uso das diversas expressões referenciais (presentes nos depoimentos dos sujeitos), pode-se observar o quanto os conhecimentos episódicos, depositados na memória coletiva da comunidade, contribuem para a reconstrução, de modo adequado, da imagem política do cangaceiro. O emprego da expressão definida – “o governador do sertão” (em 19), por sua vez, remete não só àquilo que está explícito na superfície textual do depoimento, mas, sobretudo, a um conjunto de ações e atitudes relativas a toda uma memória acerca de Lampião. Predicações que lhe foram sendo atribuídas, ao longo do discurso, dentro de contingências sócio-históricas, possibilitando assim a condensação, por meio dessa e outras expressões, de toda uma representação simbólica sobre tal cangaceiro. Essa representação diz respeito, sobretudo, ao exercício de um poder político do qual sabia tirar proveito pela sua competência em relação às táticas de guerras de guerrilhas.

No fragmento (20), a cadeia coesiva do texto se assenta também na correferencialidade, visto que o referente “Lampião” introduzido no discurso do

sujeito nele é mantido por meio da expressão referencial indefinida: “um homem muito verdadeiro”, que remete anaforicamente a essa entidade, fazendo referência não só àquilo que está dito no texto, mas, sobretudo, ao seu conteúdo proposicional enquanto prática social do falante que esboça uma reflexão sobre a imagem do rei do cangaço, ao se posicionar: “Ninguém andava com mentira! Ninguém acoitava bandido, não! Lampião também não gostava de mentira não”.

É por essa, entre outras razões, a nosso ver, que ele é também (re)categorizado, ainda no exemplo 20, pelo sintagma nominal definido “o grande general do sertão” que faz remissão a proposições precedentes do co(n)texto para lhe atribuir certas propriedades consideradas relevantes nessa e em outras situações discursivas. Situações estas designativas de ações que constituem cognitivamente um rico universo lingüístico-discursivo sobre Lampião. Fica evidente, portanto, que os objetos-de-discurso, como já foi dito, são representações cognitivas publicamente partilhadas pelos sujeitos do grupo que vêm a construir uma memória discursiva a respeito de tais objetos.

Por outro lado, tem-se um conjunto de formas lingüísticas indefinidas que dizem respeito, também, aos possíveis atributos pessoais e morais de um líder político. Observem-se as expressões nominais do bloco a seguir:

um sujeito sério
um homem decente
um homem de palavra
um homem de compromisso
um homem muito verdadeir
um homem de opinião

um homem de justiça
um sujeito direito
um homem bom

O bloco semântico, acima, além de ser uma amostragem da presença de um grande número de expressões indefinidas, como: “um homem de palavra”, “um homem de justiça”, “um sujeito sério”, entre outras, encontradas no interior dos depoimentos, com função anafórica, tem por função focalizar mais fortemente a informação que veicula (Koch, 2002a), ou seja, chamar a atenção para as propriedades ou qualidades vinculadas ao referente. Atributos esses que vão se estabilizando na memória coletiva (e discursiva) dos indivíduos do grupo, continuamente, por meio de pontos de cristalização.

A contínua rememoração não só de traços específicos de sua personalidade, mas também de outros aspectos de sua vida, por parte dos sujeitos, contribuiu para que Lampião fosse considerado “um homem de palavra” (pois o que ele dizia valia como documento); “um líder guerrilheiro” (por seu exemplo de coragem e determinação); “um verdadeiro gênio” (na arte de atrair, iludir, atacar, ou fugir do adversário) e “um gênio” (em tudo que pretendia fazer pela sobrevivência). Por tudo isso, ele era também admirado pela população do seu tempo. Parecia ter consciência do papel que desempenhava na construção de sua imagem positiva e investia nisso.

Levando-se em consideração a multiplicidade de contextos, a qual imprime ao referente uma mutabilidade constitutiva à medida que se constroem e se reconstroem os significados do discurso, vejamos como o referente, a partir de pistas contextuais, é reconstruído e/ou mantido no modelo discursivo. Isso significa

dizer que a recategorização, fenômeno anafórico por excelência (Zavan, 2007), opera-se através de cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Cadeias essas que se formam, em torno do mito Lampião, por meio de retomadas anafóricas indefinidas: “um homem muito verdadeiro e honesto”, “um grande estrategista”, “um homem muito inteligente”, entre muitas outras expressões nominais, como as que se encontram nos fragmentos (21, 22 e 23), abaixo, do *corpus* coletado. Os sujeitos investigados expõem seus pontos de vista, suas idéias, a respeito desse cangaceiro, justamente, a partir do emprego de inúmeras formas de expressões referenciais indefinidas à medida que o discurso se desenvolve. Além de evidenciarem saberes, opiniões e juízos no momento da interação verbal (Koch; Elias, 2006) a respeito dos acontecimentos do passado, que ainda se fazem presentes na memória das comunidades pesquisadas. De modo que, durante a atividade discursiva, o falante recorre a conhecimentos prévios depositados não só na sua mente, mas também na memória social do grupo a que pertence.

Por meio desses conhecimentos, os sujeitos fazem suas escolhas e avaliações significativas, interagindo com outros sujeitos com base na vivência e/ou experiência desse grupo, ou ainda, sob a influência do que foi aprendido e/ou apreendido no interior da cultura dessa mesma comunidade. Trata-se, pois, de uma (re)construção muito complexa, visto que na recategorização do referente, pelo sujeito do discurso, intervém, na elaboração do sentido do texto, não só o que está sendo explicitado no (co)texto, mas também as informações procedentes do contexto sociocognitivo. Informações estas a que o sujeito recorre inferencialmente, a partir do co(n)texto,

com base no seu conhecimento de mundo, através das quais o referente é retomado e mantido na progressão referencial. Vejam-se os exemplos abaixo:

Fragmento 21

Eu acredito que *Lampião* foi *um homem de justiça*. Agora eu acredito que quando começou essa vida dele de entrar no cangaço, *Lampião* teve seus motivos. Ele era *um jovem digno*. *Lampião* era *um homem novo*, *um rapazinho* que negociava com redes e outras coisas, até em Sergipe ele vendia. [...] *Um sujeito direito* tava ali. *Lampião* toda vida foi *um sujeito sério*. [...] Quando ele mandava um recado pra alguém, podia demorar, mas ia, comparecia mais cedo ou mais tarde, não deixava de ir, ele sempre foi *um homem de compromisso*, *um homem de palavra*. Eu acredito que *Lampião* é que fez justiça com as suas próprias mãos. Ele foi *um justiceiro*, e se nada disso tivesse acontecido, ele não tinha feito aquilo, ele não ia ter aquele sofrimento. Ele chegou, em combate, a segar de um olho (JAS, Entrevista 10, p. 284-5).

Fragmento 22

Os cangaceiros andaram muito por aqui [Nossa Senhora da Glória], mas [...] ninguém acoitava bandido, não! *Lampião* também não gostava de mentira não. Pai dizia que *Lampião* era *um homem muito verdadeiro* e honesto que ele respeitava quem respeitasse ele. Pai falava muito que *Lampião* era *um grande estrategista*, era *um homem muito inteligente* a ponto de ser chamado pelo povo de o grande general do sertão. (MVA, Entrevista 13, p. 297).

Fragmento 23

Eu vi muitas vezes balas enfeadas nas rochas. Nas pedras ainda tem muita bala enfeada por lá, né? E ainda têm naquelas brechas, né? As balas batiam e enfeavam nas brechas onde mataram *Lampião* mais os cabras dele. Foi um fim muito triste [...],

eu sei que eles aprontaram muito por aí, né? Muita gente sofreu nas mãos deles. Mais assim mesmo tinha aqueles que defendiam *Lampião* dizendo que *um homem decente*, tava ali que fazia tudo aquilo não era porque ele era mau pessoa era porque o mundo fez ele assim vingativo por causa da morte do pai dele que foi assassinado no terreiro da casa deles aí ele tinha que vingar a morte do pai mesmo (JPS, entrevista 9, p. 280).

O referente “Lampião”, depois de introduzido, pelos autores dos fragmentos acima, na elaboração do discurso, é retomado, em 21, por “um homem de justiça”, “um jovem digno”, “um sujeito direito”, “um sujeito sério”, “um homem de compromisso”, “um homem de palavra”, “um justiceiro”. Essas formas nominais indefinidas constituem uma cadeia de recursos coesivos dos mais produtivos na construção da textualidade, ou melhor, na (re)construção do ponto de vista argumentativo positivo do sujeito ao caracterizar Lampião como, por exemplo, “um homem de palavra”, “um homem de compromisso”. O referente é focalizado não só como uma realidade (re)construída, a partir de atividades de linguagem em interação, mas também sob a influência do que foi vivenciado, experimentado pela sociedade, e que se encontra condensado e/ou cristalizado no interior da cultura do grupo social a que pertence tal informante. Sujeito este que atribui a Lampião determinadas qualidades e/ou capacidades (“um grande estrategista”, “um homem decente”, “um sujeito sério”) por seus atos de coragem diante de si mesmo e da sociedade. Também por exercer um grande poder político e simbólico, o que se pode ver nos fatos relatados durante as entrevistas para a constituição do *corpus*.

A introdução da expressão nominal indefinida “um homem de justiça”, (em 21), por exemplo, parece não apenas fazer remissão ao referente “Lampião” através de um conjunto de informações e ações explicitado no (co)texto, mas também

condensar toda uma memória social sobre o fenômeno do cangaço ao operar, com base no conhecimento prévio, uma recategorização de conteúdos, de acontecimentos passados, presentes no contexto sociocognitivo, e (re)ativados via inferenciação. A nosso ver, expressões indefinidas do tipo: “um homem de compromisso”, “um homem de palavra”, “um grande estrategista” além de retomarem segmentos textuais precedentes e subseqüentes, alusivos ao cangaceiro, sugerem a idéia de que é durante as atividades de linguagem que emergem certas propriedades cognitivas e sócio-históricas. Propriedades essas depositadas na mente dos indivíduos que vão auxiliar, inferencialmente, o depoente no momento da construção e reconstrução dos significados do texto, a partir de relações discursivas, de caráter eminentemente interativo.

Essas relações resultam na formação de uma imagem positiva do referente, fortemente focalizada por meio de uma quantidade variável de formas nominais indefinidas visivelmente perceptíveis no *corpus* da pesquisa, como: “um homem de justiça”, “um jovem digno”, “um sujeito direito”, “um sujeito sério”, “um homem de compromisso”, “um homem de palavra”, (em 21); “um homem muito verdadeiro”, “um grande estrategista”, “um homem muito inteligente”, (em 22); e “um homem decente”, (em 23). Vê-se, facilmente, que essa(s) cadeira(s) referencial(is), responsável(is) pela progressão do discurso e formada(s) em torno do mito, consiste(m) em uma série de determinações sucessivas pela qual o texto vai sendo construído e reconstruído pouco a pouco na medida em que os sujeitos vão, segundo seus propósitos de comunicação, nomeando traços que o identificam. Trata-se, pois, da elaboração e/ou reelaboração de um objeto-de-discurso bastante

complexo, que se encontra presente na memória social do grupo através de seus pontos de cristalização.

Tudo isso contribui para a refocalização do referente via uso de processos referenciais que gera informações importantes, mobilizadas por ocasião da interação verbal, indicando opiniões, interpretações (pontos de vista positivos: “um jovem digno”, “um homem decente”), como se pode verificar nos fragmentos (21,22 e 23) acima. Possibilitando, assim, a (re)ativação de uma representação simbólica acerca da entidade Lampião, no que diz respeito ao exercício de um poder político (“sabia se aliar”) e de um poder militar (“um guerrilheiro competente”, “um grande estrategista”), através das predicções e/ou atributos mencionados no interior dos textos dos pesquisados.

Nos fragmentos expostos acima, o uso das expressões referenciais indefinidas mostra o dinamismo das atividades de linguagem ancorado em práticas sociais, uma vez que, essas formas nominais não só remetem a informações precedentes, articuladas na superfície textual, como também abrem caminhos para a continuidade de atividades cognitivo-discursivas de extrema relevância na construção dos sentidos do texto. Essas expressões além de condensarem (ou sumariarem) todo o conteúdo sugerido pelo co-texto acerca de Lampião, elas possibilitam, como já foi visto, a sua (re)ativação na memória do sujeito pesquisado e na do grupo social a que pertence. Nos exemplos, mencionados (21, 22, 23), fica evidente, por meio de processos de referenciação, a forma pela qual o referente é argumentativamente construído e reconstruído, conforme as intenções do sujeito do discurso, com base nos seus conhecimentos de mundo (prévios). Expressões como: “um homem de

compromisso”, “um homem de palavra”, (em 21); “um homem muito verdadeiro”, “um grande estrategista” (em 22) fazem sentido no interior do próprio texto não só pelos elementos nele presentes, mas também pelos conteúdos inferidos, como, por exemplo, os saberes sociocognitivos que são mobilizados interativamente pelo locutor.

Os processos de referenciação vão, dessa forma, contribuir decisivamente na (re)construção da imagem do personagem na medida em que se assinalam argumentações e/ou avaliações, indicando, assim, pontos de vista. Observa-se que, na maioria das vezes, esse conjunto de referências faz parte de predicados nominais (ele era X – “ele era um homem de palavra”; “ele era um jovem digno”) e que tem por função argumentativa ressaltar determinados atributos como, por exemplo, “Lampião era um grande estrategista” (em 22). Ao escolher frases nominais, o sujeito não quis apenas atribuir predicacões ao referente, mas sim construir seus objetos-de-discurso por meio de descritores lexicais nominais (Koch, 2003). Tais grupos indefinidos funcionam também, como já vimos, como estratégias condensadoras de porções discursivas.

Verifica-se também que, nos depoimentos a seguir, o uso de algumas expressões nominais indefinidas parece dar mais destaque para a construção de imagens metafóricas interessantes sobre Lampião, como é o caso das expressões “uma luz”, “um espelho”, “um reflexo” (em 24). Lampião sempre foi um homem diferente dos outros cangaceiros, visto que, no imenso universo do cangaço, parece ter contado com “a sorte”, ou melhor, com “a estrela”, principalmente quando se envolvia em uma luta, mostrando que conseguia tirar partido das ocasiões difíceis. É

nesse sentido que Lampião era comparado a “um espelho” (Fontes, 2001; Gueiros, 1953). O fragmento, a seguir, de um dos entrevistados, ilustra muito bem o que foi dito acima:

Fragmento 24

[...] por ele ser muito esperto nos combates, recebeu mais tarde o nome de *Lampião*, porque ele era realmente *um reflexo, uma luz* realmente. Ele era *muito ligeiro* por isso ele ganhou *o apelido de Lampião*. O povo conta e a história também conta que Virgulino Ferreira da Silva quando ainda estava sob o comando do Senhô Pereira, [um dos maiores cangaceiros antes de Lampião], participou de um dos combates mais duros do cangaço. Senhô Pereira foi cercado numa casa por 126 homens da polícia e onde tinha apenas 11 cangaceiros, entre esses cangaceiros também estava Virgulino e dois irmãos. Foi durante o tiroteio entre a polícia e os cangaceiros que foi observado o fato de que o rifle de Virgulino de tanto atirar para dar saída para os cangaceiros de dentro da casa onde foram cercados pelos homens do governo mais parecia um candeeiro ou lampião aceso e, é por isso, que resolveram dar a ele o apelido de Lampião. Foi então depois desse combate que ele recebeu esse apelido que passou a ser conhecido na história do cangaço. Para o povo do sertão, Lampião era *um espelho*, era *um estrategista*, como Antônio Conselheiro da guerra de Canudos. Para o povo sertanejo Lampião era e continua sendo *um grande guerrilheiro* [...] (AAP, Entrevista 3, p. 259-260).

A escolha dessas expressões indefinidas, ao construírem imagens metafóricas (cf. Koch, 2003) para a recategorização do referente, realiza avaliações que permitem novos direcionamentos de argumentação, de pontos de vista, de interpretação. O emprego desta seqüência de formas referenciais (“um reflexo”,

“uma luz”, “um espelho”, “um estrategista”, “um grande guerrilheiro”) evidencia o papel anafórico que elas podem desempenhar na reconstrução discursiva do mito Lampião. O que significa dizer que tais expressões contribuem decisivamente para a elaboração do sentido do enunciado, como já mencionado antes, indicando pontos de vista e assinalando direções argumentativas. Parece-nos que a carga avaliativa acerca do mito se dá mais em função do emprego dessa e de outras cadeias referenciais. O referente via cadeias coesivas é inferido com base no contexto prévio e/ou no contexto de uso, de modo que sua presença na memória discursiva do grupo social, a que pertence(m) o(s) sujeito(s) atuante(s), reforça a idéia de que a constituição da memória social pode ser produzida discursivamente. Mas, não só, por meio de atividades referenciais que corroboram para a construção e reconstrução dessa memória e que consistem, também, não simplesmente em localizar um segmento lingüístico no texto (um ‘antecedente’), mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocado na memória discursiva do grupo. O uso de uma dessas formas indefinidas, como “um grande guerrilheiro”, com função de categorização ou de recategorização do referente, implica sempre uma escolha entre uma multiplicidade de formas de caracterizar ou predicar a figura do rei do cangaço. Escolha essa feita, a partir de dado contexto, de acordo com a proposta de sentido e/ou de interpretação daquele que produz o discurso nas suas práticas sociais em interação com outros membros da comunidade.

Também é possível ainda observar a construção discursiva desse mito, se considerarmos como se dá a seleção dos atributos que compõe uma descrição indefinida: expressões como “um homem esperto”, “um homem muito capaz”, “um

homem muito competente”, em que os atributos “esperto”, “capaz” e “competente” caracterizam o nome-núcleo “homem”. Observem-se os exemplos que formam o grupo semântico a seguir:

um homem esperto
 um homem muito capaz
 um homem muito inteligente
 um homem muito competente
 um homem muito cauteloso
 um homem muito ligeiro
 um homem habilidoso
 um homem valente

O uso das formas nominais indefinidas, acima expressas (predicado nominal), à medida que alimenta a memória discursiva e social, reforça a idéia ou a carga avaliativa da imagem de Lampião, agora, sob o enfoque de certas capacidades e habilidades a ele atribuídas e extraídas dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa. Foram esses atributos e/ou predicacões (“um homem esperto”, “um homem muito competente”), além de muitos outros, que lhe possibilitaram a sobrevivência no cangaço (Fontes, 1998) por mais ou menos 20 anos. Qualidades e/ou capacidades tais que condensam informações importantes, como as dos exemplos seguintes, que, a nosso ver, atuariam no sentido de condensar (ou sumarizar) a avaliação feita pelo sujeito do discurso a respeito do cangaceiro,

Fragmento 25

[...] *Lampião* era [...] *um homem muito competente*, além de ainda ser para seu povo que ainda traz essa chama viva na memória *um homem muito justiceiro* e não é só o povo que diz isso não... muitos daqueles que estudaram e ainda estudam o cangaço

dizem a mesma coisa.[...] Uma questão muito interessante que o povo também ainda se lembra muito e ainda conta, e que eu acho muito interessante no cangaço, são as táticas de guerra dele, porque ele era *um homem muito inteligente... um homem muito competente*, como a questão de pegar as chinelas colocar ao contrário e andar, [...], então, os caras pensavam que eles estavam indo pra trás, e na verdade, eles estavam indo pra frente. Tudo isso chegava ao conhecimento do povo e daqueles que a gente sabe que eram os macacos, eles assim chamavam. Na verdade, era a volante que a gente encontra assim também nos livros de história (AAP, Entrevista 3, p. 260-1).

Fragmento 26

Diziam então que *o bandido* [Lampião] dormia pouco né? Quando os outros companheiros dele estavam dormindo, ele estava acordado em pé observando tudo... Tocaiando né? Escorado na boca do fuzil. Meu pai sempre falava que Lampião era *um homem muito cuidadoso... um homem muito cauteloso*, se um bandido dele matasse um num tiroteio, Lampião dizia, né? Que ele ia saber de quem foi a bala que matou, ele ia saber quem atirou era quando ele ia dormir. Falam também que pra Lampião dormir, então, Maria Bonita e Corisco ficavam acordados. Lampião não confiava em mais ninguém pra dormir um pouquinho, só neles (MGG, entrevista 12, p. 294).

Fragmento 27

Como era de seu hábito, Lampião e seu grupo levavam a volante para bem longe do local onde estavam Lampião e sua gente. Por isso criava algumas pistas falsas como deixar pano sujo de sangue no chão por onde passava. Sua intenção era a de despistar os perseguidores levando a volante para um lado e seus companheiros fugiam na direção oposta, tomando cuidado para não deixar rastros que denunciasses eles. Lampião era mesmo *um homem esperto e muito ousado* e também *um homem valente* assim dizia o velho meu pai. Ele sempre contava a gente tudo aquilo que

aconteciam... Ele conservava aquelas lembranças, né! Guardava aqueles *causos* de Lampião em sua memória nos mínimos detalhes, né! Sabe, meu pai gostava muito de falar das histórias do cangaço e da vida de Lampião e de como os acontecimentos se sucediam aqui na redondeza de Glória e em outros lugares. Meu pai falava sempre que Lampião era *uma figura* que marcou muito a vida do sertanejo. O povo do sertão diz ainda que Lampião foi *um gênio militar* e ele tinha o apoio da população, a vida de Lampião era contada e cantada pelos violeiros nas feiras isso eu me lembro ainda muito bem eu ainda mocinha ia pra feira e ouvia aqueles homens cantando e contando as histórias de Lampião, do bando, e de sua companheira Maia Bonita aí juntava muito gente só pra ver e ouvir e aí o povo saía dizendo: “Lampião era mesmo *um herói*”. O povo reconhecia mesmo o seu heroísmo. Para muita gente, Lampião não esquecia suas promessas. (MVA, entrevista 13, p. 297).

Ao ser introduzido, em cada um dos fragmentos acima, o referente principal (“Lampião”) é retomado pelas expressões indefinidas “um homem muito competente”, “um homem muito justiceiro”, “um homem muito inteligente”, em 25, dando, assim, origem a uma cadeia referencial responsável pela recategorização progressiva desse referente. Já no fragmento 26, é a descrição definida “o bandido” que introduz o referente principal, retomado pelas expressões indefinidas “um homem muito cuidadoso”, “um homem muito cauteloso”, as quais contribuem decisivamente para a manutenção desse referente no modelo textual. Em 27, Lampião é retomado por “um homem esperto e muito ousado”, “um homem valente”, “uma figura” “um gênio militar” e “um herói”. Observa-se, pois, que a recategorização de Lampião, via cadeias referenciais, acha-se fundada num tipo de remissão correferencial, caso típico de anáforas diretas correferenciais expressas por formas

nominais indefinidos. Como, por exemplo, Além da cadeia expressa acima, o sintagma “Lampião” em (25), é retomado por “um homem muito competente”, “um homem muito justiceiro”, “um homem muito inteligente”. Verifica-se, nesses sintagmas nominais, que, dado à repetição do nome-núcleo “homem”, o que vai caracterizar e/ou identificar, realmente, a figura do fenômeno são os modificadores de tipo avaliativo, como “competente” justiceiro”, “inteligente”, pois são esses atributos que o qualificam.

Já no bloco semântico seguinte, as descrições lingüísticas definidas são empregadas, conforme a intenção do enunciador, para reforçar essa imagem positiva de Lampião por meio de capacidades e habilidades a ele atribuídas. Casos como os sublinhados abaixo:

o temido Lampião
o habilidoso Lampião
o estrategista Lampião
o astucioso Lampião
o famoso Lampião

Essa seleção de atributos, nas expressões definidas acima, acrescenta informações que particularizam o referente, ou destaca pontos de vista do sujeito sobre a entidade referida. Observa-se, por exemplo, que, nas expressões referenciais do bloco semântico acima, o referente principal é retomado e recategorizado pelas expressões “o astucioso Lampião”, “o habilidoso Lampião”, em (28), cuja função é especificar; identificar; e caracterizar o rei do cangaço. Essas descrições definidas ressaltam, portanto, certas características atribuíveis ao referente em um dado contexto situacional (ou universos discursivos), sendo que tais

escolhas são geradas de acordo com os propósitos de comunicação do investigado. Trata-se, geralmente, do processo de ativação e de reativação na memória do interlocutor (cf. Koch, 2003; Koch; Elias, 2006). Vejamos alguns fragmentos muito interessantes que ilustram como essas expressões condensam porções discursivas sobre as ações de Lampião:

Fragmento 28

[...] os Nazarenos estavam atrás de Lampião. [...] Então *o astucioso Lampião*, por ser tão inteligente, sabia que os caras vinham ali no açude da fazenda beber água, então fez o seguinte: cercou o açude [...]. Foi aí que a situação se complicou, quando eles foram tomar água, como imaginou *o habilidoso Lampião*, meteram fogo neles. Só sei que fiquei sabendo por meio de algumas informações que morreram apenas dois cangaceiros e doze homens da volante dos Nazarenos. (AAP, Entrevista 3, p. 261).

Fragmento 29

Lampião não foi um bandido não. Pra mim, *o estrategista Lampião* foi *um justiceiro, um herói* realmente. Teve gente aqui, em Poço Redondo, que melhorou de vida no tempo de Lampião. A gente conheceu aqui a finada Dó. Ela foi uma das pessoas que *o temido Lampião* deu dinheiro, aí, ela pegou esse dinheiro e construiu uma bodega com que viveu até o fim da vida. (MA. Entrevista 14, p. 299).

Fragmento 30

Lampião aprontou muito com os fazendeiros. [...] tinha na feira aqueles homens repentistas né? Aí, eles contavam a vida *do famoso Lampião* e a vida dos homens dele, comandados por *esse herói do sertão*. Também se sabia muita coisa através de pessoas desconhecidas, aquelas que vinham lá de longe fazer feira lá na rua. Então se sabia notícia *do famoso cangaceiro*, porque todo mundo queria saber, conversando

com as pessoas na feira, um dia uma conta uma coisa, no outro dia, outra pessoa conta outra coisa e assim todo mundo ficava sabendo das notícias *do homem mais famoso do sertão* [...] (ES, entrevista 7, p. 274)

Nesses pequenos trechos da investigação, a entidade em estudo, a cada nova interpretação, é assinalada e/ou (re)definida discursivamente por intermédio de grupos nominais ou descrições definidas, como “o astucioso Lampião”, “o habilidoso Lampião” (em 28); “o estrategista Lampião”, “o temido Lampião” (em 29); “o famoso Lampião”, “o famoso cangaceiro”, “o homem mais famoso do sertão” (em 30). Como vemos, o nome “Lampião”, introduzido no discurso, é recuperado ou renomeado imediatamente, por meio de sintagmas nominais definidos, nos fragmentos, acima. A seleção de cada uma dessas expressões atende sempre ao projeto de dizer do locutor no momento da interação, à medida que o discurso se desenvolve. É importante, pois, salientar que a recategorização ou refocalização da entidade referida no (co)texto se realiza, mais uma vez, por meio de anáforas correferenciais responsáveis pela formação de cadeias referenciais ou coesivas mais ou menos longas e complexas que vão sendo construídas e reconstruídas durante a interação verbal. Trata-se, portanto, de formas nominais veiculadoras de informações cuja função é retomar ou fazer remissão ao referente, recategorizando-o a partir de pistas fornecidas pelo co(n)texto com o intuito de especificá-lo, como se encontra exemplificado em (28), (29) e (30). Isso significa dizer que a formação dessas cadeias remete sempre ao mesmo referente, mencionado no (co)texto.

Por outro lado, verifica-se que descrições definidas, como “o estrategista Lampião”, “o temido Lampião” (em 29), não se restringem apenas às informações,

conteúdos, expressas na superfície textual, mas também a informações gerais de que os falantes lançam mão para retomar ou remeter a acontecimentos vivenciados pelos indivíduos do mesmo grupo cultural. E que estes possam facilmente construir e reconstruir um quadro mental envolvendo a figura “do homem mais famoso do sertão”. Esta expressão anafórica, ancorada em “Lampião” (30), fundamenta-se, a nosso ver, em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo, mais precisamente vinculados ao modelo de mundo textual (visto aqui como formas de cognição social). Modelo este presente no co(n)texto e mais ligado a processos inferenciais gerais, constituído do próprio saber, já que todo conhecimento circulante em uma dada comunidade é resultado de ações lingüísticas, sociais e cognitivas dos sujeitos que as realizam no interior de eventos, fatos, acontecimentos reais.

Para os sujeitos pesquisados, o povo não só se lembra como ainda conta sobre as táticas de guerra do fenômeno. Para o sertanejo, conforme os depoimentos, Lampião era “astucioso”, “habilidoso”, “estrategista”, “justiceiro”, “herói”, “temido”. Modificadores estes atribuídos ao nome-núcleo “Lampião”, presente nas expressões referenciais (“o astucioso Lampião”, “o habilidoso Lampião” (28), “o estrategista Lampião”, “o temido Lampião” (29), “o famoso Lampião” (30)), dizem respeito a escolhas significativas de diferentes formas de caracterizar, de especificar a figura do rei do cangaço a partir de representações existentes na memória (mente) do falante; e ao modo como este seleciona as formas lingüísticas apropriadas para (re)categorizá-lo com base no contexto sociocognitivo e discursivo. Assim sendo, através do uso de expressões nominais é possível se fazer a (re)categorização da

entidade (Lampião) mencionada no (co)texto e instaurada no contexto discursivo e social. O referente depois de ter sido introduzido, é reativado pelo recurso de anáforas correferenciais de forma a permanecer saliente no discurso.

A expressão referencial definida “o homem mais famoso do sertão”, no fragmento 30, a nosso ver, parece não apenas fazer remissão a informações e/ou ações explícitas na superfície textual, mas também condensar (sumarizar) toda uma memória coletiva sobre Lampião. Trata-se, pois, da (re)elaboração de um objeto-de-discurso bastante complexo e estocado na memória social do grupo que contribui para a (re)construção da imagem do personagem através de opiniões, pontos de vista positivos, interativamente mobilizadas nas práticas sociais. Observa-se ainda no material de análise que há descrições definidas como “o mito Lampião”, “o fenômeno Lampião”, “o símbolo Lampião”, em que o nome próprio (Lampião) funciona como modificador dos nomes genéricos (“mito”, “fenômeno”, “símbolo”). Vejam-se os exemplos a seguir:

Fragmento 31

[...] ainda hoje se fala muito da história de Lampião, da história do *mito Lampião*, do *símbolo nordestino* que ainda está viva na memória do homem do sertão nordestino e ainda é muito discutida em debates nas escolas, em seminários e em vários outros encontros da arte e da cultura. Os livros de literatura de Cordel também tratam muito bem da questão do *mito Lampião*. Muitas vezes, a gente tem que sair e procurar Seu João Paulo que ainda é vivo aqui e conhece muito bem a história do cangaço e também pesquisar muito sobre o que foi ou o que é o *mito Lampião* (AAP, entrevista 3, p. 263).

Fragmento 32

[...] com o apoio de estudantes e de professores organizamos uma exposição para mostrar... para chamar, então, a atenção da população para o fato de quanto o *fenômeno Lampião* era importante para a cultura do nosso município. Foi daí que Dionísio debatendo com o prefeito e com o juiz de Direito propôs que se fizesse, então, um plebiscito. E, então, no dia 28 de julho de 1993, teve aqui na cidade do Poço [Poço Redondo] uma disputa bem acirrada em favor da manutenção do monumento, né? Em torno do *símbolo Lampião*, em favor da manutenção do murinho de Lampião, né? Porque esse espaço cultural, além de ser muito importante para a população local, serve de ponto turístico pro município (REC, entrevista 15, p. 303).

Nos exemplos acima mencionados, procura-se mostrar como as expressões referenciais apresentam um caráter condensador, já que remetem a atividades cognitivo-discursivas, ou seja, à (re)categorização de Lampião como “mito”; como “fenômeno” e como “símbolo” (como disse REC: “o fenômeno Lampião era importante para a cultura do nosso município”). Também porque tais expressões remetem a atividades languageiras, visto que pressupõem ter havido muitas enunciações e avaliações dos sujeitos para que ele se transformasse na entidade que reúne todas as características (boas ou más) do homem nordestino. Tal como foi elaborado e reelaborado pelos sujeitos do discurso a partir da indicação de expressões nominais que consistem, como já foi dito, em afirmar que o referente (Lampião), ao ser introduzido, é reconstruído antes de tudo por meio da cadeia coesiva: “o mito Lampião”, “o símbolo nordestino” (em 31), e “o fenômeno Lampião”, “o símbolo Lampião” (em 32). O uso dessas expressões definidas parece dar ainda mais destaque ou relevo às informações cristalizadas, condensadas no universo

discursivo sobre a figura de Lampião, ou seja, sua imagem é sempre reativada na continuidade referencial, como em “[...] ainda hoje se fala muito da história de *Lampião*, da história do *mito Lampião*,” (fragmento 31). Na construção do referente, as formas nominais definidas servem não só para dar continuidade e manutenção desse referente, mas também para construir os sentidos na interação verbal.

Há ainda outras descrições definidas, formadas por nomes genéricos (“titã”, “chefe-herói”, “estrategista”), que referenciam o mito Lampião ou por sua liderança político-militar e/ou ainda por sua imagem de herói. Observe-se o bloco a seguir:

o rei
o titã
o herói
o chefe-herói
o estrategista
o guerreiro
o capitão
o chefe

Isso, a nosso ver, mostra que é o trabalho dos sujeitos sobre a linguagem que produz pontos de cristalização necessários para a conservação de lembranças comuns a todo um grupo social. É interessante observar que essas descrições nominais definidas, elencadas acima, são usadas por muitos dos entrevistados. Segundo depoimentos de alguns desses sujeitos, muitas pessoas, nas suas atividades discursivas, procuravam salientar a coragem, a inteligência, a astúcia de Lampião, como pode ser verificado nos fragmentos a seguir:

Fragmento 33

Para os homens da volante a vitória [de Maranduba] parecia certa, mas a situação era inversa. Do outro lado, estava *o herói, o titã, o guerreiro dos sertões*. Numa manobra inteligente e envolvente *o rei do cangaço* deixa os atacantes sem saber como e por onde dirigir o combate, pois o momento do flagrante já passou e estarecida a polícia se dá conta de que já não são os atacantes e que o domínio da situação pertencia a Lampião (AC, entrevista 1, p. 254)

Fragmento 34

Uma questão muito interessante que o povo também ainda se lembra muito e ainda conta, e que eu acho muito interessante no cangaço, são as táticas de guerra dele, [...] como a questão de pegar as chinelas colocar ao contrário e andar, então, os caras pensavam que eles estavam indo pra trás, e na verdade, eles estavam indo pra frente. Tudo isso chegava ao conhecimento do povo e daqueles que a gente sabe que eram os macacos, eles assim chamavam. (AAP, entrevista 3, p. 261).

Fragmento 35

Ele passou aqui [na cidade de Nossa Senhora da Glória] e foi pernoitar na cidade de Ribeirópolis, ali pertinho. [...], quando chegaram lá, foram direto pro quartel de polícia. As portas estavam abertas, aí *ele* entrou no quartel e achou a polícia... Todos os homens estavam... Tudo deitado, aí *o chefe* disse: “levante macacos, vocês não estão esperando *Lampião*? [...] Zé Pimenta [o sargento], pergunta *Lampião*, onde fica a casa do delegado? Aí, eu sabia e fui mostrar porque eu estava mais *o capitão*. Nesse tempo, eu era moleque ainda bem novinho, aí mostrei e fui na casa do delegado com *o capitão* [...]. Aí *Lampião* disse pro delegado: “delegado você tem uma polícia muito fraca, esperando por *Lampião* e tá tudo deitado! Seu delegado, o senhor tem um

dinheirinho aí pra me dar?” Então o delegado disse: “eu não tenho dinheiro hoje não porque o comboio chegou ontem que eu tenho padaria e o dinheiro eu gastei todo, apliquei na farinha de trigo”. Aí, abriu a porta e mostrou a sacaria. Aí, *o rei do cangaço* disse: “então tá certo, você tá sendo verdadeiro, você não tem dinheiro mermo”. [...], aí foi embora, né? Viajou cabeça arriba, foi aí pros lado de Frei Paulo onde *o capitão* Virgulino tinha uns amigos lá nesse tempo. Eram uns fazendeiros de lá que gostavam dele, porque *Lampião* era *uma pessoa amigüeira* e quem gostasse dele era amigo dele de verdade. (ABM, Entrevista 2, p. 256-7)

No fragmento 33, citado acima, o primeiro referente é introduzido por meio da descrição definida “os homens da volante”. Em seguida, foi introduzido um novo referente que passa a ocupar a posição focal, desativando-se, assim, o referente introduzido anteriormente, contudo, este continua disponível no modelo textual, sendo, novamente ativado (“os atacantes”, “a polícia”) à medida que o discurso se desenvolve. O segundo referente (*Lampião*) introduzido por meio da cadeia referencial (“o herói”, “o titã”, “o guerreiro dos sertões”) vai sendo modificado ou expandido pelo acréscimo sucessivo de novas (re)categorizações ou avaliações acerca deste referente. Avaliações essas feitas com base em alguns elementos inferidos do cotexto anterior ou fundamentados no contexto sociocognitivo, que apontam ou remetem para a entidade (*Lampião*), já que não aparece no texto um antecedente explícito, mas, sim, elementos de relação.

Esses elementos são decisivos para a reconstrução, a interpretação e/ou a avaliação dos fatos presentes não só na memória do falante, mas também da comunidade com a qual interage, de modo que, durante a atividade de linguagem, vão-se atribuindo ao referente, via expressões referenciais, caracteres e/ou

predicações ancorados no universo discursivo e em modelos cognitivos. Dessa forma, é, por meio de cadeias referenciais, como “o herói”, “o titã”, “o guerreiro do nordeste”, “o rei do cangaço”, em (33), que operam como que uma memória compartilhada, “publicamente” alimentada (Koch, 2003) pelo próprio discurso, que o sujeito constrói e reconstrói discursivamente a figura mítica de Lampião.

A progressão referencial, em (35), parece estar condicionada pelo tipo de seqüência textual que estrutura o discurso: este é construído em torno das ações do referente e, não, em torno de uma apresentação valorativa de sua figura. O enunciador escolhe falar sobre as ações desse referente, que acabam por corroborar várias imagens de Lampião, explicitadas pelo uso de expressões referenciais já elencadas em análises anteriores: a de um homem esperto, cuidadoso; a de um homem justo; a de um homem amigüeiro. É possível perceber, no entanto, a orientação argumentativa do discurso por meio da presença das expressões referenciais (“o rei do cangaço”, “o capitão Virgulino”), cujos nomes-núcleo (“rei” e “capitão”) remetem, mais uma vez, ao exercício do poder político e/ou militar de Lampião no tempo e no espaço.

As estratégias de referenciação, que dizem respeito à introdução e à continuidade do referente no discurso, permitem constatar, no curso das práticas sociais, a grande complexidade que há em se construir e se reconstruir, via o emprego de processos referenciais, a memória discursiva do rei do cangaço. A nosso ver, muitas das expressões nominais relativas a tal entidade condensam um grande conjunto de informações sobre o passado, instaurando, ao mesmo tempo, um presente subjetivo denso, saturado por uma memória social que se refaz a cada

nova enunciação de cada uma das expressões. Por exemplo, a forma nominal indefinida, “uma pessoa amiguetra”, em (35), que designa esse personagem da história do sertão nordestino, usada pelo depoente, remete tanto ao conjunto de informações presente no interior do próprio texto, como também a outras expressões referenciais (“um homem bom”, “um homem gentil”) mencionadas por outros falantes em outras situações discursivas. E também condensa outras informações enunciadas e/ou explicitadas em outros discursos e ainda enunciadas por outras vozes, em outros momentos e em outros espaços. Um exemplo dos conteúdos que podem estar na base do significado social desta expressão é um trecho da análise do historiador Chandler (1980):

Lampião praticava também outras espécies de generosidade. Era conhecido como sendo muito liberal para com seus coiteiros. Quando entrou pela primeira vez na Bahia fez muitos favores às pessoas com quem simpatizava, comprando-lhes bebidas, mandando presentes nos casamentos, e, demonstrando, de todos os modos, que era gentil. De vez em quando, distribuía a mercadoria de uma loja que acabara de saquear. [...] Destas demonstrações de caridade, deduz-se que eram atos limitados e pessoais, condizentes com as concepções comuns da natureza humana. Em resumo, houve alguns atos espontâneos de caridade, motivados pela compaixão e pelo sentimento alheio. Houve também atos de generosidade, que parecem ter sido programados para conseguir a amizade e a lealdade das pessoas de quem ele estava necessitando. Talvez não tenha sido mera coincidência de que a maior parte destas generosidades tenha ocorrido nos seus primeiros anos na Bahia, quando estava montando uma rede de apoio para organizar o cangaço, sem a qual não teria tido a possibilidade de sobreviver (Chandler, 1980, p.231-32).

A partir do que se encontra explicitado nesse fragmento textual, podemos dizer que as expressões “um homem bom”, “um homem gentil” podem remeter a e sumarizar, por exemplo, o conjunto de informações expresso na superfície do texto

de Chandler: pelo fato de Lampião ter praticado algumas generosidades (como o de distribuir a mercadoria de uma loja que acabara de saquear), de ter feito muitos favores para quem simpatizava. Mas podem também remeter a outras cadeias referenciais produzidas por outros sujeitos, tais como aquelas que enfocam estes atributos de Lampião, o de ser “amiguel”, “bom” e “gentil”, além de condensar outros conteúdos presentes em outros co(n)textos.

A maneira como se constrói e se reconstrói a memória discursiva (e social) sobre Lampião depende sempre de uma grande parcela do conhecimento partilhado, que pode ser continuamente elaborado e modificado (Koch, 2002a) pelo uso de novos processos referenciais ou de novas cadeias coesivas. Conhecimento esse fundamental para o sujeito no momento de decidir sobre o tipo de informação que pode ser explicitado e o que deve permanecer implícito, pois tudo o que um falante tem em mente e disser ao seu interlocutor mais todos os elementos do contexto podem ser tomados como conhecimento partilhado. Assim sendo, as atividades discursivas não são a reunião de vários atos individuais e independentes, mas, sim, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente (Koch e Cunha-Lima, 2005). É, pois, na base desse conhecimento que está o reconhecimento do outro como ser interativo de uma mesma comunidade.

Mostramos até o momento como os sujeitos do discurso procedem à categorização e recategorização do referente (Lampião), por meio da mobilização ou utilização de expressões nominais (definidas e indefinidas) com função referencial. Expressões essas que funcionam como pontos discursivos de cristalização e fazem remissão a toda uma memória social, construída e reconstruída pelos sujeitos nas

suas atividades de linguagem. Estivemos, portanto, trabalhando com uma multiplicidade de expressões referenciais que aparece no interior dos depoimentos dos sujeitos e que foi distribuída, de forma coerente, em blocos semânticos na tentativa de facilitar a nossa análise. Isso também contribuiu bastante para efeito de organização deste capítulo. Nas análises feitas, até agora, a partir dos fragmentos extraídos do *corpus*, mostramos como os entrevistados constroem e reconstroem a memória discursiva desse cangaceiro, ao longo de sua produção, via o uso de expressões nominais que nomeia um referente específico (Lampião), dando origem assim à cadeias referenciais responsáveis pela continuidade progressiva dessa atividade discursiva.

Para finalizar este item acerca da *construção discursiva da figura de Lampião: os olhares positivos*, mostraremos ainda como esses esquemas coerentes de produção e interpretação dos fatos ocorrem no interior do depoimento a seguir, a partir do uso diversificado de expressões referenciais (definidas e indefinidas) que designam esse personagem da história do nordeste:

Fragmento 36

Então, nós temos Lampião como *o herdeiro desse grupo indomável* que não se deixava domar. *Um homem aventureiro*, porque ele era aventureiro mesmo, que não gosta de freios, que não se deixa vencer, *um soberano* que gostava muito, e sempre, de estar fazendo provocação. *Um homem criativo* que sabia fazer uma provocação muito bem feita, como a questão dos coronéis, por exemplo. Embora ele saiba tirar proveito da situação, também quando era preciso ele sabia se aliar, né? Com os padres, como se aliou com o Padre Cícero. Também soube tirar suas vantagens. Eu falo é do *representante maior, o ícone Lampião*. É por isso que a gente fala muito na

questão de que *o cangaceiro Lampião é a síntese de todo um período do sertão nordestino* e que *esse herói* nas suas ações revela, então, toda sua competência em relação às táticas de guerras de guerrilhas, né? *Esse guerrilheiro [...]* porque ele era *um guerrilheiro competente*, mostra para o povo sertanejo e para o mundo também que ele era *um homem muito inteligente, muito capaz, um verdadeiro líder* (REC, Entrevista 15, p. 304).

O exemplo, acima, evidencia que, na maioria dos casos, o sujeito do discurso tem diante de si diversas possibilidades de escolhas e é livre para selecionar aquela que melhor se preste ao seu projeto de dizer, desde que a identificação do referente não fique comprometida. O fragmento (36) mostra, por meio do encadeamento das expressões referenciais, o ponto de vista do investigado, ao caracterizar o rei do cangaço, como “o representante maior”; “um soberano”; “um verdadeiro líder”. Lampião é tido, por esse depoente, como um herdeiro de um grupo de homens que não se deixa domar pelo sistema constituído. Referente este caracterizado, reconstruído, e/ou predicado a partir de proposições-suporte, como base veiculadora de informações relevantes (cf. Koch, 2002b), pelo sujeito, pelo fato de o cangaceiro incorporar à sua imaginação produtora determinadas capacidades intelectuais (inteligência, esperteza) e por exercer um grande poder político e simbólico (“o soberano”, “o representante maior”, “o ícone Lampião”). Trata-se, pois, de expressões nominais que operam como descrições definidas cuja função é especificar o referente mencionado.

Esse ponto de vista sobre Lampião, a nosso ver, pode ser resumido pela expressão final, usada pelo sujeito da pesquisa, em (36), “um verdadeiro líder”. O emprego dessa forma nominal remete a um conjunto de ações que vai sendo

atribuído interativamente ao referente, de forma a operar uma sumarização de representações simbólicas sobre o cangaceiro. Operação esta realizada por meio de predicções e atributos explicitados no interior do próprio texto do informante. O uso desse sintagma (“um verdadeiro líder”, em 36), parece não apenas retomar toda uma memória sobre Lampião, mas também sumarizar, ao longo do discurso, predicções precedentes ou subseqüentes contidas no co(n)texto. Tal processo se dá através do adjetivo avaliativo (verdadeiro) que indica uma posição interpretativa e/ou argumentativa do sujeito relacionado ao universo discursivo dado.

A descrição referencial defina “a síntese de todo um período do sertão nordestino” é outra expressão nominal que faz remissão não apenas aquilo explicitado textualmente, mas também a universos discursivos. Em outras palavras: ela ancora não só em elementos já presentes no (co)texto, como também no contexto sociocognitivo, nas atividades de linguagem, uma vez que, além de condensar as informações precedentes e subseqüentes articuladas na superfície textual, abre caminho para a continuidade da atividade discursiva e cognitiva. Tal expressão sumariza todo um conteúdo implícito sobre Lampião presente na memória do locutor, como na do grupo ao qual pertence. Sua interpretação exige dos interlocutores uma operação de ordem conceitual, pois através do uso da expressão “a síntese de todo um período do sertão nordestino”, fica patente a forma pela qual o referente Lampião é (re)construído, discursivamente, segundo os propósitos do sujeito, a partir de seus conhecimentos de mundo. Essa expressão só faz sentido no interior do próprio texto não só pelos elementos nele presentes, mas também pelos

conteúdos inferidos, a partir de saberes sociocognitivos mobilizados interativamente pelo sujeito do discurso.

O emprego da expressão “a síntese de todo um período do sertão nordestino” mostra o dinamismo dessa atividade discursiva, ancorada em práticas sociais, visto que o nome-núcleo “síntese”, a nosso ver, encapsula informações precedentes e subsequentes articuladas na superfície textual, de forma a operar um encapsulamento anafórico de informações de todo um discurso presente na memória das comunidades pesquisadas. A interpretação dessa forma referencial obriga os sujeitos da enunciação recorrerem a estratégias sociocognitivas, como ainda lhes exige a capacidade de interpretar outras informações efetuadas a partir de proposições veiculadoras de informações-suporte contidas em segmentos precedentes ou subsequentes do texto. O fenômeno do encapsulamento anafórico pode ocorrer com outras expressões referenciais presentes em outros fragmentos desta análise, cujo estudo merecerá um aprofundamento bem maior.

Ainda com relação a esse fragmento, verifica-se que, no interior do texto, a progressão referencial realiza-se de maneira variada e dinâmica através do uso de muitas expressões nominais diversificadas, dando origem à cadeia referencial ou coesiva (em 36), a seguir:

o herdeiro desse grupo indomável
um homem aventureiro,
um soberano
o representante maior,
o ícone Lampião.
o cangaceiro Lampião

a síntese de todo um período do sertão nordestino
esse herói
esse guerrilheiro
um guerrilheiro competente,
um homem muito inteligente,
muito capaz,
um verdadeiro líder

Todas essas formas nominais que designam o referente Lampião remetem e/ou retomam outras cadeias referenciais enunciadas por outros sujeitos, em outros lugares e momentos, ao mesmo tempo em que remetem e resumem determinados conteúdos presentes na memória discursiva do grupo social.

Como foi possível observar, as manifestações positivas sobre o cangaceiro se dão por meio de diferentes estratégias referenciais (expressões definidas e indefinidas) revelando, assim, a riqueza, a complexidade e a natureza argumentativa da atividade referencial no curso das práticas discursivas. Assim sendo, essas estratégias mobilizadas contribuíram para a orientação interpretativa do discurso do informante, ou seja, de seu modo de definir, de ver e de posicionar-se em relação ao referente (Lampião). As anáforas correferenciais recategorizadoras expressas nos fragmentos aqui analisados por sintagmas nominais mostram a forma pela qual o referente em estudo é reconstruído discursivamente de maneira altamente argumentativa, segundo o ponto de vista do entrevistado. Nesses fragmentos, pode-se observar através das cadeias referenciais que a quantidade de informações reveladas pelos sujeitos a respeito do referente tem tudo a ver com os fatos do passado, que ainda se fazem presentes na memória discursiva (e social) das comunidades investigadas.

Até aqui, apresentamos exemplos de uso de processos referenciais na construção e reconstrução da memória discursiva e social (olhares positivos) sobre Lampião. Mostraremos agora o emprego de várias formas referenciais que contribui para a reconstrução da sua imagem negativa.

6.2. A construção discursiva da figura de Lampião: os olhares negativos

Nesta seção, pretendemos mostrar ainda como se constrói e se reconstrói via processos referenciais a memória discursiva (e social) acerca do rei do cangaço, mas sob um outro ponto de vista que o constrói como um bandido.

A sociedade sertaneja acreditava na força da arma, pois o homem tinha o direito de andar armado e fazer justiça com as próprias mãos. A história sofrida e repleta de dificuldades conduzia à violência, a qual se incorporava ao modo de vida do sertanejo àquela época. Alguns sonhavam com um futuro melhor e viam no cangaço uma possibilidade, outros admiravam a força e a coragem de seus representantes e acabavam tornando-se um deles ou, assim como Lampião, estavam atrás de vingança. Além de também desejarem obter admiração, respeito, impor-se diante das injustiças e fazer justiça com as próprias mãos.

Lampião gostava de “criar furdunço” (cf. Soares, 2007), fazia questão de deixar a sua marca registrada, que podia ser contemplada na expressão do rosto das pessoas repleta de pavor diante da violência praticada pelos cangaceiros. Ele dizia que, por ser tão ágil no traquejo das armas e por já ser visto como bandido, logo, tinha que ser o melhor, o mais astuto e cruel até então visto.

A construção da imagem negativa (de Lampião) evidencia-se no conjunto das descrições referenciais (“o cangaceiro sanguinário”, “o bandoleiro maldito”, “um bandido malvado”, “um criminoso sem igual”, “um homem muito cruel”, “um verdadeiro demônio) retirado dos depoimentos de alguns sujeitos da investigação. Sujeitos que mostram nos seus relatos via processos referenciais, como se constrói e se reconstrói a memória discursiva e social do cangaceiro, como já visto anteriormente. (Re)construção esta considerada como um processo de geração de informações novas a partir de suas escolhas lexicais, de suas intenções discursivas, das condições culturais, sociais, históricas e/ou de estratégias textual-interativas de que se lança mão para transformar referentes em “objetos de estudo” (Mondada; Dubois, 1995).

A análise das atividades de construção de práticas discursivas indica como as propriedades da cognição, da linguagem e da interação social atuam dinamicamente na construção do conhecimento de mundo do falante. Este procura mostrar por meio do emprego de processos referenciais, por ocasião da interação verbal, como a entidade Lampião está representada não só na sua mente (do enunciador), mas também na memória das pessoas e das coisas que o cercam, visto que a cognição aqui é vista como uma construção social e não individual. O uso de processos referenciais, de alguma forma, não apenas serve para dar base para a recategorização do referente, como também afirma que tal personagem representa um ser “bandido”, “malvado”, “sanguinário”. É o que se pode perceber na variedade de expressões nominais atribuídas a ele, dentre as quais, selecionamos aquelas que julgamos mais representativas. Vejamos:

o ladrão
o bandido
o bandoleiro
o bandido Lampião
o bandido mais feroz
o cangaceiro sanguinário
o bandido ousado do sertão
o cangaceiro malvado
o bandoleiro maldito
o malfeitor
o capeta

O emprego das formas referenciais definidas acima expressa, como se ver, o ponto de vista negativo sobre o rei do cangaço. A partir de agora, estaremos interessados em mostrar como os sujeitos constroem e reconstroem cadeias referenciais ao longo de sua produção textual-discursiva, e como estão presentes esquemas interpretativos que norteiam a seleção ou escolha dos processos de referenciação.

Observa-se pelo uso das descrições referenciais que, nos depoimentos, alguns entrevistados vêem a figura de Lampião de forma predominantemente negativa e o consideram, como “ladrão”, “bandido”, “maldito”, “malfeitor”, “sanguinário”, “feroz”, “malvado”, “ousado”. Modificadores estes que evidenciam como a imagem do referente, a partir de suas ações aterrorizantes, ao longo do tempo, constitui-se textual e discursivamente. Nos exemplos seguintes, procuramos assinalar como os sujeitos do discurso selecionam as formas lingüísticas apropriadas para identificá-lo como “bandido”, ao categorizar e recategorizar anaforicamente a sua figura via

cadeias referencias que se formam à medida que o discurso vai progredindo interativamente. Vejam-se, a seguir, os exemplos:

Fragmento 37

Meu pai tinha cavado esse buraco há tempo, porque sabia que *o ladrão* um dia podia chegar na nossa casa. A gente sabe que quem tem parte com *o capeta* pode aparecer de uma hora pra outra [...]. Se contam muitos causos de Lampião, um desses causos de Lampião aconteceu na cidade do Aquidabã [Sergipe]. Um dia quando os cangaceiros passaram por lá, então pegaram um cara lá no quartel e os cangaceiros mandavam o cara dizer: “viva o Padre Cícero”! Como ele era protestante não gostava de falar: “viva o Padre Cícero”, aí, ficava ele calado. Aí, Lampião perguntou: “Você é surdo? Não ta vendo a gente falar com você não? Por que você não fala? Ah! É porque você é surdo mesmo”. Então, aí *o cangaceiro sanguinário*, porque ele gostava de judiar mesmo, disse assim: “eu vou cortar uma orelha quem sabe você não pode escutar”? E mandou Corisco cortar. Então, Lampião falou: “Isso é pra você escutar, ou se lembrar de Padre Cícero [...]” (Entrevista 5, ES, p 268-9)

Fragmento 38

Lampião [...] não gostava de quem dizia que ele era um ladrão por isso é que ele começou a matar gente e quando os caras disseram que ele tinha roubado um chocalho, né? Então ele não aceitou essa desfeita e começou essa desforra, foi aí, que começou tudo... Começou essa vida de ser chamado de *o bandoleiro*, *o malfeitor*. *O bandoleiro* que andou, andou... Andou muito por esse mundo todo. [...] andava aqui e acolá, mas eles, eu mesmo nunca vi, nunca vi eles não. Eu via a notícia: *o bandido Lampião* passou ali! *O bandido* passou acolá. E um dia [...] aí, a gente teve a notícia: *O bandoleiro maldito* ta ali no algodão e ele vai passar por aqui. Aí a velha minha mãe se

alvoroço e disse: - quando *aquele bandido maldito* passar aqui não vai deixar ninguém vivo! (Entrevista 4, AAA, p. 265-6)

Fragmento 39

Meu pai correu pra qui, mas quando chegou aqui tinha que mandar dinheiro pro bando de Lampião. *O bandido-chefe* que mandava pedir. E se meu pai não mandasse, *o bandoleiro* mandava tacar fogo na fazenda. *Aquele homem muito malvado!*... Ele judiou muita gente... Não judiou a gente porque meu pai não era coiteiro e sempre dava alguma coisa quando ele passava lá na fazenda, na Baixa Limpa [...] *o cangaceiro Lampião* continuou mandando buscar dinheiro e [...] Se meu pai não mandasse, como eu já falei, os bandidos iam tocar fogo na fazenda, aí, ele tinha de mandar mesmo. Aí meu pai pegou e vendeu o gado, vendeu tudo, só deixou o terreno. Até quando chegou o fim, que deram fim ao *valentão do sertão*. É, mas antes disso aquele homem judiou muita gente (Entrevista 12, MGG, p. 292-3)

Os trechos acima são exemplos de como determinadas porções discursivas comportam uma multiplicidade de informações e pontos de vista acerca do cangaceiro em que prevalece o processo de (re)elaboração de uma imagem negativa através da recategorização anafórica que gira em torno de um campo semântico específico: o da caracterização de Lampião como um “bandido”. É o que se percebe pelo uso das expressões referenciais definidas “o ladrão”, “o capeta”, “o cangaceiro sanguinário”, em (37); “o bandoleiro”, “o malfeitor”, “o bandido”, “o bandoleiro maldito”, em (38) e “o bandido-chefe”, “o valentão do sertão”, em (39). Formas estas que constituem os principais elementos lingüísticos da cadeia referencial que, a um só tempo, reforça o ponto de vista do entrevistado de que Lampião era realmente um homem “muito malvado” (“judiou de muita gente”). Além

de apresentar uma cadeia de designações para o mesmo referente na forma de correferencialidade, de forma a caracterizar o referente, acrescentando-se à imagem, que vai sendo construída, novos traços, como o de “valentão”, sem que, no entanto, esses traços modifiquem a orientação argumentativa do discurso.

Note-se que, no texto (37) o uso e interpretação das descrições nominais “o ladrão”, “o capeta” e “o bandido sanguinário” mostram que o sujeito da enunciação possui saberes acumulados no que diz respeito aos diversos tipos de atividades da vida social na qual se acha envolvido. Saberes que são mobilizados, por ocasião da interação verbal, na (re)construção da memória discursiva do referente, de forma que tal referente, ao longo do discurso, vai sendo (re)construído, transformado no interior do processo de interação.

No exemplo (38), verifica-se que o emprego das expressões nominais anafóricas (“o bandoleiro”, “o malfeitor”, “o bandido Lampião”, “o bandido”, “o bandoleiro maldito” e “aquele bandido maldito”) opera uma recategorização, dentre as diversas propriedades caracterizadoras do referente (Lampião), que depois de introduzido é retomado pelas formas acima explicitadas, formando assim uma cadeia referencial que apresenta um alto nível de informatividade, na medida em que o sujeito vai descrevendo com detalhes, sob o ponto de vista negativo, a imagem que se formou a respeito do mito do cangaço, como no trecho: eu mesmo nunca vi, nunca vi eles não. “Eu via a notícia: *o bandido Lampião* passou ali! *O bandido* passou acolá. E um dia [...] aí, a gente teve a notícia: *O bandoleiro maldito* tá ali no algodão e ele vai passar por aqui. Aí a velha minha mãe se alvoroço e disse: - quando *aquele bandido maldito* passar aqui não vai deixar ninguém vivo!”, em (38).

De acordo com a recharacterização do produtor do texto, convém perceber que as expressões nominais, em destaque, não apenas retomam o referente da pesquisa, como também condensam informações presentes no discurso de outras pessoas que constroem representações na memória, com base no contexto sócio-histórico, a saber: “Aí a velha minha mãe se alvoroço e disse: - quando *aquela bandido maldito* passar aqui não vai deixar ninguém vivo!”, em (38). Além de utilizarem seu conhecimento de mundo (prévio), elas utilizam outras informações cognitivas, como crenças, opiniões em relação a acontecimentos, do passado, presentes na memória discursiva da comunidade pesquisada.

Vê-se, em (39), que a operação de recategorização faz com que o uso das expressões ou descrições nominais definidas (“o bandido-chefe”, “o bandoleiro”, “aquele homem muito malvado”, “o cangaceiro Lampião” e “o valentão do sertão”) estabeleça uma relação de correferencialidade, mostrando que o produtor do texto tem ao seu dispor uma série de alternativas para designar o mesmo referente, escolhendo formas nominais que não apenas apontam, mas também predicam atributos sobre o cangaceiro malvado. Formas estas que são empregadas para designar não um bandido qualquer, mas “um fora da lei” que em razão das circunstâncias apontadas é contextualmente configurado, apresentado, identificado, especificado como “o bandido”, “o bandoleiro maldito”, “o cangaceiro sanguinário”, “o malfeitor”, “o valentão do sertão”.

Como se pode ver, nos exemplos dados e/ou na organização dos diversos níveis textual-discursivos acerca do cangaceiro, um certo número das expressões referenciais, presente nos depoimentos, porta algum conteúdo conceitual, como “o

cangaceiro sanguinário”, “o bandido ousado do sertão”, o cangaceiro malvado”, “o valentão do sertão”, “o bandoleiro maldito”. Expressões estas que contribuem para a identificação, a categorização e recategorização do mito do cangaço, que é retomado quase sempre por meio da repetição dos nomes-núcleo “bandido” e “cangaceiro”, mudando apenas o modificador para fazer menção a esse personagem de nossa história, com base em informações co(n)textuais. A partir dos fragmentos apresentados, pode-se perceber que há uma variedade razoável de descrições nominais definidas que fornece à orientação argumentativa (Koch, 2005) que o locutor julga mais adequada à identificação e/ou predicação do referente.

A construção e reconstrução da memória discursiva a respeito do cangaceiro Lampião, sob olhares negativos, ocorrem também via uso de expressões referenciais indefinidas. Os sujeitos selecionam ou apontam várias ocorrências desse tipo de anáfora (Koch; Marcuschi, 1998) nos seus depoimentos em que identificam o rei do cangaço como um homem que apresenta atributos e/ou predicções que dizem respeito a o fato de ser um “fora-da-lei”, como se pode ver através do conjunto de formas nominais expressas a seguir:

um bandido
um cangaceiro
um bandido malvado
um homem muito cruel
um criminoso sem igual
um homem muito vingativo
um verdadeiro demônio
um homem muito mau
um homem perverso
um capeta

um bicho

Essas formas nominais indefinidas, vez que, através das quais se constrói e se reconstrói a face negativa de Lampião, condensam tanto porções textuais antecedentes, como porções contextuais (discursivas). Dessa forma, a escolha de cada uma dessas expressões (“um bandido malvado”, “um criminoso sem igual”, “um homem muito mau”), para designar e/ou para predicar o referente, é uma operação contextualizada, visto que as inferências feitas se apóiam em atividades discursivas. Nos depoimentos dos entrevistados, há relatos bastante detalhados das ações cruéis do cangaceiro, os quais podem ser compreendidos como exemplos de porções discursivas, uma vez que as formas referenciais indefinidas, a nosso ver, operam uma dupla função na (re)construção do referente: não só retomam (referem) anaforicamente, como também fazem algum tipo de remissão a informações contidas no (co)texto ou no contexto sociocognitivo. Isso significa dizer que há como que um percurso maior de raciocínio que só se completa com as informações supostamente presentes em esquemas mentais culturalmente compartilhados (cf. Cavalcante, 2003). Muitos dos textos produzidos pelos sujeitos da pesquisa não só estabelecem uma referência para o mito Lampião, como também afirmam que esse personagem representa uma pessoa má, cruel, perversa, vingativa. É o que se pode perceber nos exemplos abaixo, vejamos:

Fragmento 40

Lampião era *um criminoso sem igual*. *Um homem muito cruel*. Não existia em tempo algum atrás alguém pior do que Lampião. [...] Lampião era *um capeta*, em vida, fez muita gente sofrer. Naquele tempo, foi um tempo de muito sofrimento [...]. Quando

Lampião veio aqui levou tantas coisas de nós. Se precisava ver que o comportamento daquele homem não era de gente não, ele agia como *um bicho*, ele era *um verdadeiro demônio*, aí, o povo vivia assustado com ele e aí quando se sabia que ele estava por perto todo mundo se escondia no mato, fugia, às vezes, pra bem longe com medo dele [...] Ele, como os outros cangaceiros, pintou e bordou... Né? Por esse sertão afora, é, afinal ele era *um bandido malvado*, sabe! Nesse tempo do cangaço muito gente penou porque Lampião era *um cara muito vingativo*, sempre procurava se vingar de quem lhe negava alguma coisa ou não lhe respeitava ou ainda mexia com alguém que ele gostava [...]. Lampião era *um homem malvado*, né? Mais não precisava acabar com aqueles cangaceiros daquele jeito, não. (ES, entrevista 5, p 268-9-70)

Fragmento 41

Dizia que virou *um cangaceiro* porque o pai dele foi assassinado por causa de briga de terra com a família dos Nogueira e de Zé Saturnino [...] aí ele dizia: “agora, a gente vai se vingar de quem matou meu pai”, aí, invadiram a cidade de Vila Bela [...]. Aí, eles entraram no quartel e quebraram tudo e contam os mais velhos que *o bandido e seu bando* mataram três soldados e levaram as armas deles. *Esse cangaceiro malvado* deixou muita história pra ser contada por esse sertão afora e a gente sabe de outras histórias *desse bandido malvado* porque a gente ouvia sempre as pessoas falando de Lampião e sua gente. Foi aí que começou então a raiva de Lampião que judiou e matou muita gente por esse mundo de Deus. Lampião era *um homem muito vingativo* [...] na minha opinião, ele era *um homem muito mau* e pelas suas malvadezas o capitão era caçado pela polícia porque só vivia escondido nos matos como *um bicho*. Por isso tinha a volante atrás dele (Entrevista 11, JAO, p.289)

O ponto de vista sobre Lampião expresso nos trechos, acima, é um ponto de vista que se alinha ao de outros entrevistados anteriormente, ou seja, o de que

Lampião era um bandido. É, pois, categorizado e recategorizado no interior do próprio discurso pelo uso de expressões nominais indefinidas, como: “um cangaceiro”, “um bandido malvado”, “um criminoso sem igual”, “um homem muito cruel”, “um homem muito vingativo”, “um homem muito mau”, “um verdadeiro demônio”. Expressões estas que não apenas ajudam a identificar a opinião expressa, como também contribuem para dar base para a recategorização do referente.

No exemplo (40), observa-se que a forma nominal indefinida “um verdadeiro demônio”, como muitas outras apresentadas até aqui, a nosso ver, condensa, predica, avalia e orienta a interpretação de uma parte do discurso que a precede ou que a segue: “se precisava ver que o comportamento daquele homem não era de gente não, ele agia como *um bicho*, ele era *um verdadeiro demônio*, aí, o povo vivia assustado com ele e aí quando se sabia que ele estava por perto todo mundo se escondia no mato, fugia [...]”. A forma referencial (“um verdadeiro demônio”) também remete a informações que não estão no (co)texto, mas no discurso. Essa condensação de informações contextualizadas vai refletir na construção e reconstrução da figura de Lampião como um bandido, apresentado pelos sujeitos dos fragmentos analisados como um elemento “malvado”, “criminoso”, “cruel”, “mau” e “vingativo”. Através do uso de processos de referenciação, os sujeitos dão o seu ponto de vista que pode ser empregado para indicar e/ou reforçar suas crenças, argumentos e/ou opiniões acerca do “cangaceiro malvado”, já que continua presente no universo discursivo do cidadão do sertão nordestino. Os depoimentos, a seguir (42, 43 e 44), apontam a face mais cruel de Lampião, aquela em que se mostra o

personagem cometendo crimes que podiam ser interpretados como se ele estivesse fazendo “justiça pelas próprias mãos”. Vejam-se os exemplos:

Fragmento 42

[...] ele era *muito vingativo*. E com a boa memória que pai tinha ele me contou que no município de São Miguel do Aleixo tinha um homem metido a namorador, conquistador, carregava mulher de um, mexia com a filha de outro que até o povo tinha medo. Quando é um dia, *Lampião* chega lá no povoado aí, se senta lá numa bodega e manda fazer comida e aí pergunta: - “quem é que toca fole aqui”? - “Eu tou sabendo também qui tem um home aqui que é valente, assim metido a valentão como a gente”! - “Eu quero que mande chamar ele”. [...] - “Então é você o terror daqui né”? - “Você sabe o que vai acontecer com você”? - “Não”! - “Você sabe como é que se capa porco pra engorda”? O cara nem respondeu! - “Pois você vai sair do mesmo jeito daqui”. Aí pegaram o homem e caparam. Aí, depois do ocorrido ele passou a ser o Pedro Capadinho. Essa história todo mundo da redondeza sabe e a geração de hoje ainda conta a história de Pedro Capadinho. É por isso que a notícia da aproximação de *Lampião* causava um grande fuzuê no local. Quase todo mundo corria para se esconder nos matos. Tem muitas histórias engraçadas por aí sobre *Lampião*, se a gente for contar não acaba nunca (Entrevista 7, ES, p. 276)

Fragmento 43

Outra vez *Lampião* ia descendo, quando chegou ali no São Miguel do Aleixo *a turma do bando* encontrou um cabra que quando viu um *dos cabras de Lampião* disse: “oh companheiro, você me conhece?” Era um sujeito que trabalhou mais ele no Estado de São Paulo nas colheitas. Um sujeito chamado Pedro Batatinha que vendeu a colheita lá toda e veio embora e deixou o coitado lá sem nada. Aí o cara veio embora e entrou na

turma de Lampião. “Quando você encontrar ele de novo, você conhece ele mermo, né?” O sujeito disse que tinha uma casa velha grande. Então Lampião disse: “vamos pra casa dele”. Quando chegaram lá na casa do sujeito, tinha um cara amolando uma foice numa pedra de amolar. Aí, pediram ao sujeito que amolasse um canivete e o cara foi amolar. Aí *um cabra do bando* perguntou ao tal sujeito: “você me conhece?” E ele disse não. “Quando você me roubou no São Paulo você me conhecia”. Aí, Zé Sereno disse: “pinique essa peste logo de urêia de abano, você não tá com um 38?”. “Não, não mata esse sujeito não, castra para ele engordar”, disse Lampião. Aí, eles pegaram Pedo Batatinha e disseram: “desça as carça pra nós lhe castrar, agora você vai engordar, agora se você gemer o canivete entra na goela”[...]. Aí, quando acabou a castração, Lampião, o justiceiro, então disse: “trate desse bacurin, quando eu passar aqui de novo, eu quero encontrar ele gordo (Entrevista 2,ABM, p. 257-8).

Fragmento 44

Quando passou em Ribeirópolis, ele desceu e matou o pai de Domingos de Vitor, o coiteiro [que o tinha traído]. O pobre do velho que não tinha nada a ver com isso. Então, eu disse: Virgulino, esse velho não tem culpa se o Dominginho correu. “Se ele tem culpa ou não tem, só sei que esse véio mora aqui, e você não me garantiu que não tem alma nem coração?” Ele matou o velho, dois filhos e um sobrinho (Entrevista 2, ABM, p. 258).

Um outro conjunto de formas nominais encontrado em alguns relatos dos depoentes (“um bandido criativo”, “o bandido mais esperto do sertão”), revela-se como formas lingüísticas um pouco mais complexas. Na sua estruturação, elas apresentam como nome-núcleo a palavra “bandido”, mas os modificadores (firme, valente, ousado, esperto, criativo) remetem a características positivas atribuídas a Lampião.

Propriedades estas já analisadas anteriormente, como: ousadia, inteligência, esperteza, competência, valentia, habilidade. Observemos agora o conjunto das expressões abaixo:

um bandido firme
o bandido mais valente
o bandido ousado do sertão
o bandido mais esperto do sertão
o bandido mais esperto
um bandido criativo

No exemplo abaixo (45), retirado de um dos depoimentos analisados (que revela o movimento discursivo de afirmação tanto do positivo quanto do negativo em Lampião), o entrevistado tece alguns comentários relevantes a respeito do referente, relembando, por exemplo, o que seu pai e outras pessoas contavam sobre esse cangaceiro. Revelavam, a partir da cadeia referencial, que o personagem, na memória de alguns sertanejos, era um bandido e, ao mesmo tempo, um sujeito conhecido como “criativo”, “valente”, “esperto”, “injustiçado”, “inteligente”. As informações e o ponto de vista contidos no depoimento (45) podem ser exemplos do tipo de conteúdo que se encontra cristalizado (ou condensado), via processos referenciais, no universo discursivo da comunidade investigada. Vejamos o exemplo:

Fragmento 45

Pai achava que ele era *um injustiçado*, sempre dizia isso, e que Lampião lutou contra as injustiças que tinham contra o povo do sertão. O povo chegava na nossa casa contando muitos *causos* de Lampião. A casa da minha avó lá na cidade servia era de rancho e aí muita gente vindo de longe dos arrebalzinhos ia se hospedar lá na casa de minha avó né! Passava o dia da feira e todos ali contavam histórias e mais histórias

de Lampião. Se lembrava muitos feitos dele, *daquele homem malvado* que fez muitas estripulias, e muita gente diz que ele parecia uma assombração. Ele era muito conhecido por todos os sertanejos por seus feitos por onde ele passava. Lampião foi sempre considerado *o bandido mais feroz, mais valente, mais esperto do sertão*. E foi mesmo. Ele sabia enganar a polícia, sabia despistar dos macacos, assim ele chamava a polícia que ia atrás dele e de seu bando. Pai dizia: “se tem um *homem inteligente* aqui nessa terra de Nosso Senhor Lampião é um deles”. O povo por aí conta muitas estórias do que Lampião fez ou não fez aí diz que ele fez. Algumas pessoas daqui ainda contam hoje que muitas famílias deixavam a fazenda e iam embora pra rua com medo do *bando de Lampião*. [...] ia morar na rua por causa do *bando dos cangaceiro*, lá as pessoa achava que estava mais seguras, mais as pessoas exageram quando fala de Lampião, ele não fazia maldade com quem era direito, mais com quem não era honesto com ele ou com o povo, ele gostava de se vingar, ele era *muito vingativo!* (Entrevista 7, Es, p. 275)

Dessa forma, no que concerne, ao emprego dos sintagmas nominais (“um injustiçado”, “aquele homem malvado”, “o bandido mais feroz”, “o bandido mais valente”, “o bandido mais esperto do sertão”, “um homem inteligente”), acredita-se que o referente, ao ser introduzido pelo sujeito, com base no seu conhecimento de mundo, é, também, reativado, recategorizado e, continuamente, modificado pelo uso de expressões definidas e/ou indefinidas, como tantas outras já mencionadas aqui em outros fragmentos.

6.3. A (re)construção discursiva de Lampião: olhares opostos e olhares híbridos

A partir de escolhas significativas, o sujeito em interação constrói e reconstrói o seu discurso sobre Lampião, ora dizendo ser inteligente, honesto, cumpridor de palavra, ora malvado, vingativo, mau. Vejamos os exemplos abaixo:

Fragmento 46

Muitas mocinhas ficaram nuas numa festa que Lampião fez. Lampião não fez nada comigo porque eu me escondi debaixo do chão que meu pai tinha feito um buraco pra gente se esconder. Meu pai tinha cavado esse buraco há tempo, porque sabia que o ladrão um dia podia chegar na nossa casa. A gente sabe que quem tem parte com o capeta pode aparecer de uma hora pra outra. Lampião era um capeta em vida fez muita gente sofrer. Naquele tempo, foi um tempo de muito sofrimento (ES, Entrevista 5, p. 268).

Fragmento 47

Ai, quando Lampião vinha pra essas bandas, nessa redondeza tinha um tocador de sanfona e um velho do cavaquinho pra tocar pra ele. Então, meu pai e as pessoas também contam que Lampião mandava chamar as moças da redondeza pra dançar, aí, elas tinham que ir, elas tinham que obedecer senão ele mandava buscar, mas ninguém mexia com nenhuma não. *O chefe dos bandidos* não deixava não. Aí, ele mandava fazer um arraial na casa que era pra todo mundo dançar e ninguém podia mexer com elas, com as moças, ele não deixava e ai daquele bandido que fizesse qualquer besteira com uma daquelas moças. *O cangaceiro* tinha que dançar sério, tirar o armamento pra poder dançar. *O chefe* não dançava, e quando todos estavam

dançando Lampião estava em pé escorado na boca do fuzil, observando todo mundo que estava ali no arraial. Ele ficava de tocaia né? (MGG, Entrevista 12, p. 294)

Fragmento 48

Lampião marcou muito a vida dos moradores do Poço. *A imagem daquele homem* continua gravada na nossa mente. Eles chegavam aqui e chamavam as moças para ir para as novenas e depois ir dançar, aí, dançavam muito, íam pra dançar com os cangaceiros. Nos tempos das novenas, tinha muitas danças. Aí Lampião mandava dizer: “diga a fulano de tal que mande suas filhas”, mas ele nunca mandou esse recado para papai. Eu era doida que ele mandasse dizer para papai mandar as filhas. Eu era doida e roxa, dançar era tão bom! Mas só tinha direito de dançar mulher com mulher. Olhe, quando eu fui morar em Glória, foi pra estudar. Aí, quando tinha dança, quando tinha leilão, eu ía mais Mariquinha, dançava as duas irmãs, pois, o povo parava para ver nós duas dançar, de tão bem que a gente dançava. Agora, nunca tive o gosto de dançar mais um homem, tinha uma vontade! (EC, Entrevista 6, p. 273)

Observando os três fragmentos acima (46, 47 e 48), podem-se perceber visões opostas sobre o mesmo tipo de evento, a saber, quando Lampião promovia festas. No primeiro (46), Lampião promoveu uma espécie de orgia (“muitas mocinhas ficaram nuas numa festa que Lampião fez”). No entanto, nesse depoimento não há maiores detalhes, apenas fazemos a inferência de que a entrevistada já havia se escondido de Lampião alguma vez: “Lampião não fez nada comigo porque eu me escondi debaixo do chão que meu pai tinha feito um buraco pra gente se esconder”. Mas, quanto à festa, não há detalhes, visto que a depoente apenas faz referência, alegando que as moças teriam ficado nuas na festa, e, nem tampouco, faz algum detalhe sobre o comportamento de Lampião e de seu bando durante o evento. Essa

retomada de acontecimentos do passado, presentes na mente do locutor e na do grupo com que interage, é o processo responsável pela manutenção do referente no modelo discursivo. Isso graças a conhecimentos prévios e culturais, como também a saberes, opiniões e juízos, mobilizados no momento da interação verbal (cf. Koch; Elias, 2006).

Já o segundo (47) fragmento é rico em detalhes sobre como o cangaceiro organizava festas para o seu bando (“mandava chamar as moças da redondeza pra dançar, aí, elas tinham que ir, elas tinham que obedecer senão ele mandava buscar”). O comportamento de seus homens tinha que ser irrepreensível (“ninguém podia mexer com elas não”). O próprio Lampião não se envolvia na festa, apenas observava de longe (“o chefe não dançava, e quando todos estavam dançando Lampião estava em pé escorado na boca do fuzil, observando todo mundo que estava ali no arraial”). Além disso, a recategorização ocorre em meio a diferentes vozes sociais que contavam histórias sobre Lampião. Uma delas é a do pai da entrevistada, o qual poderia ser inserido no conjunto de entrevistados que apresenta um ponto de vista bastante positivo sobre o cangaceiro. Já a entrevistada parece ter um ponto de vista um pouco mais distanciado, assumindo que Lampião era um “homem malvado”.

No fragmento três (48), a entrevistada chega a lamentar o fato de Lampião nunca ter mandado nenhum recado para seu pai para que ela fosse à novena e depois dançar, a saber: “Aí Lampião mandava dizer: ‘diga a fulano de tal que mande suas filhas’, mas ele nunca mandou esse recado para papai. Eu era doida que ele mandasse dizer para papai mandar as filhas. Eu era doida e roxa, dançar era tão

bom!”. É interessante perceber o contraste que há entre as expressões referenciais mobilizadas no primeiro fragmento: “o ladrão”, “um capeta”; e as do segundo: “o chefe dos bandidos”, “o cangaceiro”, “o chefe”; e nenhuma expressão referencial no terceiro fragmento.

Nesta breve seção, tivemos o objetivo de ilustrar de uma forma mais geral as estratégias discursivas dos sujeitos que foram mais detalhadamente tratadas no curso das análises desenvolvidas sobre as expressões referenciais. Também tivemos o objetivo de mostrar como a memória social sobre Lampião é constituída de pontos de vista ora complementares, ora conflitantes sobre essa personagem, o que corrobora, via uso de processos referenciais, a nossa hipótese da complexidade do tema e da ambigüidade inerente de sua imagem pública, provavelmente, por ele mesmo muito trabalhada.

6.4. Um outro personagem do cangaço: as volantes

Faremos agora uma breve descrição de um personagem importante da história do cangaço e também muito presente nas memórias dos entrevistados: as volantes, em outras palavras, a milícia da época em que viveu Lampião. Vejamos como os depoimentos dos entrevistados fazem referência à força policial da época:

Fragmento 49

O povo pensava que as volantes eram *os policiais*, mas, as volantes eram *as pessoas contratadas* pela própria polícia, e eles vinham de Aracaju, das cidades mais próximas, como Salvador, Recife, Maceió. Alguns sargentos contratavam *aqueles homens*, inclusive, *os cabras de Nazareno* pegou grande fogo no combate de Maranduba ali em

Canidé era tudo *cabras de Nazareno*, do povoado de Floresta junto do rio Pajéu lá no Estado de Pernambuco. Então era *um pessoal contratado* sem treinamento nenhum, a maioria, querendo ganhar algum dinheiro na época, então, veio de Nazaré para combater Lampião aqui no sertão de Sergipe. *As volantes* não eram pessoas de Lampião, volantes eram as *pessoas que perseguiram Lampião* (JAO, Entrevista 11, p. 289-90)

Levando em conta o exemplo acima, elencamos, a seguir, algumas expressões referenciais retiradas não apenas desse fragmento (49), como também de outros depoimentos dos entrevistados a respeito das volantes:

a força
a polícia
os macacos
aqueles homens
a força do governo
o pessoal da volante
as volantes do governo
os cabras dos nazarenos
a volante dos cabras de Nazareno
as pessoas que perseguiram Lampião
o pessoal da volante dos nazarenos
as pessoas contratadas
os homens da justiça
os caras da volante
a força da polícia
os nazarenos
os policiais
a súcia

Conforme é possível observar pela lista acima, nos depoimentos dos entrevistados ocorrem quase que sempre apenas o uso de descrições referenciais definidas, ao refocalizar ou reativar a figura das volantes, realizado por meio de estratégias anafóricas correferenciais, formando, assim, cadeias coesivas, que são responsáveis pela progressão referencial do discurso. Às vezes, a ativação ou reativação desse referente (a volante) pode ocorrer a partir de “pistas” expressas no texto ou no contexto via processos de inferenciação, como outros casos já vistos no decorrer desta análise. Abaixo citamos alguns fragmentos que, a nosso ver, podem ser exemplos de poções discursivas que emergem da memória dos sujeitos quando da enunciação das formas nominais acima elencadas, que têm como núcleo um nome (“polícia”, “homens”, “caras”, “macacos”, “súcia”) que se refere a essa espécie de força policial da época. Vejamos:

Fragmento 50

E interessante era que a volante vinha assim num roteiro de informação, aí quando chegava era pra gente dá conta ou dizer que viu os bandidos de Lampião sem ver. E a gente não tinha visto mesmo. Aí eles falavam... falavam... xingavam né? Mas tudo na vida passa, mas deixa muitas marcas (JFO, Entrevista 8, p. 279).

Fragmento 451

Na época do cangaço, a força do governo que se chamava de *volante* cometia muita violência e algumas vezes se vaziam passar pelos cangaceiros, porque *os homens da polícia* se pareciam com os do bando de Lampião na maneira de se vestir e que muitas vezes se passavam pelos cangaceiros só pra espancar as pessoas mais pobres e quando a notícia se espalhava essas maldades eram atribuídas aos cangaceiros. O povo mais velho daqui do Poço conta que muitas vezes *a volante* mandava as pessoas

cortar varas ou cipó de pinhão para apanhar, levar surras diante da própria família. Essas histórias... Essas informações são passadas né? Contadas né? Pela própria população daqui do Poço, pela de Porto da Folha e de Monte Alegre e de outros lugares (MT, Entrevista 14, p. 300-01).

Fragmento 52

Até da volante as pessoas apanhavam que só filho sem mãe. *A volante* era que batia. Aqui teve irmãos que Nicolau que era *um comandante da volante* fez os dois irmãos brigarem no pau sem malquerença nenhuma (briga porque pra judiar). Só porque ele chegou com o gênio ruim, aí então, mandou os dois irmãos brigarem no pau até quando cansassem, aí, *o comandante da volante* mandava eles parar pois foi ele que obrigou eles brigarem (MVA, Entrevista 13, p. 298)

Por fim, para encerrar este capítulo, apresentamos um trecho de um depoimento que, no interior do qual, ocorre uma comparação entre as ações de Lampião e as ações das volantes:

Fragmento 53

No tempo de Lampião, ele chegava na casa do povo e falava: - o que que se come aqui? - Aqui se come qualquer coisa! - Se tem uma galinha, um carneiro ou um bode, uma coisa assim, mate aí pra nós comer! Aí, matava qualquer coisa e fazia aquela comida e *o povo do bando* comia. Depois Lampião pegava dinheiro, quer dizer, a nota ele botava no bolso e aquele trocadinho de dinheiro, aquele dinheiro miúdo, ele pegava e dizia tome menininho, então enchia a mão assim e dava pros meninos, porque ele não podia dar muito, mais agradava né? Agora que *a força da polícia contratada* não dava nada a ninguém podia era dar pancada, muita gente apanhou! *A força* quando chegava pedia comida, aí comia, e aí, quando acabava de comer,

quebrava prato, quebrava panela, esbagaçava com tudo e era pra não dizer nada se não na certa caía era na pancada. *A força do governo* né? O governo já era mais contra a gente do que Lampião. (AAA, Entrevista 4, p. 265)

Referindo-se a esse fragmento, podemos acrescentar que o sujeito do discurso, no processo de interação verbal, ressalta que, nas situações acima, a expressão nominal definida “a força” representa uma entidade nova para o discurso, que retoma um referente específico do (co)texto e, portanto, mantém com outras formas nominais uma relação de correferencialidade. Essas cadeias referenciais aqui elaboradas e reelaboradas no geral são partilhadas pela comunidade discursiva que as usa, visto que os indivíduos aprenderam a usar tais processos referenciais dentro das mesmas experiências de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas que vivem no interior do Brasil constroem as suas referências de vida ouvindo histórias, seja porque existe um grande contingente de analfabetos, seja porque a realidade da construção social através da leitura de livros fica distante, estando assim, portanto, mais afeitas à oralidade. São histórias passadas de geração a geração, eventos contados e recontados. Assim, nos recantos brasileiros, é comum crescer ouvindo histórias que impressionam pelo fato de ser narrativas semelhantes, contadas por diferentes pessoas e lugares diferentes.

No nordeste brasileiro, esse processo de recontação ou rememoração dos fatos vividos é um ato recorrente. No estado de Sergipe e, especificamente, na região do sertão do baixo São Francisco, os acontecimentos ali referidos, através dos depoimentos das pessoas investigadas sobre o fenômeno Lampião, vêm mantendo viva a chama da memória desse personagem mítico do sertão nordestino. Cognominado “O Rei do Cangaço” que tem como nome de batismo Virgulino Ferreira da Silva, manteve-se em uma posição de domínio durante aproximadamente duas décadas. Domínio este que envolveu uma grande parte do nordeste brasileiro: para alguns, um domínio de justiça e, para outros, um reinado de terror.

São essas contradições de pontos de vista, na análise do comportamento do personagem, que possibilitam a construção e reconstrução da memória discursiva e social, via uso de processos referenciais, do mito Lampião. É, portanto, esse cenário rural sertanejo que vai caracterizar e imortalizar a figura do representante maior do

fenômeno cangaço. A prova maior é a Grotta de Angico, no município de Poço Redondo, em Sergipe - cenário da última batalha de Lampião, onde foi executado junto a Maria Bonita e alguns cangaceiros - que é, até hoje, ponto turístico na região. Além de já ter servido como cenário real para a execução de alguns filmes, no momento, um movimento cultural promove uma campanha para o seu tombamento como patrimônio histórico do Estado.

Foi nesse ambiente, inserido no polígono das secas, com um clima perverso, mas habitado por um povo pacífico, ordeiro, trabalhador e perseverante com as injustiças climáticas, que aconteceu o levantamento dos dados que serviu para realização desta investigação, a partir de abordagens cognitivo-discursivas e interacionistas. Uma região em que a presença da atividade oral ainda é muito forte, em que pese toda a tecnologia que leva a qualquer recanto as emissoras de televisão.

Assim como a interpretação (ou pontos de vista) sobre as ações de Lampião, tido, por um lado, como “o justiceiro”, “o bandido bom”, “um homem de palavra” que protegia os pobres e defendia os oprimidos, e, por outro, como “o bandoleiro”, “um criminoso sem igual”, “o cangaceiro sanguinário”, é contraditória, também, o é a versão do seu aparecimento no cangaço. Alguns pesquisadores acreditam ser o cangaceiro um produto do fenômeno social cangaço: um fato determinado pela questão geográfica, pela inclemência do tempo e pelo flagelo da seca; outros acreditam ser o cangaceiro o resultado do seu próprio destino enredado por brigas entre pequenos proprietários rurais.

São essas contradições, conflitos individuais e coletivos na aceitação ou rejeição dos atos do justiceiro ou bandoleiro que enriquecem a construção ou a reconstrução social e discursiva da sua memória. Reconstrução esta dos acontecimentos passados que se constata, em nossa análise, ainda presentes, vivos, por meio de seus “pontos de cristalização”, na mente dos sujeitos pesquisados e do grupo social ao qual pertencem. São esses conflitos esclarecedores dos eventos e enriquecedores das atividades sociocognitivas e discursivas que também despertam interesses por pesquisas acadêmicas que têm, como fio condutor, buscar nas práticas discursivo-interativas a análise científica para estabelecer não a verdade dos acontecimentos, visto que estes já estão cristalizados na memória do grupo, mas a validação dos fatos históricos que fizeram e ainda fazem parte da memória coletiva dessas comunidades. É, portanto, no interior desse quadro, que passou a existir esta pesquisa: retratar a saga desse mito nordestino, a partir da construção e veiculação da memória a seu respeito, entendendo tal fato à luz de uma articulação entre teorias sociais, históricas e lingüísticas.

Nessa perspectiva, aspectos sociais, históricos e de linguagem passam a se fazer presentes, adotando, em nossos procedimentos investigativos, abordagens sociocognitivas e interacionistas, para melhor compreensão da relação entre linguagem e mundo. Em suma, adotamos, quanto aos princípios teóricos de observação, que a atividade discursiva se concretiza a partir de ações coletivas ou conjuntas. O que significa dizer que a linguagem não se realiza fora dos contextos sociais e dos eventos discursivos, visto que a construção e o entendimento do texto dependem sempre do conhecimento partilhado pelos sujeitos. Essas ações

conjuntas envolvem, portanto, uma dimensão cognitiva e social. Dessa forma, o ato de referência se realiza por meio de um processo dinâmico e intersubjetivo.

Vimos no capítulo 6, intitulado *Lampião sob os olhares do povo*, que o funcionamento lingüístico-discursivo, realizado pelos sujeitos desta pesquisa em suas práticas sociais, está relacionado a ações colaborativas e intersubjetivas. À medida que se avançava nesta investigação, vimos também como o processo de categorização ou recategorização da memória discursiva dos acontecimentos passados e relativos ao cangaceiro mostra, por meio do uso de estratégias referenciais, que os fatos históricos continuam presentes na memória vivida em torno da história do lugar. A figura de Lampião ali é vista como um símbolo contraditório. O que nos levou a verificar que expressões nominais como, “o grande general do nordeste” “o rei do cangaço”, “o cangaceiro malvado do sertão”, “o bandido ousado do sertão” são, pois, formas referenciais relevantes sobre um período social em que o governo era afrontado em terras do sertão brasileiro.

Foi possível constatar que há uma extensa documentação e grande número de memórias que revelam, em detalhes, principalmente em função da mobilização de determinadas expressões referenciais, o exercício desse poder político, militar e social de Lampião. Dessa figura pública que soube não apenas manter sua capacidade de liderança, de manipulação, mas também de se fazer conhecida e respeitada, possibilitando assim a construção de uma imagem tanto positiva, como negativa. Em nosso estudo, tivemos como objetivo maior mostrar justamente como esse mito é construído e reconstruído discursivamente por meio do uso de cadeias referenciais que articulam diferentes pontos de vista sobre sua imagem ora positiva,

(“um homem bom”), ora negativa, (“um homem mau”). Portanto, as expressões referenciais usadas pelos sujeitos nos depoimentos acerca do cangaceiro transitam do positivo ao negativo com base em avaliações sociais sedimentadas ao longo do tempo e em diferentes espaços. Essa contradição de opiniões contribui justamente para reforçar a presença do mito Lampião na memória coletiva das duas comunidades investigadas.

Ao longo da nossa análise, procurou-se mostrar que através do uso das expressões nominais referenciais definidas e indefinidas, os sujeitos fazem remissão não apenas a elementos presentes na superfície do próprio texto por ele produzido, mas também a elementos inferíveis, a partir de uma memória social sobre tal personagem. Isso se realiza, como vimos, por meio da mobilização de processos referenciais que funcionam como elementos condensadores do discurso que remetem a toda uma memória que continuamente foi construída e reconstruída. O que nos levou a observar casos em que uma certa quantidade de expressões referenciais, quer definidas como “o astucioso cangaceiro” e “o valentão do sertão”; quer indefinidas como, por exemplo, “um sujeito sério” e “um verdadeiro líder”, encontradas nos depoimentos dos sujeitos, apresenta um processo de condensação, uma vez que remetem a atividades cognitivo-discursivas, sumarizando-as, ou categorizando e recategorizando Lampião como “um mito”, como “um fenômeno”, como “um símbolo”.

A partir dos depoimentos dos sujeitos, nas análises feitas, mostrou-se a presença de um grande número de expressões referenciais que além de ter a função de (re)focalizar a informação que veiculam e de chamar a atenção para

aqueles atributos ou predicções do personagem, também reforça a figura do mito. Atributos que vão se estabilizando continuamente, via uso de processos referenciais, na memória dos sertanejos, como outras predicções pertinentes a suas múltiplas e complexas ações que reúnem todas as características (boas ou más) relativas ao homem do cangaço. Em nossos dados observamos que, de fato, o emprego das formas nominais definidas e indefinidas sobre esse personagem, revelou que ele é, realmente, um universo de contrastes, o que constrói a principal face desse mito: sua face política.

Constatamos, neste estudo, que as atividades de referenciação desenvolvidas pelos sujeitos ao longo de seus depoimentos contribuíram, decisivamente, para a construção e reconstrução da memória discursiva (e social) e, de certa forma, da imagem mítica do rei do cangaço, a partir da rememoração dos acontecimentos passados no presente da memória coletiva das comunidades em que se concretizou esta pesquisa.

Os exemplos apresentados reforçam o pressuposto de que as expressões referenciais presentes nos depoimentos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, relativas a Lampião, encapsulam um grande conjunto de informações sobre o passado, instaurando, ao mesmo tempo, um presente subjetivo denso, saturado por uma memória social que se refaz a cada nova enunciação de cada uma das expressões. Constrói-se e reconstrói-se, a partir de tais informações, um discurso sobre um homem que se destacou na primeira metade do século 20, e que continua vivo nas práticas enunciativas do homem do sertão. Revela-se em tais procedimentos um potencial de matrizes discursivas que afirmam a memória

histórica e cultural da região. Matrizes discursivas que expõem expressões referenciais que se afirmam como objetos-de-discurso. Nesse sentido, entende-se que as informações transmitidas são estruturadas de forma cognitiva e lingüística e dão sentido de mundo, de tal forma que a imagem do mito Lampião divide-se entre herói e bandido.

Assim, esse mito que sob os olhares do povo é construído de múltiplas faces, dividindo-se entre opiniões positivas e negativas, o que permite a observação de diferentes combinações de formas nominais, definidas e indefinidas, o que realça a atividade referencial no curso da prática discursiva.

Conclui-se que as expressões referenciais, alusivas a Lampião, remetem e resumizam tanto o conjunto de informações fornecido no interior do próprio texto, como também remete a outras expressões referenciais que também encapsulam outras informações enunciadas e/ou implicadas em outros discursos e enunciadas por outras vozes, em outros momentos. Assim, as expressões referenciais mobilizadas pelos sujeitos constituem uma cadeia referencial que remete, retoma outras cadeias referenciais enunciadas por outros sujeitos, em outros lugares e tempos, ao mesmo tempo em que remetem e resumem determinados conteúdos presentes na memória discursiva de grupo social.

Este trabalho é uma tentativa de mostrar, de forma coerente, como se constrói e se reconstrói, por meio do uso de processos referenciais, a memória discursiva e social de Lampião. já que os estudos sobre referenciação pouco têm explorado este viés teórico que se situa na interface entre a Sociologia e a Lingüística. Comprovamos também nesta investigação que os processos de

referenciação comportam uma grande quantidade de informações e de pontos de vista sobre personagens, acontecimentos e eventos. Esperamos que possa ter contribuído no sentido de suprir uma lacuna que reconhecemos existir nos estudos de referenciação: uma interface entre a Sociologia e a Lingüística.

Por fim, esperamos que a diversidade de reflexões lingüísticas que suscitaram os textos deste *corpus* possa ser ainda explorada por outros pesquisadores. No desenvolvimento deste estudo, a nossa opção pelo trabalho com conhecimentos provenientes de outras áreas diferentes atende às nossas expectativas, permitindo-nos uma melhor compreensão do processo estudado. Dessa forma, os resultados apresentados demonstram, a nosso ver, que a abordagem lingüístico-cognitivo da categorização e recategorização do referente (Lampião), via uso de processos referenciais, foram de fundamental importância na (re)construção dos sentidos sobre a memória social e discursiva do cangaceiro. Este trabalho mostra que o campo da sociologia é muito vasto para a investigação lingüística. Além disso, o *corpus* desta pesquisa pode construir fontes de pesquisa dos estudos da linguagem. Esperamos que nossa investigação tenha dado um passo muito importante para que futuros pesquisadores possam tomá-la como suporte nas suas investigações.

A partir dessas considerações, esperamos que outros em outras pesquisas venham a desenvolver mais a fundo as questões que levantamos aqui, no intuito de enfatizar a importância do uso de processos de referenciação na construção e reconstrução da memória discursiva de outros objetos-de-estudo (referentes) a partir de acontecimentos experimentados e/ou vivenciados interativamente por outros grupos nas suas práticas discursivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Érico. Lampião: sua história. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 1998.

AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84. (Clássicos da Lingüística).

_____; CHANET, Catherine. Definido e demonstrativo nas nomeações. . In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 131-176. (Clássicos da Lingüística).

_____; REICHLER-BÉGUELIN , M. J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER; REICHLER-BÉGUELIN (Eds.) Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphores. Neuchâtel: Institute de linguistique de l' Université de Neuchâtel, 1995.

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. Introdução. In: LIMA, João de Souza. A trajetória guerreira de Maria Bonita, a rainha do cangaço. Paulo Afonso, Ba: Fonte Viva, 2005. p.11-13.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão. Rio de Janeiro: Faperj, 2000.

BENÍCIO, Manoel. O rei dos Jagunços. Brasília: Senado Federal, 1997.

BENTES, Anna Cristina. A arte de narrar: da constituição das estórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense. Campinas, SP: 2000. Tese (doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2000.

_____; Processo de referenciação em duas configurações narrativas: o conto popular e a história oral. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 41, p. 177-189, jul./dez. 2001.

_____; RIO, Vivian Cristina. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, J.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.) Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 265-91.

BERRENDONNER, Alain. Décalages: les niveaux de l'analyse. Linguistique. Langue Française, 1989.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. As nomeações em diferentes gêneros textuais. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 41, p. 127-40, jul./dez. 2001.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 44, p. 105-18, Jan./Jun. 2003. p. 9-39.

_____. A construção do referente no discurso. In CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. P. (orgs.). Gêneros textuais e referenciação. Fortaleza: Protexoto, UFC, 2004.

_____. Anáfora e dêixes: quando as retas se encontram. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 125-49.

_____. KOCH, Ingedore G. Villaça. A acessibilidade de referentes no discurso. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; et al (Orgs). Texto e discurso sob múltiplos olhares vol. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHANDLER, Billy Jaynes. Lampião, o rei dos cangaceiros. Tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Coleção Estudos brasileiros; v. 46) Tradução de: The bandit king, Lampião of Brazil.

CAMPOS, Edilberto. Crônicas da passagem do século. Estância, Se: Editora de Estância, 1965.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião. Campinas, 2005. Tese (doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos Lingüísticos da Universidade de Campinas. Universidade de Campinas, 2005.

CARVALHO, Rodrigues de. Serrote preto: Lampião e seus sequazes. 2. ed. Rio de Janeiro: Sedegre, 1974.

CASCUDO, Luís da Câmara. Vaqueiros e cantadores. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [197-?]

CHIAVENATO, Júlio José. Cangaço a força do Coronel. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CINTRA, Antônio Octávio. A política tradicional brasileira: uma intepretação das relações entre o centro e a periferia. In: BALÁN, Jorge (Org.). Centro e periferia no desenvolvimento brasileiro. São Paulo: Difel, 1974.

CONRADO, Juarez. A ultima semana de lampião. Aracaju: Sercore, 1983.

CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 177- 190. (Clássicos da Lingüística).

COSTA, Alcino Alves. Lampião além da versão: mentiras e mistérios de Angicos. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Artigo indefinido e anáfora. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 44, p.133-141, Jan./Jun. 2003.

_____. Construção da referência e representação lexical: por um tratamento dinâmico da semântica lexical. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 41, p.149-64 jul./dez. 2001.

_____. Referenciação e investigação do processo cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico. In: KOCH, J.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.) Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 198-218.

DANTAS, Ibarê. Coronelismo e dominação. Aracaju: Editora UFS, 1987.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória. In: PAPEL da memória. Tradução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 23-37.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990. p. 9 -17.

FERREIRA, Vera; AMAURY, Antônio. O espinho do quipá: Lampião, a história. São Paulo: Oficina Cultural Mônica Buonfiglio, 1997.

FONTES, Oleone Coelho. Lampião na Bahia. 4. ed. Petrópolis, 2001.

FRANCHI, Carlos. Linguagem: atividade discursiva. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 22, p. 9-39, jan./jun. 1992.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 191-228. (Clássicos da Lingüística).

GAROFALO, R. Criminologia: estudo sobre o delicto e a repressão penal. 2.ed. Lisboa: Classica, 1908.

GUEIROS, Optato. Lampião: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes. Recife, 1953.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, E, J. Bandidos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975.

_____. Rebeldes primitivos: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Tradução Waltensir Dutra. 2. ed. Rio de Janeiro: Fazar, 1978. Tradução de: Primitive Rebels – Studies in Archaic Forms of Social Movements in the 19th and 20th Centuries.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. O coronelismo: uma política de compromissos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 44, p. 93-102, Jan./Jun. 2003.

_____. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p.219-41.

KLEIBER, G. *L'Anaphore Associative*. Paris. Puf. 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Referenciação: construção discursiva*. Campinas, 1999. (Ensaio apresentado por ocasião do concurso para Titular em Análise do Discurso do Instituto de Estudos Lingüísticos da Universidade de Campinas).

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. A referenciação como atividade cognitivo-discursiva e interacional. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 41, p. 75-89, jul./dez. 2001.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002a.

_____. *Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso*. *Veredas*, *Revista de Estudos Lingüísticos*, Juiz de Fora, v.6, n. 1, p. 31-41, 2002b.

_____. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.

_____; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *Delta*, n. 14, p. 169-90, 1998.

_____; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: fundamentados epistemológicos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____; BENTES, Anna Christina.; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

LIMA, João de Souza. *A trajetória guerreira de Maria Bonita, a rainha do cangaço*. Paulo Afonso, Ba: Fonte Viva, 2005.

LIRA, João Gomes de. *Lampião: memórias de um soldado de volante*. Recife: CEPE, 1990.

MACEDO, Nertan. *Capitão Vergulino Ferreira, Lampião*. Rio de Janeiro: Leitura, 1972.

MACIEL, Frederico Bezerra. *Lampião, seu tempo e seu reinado: a guerra de guerrilha*. 2. ed. Petrópolis, 1988.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucena, 2007.

_____. *A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização*. In: MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina (Orgs). *Lingüística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 49-77.

_____. Anáfora indireto: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Org.). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

_____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. Veredas, Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.

_____. Atos de referenciação na interação face a face. Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 41, p. 37-54, jul./dez. 2001.

MELLO, Frederico Pernambuco de. Quem foi Lampião. Recife: Stahl, 1993.

00m

_____. Guerreiro do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo: A Girafa, 2004.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, J.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.

_____; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52. (Clássicos da Lingüística).

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referencia e a correferência. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B; CIULLA, A.; (Orgs.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130. (Clássicos da Lingüística).

NAVARRO, Fred, Assim falava Lampião: 2500 palavras e expressões nordestinas. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, (Org.). Usos e abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PRATA, Ranulfo. Lampião. 2. ed. São Paulo: Piratininga, 1959.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. História do cangaço. 2. ed. São Paulo: Global, 1987.

_____. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris (Org.) História geral da civilização brasileira III: Brasil republicano. São Paulo: Difel, 1975.

QUEIROZ, Raquel. Lampião, a beata Maria do Egito. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, (Orgs.). Usos e abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SÁ, Antonio Fernando de Araújo. Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997). Tese (doutorado em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília, 2006.

_____. Fragmentos de memórias do cangaço no sertão nordestino. In: SILVA, Tânia Elias Magno da; LOPES, Eliano Sérgio Azevedo (Org.). Múltiplos olhares sobre o semi-árido nordestino: sociedade, desenvolvimento, políticas públicas. Aracaju: Fapese, 2003.

SCHINELO, Rosimar de Fátima. A "morte" da/na memória. In: FERNANDES, Cluedemar Alves et al. Sujeito, identidade e memória. Uberlândia: EDUFU, 2004.

SANTOS, José Gilson dos. Saco do ribeiro (Ribeirópolis): pedaço de sua história. Recife: Indústrias Gráficas, 1987.

SANTOS, Luiz Cristóvão dos. Brasil de chapéu-de-couro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958. (coleção Vera Cruz, vol. 18).

SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia. Poço Redondo. Aracaju: SEPLANTEC, 1997. (Série Perfis Municipais).

SOARES, Mariana Cysneiros C. Lampião: a marca que vende o nordeste. Recife, 2007.

SOUSA, José Carlos de. Discurso do homenageado. In: SERGIPE. Discursos proferidos na sessão solene da Câmara Municipal de Nossa Senhora da Glória. Nossa Senhora da Glória, Se: Câmara Municipal, 2005.

SOUTO MAIOR, Mário. Prefácio. In: MELLO, Frederico Pernambuco de. Quem foi Lampião. Recife: Stahl, 1993. p.15-19.

SOUZA, Anildomá Willans de. Nas pegadas de Lampião. Serra Talhada, Pe: Gráfica Folha do Interior, 2004.

SOUZA, Antonio Vilela de. O incrível mundo do cangaço. Recife: Bagaço, 2007.

SOUZA, Ilda Ribeiro de. Angicos - eu sobrevivi: confissões de uma guerreira do cangaço. São Paulo: Oficina Cultural Mônica Buonfiglio, 1997.

SOUZA, Jovenildo Pinheiro de. Sertão sangrento: luta e resistência. Recife, 1994. Dissertação (mestrado em História) - Curso de pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

THOMPSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos e abusos da história oral. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 65-91.

VAN DIJK, Teun Adrianus. Cognitive context models and discourse. In: OOSTEDORP, H. Van; GOLDMAN, S. (Eds.). The construction of mental models during reading. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1997.

_____. Cognição, discurso e interação. Organização e apresentação de Ingedore G. Villaça Koch. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Lingüística).

WILSON, Luiz. Vila Bela, os Ferreira e outras histórias. Recife, Editora Universitária, 1974.

ZAMPONI, Graziela. Processos de referenciação: anáforas associativas e nominalizações. Campinas, 2003. Tese (doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2003.

ZAVAM, Áurea. São axiológicas as anáforas encapsuladoras? In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; et al (Orgs). Texto e discurso sob múltiplos olhares vol. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 123-43.

APÊNDICE

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Entrevistado: AC

Idade: 65 anos

Naturalidade: Poço Redondo, Sergipe

Residência: Poço Redondo, Sergipe

Escolaridade: ensino fundamental incompleto

Profissão: Funcionário público

Seu Gabriel pode contar quando mataram os tropeiros está no livro Lampião além da versão, a pessoa que ele era comboieiro que nós chamamos de tanger burro. Ele vinha cedo de Pedro Alexandre que era Serra Negra na época para o porto de Curralinho com os burros carregados de algodão para Própria ou Pão de Açúcar. Numa dessas viagens, os cangaceiros estavam esperando para matá-lo, mas ele não veio. Nesse dia vieram os quatro companheiros. Eles mataram três e deixaram um para contar a história. Ele também tinha um irmão que era o mais velho, esse irmão os cangaceiros mataram pertinho daqui. Vicente Rodrigues que é uma figura no Angico conta que foi ele que levou a máquina da dona do Angico para Maria Bonita fazer a roupa do sobrinho de Lampião que ia entrar para o bando, mas quando foi na quinta feira de manhãzinha aconteceram as mortes ele foi quem levou Manoel Félix. O Manoel Félix está vivo, está quase com cem anos, esse não tem problema, se você encontrar com ele, você conversa com ele, ele ainda lembra muitas das estórias do cangaço vividas aqui no nosso sertão, o velho realmente tem uma boa memória, quando ele fala do cangaço é como se ele tivesse vivendo aquele momento trágico da nossa história. Vicente Rodrigues também gosta de contar as histórias do cangaço. Já a minha mãe, que é irmã do cangaceiro Zabelê, não gosta de lembrar de nenhuma dessas histórias porque traz muitas lembranças ruins daqueles tristes momentos, é uma que representa na vida social sertaneja muito, porque as pessoas não entendem direito a razão de tudo isso. Lampião foi praticamente uma realidade dos últimos cangaceiros. O final de tudo foi com Lampião, aí, fica o fato extraordinário que não foi a morte de Lampião, mas foi a

morte do próprio cangaço na Grotta do Angico. Esse que era um fenômeno nordestino morreu ali, morreu assim ali uma história isolada que foi a própria história do cangaço. Lampião, ele foi a figura máxima, ele já foi o final da história. Graça a Deus. Eu tenho esse lado caipira, mas eu gosto de acompanhar as coisas, a evolução do mundo, sem esquecer esses acontecimentos do passado, não só os ocorridos no sertão, mas no próprio Brasil. Eu vejo hoje em dia as pessoas falarem de desvios sociais, opções sexuais, tudo isso é safadeza, porque o cangaço que vem desde 1840, por aí, e só durante oito anos, é que tem mulher no cangaço. Antes não existia uma só mulher no meio dos cangaceiros. Olhe, eram muitos os bandos, muitos grupos. E não se tem na história do cangaço, eu tenho muito cuidado, procuro pesquisar, casos de homossexualismo nesse meio. Tudo isso é fruto de um sertão bruto, porque só eles não tinham mulher no meio deles, pois era uma oportunidade que podia surgir por necessidade biológica. E eu só conheço casos de mulher no meio do bando de Lampião, só a partir de 1931 quando Maria Bonita deixou o marido pra acompanhar Lampião. Isso é um detalhe importante na vida do cangaço. Outra coisa que me deixa um tanto cismado são essas grandes celebridades do Brasil que têm tendência, e sem exceção, de condenar coronéis, não tem uma injustiça maior. Eles eram uns brutos, mas era o mundo que era bruto... O nordeste, principalmente o sertão, era tudo bruto, ignorante... Era a história da época que era assim. Naquele tempo, o senhor Francisco Alves Santos, casado com uma tia minha, era vaqueiro e se tornou fazendeiro, assim como ele, foram muitos a se tornar fazendeiros. Era um tempo violento, é o caso de Lampião, não era antes, mas se tornou violento, aí, ele teve atitude de monstro, se você conversar com Gabriel, você vai ver, porque ele sofreu as conseqüências. Eles pegaram e mataram o irmão que era o mais velho de dez filhos, o pai já tinha morrido, e ele já tinha ido embora, porque os cangaceiros queriam matar ele que era bem parecido, chamavam até de Zé Rico, você vai à casa do Gabriel não é uma casa comum do sertão. Bem, era o irmão dele o José que era o chefe da família, pois quando o velho morreu, ele estava morando na cidade de Nossa Senhora da Glória que era Boca da Mata naquele tempo, aí veio embora porque a mãe dele mandou chamar pra ele cuidar da família. No dia que ele chegou, pegaram ele e levaram o coitado pra um

baile, ele estava até cansado da viagem, porque naquele tempo se vinha de Glória pra cá de cavalo, e assim que ele chegou, os cangaceiros pegaram ele e montaram nele de esporas até sangrar, aí, eles terminaram matando o rapaz. Gabriel não suportou isso. Ainda hoje Lourenço, o outro, é uma história de Poço Redondo, pois quando era novo, aqui não tinha luz naquela época, ele era fino tocador de violão e nas noites de lua ficava no meio da rua, ali no meio dessa pracinha, a tocar violão, a noite toda a fazer seresta, serenata. Agora ele já está caindo pra idade, como a mulher morreu, ele nunca mais pegou no violão, É essa história que a modernidade está acabando, ela está roubando as nossas origens. Se tem muito a contar a respeito do fenômeno do cangaço e do seu representante maior – Lampião. Por exemplo, um dos maiores acontecimentos da história do cangaço aconteceu aqui no sertão de Sergipe, ali em Canidé e cuja tragédia permanece viva na lembrança do homem sertanejo, é o combate que aconteceu envolvendo o grupo de Lampião e a força do governo que foi a batalha de Maramduba (fazenda localizada no cerrado de Canidé) no início de janeiro de 1932. Nesse encontro, Lampião repetiu o que tinha feito no combate de Serra Grande, em 1926, quando derrotou a polícia de Pernambuco com quase trezentos homens. Nesse combate, Lampião contava com menos de cem cangaceiros, mais mesmo em desvantagem derrotou de maneira triunfal as três volantes. Foi uma vitória estrondosa, sem dúvida, a maior vitória do homem mais famoso do cangaço que depois dessa vitória escreveu uma carta ao governador de Pernambuco fazendo uma proposta para ser o governador do sertão. No combate de Maranduba, Lampião preparou uma emboscada para acabar com a força da polícia. O cerrado de Maranduba era uma das mais faladas caatingas do sertão de Sergipe onde só vaqueiro macho corria atrás de boi. Ali, bem ali, naquele emaranhado de cipó, ficava o coito de Lampião. Era ali, onde as mulheres cangaceiras esperavam seus homens que voltavam de mais uma de suas costumeiras aventuras. Abraços e vivas faziam a felicidade de todos. Os cangaceiros formavam uma família. Só Lampião não tinha alegria, parece que ele via com precisão o momento do perigo: “acho que a qualquer momento a gente vai ser atacado e eu não quero ninguém desequipado, quero todo mundo preparado e pronto pra uma surpresa”. A hora da verdade chegou. Para a volante tinha chegado

a hora de vingar a derrota de Serra Grande. Estão frente a frente os inimigos mortais: Nazarenos e Lampião. E é Lampião quem dá o grito de guerra: “cuidado meninos, os macacos cercaram a gente”. Para os homens da volante a vitória parecia certa, mas a situação era inversa. Do outro lado, estava o herói, o titã, o guerreiro dos sertões. Numa manobra inteligente e envolvente o rei do cangaço deixa os atacantes sem saber como e por onde dirigir o combate, pois o momento do flagrante já passou e estarrecida a polícia se dá conta de que já não são os atacantes e que o domínio da situação pertencia a Lampião. Nesse momento, não tinha nada comparado à violência e aos estrondos do tiroteio. Os tiros ecoavam longe, muito longe, parecia que o inferno tinha desabado e se transportado para aquela esturricada terra. A volante não contava com a experiência de Lampião e de seu bando que se tinha espalhado, deixando a polícia sem saber para que lado atirar. É uma verdadeira tragédia e para os nazarenos, a tragédia era ainda maior, pois havia muitos feridos e vários mortos e entre os cangaceiros morreram apenas dois. Toda essa batalha aconteceu aqui no sertão de Sergipe, como já falei, ali no município de Canidé do São Francisco e que a Batalha de Maramduba foi e continua sendo um dos maiores pesadelos da história do povo do sertão sergipano. Essa tragédia ficou sendo conhecida como a famosa batalha de Maramduba que teve mais uma vez como vitorioso o homem mais potente do sertão. Esse combate nunca vai ser esquecido porque está gravado na história do cangaço nordestino, porque foi um dos maiores feitos da guerra cangaceira.

ENTREVISTA 2

Entrevistado: ABM

Idade: 87 anos

Naturalidade: Ribeirópolis, Sergipe

Residência: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Escolaridade: analfabeto

Profissão: lavrador

A história de Lampião é a seguinte: Lampião era pernambucano e se chamava Virgulino Ferreira da Silva. Ele tangia burro na estrada nesse tempo, era tropeiro e, um dia quando ele chegou de viagem, encontrou seu pai morto. Essa questão foi causada por um diacho de um chucaio que ele tinha comprado na feira e disseram que ele tinha roubado o tal chucaio de uma criação. Aí, por causa desse episódio do chucaio foi que mataram o pai dele. Então Virgulino disse que daquele dia por diante ele não queria arranjar fortuna, nem tinha alma nem coração, só pensava em morrer amanhã. Mas aquela família que matou o pai dele ia pagar, ele ia matar toda gente da família. Aqueles pra não morrerem, foram embora. Aí ele ficou procurando nos sete Estados do Brasil. Ele andou muito. Então, ficou andando no mundo, não roubava, mas era vingativo, aquele que fizesse o mal a ele se ele pudesse matar ele matava mesmo, como ele matou muita gente. Ele tinha era raiva de ladrão. Ele não roubava e quando ele chegava numa fazenda, ele pedia dinheiro ao fazendeiro. O fazendeiro quando tinha dava, mais quando não tinha, dizia: hoje eu não tenho, mas de hoje a oito eu tenho. Aqui, nesse sertão, se não tinha dinheiro o cara pedia uma reizinha, outra coisa, mas quando o cara dava um dinheiro a ele quando tinha aí ele ficava sendo amigo daquela pessoa. Ele não fazia mal de jeito nenhum. Da derradeira vez que ele veio, ele atravessou o rio... O rio de São Francisco e veio para Sergipe. Eu era rapazinho ainda. Eu me lembro que ele ficou aqui em Sergipe bastante de tempo e eu me lembro porque eu levava de-comer pra ele e mantimento. Eu tinha só 17 anos quando eu levava mais outro coiteiro bóia pra ele. Eu lembro de tudinho. Nesse tempo o governo do Estado era Eronildes de Carvalho

que mandava munição pra ele, mandava, né? Nesse meio ele ficou ali no município de Monte Alegre. Foi nesse tempo que eu levava bóia pra ele junto com Dominginho de Vítor, aí, a gente ficou muito tempo levando sua bóia. Quando foi um certo dia tudo aconteceu, porque o vaqueiro desse Dominginho foi comprar cigarro e fósforo ali na cidade de Monte Alegre. Que foi que fez o vaqueiro? Ele chegou no Monte Alegre de Sergipe e ele avisou foi a uma força para ir lá pra fazenda de Dominginhos. Eu me lembro de tudo isso, ele avisara foi a súcia, aí, a súcia foi, e quando chegou lá na fazenda eles deram foi fogo em Lampião, que a gente tava lá dentro, num bochio (gruta), com Lampião detrás de um tanque, quando a gente viu foi papoco de tiro, a gente caiu no chão e se deitamos... Né? Eu ainda acompanhei Lampião durante sete meses. Lampião andou aqui na cidade de Nossa Senhora da Glória algumas vezes. Naquele tempo, ela se chamava era Boca da Mata e, eu não conhecia ele ainda não. Ele passou aqui e foi pernoitar na cidade de Ribeirópolis, ali pertinho. Lampião viajou durante a noite e de madrugada ele chegou na casa de um tio meu. Ele bateu na porta e chamou dizendo que era força do governo e perguntou se tinha café. Aí responderam: “tem café, sim senhor...” Então ele perguntou: “A senhora pode fazer um cafezinho pra nós?” “Ochente, eu posso”. Aí os cabras sentados na frente da casa, os animais amarrados e Lampião, o chefe do bando, sentado na porte do meio da casa. Então ele disse: “aqui não entra ninguém que o dono da casa não tá”. Meu tio estava aqui na cidade de N. Sra. da Glória. Aí ela fez o café e botou em cima da mesa. Aí Lampião falou: “não, não, cada um pega uma xicrinha de café, ninguém tem direito de sentar aqui na mesa não”. Aí, tomaram o cafezinho lá fora mesmo. E pra tornar a história mais curta, eles seguiram para Ribeirópolis, quando chegaram lá, foram direto pro quartel de polícia. As portas estavam abertas, aí ele entrou no quartel e achou a polícia... Todos os homens estavam... Tudo deitado, aí o chefe disse: “levante macacos, vocês não estão esperando Lampião? Olhe aí, ele chegou. Eu estou aqui na frente de vocês, macaco...” Aí, assim que ele chegou, pegou logo os fuzis da polícia e tirou a munição todinha. O que foi de bernal que tinha ele tirou as balas e deixou os fuzis secos. Tinha lá um sargento Zé Pimenta, eu me lembro, que sargento mole! E dizia que estava esperando pelo comandante do cangaço! Tinha outro chamado Zé Bala,

eu conheci ele também. Zé Pimenta, pergunta Lampião, onde fica a casa do delegado? Aí, eu sabia e fui mostrar porque eu estava mais o capitão. Nesse tempo, eu era moleque ainda bem novinho, aí mostrei e fui na casa do delegado com o capitão. Ah! Eu ia me esquecendo de dizer que quando o bando chegou no quartel, aí, Lampião, por ser muito cuidadoso, cortou os fios de passar telegrama pra que a polícia não pudesse se comunicar com Itabaiana [SE] que era a cidade mais perto dali. Aí Lampião disse pro delegado: “delegado você tem uma polícia muito fraca, esperando por Lampião e tá tudo deitado! Seu delegado, o senhor tem um dinheirinho aí pra me dar?” Então o delegado disse: “eu não tenho dinheiro hoje não porque o comboio chegou ontem, que eu tenho padaria e o dinheiro eu gastei todo, apliquei na farinha de trigo”. Aí, abriu a porta e mostrou a sacaria. Aí, o rei do cangaço disse: “então tá certo, você tá sendo verdadeiro, você não tem dinheiro mermo”. Mais aí Lampião puxou a gaveta e tinha um dinheirinho, daquelas niquinhas branca de primeiro. Aí ele pegou e jogou pros meninos, pros meninos vadiar no murro, e depois ele pegou as montadas e viajou, foi embora, né? Viajou cabeça arriba, foi aí pros lado de Frei Paulo onde o capitão Virgulino tinha uns amigos lá nesse tempo. Eram uns fazendeiros de lá que gostavam dele, porque Lampião era uma pessoa amigüeira e quem gostasse dele era amigo dele de verdade. Agora fez qualquer richa ele matava, como fez com muita gente ou castigava, mataram muitos mesmo, é verdade. Uma vez uma volante de Ribeirópolis matou um cabra do grupo de Lampião por nome de Mangueira e levaram a cabeça amarrada num lenço para Ribeirópolis e, aí, ele subiu de cabeça arriba, foi embora pro lado do sertão. Outra vez Lampião ia descendo, quando chegou ali no São Miguel do Aleixo a turma do bando encontrou um cabra que quando viu um dos cabras de Lampião disse: “oh companheiro, você me conhece?” Era um sujeito que trabalhou mais ele no Estado de São Paulo nas colheitas. Um sujeito chamado Pedo Batatinha que vendeu a colheita lá toda e veio embora e deixou o coitado lá sem nada. Aí o cara veio embora e entrou na turma de Lampião. “Quando você encontrar ele de novo, você conhece ele mermo, né?” O sujeito disse que tinha uma casa velha grande. Então Lampião disse: “vamos pra casa dele”. Quando chegaram lá na casa do sujeito, tinha um cara amolando uma foice numa pedra de amolar. Aí, pediram ao sujeito

que amolasse um canivete e o cara foi amolar. Aí um cabra do bando perguntou ao tal sujeito: “você me conhece?” E ele disse não. “Quando você me roubou no São Paulo você me conhecia”. Aí, Zé Sereno disse: “pinique essa peste logo de urêia de abano, você não tá com um 38?”. “Não, não mata esse sujeito não, castra para ele engordar”, disse Lampião. Aí, eles pegaram Pedo Batatinha e disseram: “desça as carça pra nós lhe castrar, agora você vai engordar, agora se você gemer o canivete entra na goela”. Aí, foi quando o Batatinha amarelou. Então, fizeram o serviço como se faz num porco. Aí, tinha lá um velho manco de um pé, eu conhecia esse velho também, era o velho Duarte. Aí, quando acabou a castração, Lampião, o justiceiro, então disse: “trate desse bacurin, quando eu passar aqui de novo, eu quero encontrar ele gordo”. Depois Lampião se jogou nesse mundo, foi embora, né? Aí o velho subiu em cima de um carro de boi e levou pra casa do pai dele que morava num lugarzinho mais perto e tratou do Pedo Batatinha e ele ficou bom, ficou são, engordou mesmo. Eu conhecia o velho Pedo Batatinha. Quando passou em Ribeirópolis, ele desceu e matou o pai de Domingos de Vitor, o coiteiro [que o tinha traído]. O pobre do velho que não tinha nada a ver com isso. Então, eu disse: Virgulino, esse velho não tem culpa se o Dominginho correu. “Se ele tem culpa ou não tem, só sei que esse véio mora aqui, e você não me garantiu que não tem alma nem coração?” Ele matou o velho, dois filhos e um sobrinho. Aí, a gente subiu de cabeça arriba e chegamos em um lugarzinho chamado Clemente. Tinha lá um sanfoneirozinho, aí Lampião mandou fazer lá uma farra, dançando e quando chegou meia-noite aí eu chuapi [fugi].

ENTREVISTA 3

Entrevistado: AAP

Idade: 32 anos

Naturalidade: Serra Talhada, Pernambuco

Residência: Poço Redondo, Sergipe

Escolaridade: graduando em Pedagogia

Profissão: Professor do ensino fundamental.

Desde criança que eu admiro a história do cangaço. Eu tinha uma curiosidade em saber por que ouvia falar muito nele. A gente conversou com várias pessoas que viveram na época: o finado Libel, o finado Durval, a finada Odília e tantas que já se foram. No fundo, a origem da história é uma, e você ouvir, dizer, passar é outra. E o que você bem quer para escrever um livro é totalmente outra. Têm alguns casos sobre Lampião, como, a questão do olho cego, por exemplo. Também tem filme que diz que isso aconteceu foi depois que começou os combates, pois ele era um menino normal que gostava muito de vaquejada porque desde criança a família era todinha de tropeiro que levava mercadoria para vários lugares do sertão nordestino. O caso foi o seguinte: ele gostava de correr vaquejada e, um certo dia ele se meteu bem em cima de um pé mandacaru e furou o olho num espinho, então essa história é muito interessante. Já nos livros contam que isso aconteceu foi nos combates. Imagine só, nos combates! A verdade é que ele já veio pro cangaço com o olho cego. Inclusive, nos filmes que tenho assistido, não foi em combates, foi quando ele era ainda criança correndo vaquejada. Ele era muito ligeiro, era um reflexo, uma luz, daí, por ele ser muito esperto nos combates, recebeu mais tarde o nome de Lampião, porque ele era realmente um reflexo, uma luz realmente. Ele era muito ligeiro por isso ele ganhou o apelido de Lampião. O povo conta e a história também conta que Virgulino Ferreira da Silva quando ainda estava sob o comando do Senhô Pereira, [um dos maiores cangaceiros antes de Lampião], participou de um dos combates mais duros do cangaço, onde Senhô Pereira foi cercado numa casa por

126 homens da polícia e onde tinha apenas 11 cangaceiros, entre esses cangaceiros também estava Virgulino e dois irmãos. Foi durante o tiroteio entre a polícia e os cangaceiros que foi observado o fato de que o rifle de Virgulino de tanto atirar para dar saída para os cangaceiros de dentro da casa onde foram cercados pelos homens do governo mais parecia um candeeiro ou lampião aceso e, é por isso, que resolveram dar a ele o apelido de Lampião. Foi então depois desse combate que ele recebeu esse apelido que passou a ser conhecido na história do cangaço. Para o povo do sertão, Lampião era um espelho, era um estrategista, como Antônio Conselheiro da guerra de Canudos. Para o povo sertanejo Lampião era e continua sendo um grande guerrilheiro, um homem muito competente, além de ainda ser para seu povo que ainda traz essa chama viva na memória um homem muito justiceiro e não é só o povo que diz isso não... muitos daqueles que estudaram e ainda estudam o cangaço dizem a mesma coisa. A data de, seu nascimento é duvidosa, a gente foi lá na Serra Talhada, comprovamos, até tem um documento lá no cartório, tem que ele nasceu em quatro de julho de 1898 ou em 1899, uma coisa sem pé nem cabeça, não tem data certa do documento de nascimento de Virgulino. As histórias, os fatos, tudo de real que aconteceu, imaginem, publicam qualquer coisa e vendem. A história do cangaço ou qualquer história normal, os caras publicam e querem é vender, não querem saber se é verdadeira ou não. Esta é a cidade que mais surgiu cangaceiro, foram quase 40 cangaceiros que entraram no cangaço porque não tinham opção de vida. Muitos deles brigavam com os pais para entrar no cangaço, porque achava interessante, porque podia ser um meio de vida. e admiravam as bravuras de Lampião, o heroísmo dele. Aqui no Poço [cidade de Poço Redondo-SE], Lampião entrou em 1928 quando tinha uma festinha de Nossa Senhora da Conceição. Ali bem no centro da praça da Igreja Matriz. É o que conta ainda hoje o pessoal mais velho. Essas pessoas não esquecem daqueles acontecimentos vividos aqui naquele dia que marcou a história do Poço. Bem ali na praça tinha uma venda de Teotônio de China e foi bem ali aonde ele chegou. O pessoal se assustou, aí, Lampião desce do cavalo numa calma e diz: "eu vim na paz, eu vim só dormi na casa de Teotônio de China". Os mais velhos contam que aquela paz e aquele sossego que existia aqui no Poço, nesse dia, desapareceram.

É, mas ainda assim o povo admira Lampião, mas... É claro, têm outros que não, têm lá suas razões de detestarem ele. Uma questão muito interessante que o povo também ainda se lembra muito e ainda conta, e que eu acho muito interessante no cangaço, são as táticas de guerra dele, porque ele era um homem muito inteligente... um homem muito competente, como a questão de pegar as chinelas colocar ao contrário e andar, então, os caras pensavam que eles estavam indo pra trás, e na verdade, eles estavam indo pra frente. Tudo isso chegava ao conhecimento do povo e daqueles que a gente sabe que eram os macacos, eles assim chamavam. Na verdade, era a volante que a gente encontra assim também nos livros de história. As pessoas desses grupos eram contratadas por esses sargentos que chegavam dizendo: “quero que você entre nessa equipe da volante”. Elas ganhavam dinheiro para isso, era como se fosse um tipo de uma bolsa hoje, então entravam pra perseguir Lampião porque a cabeça de Lampião naquele tempo valia muito dinheiro, eram 50 contos de réis, que dava pra comprar de três a quatro fazendas, por isso todo mundo queria matar Lampião. Mas quando esses cabras da volante chegaram aqui em Sergipe, em janeiro de 1932, tinha uns coiteiros, entre eles, tinha Manuel Felix e Zé Felix, que eram da beira do rio, então eles sabiam que o pessoal da volante dos nazarenos, lá de Pernambuco, estava atrás de Lampião e já sabia o lugar onde ele estava numa localidade chamada Maranduba, numa fazenda com mata fechada onde tinha de tudo. Então um desses coiteiros, Manuel Félix, que ainda está vivo com uns noventa anos ou mais de idade, e se lembra dos acontecimentos daquela época quando ainda conta que sabia que os Nazarenos estavam atrás de Lampião. Então ele diz: “corri e avisei a Lampião que tivesse cuidado que os caras da volante tava vindo aí”. Então, o astucioso Lampião, por ser tão inteligente, sabia que os caras vinham ali no açude da fazenda beber água, então fez o seguinte: cercou o açude para quando eles chegassem e fossem beber água, aí os cangaceiros começavam a atirar e faziam um círculo de fogo em cima dos Nazarenos. “Esses macacos vão deixar o chapéu, as cartucheira, aí, é a nossa chance de matar” porque o bando de Lampião só tinha trinta e seis cangaceiros, e tinha noventa e dois da volante dos cabras de Nazareno. Então foi assim... Foi aí que a situação se complicou, quando eles foram tomar água, como imaginou o

habilidoso Lampião, meteram fogo neles. Só sei que fiquei sabendo por meio de algumas informações que morreram apenas dois cangaceiros e doze homens da volante dos Nazarenos. Na época desse combate, o hospital mais próximo que tinha daqui era o de Pão de Açúcar que para chegar lá, Virgem Maria!... Tinha que colocar aqueles corpos feridos atravessados nos cavalos e pelo que se sabe é que até chegar em Pão de Açúcar morreram alguns na viagem, dizem que foram ao todo uns catorze, então tudo isso, todas essas histórias contadas e recontadas são interessantes para a história do cangaço em nossa região. Eles tinham uma espécie de ligação coiteiro-Lampião, Lampião-coiteiro que davam apoio, alimento, munição e, até o governo de Sergipe, nesse tempo, Eronildes de Carvalho, deu muito apoio ao cangaço, ao famoso cangaceiro Lampião. Quando Lampião assumiu o comando do cangaço, este já tinha muito apoio do padre Cícero que também tinha um grupo de cangaceiros. O povo achava muito que um *Santo* tinha um grupo de cangaceiro que defendia claro suas causas. Então a partir da ir Senhô Pereira que queria abandonar o cangaço aí passou a patente de capitão brasileira do cangaço pra Lampião e Lampião falou que agora não ia ser assim como antes, não, “a gente vai usar um cangaço totalmente diferente meu pai foi assassinado por causa de briga de terra com o Senhor Nogueira e Zé Saturnino minha mãe morreu do coração, agora, a gente vai se vingar de quem matou meu pai”, aí, invadiram a cidade de Vila Bela em Pernambuco que hoje é Serra Talhada. Entraram no quartel e destruíram tudo. Mataram três soldados e pegaram todas as armas. Começou então, a partir daí, a raiva de Lampião que mandou uma carta desafiadora para o governo de Pernambuco José Estácio dizendo “olhe a partir de hoje do Agreste pra cá quem governa é você e do Sertão pra cá quem governa sou eu”. Que coragem, naquele tempo, imagine você mandar um telegrama para o representante do Estado com esse desaforo, então foi daí, conforme contam os mais velhos, que partiu a raiva. O governo da Bahia, sabendo do fato, oferece 50 contos de réis, foi aí que começou ou morria dentro da caatinga ou matava, é claro, entre matar ou morrer, Lampião preferia matar. Sobre aquelas maldosas mentiras que contam dizendo que ele jogava a criança pra cima e aparava na ponta do punhal, eu pesquisei sinceramente, fui pra Serra Talhada onde participei de encontros, debates; fui pra Paulo Afonso,

Jeremuabo e tantas outras cidades. Andei por aí, em Aracaju, em congressos e em debates e pesquisei muito e muitas pessoas, mesmo as de noventa anos, nunca me falaram isso aqui mesmo no município. Um fato interessante foi o que ocorreu em Água Branca, Alagoas, quando Lampião mandou um telegrama pra baronesa dizendo que ele queria dois contos de réis aí ela disse: “não dou e se eu soubesse onde estava esse bandido, esse malfeitor, esse cangaceiro, eu mandava matar”. Então ele ficou sabendo e foi lá, outro dia, onde estava a baronesa, invadiu a morada, tomou todo o ouro dela e ainda deu um chute no traseiro da baronesa e disse: “isso é porque você me detesta tanto”. Quando se fala do cangaço, as maldades piores são somente atribuídas aos cangaceiros, mas as volantes faziam muito mais maldades, os próprios cangaceiros quando chegaram a Jeremuabo na Bahia, ficaram sabendo que a força tinha obrigando Seu Antonio a dizer onde estava Lampião, por isso que continua ainda esse mito que ainda hoje se fala muito da história de Lampião, da história do mito Lampião, do símbolo nordestino que ainda está viva na memória do homem do sertão nordestino e ainda é muito discutida em debates nas escolas, em seminários e em vários outros encontros da arte e da cultura. Os livros de literatura de Cordel também tratam muito bem da questão do mito Lampião. Muitas vezes, a gente tem que sair e procurar Seu João Paulo que ainda é vivo aqui e conhece muito bem a história do cangaço e também pesquisar muito sobre o que foi ou o que é o mito Lampião.

ENTREVISTA 4

Entrevistado: AAA

Idade: 95

Naturalidade: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Residência: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Escolaridade: analfabeto

Profissão: lavrador

Eu nem sei a que a senhora está se referindo. Eu prefiro não lembrar disso, não! Mais como a senhora está pedindo, eu vou contar alguma coisa que eu sei desse homem malvado. Ele fez muita gente daqui do interior sair de casa correndo com medo dele e se esconder no mato. Minha mulher não gosta dele não. Ela tem muita raiva dele, - né muier?... [A esposa estava presente à entrevista]. Amanhã vou completar noventa e cinco anos. Naquele tempo de Lampião, não tinha quem quisesse ir tirar madeira no sertão de Porto de Folha [SE] com medo da tropa de Lampião que estava esparramada nessa caatinga né! Aí, o povo dizia: “Eu vou lá nada! Vou lá pra morrer!” Outro dizia: “se a gente cair nas unhas do povo de Lampião pronto, acabou”. Aí eu dizia: não se assombre não. Aí, eu fui e aparei uma parte da madeira e voltei e depois fui pegar outra madeira pra de lá descer pra Aquidabã. Quando eu ia passando por Glória, Antônio Francisco, o intendente de Glória naquela época, que era meu amigo me chamou: - venha cá, venha cá, pra onde é que você vai? - Eu vou pra São Mateus. Aí, ele disse: - eu lhe chamei sabe por quê? - É que a tropa de Nicolau [refere-se à volante] saiu daqui a pouquinha hora na direção de São Mateus, com pouco eles vão lhe pegar por aí e vão lhe judiar. Aí, eu disse: - não tenho medo não. Aí seguir e peguei a pista deles, eles na frente e eu no rastro deles. Já na base do meio dia quando a gente estava ali parado pra comer a bóia, a tropa de Nicolau apontou. Eu vi, e ele disse pra todo mundo: “não corre ninguém”. Naquele tempo, a gente usava umas alpercatas que depois foi proibido calçar, só podia calçar era a força volante e os cangaceiros. Aí Nicolau perguntou: - você que ta aí sentado calçado nessas alpercatas... É o senhor mesmo!

O senhor não sabe que não pode andar calçado nelas não? - Que quem pode andar calçado somos nós da volante e os cangaceiros? Aí, eu disse: - eu também posso. Eu compro e pago com meu dinheiro, viu? - Por isso eu também posso? - Você pensa que eu ando aqui a toa como um perdido? - Eu ando aqui porque eu tenho ordem do chefe federal. - Ah! Então o senhor é mandado da federal!... - Sou sim senhor, é por isso que tenho um cartão aqui. Aí, botei a mão no bolso, olhe aqui ta vendo? - Ah! Sim ta certo. Aí peguei a capa e botei no ombro a espingarda e quando eu ia sair o Nicolau voltou de lá pra cá, aí, disse: - sim agora eu vou lhe pedir uma coisa se o senhor souber de notícia dos cangaceiros por aí venha me avisar, e eu lhe respondi: - eu não lhe prometo nada. Outra vez me encontrei com ele novamente e ele perguntou se eu tinha visto algum cangaceiro e novamente lhe respondi que não senhor que não sei e nem vi cangaceiro nenhum, não. Mas sempre via falar de Lampião né? E de quando o comandante cangaceiro entrou aqui, na cidade de Glória. Nesse tempo, eu tava lá pro São Paulo. No tempo de Lampião, ele chegava na casa do povo e falava: - o que que se come aqui? - Aqui se come qualquer coisa! - Se tem uma galinha, um carneiro ou um bode, uma coisa assim, mate aí pra nós comer! Aí, matava qualquer coisa e fazia aquela comida e o povo do bando comia. Depois Lampião pegava dinheiro, quer dizer, a nota ele botava no bolso e aquele trocadinho de dinheiro, aquele dinheiro miúdo, ele pegava e dizia tome menininho, então enchia a mão assim e dava pros meninos, porque ele não podia dar muito, mais agradava né? Agora que a força da polícia contratada não dava nada a ninguém podia era dar pancada, muita gente apanhou! A força quando chegava pedia comida, aí comia, e aí, quando acabava de comer, quebrava prato, quebrava panela, esbagaçava com tudo e era pra não dizer nada se não na certa caía era na pancada. A força do governo né? O governo já era mais contra a gente do que Lampião. Lampião era um homem decente, nunca roubou e não gostava de quem dizia que ele era um ladrão por isso é que ele começou a matar gente e quando os caras disseram que ele tinha roubado um chocalho, né? Então ele não aceitou essa desfeita e começou essa desforra, foi aí, que começou tudo... Começou essa vida de ser chamado de o bandoleiro, o malfeitor. O bandoleiro que andou, andou... Andou muito por esse mundo todo. O rei do cangaço andava aqui e acolá, mas eles, eu

mesmo nunca vi, nunca vi eles não. Eu via a notícia: o bandido Lampião passou ali! O bandido passou acolá. E um dia mesmo eu tava em casa, eu era solteiro, rapaz novo, tava mais a minha mãe e um magote de irmãos, aí, a gente teve a notícia: O bandoleiro maldito ta ali no algodão e ele vai passar por aqui. Aí a velha minha mãe se alvoroço e disse: - quando aquele bandido maldito passar aqui não vai deixar ninguém vivo! - Mãe, ele não vai matar ninguém... - Mãe deixa de loucura! Mas ela não me ouviu, aí, ajuntaram umas redes, umas cobertas e todos foram se esconder lá dentro do mato, acolá. - Tu não vai não? - Eu vou ficar em casa mãe; - vou armar a minha rede; - vou me deitar e se ele chegar por aqui e ele quiser me perguntar alguma coisa o que eu souber eu conto, não vou mentir, vou só contar a verdade. Aí me deitei e nem Lampião veio cá, nem cabra dele, nem ninguém, graças a Deus! Lampião não matava ninguém por matar não. Lampião não foi tão perigoso assim. Perigoso era a força volante. Lampião agradava os que moravam pelo interior, na roça que matavam uma galinha pra ele comer e também matavam um carneiro pra ele comer mais a rapaziada dele né? Muita gente por aí ficou bem de vida porque agradava Lampião. Ah!... Tem muitos causos sobre o homem do cangaço uns *causos* faziam medo assim o povo conta. Um desses *causos* é o que aconteceu no município do Aquidabã. Lampião certa vez chegou no Aquidabã cumprimentou o prefeito, alegre com todo mundo e não fez nada. O prefeito se enfezou com aquilo e mandou guarnecer a cidade toda e mandou dizer a Lampião que ele viesse agora, que “aquele bandido é pra chegar aqui e ser metralhado, matar ele aqui mesmo”. Aí, Lampião ficou ciente do enfezamento do prefeito e então mandou dizer a ele: “num é assim não mais um dia eu vou aí”. Sendo informado de tal situação, então ele ficou tarando né? Ninguém ouvia falar em Lampião, aí, a volante foi saindo, saiu todo mundo, e Lampião sabendo de tudo, era informado tim tim por tim tim. Quando foi um dia que não tinha ninguém mais, Lampião chegou cedo no Aquidabã, quatro horas da manhã; ele cortou o fio do telégrafo; fechou a cidade toda; pegou o prefeito da cidade e amarrou; pegou o delegado pra matar, castrar, esquartejar primeiro. Para o prefeito ele falou: - rapaz, como é que você é um homem falso desse jeito, eu não gosto de homem falso que me traia viu? - E outra, quem me escreveu foi sua mulher e ela é falsa a você... Sua mulher é falsa a você. - Não senhor! - É sim, ela é

falsa. Aí, Lampião mandou os bandidos se servir com ela e o prefeito vendo. Assim o povo conta né?... E quando acabou, o prefeito fez que não viu nada e saiu correndo pro fundo da casa, aí, se soltou e foi embora. E o delegado ficou inseguro, aí disse: - Corisco, eu lhe dou cem mil réis [naquela época era muito dinheiro] pra você me soltar. Aí Corisco disse: - eu não posso fazer isso não, eu posso pegar seu dinheiro e não lhe soltar. - Rapaz, faz isso pelo amor do Padre Cícero. O delegado sabia que eles obedeciam ao Padre Cícero, que tinham aquela devoção. Então Corisco disse: - eu vou fazer assim com você, lhe soltar não, só solto na hora que tiver junto mais o compadre Lampião porque quem vai lhe livrar é o Padre Cícero né? - Você vai a pé, e eu vou atirar pra lhe matar, aí, na hora eu quero ver. E assim ele fez. Lampião pegou o parabelo e atirou. O delegado entrou num atalho saiu noutra e foi embora. Se livrou do bandido né?

ENTREVISTA 5

Entrevistado: ES

Idade: 78 anos

Naturalidade: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Residência: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Escolaridade: semi-analfabeta

Profissão: doméstica

Lampião era um criminoso sem igual. Um homem muito cruel. Não existia em tempo algum atrás alguém pior do que Lampião. Até aquele que tinha feito mal a minha vizinha e me raptou que Deus o tenha, não foi tão ruim como Lampião. Minha irmã levou dúzias e dúzias de palmatórias nas mãos. Meu tio ficou cego de um olho por causa de que não queria dar cavalos para eles. Muitas mocinhas ficaram nuas numa festa que Lampião fez. Lampião não fez nada comigo porque eu me escondi debaixo do chão que meu pai tinha feito um buraco pra gente se esconder. Meu pai tinha cavado esse buraco há tempo, porque sabia que o ladrão um dia podia chegar na nossa casa. A gente sabe que quem tem parte com o capeta pode aparecer de uma hora pra outra. Lampião era um capeta em vida fez muita gente sofrer. Naquele tempo, foi um tempo de muito sofrimento. A gente não era rico não, mas a gente tinha uma terrinha que tudo dava e tinha também um pouco de dinheiro pra quando precisasse. Quando Lampião veio aqui levou tantas coisas de nós. Se precisava ver que o comportamento daquele homem não era de gente não, ele agia como um bicho, ele era um verdadeiro demônio, aí, o povo vivia assustado com ele e aí quando se sabia que ele estava por perto todo mundo se escondia no mato, fugia, às vezes, pra bem longe com medo dele e de seus cabras que eram perversos como Lampião. Se contam muitos causos de Lampião, um desses causos de Lampião aconteceu na cidade do Aquidabã [Sergipe]. Um dia quando os cangaceiros passaram por lá, então pegaram um cara lá no quartel e os cangaceiros mandavam o cara dizer: “viva o Padre Cícero”! Como ele era protestante não gostava de falar: “viva o Padre Cícero”, aí, ficava ele calado. Aí, Lampião perguntou: “Você é surdo?

Não ta vendo a gente falar com você não? Por que você não fala? Ah! É porque você é surdo mesmo”. Então, aí o cangaceiro sanguinário, porque ele gostava de judiar mesmo, disse assim: “eu vou cortar uma orelha quem sabe você não pode escutar”? E mandou Corisco cortar. Então, Lampião falou: “Isso é pra você escutar, ou se lembrar de Padre Cícero. Quando Lampião queria ser malvado era... Ele, como os outros cangaceiros, pintou e bordou... Né? Por esse sertão afora, é, afinal ele era um bandido malvado, sabe! Nesse tempo do cangaço muito gente penou porque Lampião era um cara muito vingativo, sempre procurava se vingar de quem lhe negava alguma coisa ou não lhe respeitava ou ainda mexia com alguém que ele gostava. Em Itabi [Sergipe], Lampião chegou na fazenda Campo Grande, de um coronel muito rico, aí, o bandido mandou um recado desaforado pro coronel pelo vaqueiro: - “diga a seu patrão que me mande cem contos de réis que Lampião ta precisando e não pode trabalhar, porque é bandido e vive assim corrido, aí, como ele é muito rico, ele pode me mandar essa tal quantia de dinheiro que não vai quebrar ele não e se ele não mandar, aí, diga a ele que eu, Lampião, tou com 40 vaca aqui presa e se ele não atender o meu pedido quer dizer não mandar o que peço, mato as vacas dele todinhas. Vá! Vou ficar aqui esperando”. Aí o vaqueiro foi, demorou e quando voltou disse: “meu patrão disse que não manda não, e se o senhor matar, coma, ele não vai trabalhar pra bandido não, ele trabalha pra família dele, mais pra bandido ladrão ele não dá dinheiro não”. Aí, Lampião ficou furioso e aí o que Lampião fez: ele matou as 40 vacas e ficaram lá na fazenda mortas. Esse bandido sempre agia assim ou fazia esses tipos de maldades sempre quando negavam seus pedidos ou ordens. O homem era malvado... Bandido mesmo! Com o homem não tinha mais acordo. Lampião não se entregava a ninguém, o futuro dele era morrer. Ainda se conta que teve policiais que botaram veneno na bebida dele. Esse mesmo coronel mandou dizer a ele que não estava com raiva dele não e que ia mandar um vinho pra ele, só que a garrafa não ficou bem tampada e que o vinho era pra ele tomar e o bandido tomou não lhe deu dor de barriga, não, mas deu pra dormir, então a volante pegou o chefe dos bandidos de surpresa lá na Gruta do Angico, ali no município do Poço, aí, então, acabou com ele e seu bando. Foi uma desgraça, uma tragédia aquilo. Sabe moça, eu nem gosto de lembrar da maneira

que ele morreu. Lampião era um homem malvado, né? Mais não precisava acabar com aqueles cangaceiros daquele jeito, não.

ENTREVISTA 6

Entrevistado: EC

Idade: 84

Naturalidade: Poço Redondo, Sergipe

Residência: Poço Redondo, Sergipe

Escolaridade: primeiro grau incompleto

Profissão: doméstica

Na família de Poço [Poço Redondo]... Todo mundo era coiteiro. Aí disse: - você conhece aquela ali? Ele olhou assim e disse: - não, nunca vi. - Pois aquela dali é irmã de Zabelê. Zabelê era meu irmão. Sabe! Quem perguntou, perguntou pensando que ele dizia que conhecia a gente, aí, ele respondeu: - eu não acredito!... Uma mulher que saiu do cangaço para morar com um homem mais valente que Zabelê disse que uma vez, Zabelê ainda morando aqui disse que tinha uma irmã. Que tinha uma irmã casada com um rapaz daqui. Aí, contaram a ele, que ele e os cangaceiros tinham mandado buscar dinheiro e, só sei que esse dinheiro foi pro sargento do destacamento daqui de Poço. Aí nisso, ele saiu, foram a algum lugar e quando voltaram o dinheiro não estava. Foi outro sargento também daqui do Poço, sabe-se que ele era ladrão, sabendo que lá tinha esse dinheiro de Lampião, aí saíram daqui de noite, chegou lá, umas horas, chamou na porta da casa de um tio meu, aí pensando que ia enganar, sabe! Aí, para enganar que era Lampião, mas era ele, o sargento daqui. Ele chegou e disse que ia dar... mais num sei não. Quando foi certo dia, chegaram outros camaradas lá, aí, saiu tudo correndo, eles tinham dez filhos. Esse homem era pai de Pedro Caçulo. Aí ele disse: "eu sei que vou morrer, mas se eu não for ele vai matar meus filhos". Aí foi quando acabou pegando o pobrezinho e matou. Matou o pai e deixou dez filhos tudo pobre. Ele era vaqueiro de Manoel de Liquinho, abaixo de Deus, não morreram de fome porque papai mais mamãe sempre mandava uma ajudazinha. Era um sofrimento só quem viveu sabe. Eles mataram o finado Santos, que era irmão de mamãe e mataram o finado Manoel Marqens que era irmão de papai. Perdi dois tios. Ele, Zabelê, foi embora para não se entregar.

Mamãe ainda viu ele três vezes. Mamãe vinha da Serra Negra cortou caminho e encontrou ele, Zabelê, no caminho. Agora papai... quando ele saía, papai dizia: “esses coiteiros safado fizesse um favor, no lugar que eu tiver nunca aparecesse que não quero olhar pra cara de nenhum deles”. Uma vez papai vinha de Serra Negra com um comboio de burro que ele tinha, carregado de farinha, quando passou na fazenda, nesse tempo, Lampião fez o destacamento correr, todas as pessoas fecharam as portas. Papai vinha lá da lagoa da Serra Negra, quando passou na fazenda, aí tava lá os cangaceiros. Aí disse a Manoel para ver quem estava passando e quando ele viu era papai, mas ele não se apresentou, da estrada mesmo foi embora. Agora, eu tinha tanta vontade no mundo de me encontrar com ele, Zabelê. Quando eu cheguei de lá da lagoa da Serra Negra, nós saímos daqui de Currálinho e fomos morar lá na cidade de Nossa Senhora da Glória que naquele tempo de Lampião se chamava Boca da Mata. Aí, uma vez, eu disse umas coisas a um soldado, um sargento, então, ele disse:- menina quer casar comigo? Eu era novinha, eu não tinha namorado ainda não. Eu disse: - você não tem vergonha, repare se eu dou ousadia a ninguém! Aí ele chegou e disse: - Meliana você fez cobiça a esse homem! Daí conta a papai. Ele caça uma casa pra alugar pra nós ir embora pra lagoa de Serra Negra, que lá em Glória só tinha nós da família do Poço. No outro dia papai se montou num burro e compadre Messias em outro e fomos parar lá na Serra Negra. Fiz até promessa para o Senhor do Bomfim da Bahia para me ajudar que me encontrasse com ele, que eu ia lhe levar uma esmola. Eu pensei que Senhor do Bomfim era aí na lagoa da Serra Negra. Meu irmão Zabelê só fez parte do bando de Lampião, por causa dos infelizes dos amigos dele eram amigos e foram embora. Quando ele entrou no bando eu tava mais papai, em Floresta, que papai tinha um terreno lá. Aí foi quando ele mandou um recado que todo tempo que encontrasse com Lampião, ele ia embora com ele. Ele coitadinho ia sair da foice, aí um soldado disse Manoel não vai. Naquele tempo tinha um negócio chamado decreto. O decreto tá fechado. Aí ele de lá foi para fazenda da Telha passar o inverno. Lá ele ficou, plantou, quando foi na noite de Natal ele veio para aqui, pro Poço. Mamãe só tinha dois filhos homens e todos os dois estavam lá. O finado Lino foi quem trouxe o recado das capoeiras que Lampião tinha mandado chamar ele. O

pobrezinho estava jogando baralho na casa dele. Aí quando ele veio já veio com uma arma de fogo, já para matar o finado André, mas graças a Deus, pode acreditar como existe Deus, eu nunca soube de uma morte que ele fizesse. Agora, dessa vez eles vieram para matar compadre João, que era cunhado dele. Quando chegou no Umbuzeiro, daqui de Poço, chegou perto de todo mundo aí disse: - compadre é muito eu sair mais vocês pra matar um cunhado; aí ele disse: daqui não passa ninguém. Aí voltou todo mundo. Lampião quando teve aqui no Poço pela primeira vez, ainda, foi para a missa na igreja, mas nós não morávamos aqui não, nessa época nós morávamos era em Floresta. Lampião veio aqui, em Poço, uma das vezes, que foi da vez que ele ficou na casa de minha madrinha Maria, me lembro muito bem dessa vez. Não tem como esquecer toda aquela angústia do povo. Lampião marcou muito a vida dos moradores do Poço. A imagem daquele homem continua gravada na nossa mente. Eles chegavam aqui e chamavam as moças para ir para as novenas e depois ir dança, aí, dançavam muito, iam pra dançar com os cangaceiros. Nos tempos das novenas tinha muitas danças. Aí Lampião mandava dizer: “diga a fulano de tal que mande suas filhas”, mas ele nunca mandou esse recado para papai. Eu era doida que ele mandasse dizer para papai mandar as filhas. Eu era doida e roxa, dançar era tão bom! Mas só tinha direito de dançar mulher com mulher. Olhe, quando eu fui morar em Glória, foi pra estudar. Aí, quando tinha dança, quando tinha leilão, eu ia mais Mariquinha, dançava as duas irmãs, pois, o povo parava para ver nós duas dançar, de tão bem que a gente dançava. Agora, nunca tive o gosto de dançar mais um homem, tinha uma vontade!

ENTREVISTA 7

Entrevistado: ES

Idade: 65 anos.

Naturalidade: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Residência: povoado São Gonçalo/N. S. da Glória, Sergipe

Escolaridade: semi-analfabeta.

Profissão: doméstica/lavradora.

Quando acabaram com a vida de Lampião, eu ainda não tinha nem nascido. Mas eu conheço muita estória de sua vida, da vida de Lampião, da vida de seu bando e de outros cangaceiros. Até essas estórias ainda se conta hoje, os homens quando ficam ali na pracinha conversando lorota, aí se lembram e falam daquele tempo de Lampião e de sua história. A história do rei do cangaço o povo nunca esquece. Eles ainda se lembram porque essa história é contada por muita gente daqui ainda. O assunto pelas aventuras da majestade do cangaço anda por aí afora. Eu era ainda menina quando eu ouvia muita conversa de vizinhos com outras pessoas nas feiras dos sábados em Glória, pois a gente ia sempre pra feira aí ouvia o povo falando das diabruras de Lampião... Né? O povo falando das maldades dele porque era disso que o povo mais fala dele. Nas feiras nos dias de sábado, vendiam muitos livrinhos contado essas estórias... As façanhas de Lampião né! Lampião aprontou muito com os fazendeiros. E também tinham na feira aqueles homens repentistas né? Aí, eles contavam a vida do famoso Lampião e a vida dos homens dele, comandados por esse herói do sertão. Também se sabia muita coisa através de pessoas desconhecidas, aquelas que vinham lá de longe fazer feira lá na rua. Então se sabia notícia do famoso cangaceiro, porque todo mundo queria saber, conversando com as pessoas na feira, um dia uma conta uma coisa, no outro dia, outra pessoa conta outra coisa e assim todo mundo ficava sabendo das notícias do homem mais famoso do sertão na rua e também nos povoados e nos outros lugares mais longe porque o povo fazia questão de falar, de espalhar o que estava acontecendo, de dizer o que Lampião estava aprontando nos locais por onde

passava. Meu pai contava que na casa de minha avó aonde muita gente que vinha da roça se hospedava no sábado da feira lá na cidade, era um local aonde o povo se reunia e aí conversava muito sobre as histórias das estripulias de Lampião e se reunia para dar notícias do paradeiro dele. Então as notícias chegavam por intermédio das pessoas. Eu me lembro que meu pai e minha mãe sempre falavam daqueles sábados na cidade, daquelas lembranças! Durante muito tempo, eles faziam questão de contar pra gente história que falava da valentia e da astúcia de Lampião. Tem muita gente que ainda hoje lembra do tempo do cangaço... Lembra do rei dos cangaceiros, era assim que o chefe dos cangaceiros era chamado por muita gente com certo orgulho, porque ele foi um justiceiro. Pai achava que ele era um injustiçado, sempre dizia isso, e que Lampião lutou contra as injustiças que tinham contra o povo do sertão. O povo chegava na nossa casa contando muitos *causos* de Lampião. A casa da minha avó lá na cidade servia era de rancho e aí muita gente vindo de longe dos arrebaldezinhos ia se hospedar lá na casa de minha avó né! Passava o dia da feira e todos ali contavam histórias e mais histórias do comandante do cangaço, de Lampião. Se lembrava muitos feitos dele, daquele homem malvado que fez muitas estripulias, e muita gente diz que ele parecia uma assombração. Ele era muito *conhecido por todos os sertanejos por seus feitos por onde ele passava*. Lampião foi sempre considerado o bandido mais feroz, mais valente, mais esperto do sertão. E foi mesmo. Ele sabia enganar a polícia, sabia despistar dos macacos assim ele chamava a polícia que ia atrás dele e de seu bando. Pai dizia: “se tem home inteligente aqui nessa terra de Nosso Senhor Lampião é um deles”. O povo por aí conta muitas histórias do que Lampião fez ou não fez aí diz que ele fez. Algumas pessoas daqui ainda contam hoje que muitas famílias deixavam a fazenda e iam embora pra rua com medo do chefe do bando, de Lampião. Uma vez perguntei a pai se na realidade as famílias deixavam mesmo as suas fazendas e aí iam pra rua por causa do grupo de Lampião! Aí ele me respondeu: - “é verdade minha fia, ia morar na rua por causa do bando do cangaceiro, lá as pessoa achava que estava mais seguras, mais as pessoas exageram quando fala de Lampião, ele não fazia maldade com quem era direito, mais com quem não era honesto com ele ou com o povo, ele gostava de se vingar,

ele era muito vingativo"! E com a boa memória que pai tinha ele me contou que no município de São Miguel do Aleixo tinha um homem metido a namorador, conquistador, carregava mulher de um, mexia com a filha de outro que até o povo tinha medo. Quando é um dia, Lampião chega lá no povoado aí, se senta lá numa bodega e manda fazer comida e aí pergunta: - "quem é que toca fole aqui"? - "Eu tou sabendo também qui tem um home aqui que é valente, assim metido a valentão como a gente"! - "Eu quero que mande chamar ele". Aí, mandou chamar! Então, um cara veio de lá, o cara era bagunceiro, gostava de bagunça mesmo. Lá encontrou um que já ia correndo com medo, disse que era um reisado que tinha chegado na cidade. - "Ah"! - "Então é você o terror daqui né"? - "Você sabe o que vai acontecer com você"? - "Não"! - "Você sabe como é que se capa porco pra engorda"? O cara nem respondeu! - "Pois você vai sair do mesmo jeito daqui". Aí pegaram o homem e caparam. Aí, depois do ocorrido ele passou a ser o Pedro Capadinho. Essa história todo mundo da redondeza sabe e a geração de hoje ainda conta a história de Pedro Capadinho. É por isso que a notícia da aproximação de Lampião causava um grande fuzuê no local. Quase todo mundo corria para se esconder nos matos. Ah! Tem muitas histórias engraçadas por aí sobre Lampião, se a gente for contar não acaba nunca. Também se fala muito que quando ele e seu bando chegavam nas cidades e aí saqueavam lojas e davam de presente para o povo, os mais precisados. Meu pai assim comentava e muita gente também. É ele fez muita coisa... Muita malvadeza também. É, comentam que Lampião tinha seu lado bom e seu lado maldoso. E às vezes o bando invadia casas, fazia estripulias, roubava e fugia a pé e eles diziam que faziam parte do grupo de Lampião. Será que eram os cabras de Lampião mesmo? Ou eram outros e diziam que eram os homens de Lampião? Isso é difícil de se saber, né!

ENTREVISTA 8

Entrevistado: JFO

Idade: 81 anos

Naturalidade: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Residência: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Escolaridade: semi-analfabeto

Profissão: coveiro

No tempo dos cangaceiros eu sofri tantas coisas... Eu já sofri tanto! A gente só vivia descarrerado, não era tanto dos cangaceiros como era das forças do governo. A gente vivia pelo mato. Tudo isso eu já passei na minha vida. Um dia mesmo, a volante chegou lá na casa de meu pai... Naqueles tempos a gente morava no interior, aí, uma de manhã, eles vinham mal informados, dizendo que a gente sabia... Eles pegavam a gente e queriam que a gente dissesse o que a gente não sabia e a gente não sabia de nada mesmo, a gente nem sabia de que se tratava. Aí a força, esses homens da volante, carregou um irmão meu, eu, meu pai e dois cunhados dele e levou a gente pro riacho da Capivara, aí, passamos lá no riacho o dia todinho. Só veio liberar a gente de tardezinha, sem a gente não ter a felicidade de saber de que se tratava. Às vezes, a gente estava em casa deitado de noite, às vezes a boca da noite, acordava com uns caras na porta da gente. Dessa vez eram os cangaceiros, aí, enjoavam a gente, mas tinha vez que nem enjoavam. Tinham alguns que dormiam direto lá na casa de meu pai. Assim quando esses homens de Lampião chegavam lá em casa, eles tomavam conta. Quem enjoava mesmo era a polícia. A força baiana não enjoava a força que chateava mesmo era a força do

estado de Sergipe. Os cangaceiros, às vezes, chegavam na porta e tomavam café, agora que eles nunca forçaram a gente. Eles chegavam pedindo café, aí, a gente dava. A gente dava também bebida e cachaça né? Comiam queijo, tudo misturado, quando acabavam, aí, eles davam a volta e, aí, iam embora. A gente tinha de ter cuidado né? De vez em quando eles apareciam de novo. Muitas vezes, a gente nem chegava em casa direito e eles já batiam na porta novamente, mas

também não enjoavam não, muitos ficavam por ali espreitando... Olhando, ficavam de vigia, né? Com medo da volante aparecer. A gente tinha um patrão e os cangaceiros pediam dinheiro ao patrão da gente e o nosso patrão nunca dava dinheiro pra eles, ele nunca tinha, nesse tempo o dinheiro era muito difícil. O patrão agradava eles assim com bebida boa, com cigarro, com charuto... Tinha dia que a gente saía, aí, quando a gente chegava, eles estavam na porta da gente de novo, então, a gente dava boa tarde, aí, quando os cangaceiros de Lampião perguntavam por notícias da força, se a gente não viu alguma por aí, que a gente não enganasse eles porque se eles pedissem qualquer coisa e não desse, aí, ficava meio complicado... Aí, a coisa ficava feia, né? Tem muitos comentários ainda hoje dizendo que aqueles homens do cangaço eram pessoas maldade! É... Mas eles eram assim, agora se a pessoa agradasse a eles ou se pudesse dar lá quanto fosse, ou mandar matar uma galinha pra eles comerem, eles não faziam nada a ninguém não. Eles queriam era ser bem recebidos e com a gente eles não fizeram maldade nenhum não. Agora contam que esse bando de Lampião algumas vezes pegava famílias e maltratava, eles chegavam até matar, porque tinham raiva porque pedia dinheiro ao fazendeiro e ele não dava, aí, os cangaceiros ficavam se escondendo e se apadrinhando, quando fosse um dia, eles voltavam lá pra se vingar da desfeita... Eu não gosto nem de lembrar. Ainda falando da força, é verdade que ela uma vez dormiu lá; chegou já de noite e era tempo de inverno. Chovia muito, aí, chamou o meu pai e disse: - me dê notícia de Zé Felix [coiteiro de Lampião]. Aí, meu pai disse: - não tenho visto ele, e a gente não tinha visto mesmo, aí, eles chegaram numa boa, sentaram assim beirando a sombra, depois desceram um riacho lá adiante, saíram e aí dormiram. Dessa vez os cangaceiros tinham matado uma reis e trazido a carne no bernal, aí, eles estenderam a carne... Estendeu carne como o diabo no outro dia bem cedo, aí, uma senhora viu. Bem cedo assim, logo de madrugada se levantando, se equipando, se espalhando assim no fundo do terreno de baixo, aí pegaram o rasto deles. Embaixo eles voltaram e se prepararam. Nessa quadra, nesse dia, eles deram um fogo neles da força aqui em baixo (aí abaixo de Graco Cardoso). O bando de cangaceiros vinha, chegou perto, aí, eles pegaram um carro de boi e chegaram na casa de Antônio Rufino e fizeram um forró. De noite a força

chegou, aí, eles, os homens da força, tomaram de abafo e metralharam os bandidos que estavam ali, aí, mataram, parece que foram dois ou três cangaceiros. Naquele tempo do cangaço era um sufoco danado que a gente passava. A gente vivia sempre assustado, na alerta, a gente não tinha sossego não né? Quando não era uma coisa era outra. Era assim, quando saíam os cangaceiros, chegava a força da polícia. E interessante era que a volante vinha assim num roteiro de informação, aí quando chegava era pra gente dá conta ou dizer que viu os bandidos de Lampião sem ver. E a gente não tinha visto mesmo. Aí eles falavam... Falavam... Xingavam né? Mas tudo na vida passa, mas deixa muitas marcas... Né? Muitas lembranças para sempre na vida da gente do sertão.

ENTREVISTA 9

Entrevistado: JPS

Idade: 89 anos.

Naturalidade: Poço Redondo, Sergipe

Residência: Poço Redondo, Sergipe

Escolaridade: analfabeto.

Profissão: lavrador

Eu vi muitas vezes balas enfeadas nas rochas. Nas pedras ainda tem muita bala enfeada por lá, né? E ainda têm naquelas brechas, né? As balas batiam e enfeavam nas brechas onde mataram Lampião mais os cabras dele. Foi um fim muito triste... o rei do cangaço e aquela gente cangaceira não merecia aquele fim, eu sei que eles aprontaram muito por aí, né? Muita gente sofreu nas mãos deles. Mais assim mesmo tinha aqueles que defendiam Lampião dizendo que um homem bom tava ali que fazia tudo aquilo não era porque ele era mau pessoa era porque o mundo fez ele assim vingativo por causa da morte do pai dele que foi assassinado no terreiro da casa deles aí ele tinha que vingar a morte do pai mesmo. As volantes, primeiro, antes da ordem do presidente da República tinham algumas que vinham pra brigar e outras não, porque pelo jeito, naquela época o cangaceiro já nem brigava mais, porque ele sabia que a volante estava ali por perto. Eles atiravam de longe e o rei do cangaço Lampião só se defendia. A volante também se defendia porque a volante de Sergipe não tinha ordem de matar, não. A de Alagoas também não e a volante da Bahia também não tinha ordem de matar também, não. Nenhuma tinha ordem de matar Lampião não. Foi quando veio a ordem de Getúlio Vargas, que deu 30 dias pra acabar com os bandidos. Aí, todo mundo não queria mais conversa e o coronel Lucena ordenou a João Bezerra: “ou a cabeça de Lampião ou a sua”. Se sabia por aqui que esse João Bezerra jogava mais o cangaceiro Lampião baralho quando se encontravam. A ainda hoje a gente escuta falar que o cangaceiro e o capitão, eles, tinham um bom relacionamento. João Bezerra trazia armamento novo da Bahia pra Lampião. Esse coronel Lucena o mesmo que eu falo, ele trouxe várias munições pra Lampião, armas novas. Pra Zé Rufino que era da volante veio uns

fuzis velhos. Da Bahia muitos coronéis mandavam armamentos pra Lampião. O coronel Lucena foi o que nunca gostou de Lampião. O povo dizia que ele trazia armamento, mas comentam também que esse coronel Lucena nunca gostou do cangaceiro. Se ele pudesse e tivesse a ordem de matar, ele era um dos primeiros a acabar com o cangaceiro Lampião. Mas quando recebeu a ordem de matar ele não quis, e mandou João Bezerra e os seus comandados e foram eles os que cercaram a Grota do Angico e acabaram com esse grande lutador dessas terras, por que ele lutou muito pra se defender dos homens da volante. Tem muitas histórias sobre ele, umas fazem até medo contar. O povo comenta ainda hoje que o capitão Lampião fez muita coisa boa para os pobres, mas ele fez muita malvadeza também. O povo fala que ele saqueava lojas e dava de presente ao povo mais pobre. Em Aquidabã, ele fez isso, pegou uns cortes de pano pra fazer roupa pra eles e saiu jogando no meio da rua e mandava que os meninos pegassem para levar pra eles. Lampião, pelo que ouvi dizer, ele agia assim com forma de protesto, o que ele queria era fazer justiça, agora foi forçado a cair no banditismo e fazer miséria. Para o povo, ele fazia aquilo ali, mas quando ele ia rezar colocava o joelho no chão e pedia perdão a Deus por tudo aquilo que ele estava fazendo, pois, ele era forçado, não era a vontade dele. É o bandido fazia isso tudo e depois ia pedir a bênção ao Padre Cícero e ele abençoava e pedia para Deus abençoar ele e pedia também pra ele sair do cangaço, e ele disse que não podia mais, mas ele ficou sendo devoto do Padre Cícero, eles acreditavam muito nele. O povo dessa redondeza conta muitos *causos* de Lampião, se fala que ele nunca matou uma cobra, porque ele não gostava de matar cobra, quando foi um dia apareceu uma que vinha na sua direção e essa o cangaceiro achou diferente, era como se fosse um aviso e aviso de perigo, aí, ele pegou a cobra e matou. Depois disso quando ele sonhava com cobra, era como se fosse um aviso de perigo para ele. Avisando o bandido para ter cuidado. Lampião realmente foi uma figura muito diferente. Ele chegava assim num lugar e mandava matar um bode, aí pegava e preparava a carne debaixo de um umbuzeiro. Ali mesmo cavava e arrancava uma batata do umbuzeiro, aí, abria e tirava um pedaço do miolo que tinha dentro e botava a carne do bode fechava a batata e enterrava no chão e fazia um fogo em cima, aí, quando eles sentiam que já estava cozinhada,

tirava e comia sem precisar de mais nada, cozinhavam a carne só na batata do umbuzeiro. Outra coisa, no cangaço, tinha aqueles que faziam alguns crimes e se passavam por Lampião, não era Lampião porque ele tinha aquele grupo de homens que vivia mais ele, aqueles cabras de confiança que o comandante mandava que eles fossem dar uma volta, “como eu não posso trabalhar, nem posso negociar porque ninguém deixa, então, vocês dê uma volta por lá”. Depois tinham que prestar conta a ele. Tinha aqueles que chegavam lá e faziam um malfeito e se faziam passar por Lampião. Eles se apresentavam como sendo o chefe do cangaço, o capitão Virgulino, né? Só que não era o capitão do cangaço não. Outra história que se conta do grupo de Lampião é que um dia eles chegaram numa casa e o dono da casa estava fazendo comida, aí, então ele mandou fazer pra eles também. E o homem tinha uma filha moça e bonita, aí, um bandido foi com certa liberdade com a menina e atalhando ela com o pé pra tocar no peito da menina, aí, Lampião viu e não gostou daquilo, então, desarmou o bandido e mandou matar, não ali na frente dos donos da casa, mas mandou matar para nunca mais ele mexer com a filha dos outros. Naquele tempo de Lampião, o povo tinha respeito, tinha vergonha, sabia o que era uma honra, hoje ninguém tem respeito, nem vergonha. Também se fala que uma vez o prefeito do município de Aquidabã traiu Lampião, aí, o rei do cangaço foi lá e se vingou do prefeito, mas dessa vez, ele não matou ninguém não. Diz que no Estado da Bahia, ele não se entregava a ninguém, não, que ele brigava com as volantes, mas quando ele via que a volante vinha, aí, ele fazia jeito de correr, de desviar os bandidos, homem inteligente tava ali ele não queria fazer isso, mas era obrigado pra não morrer. Então, ele fazia uma maneira de despistar e uma dessas maneiras era calçar as alpercatas ao contrário, em vez de botar o pé pra frente botava o pé pra traz e, às vezes, quando não tinha jeito, porque tinha muita areia, vinha outro atrás apagando o rastro deles. Aí, o bando fazia que ia entrando pra um lugar, mas que ele ia era pro outro lado com as alpercatas calçadas ao contrário, conseguia se despistar da volante. O cangaceiro tinha os grupos dele, os cabras pra acompanhar ele. Tinha Zé Sereno, Zé Baiano, tinha Curisco, Volta Seca, todos eles, eram cabras de Lampião, né! Tinha vez que Lampião ficava num lugar, quer dizer, no coito escondido e os cabras andavam por outro lugar, dando volta, observando. Tinha Zé

Sereno e a mulher Sila, Curisco era Dadá a mulher dele e Lampião tinha sua Maria Bonita. Essas três mulheres acompanhavam eles no cangaço. Antes de Maria Bonita ser mulher de Lampião, foi mulher de um sapateiro, e um dia ela disse que tinha coragem de acompanhar Lampião, aí, ele ficou sabendo e disse que na próxima viagem passava ali e ia ver se ela tinha coragem mesmo. Quando Lampião voltou e quando ele chegou lá, o marido tava batendo prego no sapato aí ele disse: “é você uma Maria que tem coragem de me acompanhar?” Então ela disse: “só se for agora”. Então só foi montar na garupa do burro e ir embora com o cangaceiro. Maria Bonita, depois de andar por esse sertão afora com o guerrilheiro, acabou morrendo aqui em Sergipe com ele.

ENTREVISTA 10

Entrevistado: JAS

Idade: 65

Naturalidade: Aquidabã, Sergipe

Residência: Feira Nova, Sergipe

Escolaridade: primeiro grau incompleto

Profissão: aposentado (ex-policial)

Eu acredito que Lampião foi um homem de justiça. Agora eu acredito que quando começou essa vida dele de entrar no cangaço, Lampião teve seus motivos. Ele era um jovem digno. Lampião era um homem novo, um rapazinho que negociava com redes e outras coisas, até em Sergipe ele vendia. Quando ele chegava no Estado de Sergipe, ele se arranchava na fazenda do pai de Chico Meneses. Um sujeito direito tava ali. Lampião toda vida foi um sujeito sério. Não queria conversa com ninguém. Assim disse Sila que trabalhou com ele no cangaço. Uns falam que o cangaço surgiu na vida de Lampião foi quando um elemento mexeu com a irmã dele que já era maior de idade e ele não gostou daquilo, aí, quiseram processar e prender ele. Então a família dele resolveu se mudar pra Piranhas no Estado de Alagoas. Aí, quando eles estavam vindo de lá pra cá foi que começou essa tragédia porque foram tomar os pertences que eles traziam. Eles traziam animais; vinham com gado, aí, o delegado de lá com outros vieram atalhar eles na estrada e Lampião trazia um chocalho. Então perguntaram de quem é esse chocalho? “Esse chocalho é meu”. Esse chocalho você roubou, não foi? Aí, Lampião não agüentou aquilo ali não e ficou muito ofendido com aquela ofensa. Então, ele vinha em três irmãos, e os caras também, os que vinham pra prender eles. Essa coisa aí de chamar Lampião de ladrão, ele não gostou, aí, começou a desavença. Daí, um deles pulou em baixo, Lampião também pulou e foi aí que começou a briga. Lampião com os seus dois irmãos mataram dois caras e um correu. O que correu se chamava José Saturnino. Esse Saturnino foi a avó de Lampião que tinha pegado ele quando nasceu, feito o parto da mãe dele... Né? Lampião não queria brigar, ele só queria era se defender.

Foi quando as autoridades começaram a traquejar ele, aí a essa altura, ele disse que não se entregava a mais ninguém. Foi assim que Virgulino Ferreira da Silva entrou na vida do cangaço, assim dizia Sila. Também foi um velhinho de Piranhas [Alagoas] que foi coiteiro de Lampião que contou toda história desse cangaceiro. Para esse velhinho, Lampião nunca fez mal a ninguém de Piranhas. Ele chegava e saía sem fazer maldade alguma. Como também em Itabi [Sergipe], o povo mais velho conta que ele nunca fez maldade com ninguém. Ele passava por fora da cidade, não entrava lá, mas mandava pedir alguma coisa, mas não fazia maldade. Esse velhinho de Piranhas disse, e Sila também, que Lampião nunca fez maldade com uma mulher, nem carregava mulher, como alguns dizem, agora quando ele mandava um recado pra alguém, aí, ele gostava de receber a resposta. E ele dizia sempre que já estava naquilo, naquela vida de bandido, no cangaço e que ia continuar e não ia se entregar a mais ninguém e sabia que não tinha futuro nem seguro de vida e que até podia morrer amanhã, a qualquer hora, agora que não se entregava a ninguém não e que odiava quem traía ele. Lampião não levava desaforo pra casa, aí, ele se vingava mesmo, não tenha dúvida disso. Quando ele mandava um recado pra alguém, podia demorar, mas ia, comparecia mais cedo ou mais tarde, não deixava de ir, ele sempre foi um homem de compromisso, um homem de palavra. Eu acredito que Lampião é que fez justiça com as suas próprias mãos. Ele foi um justiceiro, e se nada disso tivesse acontecido, ele não tinha feito aquilo, ele não ia ter aquele sofrimento. Ele chegou, em combate, a segar de um olho. Em Sergipe, Lampião chegou a ter apoio até de governo do Estado. Eu acredito que o governo sabia da história de Lampião e, ele foi um homem revoltoso, um homem cheio de revolta, cheio de amargura. Quando Lampião chegou aqui em Sergipe, Lampião fez muita coisa ruim, muita maldade, mas era porque ele era forçado, não era por ele, que era um homem mau, um homem perverso, assim Sila dizia. Conversei muito com essa cangaceira sobre Lampião que viveu uns 20 anos aqui em Sergipe e na Bahia onde tinha uns coiteiros dele, não tenha dúvida. O capitão tinha um cara, que era um bandido chamado Xexéu, e Xexéu dava fé de tudo, via tudo que vinha e quando ele teve num coito no lugar guardado, aí, Xexéu ficava em cima de uma árvore pra observar tudo que vinha e outros que eram de confiança de

Lampião eram Júlio Pedro e Corisco. Esse Corisco, ele era procurado porque se vingou de uns crimes. Aí, a polícia estava atrás dele, por isso, ele entrou no bando de Lampião. Outro cangaceiro muito perigoso era Zé Baiano que tinha pouco contato com Lampião e fora desse contato, na ausência do capitão, ele fazia muita besteira pra dizer que era o chefe dos cangaceiros, Lampião. Ele, Zé Baiano, ficava como chefe daquela aglomeração de dez homens e inventava que o chefe era ele e passava por Lampião, aí, o povo tinha medo e ele aproveitava a situação para roubar. Isso Sila disse várias vezes a gente, e ela dizia que Lampião para conversar com ele tinha que saber conversar que ele era desassombrado, que ele não tinha medo de chefe não e também ele não tinha medo de morrer não. Mas ele dizia: “eu tenho medo é de vocês, agora de morrer, eu não tenho medo, não, que eu sei que vou morrer de qualquer jeito, hoje ou amanhã, eu sei que vou morrer”. Como dizia Lampião: “o seguro de vida é morrer amanhã, só esperar”. O rei do cangaço era um homem... um homem de palavra, um homem de opinião... Quando ele mandava recado, ele cumpria, e outra, um homem valente tava ali... Era um homem valente mesmo, muito valente! Ah! Teve a menina dele que nasceu e se criou na fazenda de um senhor que quando estava muito aperreado ele vinha para essa fazenda do pai do governo que a filha dele, Expedita, ficou lá, a filha de Lampião e Maria Bonita... Sabe como Maria Bonita entrou no cangaço? Ela dizia sempre a avó quando entrava em desavença com o marido, brigava mais ele, que queria conhecer esse famoso cangaceiro... Ver Lampião, e que se ele quisesse, ela ia embora com ele, ia morar mais ele e assim ela fez. Ele não queria não, porque ela era uma mulher casada, aí, ela disse: “não, por isso não”. Então Lampião disse: “vá chamar ele”, pra dizer a ele que ia levar ela. Essa é a história de Maria Bonita. Maria Bonita era parenta ainda do finado Pedro Venâncio. Eles eram do mesmo lugar do interior de Jeremuabo na Bahia, de um lugar aonde não ia ninguém. Uma vez Lampião estava doente, muito doente, muito gripado, aí, ele disse que queria vim para Grotta de Angico que lá ficava tranqüilo, ia passar uns 30 dias lá. Lá era tranqüilo, não tinha perigo não, ia ficar lá tomando remédio na Grotta do Angico lá no Poço [Poço Redondo]. Ele estava na Bahia, lá na casa de um desses coronéis. Maria Bonita não queria vim porque era uma entrada sem saída. Mas ele dizia que lá tava seguro, aí, foi quando ele veio

para aí, para tomar esses remédios, esses xaropes, veio passar uns 30 dias. Aí, foi quando um coiteiro dele, a volante pegou ele, e ele teve que vasar a informação e dizer onde o herói do sertão estava que estava em Sergipe, na Grotta do Angico, era o coito onde ele fica escondido. Aí, pegaram o coiteiro e fizeram ele levar a volante lá no lugar onde estava o bando. Vieram três volantes: a volante de João Bezerra, a do aspirante Francisco Ferreira e a volante do sargento Aniceto Rodrigues. Eles cercaram a Grotta. Lá tinham muitos bandidos, uns dormiam numa fazenda, outros noutras; nessa altura, outros já estavam esperando por fora, pra de madrugada sair, e os que ficassem... iam rezar o terço, porque toda noite ele rezava o terço e todo mundo rezava com ele ali. E pela manhã, era o ofício, aí, foi quando ele disse: "Maria, nós vai viajar. Eu sonhei com aquela cobra novamente". E quando ele sonhava com essa cobra, que ele tinha matado uma vez pra se defender, isso era um aviso. Daí para cá, toda vez que sonhava com ela, era um aviso pra sair daquele lugar que a volante tava atrás dele, e já vinha mesmo atrás dele, tinha de sair correndo de onde estava. Eles iam passar no Poço da Mata pra ver a filha, e, depois iam fugir do perigo. Mas a essa altura, os homens da volante já estavam chegando e cercaram ele lá dentro da Gruta. Eu tive lá e vi todo o esconderijo como era. Passei lá esses dias e vi realmente que era um lugar bem seguro; era um esconderijo mesmo; era um lugar ruizinho de sair; mas teve bandido que conseguiu sair dali, não morreu. A cangaceira Sila mais Zé Sereno saíram no meio da volante. Se livraram ela, Zé Sereno e Labareda. E Corisco que estava do outro lado do rio também se livrou daquela tragédia de 28 de julho de 1938, quando a história do cangaço teve seu momento final com a morte do seu maior e mais famoso representante. Aí, quando Corisco soube foi na casa do coiteiro que entregou Lampião e matou 14 pessoas lá, aí, pegou as cabeças e botou num saco e mandou entregar ao sargento para entregar ao coronel Lucena. Pois é, Lampião era um homem bom que se preocupava muito com o povo desprotegido. Certa vez, ele até escreveu uma carta para o governador de Pernambuco, dizendo que se deixasse e não traquejasse ele e chamasse para ele ser uma autoridade, ele saberia resolver todos os problemas do sertão, de seca, de fome, de tudo. Ele conhecia todos os problemas de sua terra, ele conhecia o sertão, o povo do sertão e seus problemas de seca, de fome, de falta de

justiça. Se encontrasse um velhinho e lhe pedisse uma esmola, ele tinha que dar, ele não negava, ele dava ou mandava dar. Quando não tinha, ele pedia que os outros dessem. Ele não gostava era de ser traído, isso aí, ele não aceitava. Esse herói nordestino se queixava sempre das autoridades, não aceitava as injustiças. Eu acredito pelo que ouvi Sila dizer e esse velhinho de Piranhas também dizer, Lampião queria era justiça. Hoje em dia, não existe um homem daquele não; ele pensava muito pra dizer alguma coisa; ele não caluniava ninguém não; ele era inteligente; ele sabia enganar a volante direitinho; ele sabia como fazer pra se defender; esse mito do sertão do nordeste era um cangaceiro muito escapeteiro. O rei do cangaço, ele sabia se livrar; ele sabia como se defender dos perigos da volante. Mas, naquele dia 28 de julho de 1938, o tenente João Bezerra cercou o esconderijo da Grota do Angico né? Aí com o cerco fechado e os cangaceiros desprevenidos pegaram Lampião. Lampião foi atingido mortalmente logo nos primeiros disparos. O tiroteio foi intenso. Ah! Tem muitas histórias sobre esse mito do sertão nordestino, umas chegam até fazer medo né? O povo ainda comenta e lembra que ele fez muita coisa ruim, Lampião fez muita malvadeza também. Ainda se fala hoje que o rei do cangaço o gostava de chegar nas cidades e saquear lojas para dar presentes. Isso aconteceu uma vez na cidade de Aquidabã, pois o perigoso Lampião pegou aqueles cortes de pano distribuiu para o povo. Pelo que a gente ouve dizer, Lampião tinha era cede de justiça. A cangaceira Sila contou que Lampião fazia aquilo ali, mas quando ia rezar pedia perdão a Deus pelos seus pecados. Pedia para Deus abençoar ele, porque Lampião acreditava nos poderes de Deus.

ENTREVISTA 11

Entrevistado: JAO

Idade: 67 anos

Naturalidade: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Residência: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Escolaridade: primeiro grau incompleto

Profissão: lavrador

Ele era muito inteligente. Dizia que virou cangaceiro porque o pai dele foi assassinado por causa de briga de terra com a família dos Nogueira e de Zé Saturnino e a mãe morreu do coração, aí ele dizia: “agora, a gente vai se vingar de quem matou meu pai”, aí, invadiram a cidade de Vila Bela que hoje é chamada de Serra Talhada. Aí, eles entraram no quartel e quebraram tudo e contam os mais velhos que o bandido e seu bando mataram três soldados e levaram as armas deles. Esse cangaceiro malvado deixou muita história pra ser contada por esse sertão afora e a gente sabe de outras histórias desse bandido malvado porque a gente ouvia sempre as pessoas falando de Lampião e sua gente. Foi aí que começou então a raiva de Lampião que judiou e matou muita gente por esse mundo de Deus. Lampião era um homem muito vingativo agora fala que ele era um homem de palavra o que ele prometia ele cumpria por isso o povo do sertão admirava Lampião pela sua inteligência e honestidade e cumpridor de palavra, mas, na minha opinião, ele era um homem muito mau e pelas suas malvadezas o capitão era caçado pela polícia porque só vivia escondido nos matos como um bicho. Por isso tinha a volante atrás dele. O povo pensava que as volantes eram os policiais, mas, as volantes eram pessoas contratadas pela própria polícia, e eles vinham de Aracaju, das cidades mais próximas, como Salvador, Recife, Maceió. Alguns sargentos contratavam aqueles homens, inclusive, o cabo de Nazareno pegou grande fogo no combate de Maranduba ali em Canidé era tudo cabras de Nazareno, do povoado de Floresta junto do rio Pajéu lá no Estado de Pernambuco. Então era um pessoal contratado

sem treinamento nenhum, a maioria, querendo ganhar algum dinheiro na época, então, veio de Nazaré para combater Lampião aqui no sertão de Sergipe. As volantes não eram pessoas de Lampião, volantes eram pessoas que perseguiram Lampião. Da morte de Lampião na Grota do Angico pelo capitão Luiz Bezerra que comandava a volante que acabou com Lampião mais os outros que estavam com ele lá, o povo do sertão ainda se lembra bem e eu acho que vai ser difícil de se esquecer, sabe? Quem é que nunca ouviu falar de Lampião? Do modo como acabaram com ele? Sempre tem gente interessado em saber dos acontecimentos passados na Grota de Angico naquela madrugada que marcou muito essa região, ainda vem muita gente de fora, de outros lugares para conhecer o lugar onde acabaram com o homem mais famoso do sertão, porque ele foi famoso mesmo. Muita gente sabe contar muitas histórias de sua passagem por aqui, de alguns fatos verdadeiros que aconteceram. Em Currealinho [Poço Redondo] contam que muito desse pessoal da volante jogava baralho à noite com Lampião, porque a raiva todinha de Lampião não era do pessoal de Sergipe, porque a briga começou lá no Estado de Pernambuco, então a raiva todinha era da volante de Pernambuco, Bahia, Alagoas, e de Sergipe não tinha tanto raiva não, tinha era influência direta em matar, acabar com Lampião. É tão constatado que alguns fazendeiros da época de Lampião deram apoio a Lampião, pois davam munição a ele, até o governo de Sergipe naquela época também dava munição pro cangaceiro se defender dos ataques da volante então era uma questão de política não dá pra gente entender não, né? Nunca deixou de ter essa questão complicada de política até no cangaço isso existiu que tinha sua estrela maior na figura de Lampião que recebeu esse nome por questão de vingança e esperteza, né? Ele era esperto como um rato, só que foi traído, e é por isso que pegaram ele desprevenido e acabaram com ele. Os cangaceiros não era só simplesmente para sair matando o povo, quando falo de cangaceiro também me refiro aquele grandes proprietários de terra, os coronéis, no tempo de Lampião tinha muito coronel que tinha sempre aqueles jagunços pra defender suas propriedades cada um queria mais jagunço porque as terras não eram cercadas, não tinham donos, entrava quem tivesse mais força, a lei que tinha, era a lei do mais forte, de quem fosse mais poderoso, de quem tivesse mais terra, do que

tivesse mais bala pra tirar um do outro. Então no cangaço teve vários cangaceiros no passado. Já teve vários bandidos no nosso sertão. Contam que no povoado Bom Sucesso, aconteceu um fato totalmente diferente envolvendo um cangaceiro do próprio Lampião. Certa dia o bando chegou na casa de Dona Maria Conceição, ele chegou e foi bem recebido pela mulher na sua casinha velha de taipa então os cangaceiros chegaram com Lampião e disseram “a gente tá com fome”, então responderam: “a gente só tem aqui um feijãozinho pra comer, não tem nada só tem farinha” e aí quando estava comendo todo mundo, sempre tem um mais gaiato, um palhaço no grupo, isso não deixa de ter, aí um dos cangaceiros falou: “rapaz não tem sal de jeito nenhum no feijão”, quando ele reclamou que o feijão estava sem sal foi quando o capitão disse “Dona Maria traga aí um punhado de sal pra botar aqui no prato de um cabra”, encheu o prato do cangaceiro de sal e disse: “agora coma, se você não comer, eu lhe mato, ninguém reclamou que tava sem sal, você reclamou, quer sal, então coma”. E conta que o cangaceiro comeu pra não morrer e depois saiu mal pelo quintal, mas comeu tudo aí então ficou com barriga-inchada, doendo, foi isso que aconteceu. No Poço Redondo, contam que uma senhora detestava Lampião e ele sabia disso, então num certo dia num forró, ele estava zangado e disse: “como a senhora me detesta, a senhora vai acompanhar a sanfona assobiando à noite todinha”. A senhora amanheceu o dia com o bico que não agüentava de inchado. Entre essas estórias contam também as pessoas mais velhas que não se esqueceram de que uma vez os homens da volante pegaram um homem que eles achavam que era coiteiro e penduraram o homem numa árvore na frente das crianças e da mulher e castraram o cara. Então isso quer dizer que nesse caso não é somente Lampião e o cangaço que faziam maldades, os caras da volante faziam muito mais, só que você nunca viu isso, só se vê a história do cangaço, a maldade todinha só é do cangaço, naquele tempo tudo aquilo que acontecia de maldade, de coisa rum no Sertão, era Lampião, podia ele estar aqui em Sergipe, mais se matasse um no Ceará diziam foi Lampião, não era outra pessoa porque achavam que ele estava em todo canto, aí todas as maldades desse tempo jogavam pra cima de Lampião.

ENTREVISTA 12

Entrevistado: MGG

Idade: 86 anos

Naturalidade: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Residência: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Escolaridade: primeiro grau incompleto

Profissão: doméstica/lavradora

Naquele tempo dos cangaceiros, eu morava na Baixa Limpa mais minha família. Eu era mocinha ainda, mas agora moro aqui nesse povoado. Meu pai que veio embora pra qui por causa dos bandidos de Lampião que queria dinheiro. Lampião chegou lá feito arado. Meu pai teve medo e saiu da fazenda Baixa Limpa e foi pro Riachão. Lá no Riachão no meio das matas meu pai fez uma roça. Meu pai tinha uma casa de farinha onde arranjava aquele povo todo. Meu pai pensou que estava bem protegido ali do bando de Lampião, aí, Lampião apareceu também lá no Riachão. Então o meu pai disse que ia tirar nós de lá. – “Nós tá véio, ele não quer nós pra nada, só dinheiro, agora vou tirar vocês”. Aí trouxe nós pra cá. Meu pai correu pra qui, mas quando chegou aqui tinha que mandar dinheiro pro bando de Lampião. O bandido-chefe que mandava pedir. E se meu pai não mandasse, o bandoleiro mandava tacar fogo na fazenda. Aquele homem muito malvado!... Ele judiou muita gente... Não judiou a gente porque meu pai não era coitero e sempre dava alguma coisa quando ele passava lá na fazenda, na Baixa Limpa. Teve uma vez, contava meu pai, que passou trinta de uma vez de noite. Nesse dia a gente não estava em casa, tinha ido pra casa de um tio da gente, aí, a gente passou a noite lá, quando eles saíram da casa da gente meu pai mandou chamar. Aí, outra vez quando eles voltaram lá de novo na fazenda, se juntaram umas dez moças dentro de uma roça de mandioca, todas escondidas lá na roça de noite por causa do bando de Lampião, e meu pai ficou em casa. Aí o bando chegou e pegou uns animais de meu pai e levaram meu irmão junto pra ir botar eles pra lá de Carira, aí, sempre que eles precisavam, eles pegavam os animais e quando eles chegavam ao lugar que

queriam ir, eles mandavam os animais de volta pro dono. Bastava chegar ai pro lado de Frei Paulo, Carira, Pinhão, pra mandar os animais de volta dizia meu pai. Meu pai dizia também que os cangaceiros nunca bateram nele. Meu pai não acoitava eles nem acoitava Lampião... Nem acoitava a volante que andava atrás de Lampião e seu bando e que quando eles passavam de dia, aí, eles diziam: “ói se os macacos passarem aqui procurando a gente, diga que a gente passou aqui, agora se a gente passou bem cedo e se os macacos passam de noite, você diga: ‘passou’, agora se for perto da hora que a gente passou diga que não passou”. Aí, meu pai assim fazia. Quando o bando chegava lá que a volante passava bem cedo perguntava: “os macacos passaram aqui”? Meu pai dizia que não. “Ói, não negue ‘não passou não’ se o senhor tá dizendo, eu acredito”. E quando eles, Lampião e os cangaceiros, passavam de noite quando era bem cedo meu pai mandava Nina apagar o rastro deles com a vassoura de galho de Catingueira, né? Aí, tirava os galhos e ia apagar os rastros para não ter complicação com a volante. Um dia quando a gente chegou em casa tinha lá eram muitos bandidos: Canário, Zé Sereno, Vaga-Lume, a mulher de Canário , a mulher de Zé Sereno e só tinha em casa eram duas pessoas, meu irmão e minha irmã que era aleijada numa perna, mas os bandidos não fizeram nada de mau neles não. Aí, meu pai decidiu mandar minha irmã pra um sítio que minha tia tinha na Serra do Machado. Então, com essa folia de bandido que só queria dinheiro, meu pai veio embora pra qui por causa do bando de Lampião. Ele correu pra qui, mas não valeu de nada, porque quando chegou aqui, o cangaceiro Lampião continuou mandando buscar dinheiro e meu pai tinha que mandar o dinheiro que o bandido mandava pedir. Se meu pai não mandasse, como eu já falei, os bandidos iam tocar fogo na fazenda, aí, ele tinha de mandar mesmo. Aí meu pai pegou e vendeu o gado, vendeu tudo, só deixou o terreno. Até quando chegou o fim, que deram fim ao valentão do sertão. É, mas antes disso aquele homem judiou muita gente!... Mas Lampião não andava matando ninguém, não andava roubando ele só fazia era pedir ou tomar emprestado e quando esse cara pegava os animais do meu pai ele sempre devolvia pro seu dono. Meu pai dizia que Lampião só judiava a quem não atendesse a um pedido dele. Lampião era um homem muito temido pelo povo, só era saber que Lampião estava ou tinha passado em tal lugar o povo ficava

com um pouquinho... Ou morrendo de medo dos cangaceiros. Ai, quando Lampião vinha pra essas bandas, nessa redondeza tinha um tocador de sanfona e um velho do cavaquinho pra tocar pra ele. Então, meu pai e as pessoas também contam que Lampião mandava chamar as moças da redondeza pra dançar, aí, elas tinham que ir, elas tinham que obedecer se não ele mandava buscar, mas ninguém mexia com nenhuma não. O chefe dos bandidos não deixava não. Aí, Ele mandava fazer um arraial na casa que era pra todo mundo dançar e ninguém podia mexer com elas, com as moças, ele não deixava e ai daquele bandido que fizesse qualquer besteira com uma daquelas moças. O cangaceiro tinha que dançar sério, tirar o armamento pra poder dançar. O chefe não dançava, e quando todos estavam dançando Lampião estava em pé escorado na boca do fuzil, observando todo mundo que estava ali no arraial. Ele ficava de tocaia né? Diziam então que o bandido dormia pouco né? Quando os outros companheiros dele estavam dormindo, ele estava acordado em pé observando tudo... Tocaiando né? Escorado na boca do fuzil. Meu pai sempre falava que Lampião era um homem muito cuidadoso... um homem muito cauteloso, se um bandido dele matasse um num tiroteio, Lampião dizia, né? Que ele ia saber de quem foi a bala que matou, ele ia saber quem atirou era quando ele ia dormir. Falam também que pra Lampião dormir, então, Maria Bonita e Corisco ficavam acordados. Lampião não confiava em mais ninguém pra dormir um pouquinho, só neles. No tempo de Lampião, eu era mocinha muito nova e não tinha medo deles, porque Lampião chegava lá em casa e eles não judiavam ninguém. Mais o povo... sabe como é! Conta muitos *causos* por aí de Lampião e sua gente. Um dos *causos* é o da morte desse cangaceiro ali no Poço Redondo na Grota do Angico onde ele morreu, não, onde a volante acabou com a vida dele. Esse acontecimento foi triste porque mataram o homem bem aqui no Estado de Sergipe. Isso não dar pra esquecer não, e todo ano no dia da morte dele sempre tem alguma coisa lá no lugar e muita gente vai até daqui de Glória porque o povo tem muito respeito por Lampião. Um cara muito valente, muito corajoso... eu era menina naquele tempo mais eu me recordo. Mas uma coisa é certa, só mataram ele porque ele foi traído num emboscada... porque ele não pode se defender dos macacos, era assim como ele chamava a polícia. E dessa vez a volante foi mais esperta.

ENTREVISTA 13

Entrevistado: MVA

Idade: 78 anos

Naturalidade: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Residência: Nossa Senhora da Glória, Sergipe

Escolaridade: analfabeta

Profissão: doméstica/lavradora

Meus avós e meus pais eram tudo daqui de Glória, meu pai teve nove filhos e a gente morava aqui na cidade. Nunca estudei porque com três anos de idade minha mãe morreu, e meu pai passou a morar numa fazenda chamada Gameleiro com nove filhos e naquele tempo antigo de 1933 não tinha escola no interior. Eu era muito apegada a meu pai, e se chegasse a noite e eu não visse meu pai, então, eu chorava pra me acabar. Aí, passou um tempo e a gente voltou pra qui, pra Glória que naquele tempo antigo aqui era Boca da Mata se chamava assim e quando Lampião entrou aqui, nesse tempo, eu não tinha entendimento nenhum, mas depois meu pai contava tudo pra nós, né? Ele contava que Lampião veio aqui, aqui na Boca da Mata na época, né? Aí, o meu pai, que era uma pessoa que não gostava de desaforo e que não aceitava desaforo de ninguém, nunca teve medo de Lampião, aí, ele dizia assim: "Lampião é homem como eu ele não é mais homem do que eu. Só é mais homem do que eu aquele de lá de cima agora aqui na terra não existe. Nesse tempo de Lampião era João Francisco o Intendente e eles eram compadres, muito amigos. Aí, o Intendente chamou meu pai e disse: - compadre vamos se preparar para a entrada de Lampião, porque ele mandou me dizer que vai entrar aqui. Aí meu pai disse: - compadre se preparar como? Então ele disse: - de armamento, o senhô topa? Aí o meu pai falou: - topo. Aí se juntaram a mais três companheiros, com meu pai quatro, pra se armar para esperar a entrada de Lampião. Aí, quando Lampião chegou no cemitério que ainda hoje é o mesmo, pequenino, cercadinho de madeira e tinha na entrada um portão de bronze, aí, Lampião pra avisar que vinha chegando na Boca da Mata, então, deu uns tiros no portão do cemitério que ainda hoje tem os

buraquinhos lá feitos por Lampião eu não sei quantos buracos só sei que continua lá, pra quem quiser ver. O cangaceiro quando entrou aqui em Glória ele veio com vontade de fazer bagaceira. Mas Lampião passou muito tempo conversando com o povo tendo dito por várias vezes que era obrigado a pedir dinheiro porque o governo não deixava ele trabalhar. E dizia que na maioria dos casos eles lutavam apenas por uma questão de sobrevivência. Mas quando ele chegou aqui na casa do Intendente que era bem na frente da prefeitura, na mesma casa que é a prefeitura hoje, aí, Lampião entrou na casa do Intendente João Francisco e encontrou meu pai e três companheiros que estavam armados de rifle, aí, Lampião entrou e foi conversar com o Intendente e aí almoçou com ele nesse dia na casa dele. Aí o Intendente João Francisco perguntou: - Lampião o que é que você quer da minha pessoa? Aí o cangaceiro Lampião falou: - se o senhor quiser me dar eu quero uma peça de cáqui. Naquele tempo essa gente só se vestia com esse cáqui amarelo da cor da terra, né? Ele pediu a peça de cáqui pra fazer roupa pros cangaceiros, pros bandidos, né! Aí, como o Intendente tinha uma loja, eles foram pra lá e ele deu a peça de cáqui a Lampião e ele foi embora. Então depois a notícia voltou pra dentro de Boca da Mata que Lampião disse: "Boca da Mata é boca quente, ninguém vá lá com brincadeira não que fica lá que as pessoas lá dão respeito e tem respeito". Eu acho que ele pensou assim que aqui tinha gente mais forte do que ele. Meu pai contava essa e outras histórias, não foi do meu tempo, mas eu ainda alcancei muitos cangaceiros, agora ele mesmo eu nunca vi na porta de meu pai, graças a Deus! Também eu era muito pequena. Na minha família, meu avô era Cesário da Pia da Moça, e Lampião nunca teve lá na Pia da Moça, mas Zé Baiano teve e Zé Sereno também, mas eles nunca maltrataram meu avô não, porque meu avô ele não mentia e só dizia a verdade, não tinha medo de homem nenhum. Meu pai contava que uma vez o Zé Baiano levou meu avô da Pia da Moça pra o Angico. A família, tinha uma poção que morava tudo por perto, se desesperou a noite toda a chorar, achando que Zé Baiano ia matar meu avô na estrada, aí, ele voltou quando o sol vinha saindo e quando ele chegou em casa aí todo mundo abraçou ele e deu a bênção. Minha avó Quirina, aí, disse assim, chorando: - Cesário, eu tava pensando que você não voltava. Aí, ele foi e respondeu para ela: - Quirina, só nasceu pra tirar minha vida

um que é Jesus e Maria, homem nenhum tira minha vida, que Deus é mais que todos os homens da terra. Ah! Os cangaceiros andaram muito por aqui, mas com minha família sempre eles tinham respeito... Ninguém andava com mentira! Ninguém acoitava bandido, não! Lampião também não gostava de mentira não. Pai dizia que Lampião era um homem muito verdadeiro e honesto que ele respeitava quem respeitasse ele. Pai falava muito que Lampião era um grande estrategista, era um homem muito inteligente a ponto de ser chamado pelo povo de o grande General do Sertão. Mas... né! De vez em quando também se metia em enrascadas, surpreendido pelas volantes. Como era de seu hábito, Lampião e seu grupo levavam a volante para bem longe do local onde estavam Lampião e sua gente. Por isso criava algumas pistas falsas como deixar pano sujo de sangue no chão por onde passava. Sua intenção era a de despistar os perseguidores levando a volante para um lado e seus companheiros fugiam na direção oposta, tomando cuidado para não deixar rastros que denunciassem eles. Lampião era mesmo um homem esperto e ousado e também um homem valente assim dizia o velho meu pai. Ele sempre contava a gente tudo aquilo que acontecia... Ele conservava aquelas lembranças, né! Guardava aqueles *causos* de Lampião em sua memória nos mínimos detalhes, né! Sabe, meu pai gostava muito de falar das histórias do cangaço e da vida de Lampião e de como os acontecimentos se sucediam aqui na redondeza de Glória e em outros lugares. Meu pai falava sempre que Lampião era uma figura que marcou muito a vida do sertanejo. O povo do sertão diz ainda que Lampião foi um gênio militar e ele tinha o apoio da população, a vida de Lampião era contada e cantada pelos violeiros nas feiras isso eu me lembro ainda muito bem eu ainda mocinha ia pra feira e ouvia aqueles homens cantando e contando as histórias de Lampião, do bando, e de sua companheira Maia Bonita aí juntava muito gente só pra ver e ouvir e aí o povo saía dizendo: “Lampião era mesmo um herói”. O povo reconhecia mesmo o seu heroísmo. Para muita gente, Lampião não esquecia suas promessas. Ele era um homem muito religioso. Em alguns “causos” ele era comparado a um deus. E mesmo que tardasse por motivos alheios a sua vontade sempre cumpria com a palavra, e se o seu compromisso era com alguém de quem gostava, aí, é que não tinha nada que impedisse ele cumprir com a palavra dada. Isso pode mostrar que

Lampião podia ser justo levado pelo sentimento do momento. Porém pai e outras pessoas diziam que Lampião era capaz de ser muito cruel, porque Lampião punia quem prejudicasse ele. Então, era por causa desses acontecimentos que o nome Lampião fazia tremer até o mais valente combate do sertão. E foi assim que a vida do cangaço se desenrolou de maneira violenta com assaltos, saques e combates. Até da volante as pessoas apanhavam que só filho sem mãe. A volante era que batia. Aqui teve irmãos que Nicolau que era um comandante da volante fez os dois irmãos brigarem no pau sem malquerença nenhuma (briga porque pra judiar). Só porque ele chegou com o gênio ruim, aí então, mandou os dois irmãos brigarem no pau até quando cansassem, aí, o comandante da volante mandava eles parar pois foi ele que obrigou eles brigarem. Os dois irmãos eram o finado Cadu e o finado Domingos. Lampião e as volantes deixaram por ai muitas histórias pra ser contadas pelo povo.

ENTREVISTA 14

Entrevistado: MA

Idade: 45 anos

Naturalidade: Alagoas

Residência: Poço Redondo, Sergipe

Escolaridade: primeiro grau completo

Profissão: Artesão

O povo diz que Lampião era um bandido. Não para mim. Lampião não foi um bandido não. Pra mim, o estrategista Lampião foi um justiceiro, um herói realmente. Teve gente aqui, em Poço Redondo, que melhorou de vida no tempo de Lampião. A gente conheceu aqui a finada Dó. Ela foi uma das pessoas que o temido Lampião deu dinheiro, aí, ela pegou esse dinheiro e construiu uma bodega com que viveu até o fim da vida. Para Dona Dó, Lampião era um rei, o rei dos cangaceiros que foi muito perseguido pelo inimigo, mas é bom lembrar que o herói conhecia muito a região do sertão, quando viajante mais o pai e os irmãos, segundo o povo fala. Dona Dó sempre dizia que ele respeitava muito os que respeitavam ele e ajudava as pessoas que nasceram sem sorte, os mais pobres, os roceiros. Acontece que... Ah! Eu acho que Lampião foi um herói realmente. A mulher de compadre Felisberto ainda se lembra de quando ainda mocinha, na base de doze a quatorze anos, ela foi dançar um xaxado com eles, aí, já no final do xaxado, um cangaceiro pegou e cortou o cabelo dela assim bem pelo tronco. Ela ainda hoje conta isso pra nós, aquilo que aconteceu naquela época por isso muita gente diz ainda hoje que a história de Lampião e seu bando ainda está viva na cabeça do sertanejo. Também contam uma história de um homem que marcou sobre a história de Lampião foi a que esse cangaceiro vivia mais ali no povoado Curralinho né? Ali no beijo do rio [rio São Francisco] era Curralinho. Ele teve lá uma vez e fez festa, aí, até um cara, um velho lá em Curralinho tava tirando madeira... Naquele tempo chamava estrobão que era pra fazer a linha do trem, né? Que era pra levar pra Propriá. Aí, Lampião... Quando o velho arrudiu os cangaceiros o que ele tinha na mão era um machado, aí, assim

mesmo, ele enfrentou os cangaceiros com esse machado. Aí Lampião disse: “se nós for aí vou cavar um buraco e enterrar você, velho maluco, vivo”. Mas não chegaram junto dele não, que ele encostou de junto de um cangaceiro e disse: “se me pegarem, o cangaceiro vai junto também pro buraco”. Então começou aquele negócio e no final terminou tudo bem, liberando o velho, até ele estava junto com o pai de Erilha [moradora de Poço Redondo]. Um dia desse a gente tava lá numa reunião no colégio, aí, a neta de Lampião chegou lá, aí, quando ela falou em Lampião, Erilha disse: “que Lampião que nada, Lampião foi um bandido, quase enterra meu pai vivo. Ainda agora de tarde eu tava falando... Contando aqui essa história pro pessoal, ele era muito cruel... Sabe? E ainda disse: as histórias de seu avô e as maldades dele, Vera, nunca vão ser esquecidas aqui porque Lampião marcou muito nossa região...” É marcou muito mesmo a vida do povo do sertão, ainda hoje o povo fala muito de Lampião. Ele vai ser sempre lembrado, recordado, pelas suas maldades como dizem algumas pessoas que ele fez não só a nossa gente mais também ao povo de outros lugares... Como de Alagoas, do Estado da Bahia, do Ceará e de muitos outros lugares, né? Pra muita gente ele foi muito rum. Erilha conta que seu pai sempre, quase todo dia, lembrava e relembrava tudo àquilo que Lampião fez né? Na opinião dela, a história de Lampião que para ela ele foi um grande bandido está muito presente na nossa vida, no dia a dia do sertanejo. É uma história muito marcante, muito viva né? Tem muitas histórias contadas sobre esse herói do cangaço que pra mim ele foi um herói, um guerreiro, aí, ela disse: “ele lá em Currálinho fez uma música e cantava assim: “adeus camarão muritiba pra de te levar lembrança, capoeira é meu descanso, Currálinho eu deixo por lembrança”. Ele fez essa música, mas também logo na base de uns quatro meses mataram ele na Gruta de Angico. É... Teve um final muito trágico pra quem lutou muito pra sobreviver contra os macacos da polícia, era assim que ele chamava os homens da volante, chamava eles era de macacos. Na época do cangaço, a força do governo que se chamava de volante cometia muita violência e algumas vezes se vaziam passar pelos cangaceiros, porque os homens da polícia se pareciam com os do bando de Lampião na maneira de se vestir e que muitas vezes se passavam pelos cangaceiros só pra espancar as pessoas mais pobres e quando a notícia se

espalhava essas maldades eram atribuídas aos cangaceiros. O povo mais velho daqui do Poço conta que muitas vezes a volante mandava as pessoas cortar varas ou cipó de pinhão para apanhar, levar surras diante da própria família. Essas histórias... Essas informações são passadas né? Contadas né? Pela própria população daqui do Poço, pela de Porto da Folha e de Monte Alegre e de outros lugares. Eles contam que o medo da população do sertão era tamanho das volantes do governo que o povo preferia ver o cangaceiro Lampião na sua porta que ver os homens da volante. O povo ainda hoje conta que a polícia daquela época, é que era pior que os cangaceiros. Os sertanejos tremiam de medo só em pensar que de um lado eles tinham os cangaceiros com todas as suas atrocidades como se sabe né? Do outro lado as forças volantes. Muitos relatam que preferiam muitas vezes cair nas mãos dos cangaceiros a cair nas mãos da volante, mesmo população, e o povo fechava suas portas e ganhava o mato. Com a volante não era diferente. As pessoas faziam tudo que as volantes e os cangaceiros mandavam, pois tinham muito medo.

ENTREVISTA 15

Entrevistado: REC

Idade: 61 anos

Naturalidade: Ceará

Residência: Poço Redondo, Sergipe

Escolaridade: nível superior

Profissão: Geógrafo

Sou cearense. Estou radicado a mais de trinta anos aqui em Sergipe, precisamente a aqui no alto sertão, no semi-árido sergipano. Sou formado em Geociências e tenho bacharelado e licenciatura também na federal do Ceará. Quando terminei já tinha interesse de vim pra cá, isso em 1970. Era o período da ditadura e fui militante estudantil e tinha muito interesse de continuar no nordeste, sobretudo, na questão lá do sertão do Ceará. A minha família mora há muito tempo em Fortaleza, mas eu nasci no sertão do Ceará e sempre fui fascinado por essa questão dos movimentos sociais, sobretudo, os mais guerreiros, canudos, caldeirão que fica lá no Ceará, e o próprio cangaço, um movimento mais místico que está mais próximo da gente, da nossa realidade. Tem também Santa Brígida, uma comunidade que é muito ligada ao Juazeiro do Norte, ao Padre Cícero, mas que permanece até hoje como proposta clara mais contemporânea, né? Mas, por causa da própria globalização e as estradas que foram surgindo e aproximando as pessoas, foi também perdendo um pouco de sua cultura e se integrando a questão do sistema da sociedade brasileira, mas está também se desfigurando. Está se descaracterizando rapidamente tanto que a gente aqui trabalha com essa vertente de um turismo que seja mais de um turismo cultural, e não ser só por trazer levadas de pessoas como o pessoal faz lá em Canindé, né? Deixar muitas contribuições na região, então, meu interesse pelo cangaço é fundamental porque é um movimento que os protagonistas estão desaparecendo rapidamente porque estão todos numa faixa de 80 e 90 anos, tirando os familiares de Lampião, a filha de Lampião, dona Expedita, que está na faixa etária de 70 e poucos anos, e a sua neta, Vera Ferreira, então, tirando esses

familiares, o movimento tende a ficar mais como um mito... Uma lembrança na memória do sertanejo, então, tem que se registrar, a gente tem feito muito esse papel. Em 1988, por exemplo, eu e Dionísio, dentro das comemorações dos 50 anos da morte de Lampião, fizemos um abaixo-assinado que teve a assinatura de 300 pessoas para que se fizesse uma praça na cidade com o nome de Lampião. Aí, teve algumas resistências por parte de algumas pessoas, né? Alegando que Lampião era um bandido e que ele não era digno de ser lembrado pela população, mas mesmo assim, a gente conseguiu que o projeto fosse aprovado e a praça feita, então, recebeu o nome de Praça Lampião que foi batizada pelo povo de murinho de Lampião, um lugarzinho muito importante pros habitantes do lugar, né? Então, a gente conseguiu que a população se posicionasse firmemente em favor de uma memória de Lampião e de um espaço que é do povo. Mas no ano de 1993, o novo prefeito que era do grupo dos que foi contra a homenagem a Lampião tenta acabar com a Praça, mas não consegue, porque a gente, eu e Dionísio, com o apoio de estudantes e de professores organizamos uma exposição para mostrar, para chamar, então, a atenção da população para o fato de quanto o fenômeno Lampião era importante para a cultura do nosso município. Foi daí que Dionísio debatendo com o prefeito e com o juiz de Direito propôs que se fizesse, então, um plebiscito. E, então, no dia 28 de julho de 1993, teve aqui na cidade do Poço [Poço Redondo] uma disputa bem acirrada em favor da manutenção do monumento, né? Em torno do símbolo Lampião, em favor da manutenção do murinho de Lampião, né? Porque esse espaço cultural, além de ser muito importante para a população local, serve de ponto turístico pro município. Serve também como testemunho da história do sertão nordestino. Ultimamente a gente também tem perdido alguns dos nossos adeptos, a exemplo do nosso companheiro Manoel Dionísio da Cruz, ex-militante do movimento popular e sindical também muito preocupado em manter a memória do cangaço, e que viva aqui, nessa cidade, herança daqui mesmo, foi assassinado ano passado ao reagir a um assalto, a vida tem dessas coisas!... Né? Então, nesse linguajar assim apropriado, porque eles são sertanejos, são meio presepeiros, características de seu grupo cultural, da sua vertente, quer dizer, mesma origem cultural daqui do nordeste. Então, nós temos Lampião como herdeiro desse grupo indomável que não se

deixava domar. Um homem aventureiro, porque ele era aventureiro mesmo, que não gosta de freios, que não se deixa vencer, um soberano, que gostava muito, e sempre, de estar fazendo provocação. Um homem criativo que sabia fazer uma provocação muito bem feita, como a questão dos coronéis, por exemplo. Embora ele saiba tirar proveito da situação, também quando era preciso ele sabia se aliar, né? Com os padres, como se aliou com o Padre Cícero. Também soube tirar suas vantagens. Eu falo é do representante maior, o ícone Lampião. É por isso que a gente fala muito na questão de que o cangaceiro Lampião é a síntese de todo um período do sertão nordestino e que esse herói nas suas ações revela, então, toda sua competência em relação às táticas de guerras de guerrilhas, né? Esse guerrilheiro... porque ele era um guerrilheiro competente mostra para o povo sertanejo e para o mundo também que ele era um homem muito inteligente, muito capaz, um verdadeiro líder. Outra questão de destaque é a da própria musicalidade que o cangaceiro Lampião sabia muito bem se aproveitar muito disso, e ele, também, aproveita os elementos da cultura do povo. Se a gente observar mesmo nos traços dos cangaceiros, a gente vai ver que eles têm muito a ver com essa cultura sertaneja, né? Eles vestiam muitos era tecido de couro, pois era assim que eles andavam no sertão. A dificuldade dos recursos hídricos, a questão da água, então, eles usavam o elemento do couro como a sociedade também usava lã. Com o passar do tempo, Lampião vai ter acesso a alguns apetrechos mais modernos, mas eles não tinham garrafa térmica, pois essas coisas precisavam de transporte para chegar até eles, alguns alimentos também e pra conservar, alguns eram salgados, e outros precisavam de um mínimo de cuidado, então, isso já tinha essa tradição que eles usavam do sertanejo. A questão do couro, além de usar como vestimenta, usava o couro também nas cartucheiras, nas bolsas, nos chapéus, tinha muito esse lado interessante que é uma coisa que continua na moda até hoje. Nas quadrilhas juninas, por exemplo, o povo ainda faz questão de usar os incrementos dos cangaceiros, sempre em grande parte dos Estados do nordeste, sempre se destacam, tem até disputas entre localidades diferentes, entre Estados da região nordestina, querendo assim ser o legítimo representante do cangaço.